Joseph Campbell

O HERÓI DE MIL FACES

Cultrix / Pensamento

Joseph Campbell

O herói de mil faces

Tradução: Adail Ubirajara Sobral

Organização: Adriano T. B. Cruz

CULTRIX / PENSAMENTO

SÃO PAULO

Título do original: "The hero with a thousand faces"

Copyright © 1949 Princeton University Press

O autor e sua obra

Escritor norte-americano nascido em 1904, Joseph Campbell é considerado uma das maiores autoridades em mitologia comparada. Seu interesse pela matéria surgiu na adolescência, quando, fascinado pela vida e pelos costumes dos indígenas, encontrou dois livros na biblioteca de New Rochelle (Estado de Nova York), cidade onde morava: um trabalho de Morgan sobre os índios iroqueses e um livro de ensaios de Franz Boas.

Somente após concluir o curso de literatura inglesa na Universidade de Colúmbia, entretanto, é que pôde dedicar parte de seu tempo aos estudos dos mitos antigos. Ao preparar a tese de mestrado, percebeu que muitos dos elementos contidos na lenda do rei Artur e os cavaleiros da Távo-la Redonda faziam parte das antigas tradições dos índios norte-americanos. Os professores da universidade ficaram impressionados com a descoberta e lhe concederam uma bolsa de estudos para desenvolver novas pesquisas na Europa.

Em 1927, Campbell viajou para a França com o firme propósito de estudar a Idade Média francesa e a cultura pro-vençal, mas acabou descobrindo o "Ulisses", de Joyce, e a arte moderna. Desistiu do projeto inicial e partiu para Munique, onde estudou sânscrito e filologia indo-européia. Mas, tal como acontecera na França, entusiasmou-se pelos estudos psicanalíticos de Freud e Jung e pelo hinduísmo. No final da viagem, apesar da sólida bagagem cultural que adquiriu em suas andanças pela Europa, Campbell não conseguiu concluir nenhum dos cursos programados.

Retomando aos Estados Unidos sem nenhuma profissão definida, chegou ao país no auge da Grande Depressão de 1929. Sem possibilidade de conseguir um emprego imediato, instalou-se numa região inóspita e isolada do interior, onde aprendeu a sobreviver com muito poucos recursos.

Durante três anos praticamente se limitou a ler e tomar notas.

Iniciou a vida profissional na escola onde realizara os primeiros estudos. Ali, durante um ano, ensinou francês, alemão e história antiga. Mas conseguiu vender um conto para uma revista de sucesso, recebendo a extraordinária quantia (para a época) de trezentos dólares. Decidiu, então, abandonar o exílio voluntário e passou a lecionar no departamento de literatura do Sarah Lawrence College, onde dirigiu a cadeira de Mitologia.

Quatro anos mais tarde, em 1938, com a situação profissional e financeira já regularizada, casou-se com jean Erdman, uma jovem de Honolulu que fora uma das principais bailarinas da companhia de bale de Martha Graham. Juntos, fundaram uma escola de dança que, anos mais tarde, desenvolveu uma série de pesquisas sobre a relação da dança com os mitos antigos.

Foi a partir dessa época que Campbell começou a escrever mais regularmente. Nos anos anteriores produzira alguns contos e ensaios esparsos, mas o tempo que dedicou ao ensino e a ojeriza que adquiriu com relação a certo tipo de imprensa e literatura não lhe permitiram novas aventuras. Todavia a insistência dos amigos, principalmente do editor Heinrich Zimmer, levou-o a escrever "Where the two carne to their father: A navaho war cerimonial" (1943), cuja repercussão junto ao mundo acadêmico e o interesse do público ofereceram-lhe alento para preparar outras obras. Desde então, escreveu mais de uma dezena de livros que serviram para consolidar seu prestígio de intelectual competente e extremamente original.

Abordando com igual eficiência os mais variados ramos do conhecimento, seus livros descrevem com desenvoltura desde os mitos antigos e os aspectos mais complexos das civilizações primitivas, passando pelos estudos de filosofias orientais, até chegar aos símbolos mais significativos das artes e da literatura contemporâneas. Além de "O herói de mil faces" (1949), Joseph Campbell publicou várias outras obras, entre as quais "Myths and symbols in Indian art and civilization" (1946), "Philosophies of índia" (1951) e "The portable Arabian nights" (1952).

Prefácio

"As verdades contidas nas doutrinas religiosas são, afinal de contas, tão deformadas e sistematicamente disfarçadas", escreve Sigmund Freud, "que a massa da humanidade não pode identificá-las como verdade. O caso é semelhante ao que acontece quando contamos a uma criança que os recém-nascidos são trazidos pela cegonha. Neste caso, também estamos dizendo a verdade através de um expressão simbólica, pois sabemos o que essa grande ave significa. Mas a criança não sabe. Escuta apenas a parte deformada do que dizemos e sente que foi enganada; e sabemos com que freqüência sua desconfiança em relação aos adultos e sua rebeldia têm realmente começo nessa impressão. Convencemo-nos de que é melhor evitar esses disfarces simbólicos da verdade naquilo que contamos às crianças, e não privá-las de um conhecimento do verdadeiro estado de coisas adequado a seu nível intelectual." (*Sigmund Freud, The future of an illusion (tradução de James Strachey e outros), Standard Edition, XXI, The Hogarth Press, Londres, 1961, pp. 44-45. (Original: 1927.))*

O propósito deste livro é desvelar algumas verdades que nos são apresentadas sob o disfarce das figuras religiosas e mitológicas, mediante a reunião de uma multiplicidade de exemplos não muito difíceis, permitindo que o sentido antigo se torne patente por si mesmo. Os velhos mestres sabiam do que falavam. Uma vez que tenhamos reaprendido sua linguagem simbólica, basta apenas o talento de um organizador de antologias para permitir que o seu ensinamento seja ouvido. Mas é preciso, antes de tudo, aprender a gramática dos símbolos e, como chave para esse mistério, não conheço um instrumento moderno que supere a psicanálise. Sem permitir-lhe ocupar a posição de última palavra a respeito do assunto, podemos, não obstante, facultar-lhe a posição de abordagem

possível, O segundo passo será, portanto, reunir uma ampla gama de mitos e contos folclóricos de todos os cantos do mundo, deixando que os símbolos falem por si mesmos. Os paralelos serão percebidos de imediato e desenvolverão uma ampla e impressionantemente constante afirmação das verdades básicas que têm servido de parâmetros para o homem, ao longo dos milênios de sua vida no planeta.

Talvez se faça a objeção de que, ao revelar as correspondências, deixei de considerar as diferenças existentes entre as várias tradições orientais e ocidentais, modernas, antigas e primitivas. A mesma objeção poderia ser aplicada, contudo, a todo texto didático ou quadro de anatomia, nos quais as variações fisiológicas decorrentes da raça não são levadas em conta no interesse da compreensão geral básica do físico humano. Há, sem dúvida, diferenças entre as inúmeras religiões e mitologias da humanidade, mas este livro trata das semelhanças; uma vez compreendidas as semelhanças, descobriremos que as diferenças são muito menos amplas do que se supõe popularmente (bem como politicamente). A esperança que acalento *é* a de que um esclarecimento realizado em termos de comparação possa contribuir para a causa, talvez não tão perdida, das forças que atuam, no mundo de hoje, em favor da unificação, não em nome de algum império político ou eclesiástico, mas com o objetivo de promover a mútua compreensão entre os seres humanos. Como nos dizem os Vedas: "A verdade é uma só, mas os sábios falam dela sob muitos nomes".

Pela ajuda que me foi prestada na tarefa de dar ao material pesquisado uma forma legível, gostaria de agradecer ao sr. Henry Morton Robinson, cujo conselho me foi de grande valia nas fases inicial e final da preparação deste livro; às senhoras Peter Geiger, Margaret Wing e Helen McMaster, que trabalharam com os manuscritos inúmeras vezes e ofereceram valiosas sugestões; e a minha esposa, que trabalhou comigo do princípio ao fim, ouvindo, lendo e revisando.

J.C.

Nova York

10 de junho de 1948

Prólogo

O monomito

1. Mito e sonho

Quer escutemos, com desinteressado deleite, a arenga (semelhante a um sonho) de algum feiticeiro de olhos avermelhados do Congo, ou leiamos, com enlevo cultivado, sutis traduções dos sonetos do místico Lao-tse; quer decifremos o difícil sentido de um argumento de Santo Tomás de Aquino, quer ainda percebamos, num relance, o brilhante sentido de um bizarro conto de fadas esquimó, é sempre com a mesma história — que muda de forma e não obstante é prodigiosamente constante — que nos deparamos, aliada a uma desafiadora e persistente sugestão de que resta muito mais por ser experimentado do que será possível saber ou contar.

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito.

O prodígio reside no fato de a eficácia característica, no sentido de tocar e inspirar profundos centros criativos, estar manifesta no mais despretensioso conto de fadas narrado para fazer a criança dormir — da mesma forma como o sabor do oceano se manifesta numa gota ou todo o mistério da vida num ovo de pulga. Pois os símbolos da mitologia não são fabricados;

não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte.

Qual o segredo dessa visão intemporal? De que camada profunda vem ela? Por que é a mitologia, em todos os lugares, a mesma, sob a variedade dos costumes? E o que ensina essa visão?

Atualmente, muitas ciências contribuem para a análise desse enigma. Os arqueólogos pesquisam as ruínas do Iraque, de Honan, de Creta e de Yucatán. Os etnólogos questionam os Ostiaks do rio Ob, os Boobies de Fernando Pó. Uma geração de orientalistas nos desvelou recentemente os sagrados escritos do Oriente, assim como as fontes pré-hebraicas das nossas Sagradas Escrituras. E, ao mesmo tempo, outro grupo numeroso de pesquisadores, dando continuidade a pesquisas iniciadas no século passado no campo da psicologia do folclore, tem procurado estabelecer as bases psicológicas da linguagem, do mito, da religião, do desenvolvimento artístico e dos códigos morais.

Todavia, o que mais nos chama a atenção são as revelações manifestas na clínica de doentes mentais. Os ousados e verdadeiramente marcantes escritos da psicanálise são indispensáveis ao estudioso da mitologia. Isso ocorre porque, como quer que encaremos as interpretações detalhadas, e por vezes contraditórias, de casos e problemas específicos, Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna. Na ausência de uma efetiva mitologia geral, cada um de nós tem seu próprio panteão do sonho — privado, não reconhecido, rudimentar e, não obstante, secretamente vigoroso. A última encarnação de Édipo, a continuidade do romance entre a Bela e a Fera, interrompidas esta tarde na esquina da 42th Street com Fifth Avenue, esperam que o semáforo mude.

"Sonhei", escreveu um jovem americano ao autor de uma coluna de jornal, "que estava mudando as telhas do teto de

minha casa. De repente, ouvi a voz do meu pai no solo, chamando por mim. Virei-me abruptamente para vê-lo melhor, e, quando o fiz, o martelo escapou-me das mãos, escorregou pelo telhado e desapareceu na extremidade. Ouvi um enorme barulho, semelhante à queda de um corpo.

"Terrivelmente assustado, desci pela escada até o solo. Lá estava meu pai, morto, com sangue espalhado por toda a cabeça. Fiquei com o coração em pedaços e comecei a chamar minha mãe, em meio aos soluços. Ela saiu de casa e colocou os braços em torno de mim. 'Não se preocupe, filho, foi um acidente', disse ela. 'Sei que você tomará conta de mim, mesmo que ele se vá.' Enquanto ela me beijava, acordei.

"Sou o filho mais velho e tenho vinte e três anos de idade. Estou separado de minha mulher há um ano; por alguma razão, não nos demos bem. Amo profundamente meus pais e jamais tive problemas com papai, embora ele tenha insistido em que eu voltasse a viver com minha mulher, mesmo que eu não pudesse ser feliz com ela. E jamais o serei."[1]

O marido fracassado revela, aqui, com uma inocência verdadeiramente prodigiosa, que, em lugar de dirigir suas energias espirituais para o amor e para os problemas do casamento, permanecia, nos recessos secretos de sua imaginação, na situação dramática, nos dias de hoje ridiculamente anacrônica, do seu primeiro e único envolvimento emocional, a situação do triângulo tragicômico da infância: o filho contra o pai pelo amor da mãe. Ao que parece, as mais permanentes disposições da psique humana são aquelas geradas pelo fato de permanecermos, no âmbito do reino animal, a espécie que fica mais tempo junto ao seio materno. Os seres humanos nascem cedo demais; quando o fazem, estão inacabados e ainda não estão preparados para o mundo. Em conseqüência, toda a defesa que têm contra um universo de perigos é a mãe, sob cuja proteção ocorre um prolongamento do período intra-uterino[2]. Daí decorre o fato de a criança dependente e sua mãe formarem, ao longo de meses após a catástrofe do nascimento, uma unidade dual, não apenas do ponto de vista físico, como também no plano psicológico[3]. Toda ausência prolongada da mãe provoca tensão na criança e

conseqüentes impulsos agressivos; da mesma maneira, quando se vê obrigada a controlar a criança, a mãe desperta nela respostas agressivas. Portanto, o primeiro objeto da hostilidade da criança é idêntico ao primeiro objeto do seu amor; seu primeiro ideal (que daí por diante se mantém como base inconsciente de todas as imagens de bênção, verdade, beleza e perfeição) é a unidade dual entre a Madona e o Bambino[4].

O desafortunado pai é a primeira intrusão radical de outra ordem de realidade na beatitude dessa reafirmação terrena da excelência da situação no interior do útero; assim sendo, o pai é vivenciado primariamente como um inimigo.

Para ele é transferida a carga de agressão originalmente vinculada à mãe "má" ou ausente. Permanece com a mãe (normalmente) o desejo vinculado à mãe "boa", ou presente, nutridora e protetora. Essa fatídica distribuição infantil de impulsos de morte *(thanatos: destrudo)* e amor *(eros: libido)* constitui o fundamento do agora celebrado complexo de Édipo, que Sigmund Freud, há uns cinqüenta anos, apontou como a grande causa do fracasso do adulto no sentido de comportar-se como ser racional. Como disse o dr. Freud: "O rei Édipo, que assassinou o pai, Laio, e desposou a mãe, Jocasta, nos mostra, tão-somente, a realização dos nossos próprios desejos infantis. Todavia, mais afortunados do que ele, fomos bem-sucedidos, na medida em que não nos tornamos psiconeuróticos, ao desvincular nossos impulsos sexuais das nossas [respectivas] mães e ao esquecer nosso ciúme com relação aos nossos [respectivos] pais"[5]. Ou, como ele mesmo afirma: "Toda desordem patológica da vida sexual pode ser considerada, com propriedade, uma inibição do desenvolvimento"[6].

"Quantos homens em sonhos não viram a si mesmos
Dormindo com a própria mãe; mas bem mais fácil É a vida
daquele que dessas coisas não cogita."[7]

A lamentável situação da esposa cujo marido tem sentimentos que, em lugar de amadurecer, permanecem aprisionados ao romance da infância pode ser avaliada a partir do aparente absurdo presente em outro sonho moderno; e, nesse ponto, começamos a sentir, na realidade, que estamos

penetrando no domínio do mito antigo, mas com uma curiosa reviravolta.

"Sonhei", escreveu uma mulher perturbada, "que um grande cavalo branco me seguia para onde quer que eu me dirigisse. Tive medo dele e o espantei. Olhei para trás para ver se ele ainda me seguia e ele parecia ter-se tornado um homem. Disse-lhe para ir ao barbeiro rapar a crina, o que ele fez. Quando saiu, tinha aparência de homem, mas sua face e membros inferiores eram de cavalo. Continuou a me seguir. Aproximou-se mais de mim e acordei.

"Sou uma mulher casada de trinta e cinco anos e tenho dois filhos. Estou casada há catorze anos e tenho certeza de que meu marido me é fiel."[8]

O inconsciente envia toda espécie de fantasias, seres estranhos, terrores e imagens ilusórias à mente — seja por meio dos sonhos, em plena luz do dia ou nos estados de demência; pois o reino humano abarca, por baixo do solo da pequena habitação, comparativamente corriqueira, que denominamos consciência, insuspeitadas cavernas de Aladim. Nelas há não apenas um tesouro, mas também perigosos gênios: as forças psicológicas inconvenientes ou objeto de nossa resistência, que não pensamos em integrar — ou não nos atrevemos a fazê-lo — à nossa vida. E essas forças podem permanecer insuspeitadas ou, por outro lado, alguma palavra casual, o odor de uma paisagem, o sabor de uma xícara de chá ou algo que vemos de relance pode tocar uma mola mágica, e eis que perigosos mensageiros começam a aparecer no cérebro. Esses mensageiros são perigosos porque ameaçam as bases seguras sobre as quais construímos nosso próprio ser ou família. Mas eles são, da mesma forma, diabolicamente fascinantes, pois trazem consigo chaves que abrem portas para todo o domínio da aventura, a um só tempo desejada e temida, da descoberta do eu. Destruição do mundo que construímos e no qual vivemos, assim como nossa própria destruição dentro dele; mas, em seguida, uma maravilhosa reconstrução, de uma vida mais segura, límpida, ampla e completamente humana — eis o encanto, a promessa e o terror desses perturbadores visitantes noturnos, vindos do reino mitológico que carregamos dentro de nós.

A psicanálise, a moderna ciência da interpretação dos sonhos, nos ensinou a ficar atentos com relação a essas imagens insubstanciais. Também nos ensinou a forma de deixá-las atuar. Permite-se que as perigosas crises do autodesenvolvimento se desenrolem sob o olhar protetor de um experiente iniciado na natureza e na linguagem dos sonhos, que desempenha a função e o papel de um antigo mistagogo, ou guia dos espíritos, o curandeiro iniciador dos primitivos santuários florestais das provas e da iniciação. O médico é o moderno mestre do reino do mito, o guardião da sabedoria a respeito de todos os caminhos secretos e fórmulas poderosas. Seu papel equivale precisamente ao do Velho Sábio, presença constante nos mitos e contos de fadas, cujas palavras ajudam o herói nas provas e terrores da fantástica aventura. É ele que aparece e indica a brilhante espada mágica que matará o dragão-terror; ele conta sobre a noiva que espera e sobre o castelo dos mil tesouros, aplica o bálsamo curativo nas feridas quase fatais e, por fim, leva o conquistador de volta ao mundo da vida normal após a grande aventura na noite encantada.

Figura 1 — Silenos e mênades

Quando passamos, tendo essa imagem em mente, à consideração dos numerosos rituais estranhos das tribos primitivas e das grandes civilizações do passado, cujo relato chega até nós, torna-se claro que o propósito e o efeito real desses rituais consistia em levar as pessoas a cruzarem difíceis limiares de transformação que requerem uma mudança dos padrões, não apenas da vida consciente, como da inconsciente. Os chamados ritos [ou rituais] de passagem, que ocupam um lugar tão proeminente na vida de uma sociedade primitiva (cerimônias de nascimento, de atribuição de nome, de puberdade, casamento, morte, etc.), têm como característica a prática de exercícios formais de rompimento normalmente bastante rigorosos, por meio dos quais a mente é afastada de maneira radical das atitudes, vínculos e padrões de vida típicos do estágio que ficou para trás[9]. Segue-se a esses exercícios um intervalo de isolamento mais ou menos prolongado, durante o

qual são realizados rituais destinados a apresentar, ao aventureiro da vida, as formas e sentimentos apropriados à sua nova condição, de maneira que, quando finalmente tiver chegado o momento do seu retorno ao mundo normal, o iniciado esteja tão bem como se tivesse renascido[10].

O mais interessante reside no fato de um grande número de provas e imagens rituais corresponder às provas e imagens que costumam manifestar-se nós sonhos no momento em que o paciente que se submeteu à psicanálise começa a abandonar suas fixações infantis e a progredir na direção do futuro. Entre os aborígines da Austrália, por exemplo, uma das principais características da prova de iniciação (por meio da qual o jovem, na puberdade, é afastado da mãe e introduzido na sociedade e nos costumes secretos dos homens) é o ritual da circuncisão. "Quando um garotinho da tribo Murngin está prestes a ser circuncidado, dizem-lhe os pais e anciãos: 'O Grande Pai Cobra sente o cheiro do seu prepúcio; ele o está chamando'. Os garotos acreditam ser essa afirmação literalmente verdadeira e ficam extremamente assustados. Em geral, buscam refúgio junto à mãe, à avó ou a algum parente favorito do sexo feminino, pois sabem que os homens estão organizados a fim de levá-los a passar para o seu lado, onde a grande cobra está vociferando. As mulheres lamentam-se cerimonialmente pelos garotos; essa ação visa a evitar que a grande cobra os engula."[11] Observemos agora a contrapartida do inconsciente. "Um dos meus pacientes", escreve o dr. C. G. Jung, "sonhou que uma cobra surgiu de uma caverna e o picou na região genital. Esse sonho ocorreu no momento em que o paciente estava convencido da verdade da análise e começava a libertar-se das amarras do seu complexo materno."[12]

A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão grande de neuroses em nosso meio decorra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo. Mantemo-nos ligados às imagens não exorcizadas da nossa infância, razão pela qual não nos inclinamos a fazer as passagens necessárias

da nossa vida adulta. Nos Estados Unidos, há até um *pathos* de ênfase invertida: o alvo não é envelhecer, mas permanecer jovem; não é amadurecer e afastar-se de Mamãe, mas apegar-se a ela. Assim sendo, enquanto os maridos se mantêm numa atitude de adoração diante dos seus templos da infância — conformando-se em ser os advogados, comerciantes ou gênios que seu pais queriam que fossem —, suas esposas, mesmo após catorze anos de casamento e dois belos filhos crescidos, ainda estão em busca do amor — que só pode chegar até elas a partir dos centauros, silenos, sátiros e outros íncubos concupiscentes da horda de Pã, seja da forma revelada no segundo dos sonhos citados ou por meio dos templos populares da deusa venérea cobertos de baunilha sob a maquiagem, dos últimos heróis da tela. O psicanalista deve aparecer, então, para confirmar a sabedoria avançada dos mais antigos ensinamentos dos curandeiros-dançarinos com suas máscaras e dos feiticeiros-doutores-circuncidadores; em conseqüência disso, descobrimos, como ocorreu no sonho da picada da cobra, que o simbolismo perene da iniciação é produzido espontaneamente pelo próprio paciente no momento de sua emancipação. Ao que parece, há nessas imagens iniciatórias algo que, de tão neces sário para a psique, se não for fornecido a partir do exterior, através do mito e do ritual, terá de ser anunciado outra vez, por meio do sonho, a partir do interior — do contrário, nos sas energias seriam forçadas a permanecer aprisionadas num quarto de brinquedos, banal e há muito fora de moda, no fundo do mar.

Sigmund Freud enfatiza em seus escritos as passagens e dificuldades da primeira metade do ciclo de vida humano aquelas vivenciadas na infância e na adolescência, quan do o nosso sol se aproxima do zênite. C. G. Jung, por sua vez, enfatizou as crises da segunda metade quando, para evoluir, essa esfera brilhante deve submeter-se a descer e desaparecer, finalmente, no útero noturno do túmulo. Os símbolos normais dos nossos desejos e temores transformam- se, nesse entardecer da vida, em seus opostos; pois, nesse ponto, já não é a vida, mas a morte, que constitui o desafio. Portanto, não é difícil deixar o útero; a dificuldade reside em deixar o falo — a não ser, é verdade, que o amargor da vida já tenha tomado posse do coração, situação na qual a morte atrai como a promessa de

bênção que era antes representada pelo encantamento amoroso. Percorremos um círculo completo, do túmulo do útero ao útero do túmulo: uma ambígua e enigmática incursão num mundo de matéria sólida prestes a se diluir para nós, tal como ocorre com a substância do sonho. E, rememorando aquilo que prometia ser nossa aventura — ímpar, imprevisível e perigosa —, tudo o que encontramos, no fim, é a série de metamorfoses padronizadas pelas quais homens e mulheres, em todas as partes do mundo, em todos os séculos de que temos notícia e sob todas as aparências assumidas pela civilizações, têm passado.

Conta-se, por exemplo, a história do grande Minos, rei da ilha-império de Creta no período de sua supremacia comercial: diz-se que ele contratou o celebrado artista-artesão Dédalo para conceber e construir um labirinto, no qual esconderia algo de que o palácio tinha vergonha e, ao mesmo tempo, medo. Pois havia um monstro na propriedade que a rainha, Pasífae, havia dado à luz. Diz-se que Minos, o rei, andava às voltas com importantes guerras destinadas a proteger as rotas comerciais; enquanto isso ocorria, Pasí fae havia sido seduzida por um touro magnífico, branco como a neve, nascido do mar. Na verdade, o que ocorrera não era pior do que aquilo que a própria mãe de Minos, Europa, havia permitido que ocorresse anteriormente: fora levada para Creta por um touro. O touro era Zeus, e o hon rado filho resultante da sagrada união era o próprio Minos na época respeitado e alegremente servido em toda parte. Como poderia Pasífae, nessas circunstâncias, ter sabido que o fruto de sua indiscrição seria um monstro — uma criança de corpo humano, mas dotada de cabeça e de cauda de touro?

A sociedade condenara amplamente a rainha; mas o rei não desconhecia sua parcela de culpa. O touro em questão havia sido enviado pelo deus Posêidon, há muito tempo, quando Minos lutava com os irmãos pelo trono. Minos havia afirmado que o trono era seu, por direito divino, e havia pedido ao deus que enviasse um touro do mar, como um sinal; ele havia selado suas orações com a promessa de sacrificar o animal imediatamente, como uma oferenda e símbolo de submissão ao deus. O touro aparecera e Minos tomara posse do trono; mas

quando percebeu a majestade da besta que havia sido enviada e pensou que poderia ser muito vantajoso possuir um tal espécime, ele decidiu arriscar-se a uma troca comercial — com a qual, ele supunha, o deus não se incomodaria muito. Tendo oferecido ao altar de Posêidon o melhor touro branco que possuía, Minos juntou o touro enviado [pelo deus] ao seu rebanho.

O império cretense havia alcançado grande prosperidade sob o governo sensível desse celebrado administrador de justiça e modelo de virtude pública. A capital, Cnosso, tornara-se o luxuoso e elegante centro da principal potência comercial do mundo civilizado. As frotas de Creta iam a todas as ilhas e portos do Mediterrâneo; os produtos cretenses eram altamente valorizados na Babilônia e no Egito. Os atrevidos navíozinhos até ultrapassaram as Colunas de Hércules, tendo ido para o mar aberto, navegando pela costa na direção norte, a fim de recolher o ouro da Irlanda e o estanho de Cornwall[13], assim como na direção sul, ao longo da saliência do Senegal, tendo alcançado a remota terra iorubana e os distantes centros de comércio de marfim, ouro e escravos[14].

Mas, internamente, a rainha havia sido levada por Posêidon a apaixonar-se loucamente pelo touro. E ela havia conseguido que o artista-artesão contratado pelo marido, o incomparável Dédalo, construísse uma vaca de madeira em que a rainha entrou ansiosamente; e assim o touro foi enganado. Ela deu à luz seu monstro, que mais tarde, passou a ser um perigo. Então Dédalo foi chamado outra vez, desta feita pelo rei, a fim de construir um impressionante labirinto, com passagens ocultas, para esconder a coisa. A invenção foi tão engenhosa, que o próprio Dédalo, ao terminá-la, só encontrou o caminho para a saída a duras penas. Aí foi instalado o Minotauro; daí por diante, ele passou a ser alimentado com grupos de rapazes e moças, levados como um tributo pelas nações conquistadas no âmbito do domínio de Creta[15].

Assim, de acordo com essa antiga lenda, a falha primária não foi a da rainha, mas a do rei; e ele realmente não a poderia condenar, pois sabia o que ele próprio havia feito: convertera um evento público em proveito próprio quando todo o sentido

de sua investidura como rei implicava que ele deixasse de ser pessoa.privada. O retorno do touro deveria ter simbolizado sua submissão absoluta e impessoal às funções do cargo. O fato de ele ter mantido o touro em seu poder, por outro lado, representava um impulso de auto-engrandecimento egocêntrico. E assim o rei, "pela graça de Deus", tornou-se o perigoso tirano Gancho — aquele que reivindica tudo para si. Assim como os rituais de passagem tradicionais costumavam ensinar ao indivíduo que morresse para o passado e renascesse para o futuro, as grandes cerimônias de posse o privavam do seu caráter de pessoa comum e o vestiam com o manto de sua vocação. Esse era o ideal, fosse o homem um artesão ou um rei. Cometendo o sacrilégio de recusar o ritual, todavia, o indivíduo deixava de fazer parte, como unidade, da unidade mais ampla formada pela comunidade como um todo; e, assim, o Uno tornou-se muitos, passando esses últimos a lutar entre si — cada um por si —, tornando-se governáveis, tão-somente, pelo recurso da força.

A figura do monstro-tirano é familiar às mitologias, tradições folclóricas, lendas e até pesadelos do mundo; e suas características, em todas as manifestações, são essencialmente as mesmas. Ele é o acumulador do benefício geral. É o monstro ávido pelos vorazes direitos do "meu e para mim". A ruína que atrai para si é descrita na mitologia e nos contos de fadas como generalizada, alcançando todo o seu domínio. Esse domínio pode não ir além de sua casa, de sua própria psique torturada ou das vidas que ele destrói com o toque de sua amizade ou assistência, mas também pode atingir toda a sua civilização. O ego inflado do tirano é uma maldição para ele mesmo e para o seu mundo — pouco importa quanto seus negócios pareçam prosperar. Auto-aterrorizado; dominado pelo medo; alerta contra tudo, para enfrentar e combater as agressões do seu ambiente — que são, primariamente, reflexos dos incontroláveis impulsos de aquisição que se encontram em seu próprio íntimo —, o gigante da independência autoconquistada é o mensageiro do desastre do mundo, muito embora, em sua mente, ele possa estar convencido de ser movido por intenções humanas. Onde quer que ponha a mão, há um grito (que, se não se eleva do exterior, vem — mais terrivelmente — de cada coração): um

grito em favor do herói redentor, o portador da espada flamejante, cujos golpes, cujo toque e cuja existência libertarão a terra.

"Here one can neither stand nor lie nor sit There is not even silence in the mountains But dry sterile thunder without rain There is not even solitude in the mountains

But red sullen faces sneer and snarl From doors of mudcracked houses."

(*) *Aqui não podemos ficar de pé, nem deitados ou sentados / Nem mesmo silêncio há nas montanhas / Mas trovões estéreis e secos, sem chuva / Nem mesmo solidão há nas montanhas / Mas sombrias faces rubras, rosnantes e com ar de mofa, / Espreitam das portas de casas de lodo ressecado.*

O herói é o homem da submissão autoconquistada. Mas submissão a quê? Eis precisamente o enigma que hoje temos de colocar diante de nós mesmos. Eis o enigma cuja solução, em toda parte, constitui a virtude primária e a façanha histórica do herói. Como o indica o professor Arnold J. Toynbee, em seu estudo de seis volumes a respeito das leis que presidem a ascensão e desintegração das civilizações[17], o cisma no espírito, bem como o cisma no organismo social, não serão resolvidos por meio de um esquema de retorno aos bons tempos passados (arcaísmo), por meio de programas que garantam produzir um futuro projetado de natureza ideal (futurismo), ou mesmo por meio do mais realista e bem concebido trabalho de re-união dos elementos que se encontram em processo de deterioração. Apenas o nascimento pode conquistar a morte — nascimento não da coisa antiga, mas de algo novo. Dentro do espírito e do organismo social deve haver — se pretendemos obter uma longa sobrevivência — uma contínua "recorrência de nascimento" *(palingenesia)* destinada a anular as recorrências ininterruptas da morte. Pois o trabalho da Nêmesis — caso não nos regeneremos — se realiza por intermédio das próprias vitórias que obtemos: a maldição irrompe da casca de nossa própria virtude. Portanto, a paz, assim como a guerra, a mudança e a permanência, são armadilhas. Quando chega o dia em que seremos vencidos pela morte, ela vem; nada podemos

fazer, exceto aceitar a crucifixão — e a conseqüente ressurreição —, ou o completo desmembramento — e o conseqüente renascimento.

Teseu, o herói que matou o Minotauro, veio para Creta do exterior, como um símbolo e agente da civilização grega em ascensão. Ele foi a coisa nova e viva que surgiu. Mas também é possível buscar e encontrar a regeneração no interior dos próprios muros do império do tirano. O professor Toynbee utiliza os termos "separação" e "transfiguração" para descrever a crise por intermédio da qual é atingida a dimensão espiritual mais elevada que possibilita a retomada do trabalho da criação. O primeiro passo, a separação ou afastamento, consiste numa radical transferência da ênfase do mundo externo para o mundo interno, do macrocosmo para o microcosmo, uma retirada, do desespero da terra devastada, para a paz do reino sempiterno que está dentro de nós. Mas esse reino, como nos ensina a psicanálise, é precisamente o inconsciente infantil. Este é o reino no qual penetramos durante o sono. Carregamo-lo dentro de nós eternamente. Todos os ogros e auxiliares secretos de nossa infância habitam nele, lá reside toda a mágica da infância. E, o que é mais importante, todas as potencialidades vitais que jamais conseguimos levar à realização adulta, aquelas outras partes de nós mesmos, aí estão; pois essas sementes douradas não parecem. Se pelo menos uma ínfima parcela dessa totalidade perdida pudesse ser trazida à luz do dia, experimentaríamos uma maravilhosa expansão dos nossos poderes, uma vivida renovação da vida. Atingiríamos a estatura de um arranha-céu. Além disso, se pudéssemos recuperar algo esquecido, não apenas por nós mesmos, mas por toda a geração ou por toda a civilização a que pertencemos, poderíamos vir a ser verdadeiramente portadores da boa nova, heróis culturais do nosso tempo — personagens do momento histórico local e mundial. Numa palavra: a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung

denominou "imagens arquetípicas"[18]. Esse é o processo conhecido na filosofia hindu e budista com *viveka,* "discriminação" [entre o verdadeiro e o falso].

Os arquétipos a serem descobertos e assimilados são precisamente aqueles que inspiraram, nos anais da cultura humana, as imagens básicas dos rituais, da mitologia e das visões. Esses "seres eternos do sonho"[19] não devem ser confundidos com as figuras simbólicas, modificadas individualmente, que surgem num pesadelo ou na insanidade mental do indivíduo ainda atormentado. O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são destorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloqüência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno — aperfeiçoado, não específico e universal —, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu[20].

"Eu caminhava sozinha pela parte mais antiga de uma grande cidade, através de ruas poeirentas e malcuidadas, com pequenas casas miseráveis", escreve uma mulher dos nossos dias, descrevendo um dos seus sonhos. "Não sabia onde me encontrava, mas gostei de explorar o ambiente. Escolhi uma rua extremamente poeirenta que levava ao que deveria ter sido um esgoto a céu aberto. Passei por entre fileiras de barracos e descobri um pequeno rio, que corria entre mim e um terreno

elevado e firme onde havia uma rua pavimentada. Era um rio bonito e perfeitamente límpido, que fluía sobre a grama. Eu podia ver a grama se movendo sob a água. Não havia como cruzar o rio, e eu fui a uma pequena casa pedir um bote. Um homem que lá se encontrava disse que realmente poderia me ajudar a cruzá-lo. Ele pegou uma pequena caixa de madeira, que colocou à margem do rio, e eu percebi imediatamente que, com essa caixa, podia passar facilmente para o outro lado. Eu sabia que todo o perigo acabara e queria recompensá-lo generosamente.

"Ao refletir a respeito desse sonho, tive uma inconfundível sensação de que não precisava ir aonde fora, podendo ter preferido dar um agradável passeio por ruas pavimentadas. Eu havia ido ao miserável e enlameado local porque preferia a aventura e, tendo começado, deveria prosseguir... Quando penso em quão persistentemente segui em frente no sonho, parece-me que eu tinha conhecimento da existência de alguma coisa boa adiante, tal como aquele gracioso rio cheio de grama e a estrada elevada, segura e pavimentada além dele. Pensando no sonho nesses termos, ele me parece equivaler a uma determinação de nascer — ou melhor, de nascer de novo — num certo sentido espiritual. Talvez alguns de nós sejam forçados a passar por escuros e traiçoeiros caminhos antes de encontrar o rio da paz ou a elevada estrada a que o espírito se dirige."[21]

A sonhadora é uma celebrada cantora de ópera e, tal com todos os que preferiram seguir, não as estradas gerais traçadas de forma segura, à luz do dia, mas a aventura do chamado especial e quase inaudível que vem aos ouvidos que se encontram abertos tanto para o exterior como para o interior, teve de descobrir seu próprio caminho, passando por dificuldades que não costumam ser encontradas, "através de ruas poeirentas e malcuidadas"; ela conheceu a noite sombria do espírito, "a selva escura, ao meio da jornada da vida", de Dante, e as amarguras das profundezas do inferno:

"Por mim se entra no reino das dores, Por mim se chega ao padecer eterno, Por mim se vai à Condenada Gente"[22].

É notável que, no sonho em questão, o esboço básico da fórmula mitológica universal da aventura do herói seja reproduzido de modo detalhado. Esses motivos altamente significativos dos perigos, obstáculos e da boa sorte do caminho, sob uma centena de formas, é o que encontraremos nas páginas a seguir. O cruzamento — primeiro do esgoto a céu aberto[23] e, depois, do rio perfeitamente límpido que fluía sobre a grama[24] —, o aparecimento de um voluntário para dar auxílio no momento crítico[25] e o terreno elevado e firme além da corrente final (o Paraíso Terrestre, a Terra além do Jordão)[26]: eis os sempiternos temas recorrentes da canção maravilhosa da elevada aventura do espírito. E todos os que se atreveram a ouvir e a seguir o chamado secreto conheceram os perigos da arriscada e solitária caminhada:

"A lâmina afiada de uma navalha, difícil de atravessar,

Eis uma difícil trilha — declaram os poetas!"[27]

A sonhadora conta, na travessia da água, com o benefício de uma pequena caixa de madeira, que assume o lugar, no sonho em questão, do esquife ou ponte, mais comuns. Trata-se de um símbolo de seus próprios talento e virtude, especiais, por meio dos quais ela foi conduzida pelas águas do mundo. A sonhadora não nos relatou suas associações, de modo que não sabemos que conteúdos especiais a caixa teria revelado; mas ela é certamente uma variedade da caixa de Pandora — essa divina dádiva dos deuses à bela mulher, preenchida com as sementes de todos os problemas e bênçãos da existência, mas que também conta com a virtude que sustenta, a esperança. Através dessa dádiva, a sonhadora passa para o outro lado. E, por meio de um milagre semelhante, o mesmo farão aqueles cujo trabalho é a difícil e perigosa tarefa da autodescoberta e do autodesenvolvimento — os que são levados a cruzar o oceano da vida.

A grande massa de homens e mulheres dá preferência ao caminho menos eivado de aventuras das rotinas tribais e cívicas comparativamente inconscientes. Mas esses peregrinos também são salvos — em virtude dos auxílios simbólicos herdados da sociedade, os rituais de passagem, os sacramentos geradores de

graça, dados à humanidade antiga pelos redentores e mantidos ao longo dos milênios. Apenas àqueles que não conhecem nem um chamado interno, nem uma doutrina externa, cabe verdadeiramente um destino desesperador; falo da maioria de nós, hoje, nesse labirinto fora e dentro do coração. Ai de nós! Onde está a guia, essa afetuosa virgem, Ariadne, para nos fornecer a palavra simples que nos dará coragem para enfrentar o Minotauro e, depois, os meios para encontrarmos nosso caminho para a liberdade, quando o monstro tiver sido encontrado e morto?

Ariadne, filha do rei Minos, apaixonou-se pelo belo Teseu no momento em que o viu deixar o barco que levara o infeliz: grupo de rapazes e moças atenienses para o Minotauro. Ela conseguiu falar com ele e declarou que lhe forneceria um meio para ajudá-lo a sair do labirinto, desde que ele prometesse levá-la de Creta e casar-se com ela. A promessa foi feita. Ariadne procurou então a ajuda do habilidoso Dédalo, cuja engenhosidade havia construído o labirinto e havia permitido que sua mãe desse à luz o seu habitante. Dédalo lhe deu simplesmente um rolo de fio de linho, que o herói visitante deveria prender à entrada e ir desenrolando à medida que entrasse no labirinto. Na verdade, precisamos de muito pouco! Mas, se não tivermos esse pouco, a aventura no labirinto não nos dará esperança.

Esse pouco está ao alcance da mão. É muito curioso que o próprio cientista, que, a serviço do rei pecador, foi o cérebro criador do horror representado pelo labirinto, possa servir, com a mesma prontidão, aos propósitos de liberdade. Mas o herói-coração deve estar disponível. Durante séculos, Dédalo representou o tipo do artista-cientista: aquele fenômeno humano, curiosamente desinteressado e quase diabólico, que está além das fronteiras normais do julgamento social, dedicado à moral da sua arte, e não à moral do seu tempo. Ele é o herói do caminho do pensamento — de bom coração, dotado de coragem e cheio de fé no fato de que a verdade, tal como ele a conhece, nos libertará.

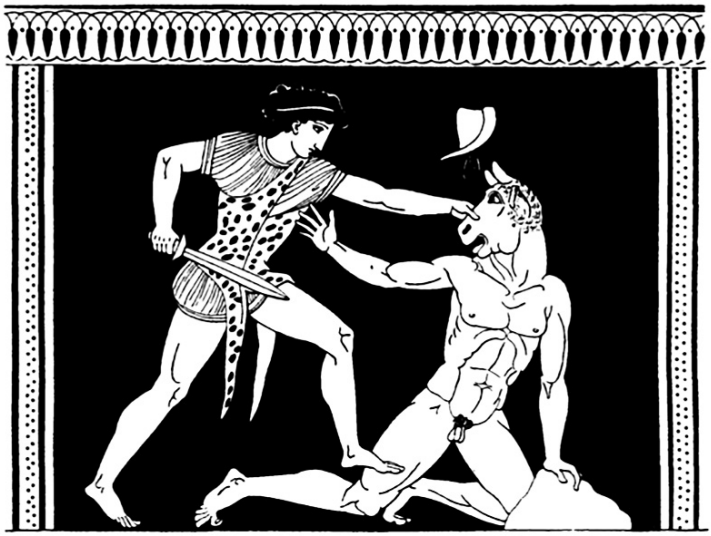


Figura 2 — Minotauromaquia

E assim podemos nos voltar para ele, tal como o fez Ariadne. A matéria-prima para o seu fio de linho foi colhida nos campos da imaginação humana. Séculos de agricultura, décadas de diligente seleção e o trabalho de numerosos corações e mãos entraram na colheita, na separação e na fiação desse fio resistente. Além disso, nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.

2. *Tragédia e comédia*

"Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira." Com essas fatídicas palavras, o conde Liev Tolstói iniciou o romance do desmembramento espiritual de sua moderna heroína, Ana Karênina. Nas sete décadas que se passaram desde que essa esposa, mãe e mulher cegamente apaixonada se atirou, em sua desgraça, sob as rodas de um trem — terminando assim, com um gesto que simbolizava o que já havia acontecido ao seu espírito, sua tragédia de desorientação —, um tumultuoso e interminável ditirambo de romances, reportagens e gritos não registrados de angústia vem sendo construído em louvor ao touro-demônio do labirinto: o aspecto irascível, destruidor e enlouquecedor do mesmo deus que, quando benigno, constitui o princípio vivificador do mundo. O romance moderno, tal como a tragédia grega, celebra o mistério do desmembramento, que se configura como vida no tempo. O final feliz é desprezado, com justa razão, como uma falsa representação; pois o mundo — tal como o conhecemos e o temos encarado — produz apenas um final: morte, desintegração, desmembramento e crucifixão do nosso coração com a passagem das formas que amamos.

"A piedade é o sentimento que toma conta da mente na presença de tudo o que é grave e constante nos sofrimentos humanos e que a une ao sofredor humano. O terror é o sentimento que toma conta da mente na presença de tudo o que é grave e constante nos sofrimentos humanos e que a une à causa secreta."[28] Como afirmou Gilbert Murray em seu prefácio à tradução da *Poética* de Aristóteles, feita por Ingram Bywater[29], a *katharsis* trágica (isto é, a "purificação" ou "purgação" das emoções do espectador da tragédia através da experiência de

piedade e terror) corresponde a uma *katharsis* ritual anterior ("uma purificação da comunidade das contaminações e venenos do ano anterior, do velho contágio do pecado e da morte"), que era a função do festival e da representação de mistérios do touro-deus desmembrado, Dioniso. A mente meditativa está unida, na representação de mistérios, não com o corpo cuja morte é apresentada, mas com o princípio de vida contínua que por algum tempo o habitou e que, durante esse tempo, foi a realidade revestida na aparência (a um só tempo, sofredor e causa secreta), o substrato em que o nosso eu se dissolve quando a "tragédia que desfigura a face do homem"[30] despedaça, esmaga e dissolve nossa capa mortal.

"Aparecei, aparecei, qualquer que seja vossa forma

ou nome, Ó Touro da Montanha, Serpente das Cem Cabeças,

Leão da Chama Abrasadora! Ó Deus, Fera, Mistério, Vinde!"[31]

Essa morte à lógica e aos compromissos emocionais do fugaz momento em que estamos no mundo do espaço e do tempo, esse reconhecimento e essa mudança da nossa ênfase para a vida universal que palpita e celebra sua vitória no próprio beijo da nossa aniquilação, esse *amor fati* ("amor ao destino"), que é inevitavelmente a morte, constitui a experiência da arte trágica; aí reside o prazer que ela traz, seu êxtase redentor:

"Meu tempo passou, o servo, eu Iniciado de Júpiter Ideu; Onde os Zagreus da meia-noite erram, eu erro; Eu suportei seu grito tempestuoso; Freqüentei seus festins rubros e sangrentos; Segurei a chama da montanha da Grande Mãe; Eu sou Liberto e chamado por nome Um Baco dos Poderosos Sacerdotes"[32].

A literatura moderna se dedica, em larga medida, à observação corajosa e atenta das imagens enjoativamente fragmentadas que abundam diante de nós, ao nosso redor e em nosso interior. Onde o impulso natural de queixa contra o holocausto foi suprimido — de vociferar culpas ou de anunciar panacéias —, a magnitude de uma arte trágica mais potente (para nós) que a grega encontra sua realização: a realista,

íntima e variadamente interessante tragédia da democracia, em que o deus é visto crucificado nas catástrofes, não apenas das grandes casas, mas de toda casa comum, de toda face lacerada e flagelada. E não há ilusão a respeito do céu, da futura felicidade e da compensação capaz de aliviar o amargo poder supremo, mas apenas a mais negra escuridão, o vazio da não realização, para receber e devorar as vidas que foram atiradas fora do útero somente para fracassarem.

Comparadas a isso, nossas pequeninas histórias de realização se afiguram dignas de pena. Conhecemos bem demais o amargor do fracasso, da perda, da desilusão e da não-realização irônica que corre até mesmo nas veias daqueles que o mundo inveja! Daí por que não estamos dispostos a atribuir à comédia o alto posto da tragédia. A comédia como sátira é aceitável. Como brincadeira, é um agradável paraíso de fuga. Mas o conto de fadas do "e foram felizes para sempre" não pode ser levado a sério; ele pertence à Terra do Nunca da infância, que se encontra protegida das realidades que se tornarão terrivelmente conhecidas dentro em pouco. Da mesma forma, o mito da eternidade celeste pertence aos velhos, que deixaram a vida para trás e cujo coração deve ser preparado para a última passagem da jornada que leva à noite. O sóbrio e moderno julgamento ocidental tem como base uma total falta de compreensão das realidades descritas no conto de fadas, no mito e nas divinas comédias de redenção. Essas formas, no mundo antigo, eram consideradas de natureza mais elevada que a tragédia, manifestações de uma verdade mais profunda, de percepção mais difícil, de estrutura mais sólida e de revelação mais completa.

O final feliz do conto de fadas, do mito e da divina comédia do espírito deve ser lido, não como uma contradição, mas como transcendência da tragédia universal do homem. O mundo objetivo permanece o que era; mas, graças a uma mudança de ênfase que se processa no interior do sujeito, é encarado como se tivesse sofrido uma transformação. Onde antes lutavam a vida e a morte, agora se manifesta o ser duradouro — tão indiferente aos acasos do tempo como a água fervente num pote o é para com o destino de uma bolha, ou como o cosmos com

relação ao aparecimento e desaparecimento de uma galáxia. A tragédia é a destruição das formas e do nosso apego às formas; a comédia, a alegria inexaurível, selvagem e descuidada, da vida invencível. Em conseqüência, tragédia e comédia são termos de um único tema e de uma única experiência mitológicos, que as incluem e que são por elas limitados: a queda e a ascensão *(kathodos* e *anodos),* que juntas constituem a totalidade da revelação que é a vida, e que o indivíduo deve conhecer e amar se deseja ser purgado *(katharsis = purgatório)* do contágio do pecado (desobediência à vontade divina) e da morte (identificação com a forma mortal).

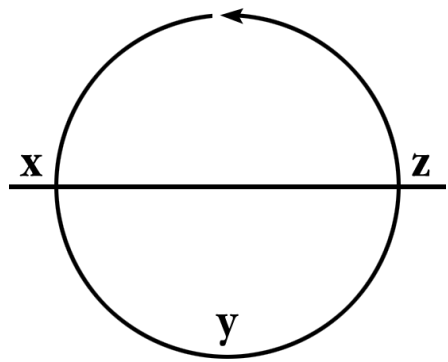
"Tudo está em mudança; nada morre. O espírito vagueia, ora está aqui, ora ali, e ocupa o recipiente que lhe agradar... Pois o que existiu já não é, e o que não existiu começou a ser; e assim todo ciclo de movimento se reinicia."[33] "Apenas os corpos, em que habita o eterno, imperecível, incompreensível Eu, perecem."[34]

É próprio da mitologia, assim como do conto de fadas, revelar os perigos e técnicas específicos do sombrio caminho interior que leva da tragédia à comédia. Por conseguinte, os incidentes são fantásticos e "irreais": representam triunfos de natureza psicológica e não de natureza física. Mesmo quando a lenda se refere a uma personagem histórica real, as realidades da vitória são representadas, não em figurações da vida real, mas em figurações oníricas. Pois a questão não está no fato de tal e tal coisa ter sido realizada na terra. A questão é que, antes de ela poder ser feita na terra, uma outra coisa, mais importante e essencial, teve de passar pelo labirinto que todos conhecemos e visitar nossos sonhos. Por vezes, a passagem do herói mitológico pode ser por cima da terra; fundamentalmente, é uma passagem para dentro — para as camadas profundas em que são superadas obscuras resistências e onde forças esquecidas, há muito perdidas, são revitalizadas, a fim de que se tornem disponíveis para a tarefa de transfiguração do mundo. Cumprida essa etapa, a vida já não sofre sem esperança sob o peso das terríveis mutilações do desastre absoluto, esmagada pelo tempo, terrível ao longo do espaço; mas, com o seu horror ainda visível e seus gritos aflitos ainda tumultuados,

ela se torna penetrada por um amor que a tudo abarca e a tudo sustem e por um conhecimento do seu próprio poder não conquistado. Uma parcela do lume que arde invisivelmente nos abismos de sua materialidade normalmente opaca irrompe, com um distúrbio crescente. Assim, as horrorosas mutilações são vistas, tão-somente, como sombras de uma eternidade imanente e imperecível; o tempo se rende à glória, e o mundo canta com o prodigioso e angelical — mas talvez, no final das contas, monótono — canto da sereia das esferas. Tal como as famílias felizes, os mitos e os mundos redimidos se parecem entre si.

3. O herói e o deus

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* — que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito[35].



Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas — forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

Prometeu foi aos céus, roubou o fogo dos deuses e voltou à terra. Jasão navegou por entre as rochas em colisão para chegar a um mar de prodígios, evitou o dragão que guardava o Velocino de Ouro e retornou com o Velocino e com o poder de recuperar o trono, que lhe pertencia por direito, de um usurpador. Enéias desceu ao mundo inferior, cruzou o horrendo

rio dos mortos, atirou um bocado de comida embebida em uma substância calmante ao cão de guarda de três cabeças, Cérbero, e finalmente conversou com a sombra do seu falecido pai. Tudo lhe foi revelado: o destino dos espíritos e o de Roma, que ele estava por descobrir: "e, com essa sabedoria, ele poderia evitar ou enfrentar todas as provações"[36]. Retornou, passando pelo portão de marfim, ao seu trabalho no mundo.

Figura 12 — O retorno de Jasão

Uma majestosa representação das dificuldades envolvidas na tarefa do herói, assim como da sublime importância que ela assume quando compreendida profundamente e realizada com solenidade, é apresentada na lenda tradicional da Grande Luta do Buda. O jovem príncipe Gautama Sakyamuni escapou secretamente do palácio de seu pai no principesco cavalo Kantaka, passou miraculosamente pela porta guarnecida,

cavalgou noite adentro guiado pela tochas de quatro vezes sessenta mil divindades (Devas), cruzou sem problemas um majestoso rio de mil cento e vinte e oito cúbitos *(Antiga medida de comprimento equivalente a cerca de cinqüenta centímetros. (N. do T.))* de largura e então, com um único golpe de espada, cortou suas próprias mechas reais — com isso, o cabelo restante, de dois dedos de comprimento, se inclinou para a direita e ficou rente à sua cabeça. Vestindo roupas de monge, viveu como um mendigo pelo mundo e, no decorrer desses anos em que vagou aparentemente sem destino, alcançou e transcendeu os oito estágios da meditação. Retirou-se para um eremitério, aplicou seus poderes durante mais seis anos, à grande luta, levou a austeridade ao extremo e caiu num estado de morte aparente, mas terminou por recuperar-se. E então retornou à vida menos rigorosa do caminhante ascético.

Num certo dia, ele se sentou sob uma árvore, contemplando a face voltada para o leste, e a árvore se iluminou com a luz que irradiava. Uma jovenzinha chamada Sujata foi até ele e lhe deu arroz numa tigela de ouro; quando ele atirou a tigela vazia num rio, esta ficou flutuando sobre as águas. Esse foi o sinal de que o momento do seu triunfo estava próximo. Ele se levantou e seguiu por uma estrada demarcada pelos deuses, que tinha mil cento e vinte e oito cúbitos de largura. As cobras, os pássaros e as divindades das florestas e campos lhe fizeram homenagem com flores e perfumes celestiais, cantaram coros divinos, e os dez mil mundos se encheram de perfumes, guirlandas, harmonias e gritos de aclamação; pois ele estava a caminho da grande Árvore da Iluminação, a Árvore Bo, debaixo da qual iria redimir o universo. Ele se colocou, com firme determinação, sob a Árvore Bo, no Ponto Imóvel, e imediatamente foi abordado por Kama-Mara, o deus do amor e da morte.

O perigoso deus surgiu montado num elefante, portando armas em suas mil mãos. Estava cercado pelo seu exército, que se estendia a doze léguas diante dele, doze para a direita, doze para a esquerda e, na retaguarda, até os confins do mundo; tinha nove léguas de altura. As divindades protetoras do universo fugiram, mas o Futuro Buda permaneceu imóvel sob a árvore. E o deus investiu violentamente contra ele, tentando

quebrar-lhe a concentração.

Furacões, rochas, relâmpagos e chamas, armas fumegantes, de gumes afiados, carvões em brasa, cinzas quentes, lama fervente, areias escaldantes e a escuridão absoluta — tudo isso foi jogado pelo Antagonista contra o Salvador, mas foi transformado em flores e ungüentos celestiais pelo poder das dez perfeições de Gautama. Mara, então, enviou suas irmãs, Desejo, Dissipação e Luxúria, cercadas por voluptuosos servos, mas a mente do Grande Ser não se distraiu. Por fim, o deus contestou seu direito de sentar-se no Ponto Imóvel, arremessou raivosamente seu afiadíssimo disco e ordenou ao seu enorme exército que atirasse pedras sobre o Futuro Buda. Mas este último apenas moveu a mão para tocar o solo com as pontas dos dedos e pediu à deusa Terra que desse testemunho do seu direito de sentar-se no local em que estava. Ela o fez com uma centena, um milhar, uma centena de milhar de bramidos, de modo que o elefante do Antagonista ficasse de joelhos em obediência ao Futuro Buda. O exército foi imediatamente dispersado, e os deuses de todos os mundos espalharam guirlandas.

Tendo obtido essa vitória preliminar antes do pôr-do-sol, o conquistador obteve, na primeira vigília noturna, o conhecimento de suas existências precedentes; na segunda vigília, conheceu o divino olho da visão onisciente; e, na última, a compreensão da cadeia de causalidade. Experimentou a perfeita iluminação na alvorada[37].

Depois disso, Gautama — agora o Buda, o Iluminado — permaneceu durante sete dias imóvel, em êxtase; durante sete dias, manteve-se afastado e observou o ponto no qual havia recebido a iluminação; durante sete dias, ficou entre o local de sentar-se e o local de estar de pé; durante sete dias, residiu num pavilhão fornecido pelos deuses e revisou toda a doutrina da causalidade e da libertação; durante sete dias, ficou sentado sob a árvore em que a jovem Sujata lhe havia dado o arroz numa tigela de ouro, e ali meditou sobre a doutrina da doçura do Nirvana; passou para outra á árvore, e uma grande tempestade rugiu durante sete dias, mas o Rei das Serpentes saiu das raízes e protegeu Buda com seu amplo capelo; por fim, o Buda ficou

sentado durante sete dias sob uma quarta árvore, saboreando ainda a doçura da libertação. Depois, duvidou que sua mensagem pudesse ser comunicada e pensou em reter a sabedoria que obtivera só para si; mas o deus Brahma desceu do zênite para implorar-lhe que se tornasse mestre dos deuses e dos homens. Assim, o Buda foi convencido a proclamar o Caminho[38]. E retornou às cidades dos homens, onde caminhou entre os cidadãos do mundo, distribuindo o benefício inestimável do conhecimento do Caminho[39].

O Antigo Testamento registra uma façanha comparável na lenda de Moisés, que, no terceiro mês de sua partida de Israel, em viagem para a terra do Egito, chegou com seu povo ao deserto do Sinai; ali o povo de Israel armou suas tendas junto à montanha. E Moisés foi até a presença de Deus, e o Senhor falou com ele da montanha, deu-lhe as Tábuas da Lei e lhe ordenou que retornasse com elas para junto do povo de Israel, o povo do Senhor[40].

A lenda judaica afirma que, no decorrer do dia da revelação, diversos estrondos vindos do monte Sinai se fizeram ouvir. "Relâmpagos, acompanhados do som cada vez mais alto de trompas, provocavam no povo um medo e um tremor irresistíveis. Deus inclinou os céus, moveu a terra e fez tremer os limites do mundo, de modo que as profundezas se abalaram e os céus se assustaram. Seu esplendor passou pelos quatro portais de fogo, terremoto, tempestade e granizo. Os reis da terra estremeceram em seus palácios. A própria terra pensou que a ressurreição dos mortos estava prestes a ocorrer e achou que havia chegado o momento de responder pelo sangue dos assassinados, que havia absorvido, e pelos corpos das vítimas de homicídio, que havia encoberto. A terra só se acalmou quando ouviu as primeiras palavras do Decálogo.

"Os céus se abriram e o monte Sinai, liberto da terra, se elevou no ar, de modo que o seu topo atingiu os céus, enquanto uma espessa nuvem lhe cobria os flancos, e tocou os pés do Divino Trono. Acompanhando Deus, de um lado, surgiram vinte e dois mil anjos com as coroas dos levitas, a única tribo que permaneceu fiel a Deus, enquanto as demais adoraram o Bezerro de Ouro. Do outro lado de Deus, havia sessenta

miríades, três mil quinhentos e cinqüenta anjos, cada um deles portando uma coroa de fogo para cada um dos israelitas. Do terceiro lado de Deus, havia o dobro desse número, enquanto no quarto lado eram simplesmente inumeráveis. Pois Deus não surgiu de uma única direção, mas de todas as direções ao mesmo tempo, o que, todavia, não evitava Sua glória de ocupar todos os cantos dos céus e da terra. Apesar dessas hostes inumeráveis, não havia uma aglomeração no monte Sinai, nenhuma multidão; havia espaço para todos."[41]

Como vamos ver, dentro em breve, quer se apresente nos termos das vastas imagens, quase abismais, do Oriente, nas vigorosas narrativas dos gregos ou nas lendas majestosas da Bíblia, a aventura do herói costuma seguir o padrão da unidade nuclear acima descrita: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida. Todo o Oriente foi abençoado pela dádiva que Gautama Buda trouxe consigo — seu maravilhoso ensinamento da Boa Lei —, tal como o Ocidente o foi pelo Decálogo de Moisés. Os gregos atribuíram o fogo, o primeiro apoio de toda cultura humana, à façanha, que transcendeu o mundo, do seu Prometeu, e os romanos atribuíram a fundação da sua cidade, suporte do mundo, a Enéias, realizada após sua partida da decadente Tróia e de sua visita ao lúgubre mundo inferior dos mortos. Em todos os lugares, pouco importando a esfera do interesse (religioso, político ou pessoal), os atos verdadeiramente criadores são representados como atos gerados por alguma espécie de morte para o mundo; e aquilo que acontece no intervalo durante o qual o herói deixa de existir — necessário para que ele volte renascido, grandioso e pleno de poder criador — também recebe da humanidade um relato unânime. Assim sendo, temos apenas que seguir uma multidão de figuras heróicas, ao longo dos estágios clássicos da aventura universal, para ver outra vez o que sempre foi revelado. Isso nos auxiliará a compreender, não apenas o significado dessas imagens para a vida contemporânea, mas também a unidade do espírito humano em termos de aspirações, poderes, vicissitudes e sabedoria.

As páginas seguintes apresentarão, sob a forma de uma

aventura composta, as histórias de alguns dos portadores simbólicos do destino de Todos. O primeiro grande estágio, o da *separação* ou *partida,* constituirá a Parte I, Capítulo I, com cinco subseções: 1) "O chamado da aventura", ou os indícios da vocação do herói; 2) "A recusa do chamado", ou a temeridade de se fugir do Deus; 3) "O auxílio sobrenatural", a assistência insuspeitada que vem ao encontro daquele que leva a efeito sua aventura adequada; 4) "A passagem pelo primeiro limiar"; e 5) "O ventre da baleia", ou a passagem para o reino da noite. O estágio das *provas e vitórias da iniciação* será apresentado no Capítulo II, em seis subseções: 1) "O caminho de provas", ou o aspecto perigoso dos deuses; 2) "O encontro com a deusa" *(Magna Mater),* ou a bênção da infância recuperada; 3) "A mulher como tentação", a realização e agonia do destino de Édipo; 4) "A sintonia com o pai"; 5) "A apoteose"; e 6) "A bênção última".

O retorno e reintegração à sociedade, que é indispensável à contínua circulação da energia espiritual no mundo e que, do ponto de vista da comunidade, é a justificativa do longo afastamento, pode se afigurar ao próprio herói como o requisito mais difícil. Pois se ele conseguiu alcançar, tal como o Buda, o profundo repouso da iluminação completa, há perigo de que a bem-aventurança de sua experiência aniquile toda lembrança, interesse ou esperança ligados aos sofrimentos do mundo; do contrário, o problema de tornar conhecido o caminho da iluminação junto a pessoas envolvidas com problemas econômicos pode parecer muito difícil de resolver. Por outro lado, se o herói, em lugar de submeter-se a todos os testes da iniciação, tiver simplesmente, tal como Prometeu, alcançado seu alvo (pela violência, pelo engenho ou pela sorte) e levado a graça obtida para o mundo que ele desejou, então os poderes que desequilibrou podem reagir tão violentamente que ele será destruído tanto a partir de dentro como de fora — crucificado, tal como Prometeu, no rochedo do próprio inconsciente violado. Ou, se o herói, em terceiro lugar, fizer um voluntário e seguro retorno, poderá deparar-se com uma tal incompreensão e desconsideração por parte daqueles a quem foi auxiliar que sua carreira entrará em colapso. O terceiro dos capítulos seguintes concluirá a discussão dessas perspectivas sob seis

subtítulos: 1) "A recusa do retorno", ou o mundo negado; 2) "A fuga mágica", ou a fuga de Prometeu; 3) "O resgate com ajuda externa"; 4) "A passagem pelo limiar do retorno", ou o retorno ao mundo cotidiano; 5) "Senhor dos dois mundos"; e 6) "Liberdade para viver", a natureza e função da bênção última[42].

O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Freqüentemente honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém. Ele e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica. Nos contos de fadas, essa deficiência pode ser tão insignificante como a falta de um certo anel de ouro, ao passo que, na visão apocalíptica, a vida física e espiritual de toda a terra pode ser representada em ruínas ou a ponto de se arruinar.

Tipicamente, o herói do conto de fadas obtém um triunfo microcósmico, doméstico, e o herói do mito, um triunfo macrocósmico, histórico-universais. Enquanto o primeiro — o filho mais novo ou desprezado que se transforma em senhor de poderes extraordinários — vence os opressores pessoais, este último traz de sua aventura os meios de regeneração de sua sociedade como um todo. Os heróis tribais ou locais, tais como o imperador Huang-ti, Moisés ou o asteca Tezcatlipoca, comprometem as bênçãos que obtêm com um único povo; os heróis universais — Maomé, Jesus, Gautama Buda — trazem uma mensagem para o mundo inteiro.

Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial. Os contos populares representam a ação heróica do ponto de vista físico; as religiões mais elevadas a apresentam do ponto de vista moral. Não obstante, serão encontradas variações surpreendentemente pequenas na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas. Caso um ou outro dos elementos básicos do padrão arquetípico seja omitido de um conto de fadas, uma lenda, um ritual ou um mito particulares, é provável que esteja, de uma ou de outra maneira, implícito — e a própria omissão pode dizer muito sobre a história e a patologia do exemplo, como o veremos.

A Parte II, "O ciclo cosmogôníco", apresenta a grande visão da criação e da destruição do mundo, que é concedida como revelação ao herói bem-sucedido. O Capítulo I, "Emanações", trata do surgimento das formas do universo a partir do vazio. O Capítulo II, "A virgem-mãe", é uma revisão dos papéis redentores e criadores do poder feminino, primeiramente em escala cósmica, como Mãe do Universo, e, depois, no plano humano, como Mãe do Herói. O Capítulo III, "Transformações do herói", traça o curso da história legendária da raça humana ao longo dos seus estágios típicos, com o herói aparecendo em cena sob várias formas, de acordo com as diversas necessidades da raça. No Capítulo IV, "Dissoluções", é tratado o fim previsto, primeiramente do herói e depois do mundo manifesto.

O ciclo cosmogônico é apresentado com surpreendente consistência nos escritos sagrados de todos os continentes[43] e dá à aventura do herói uma nova e interessante conotação — pois agora parece que a perigosa jornada não foi um trabalho de obtenção, mas de reobtenção, não de descoberta, mas de redescoberta. Os poderes divinos, procurados e perigosamente obtidos, segundo nos *é* revelado, sempre estiveram presentes no coração do herói. Ele é "o filho do rei" que veio para saber quem é e, assim, passou a exercitar o poder que lhe cabe — "filho de Deus", que aprendeu a saber o quanto esse título significa. A partir desse ponto de vista, o herói simboliza aquela divina imagem redentora e criadora, que se encontra escondida dentro de todos nós e apenas espera ser conhecida e transformada em vida.

"Pois o Uno que se tornou muitos permanece o Uno indivisível, mas cada parte é totalmente de Cristo", lemos nos escritos de São Simão, o jovem (949-1022 d.C). "Vi-o em minha casa", prossegue o santo. "Entre todas aquelas coisas cotidianas, Ele apareceu inesperadamente e se uniu e se fundiu comigo de forma indescritível; e Ele saltou sobre mim sem que nada se interpusesse entre nós, tal como o fogo sobre o ferro e a luz sobre o vidro. E Ele me fez como fogo e como luz. E eu me tornei aquilo que vira antes e que contemplara de longe. Não sei como contar-vos esse milagre... Sou homem pela natureza e Deus pela graça de Deus."[44]

Uma visão comparável é descrita no "Evangelho de Eva", apócrifo. "Fiquei ao lado de uma elevada montanha e vi um gigante e um anão; e ouvi algo como a voz do trovão, e me aproximei para ouvir; e Ele falou comigo e disse: Sou vós e vós sois Eu; e onde quer que possais estar aí estarei. Estou em todos os lugares e sempre que o desejardes Me en-contrareis; e, Me encontrando, encontrar-Vos-eis."[45]

Os dois — o herói e seu deus último, aquele que busca e aquele que é encontrado — são entendidos, por conseguinte, como a parte externa e interna de um único mistério auto-refletido, mistério idêntico ao do mundo manifesto. A grande façanha do herói supremo é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e, em seguida, torná-la conhecida.

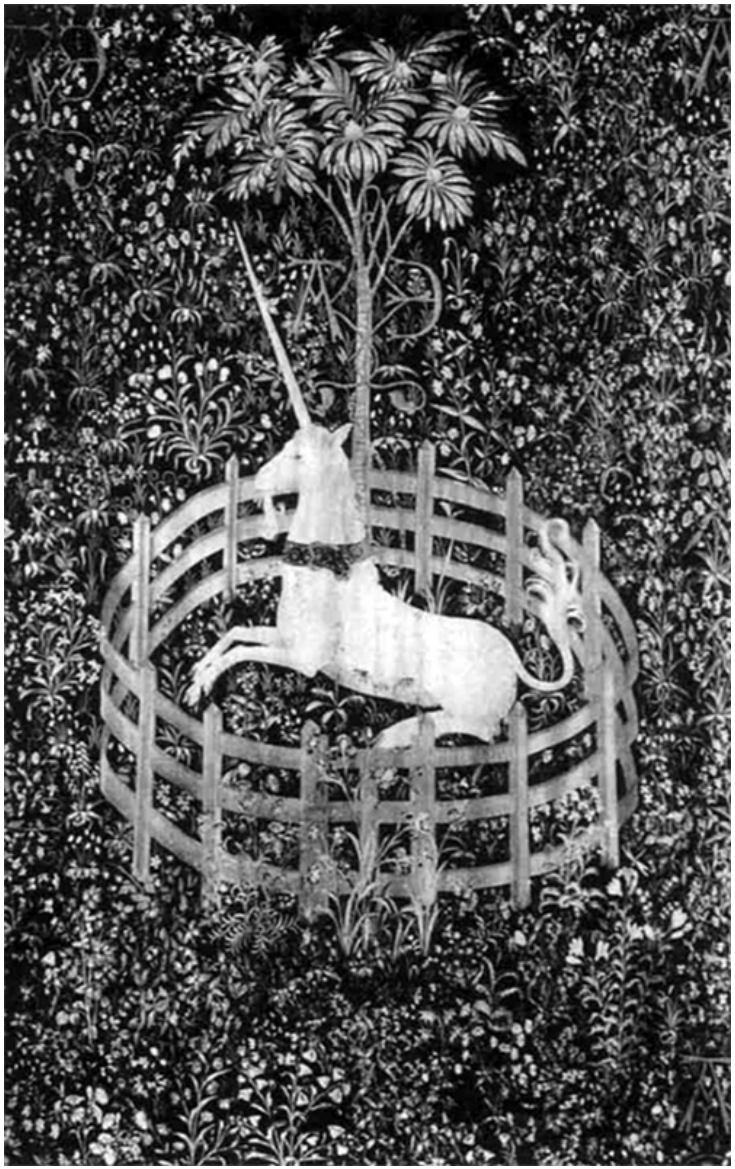
4. O Centro do Mundo

O efeito da aventura bem-sucedida do herói é a abertura e a liberação do fluxo de vida no corpo do mundo. O milagre desse fluxo pode ser representado, em termos físicos, como a circulação da substância alimentar; em termos dinâmicos, como um jorro de energia; e, espiritualmente, como manifestação da graça. Essas variedades de imagens alternam-se entre si com facilidade, representando três graus de condensação de uma mesma força vital. Uma colheita abundante é o sinal da graça de Deus; a graça de Deus é o alimento do espírito; o resplandecente raio é o precursor da chuva fertilizante e, ao mesmo tempo, manifestação da energia liberada por Deus. Graça, substância alimentar, energia: esses elementos se precipitam sobre o mundo vivo e, sempre que falham, a vida se decompõe em morte.

Gravura I — O domador de monstros (Suméria)

As torrentes se precipitam a partir de uma fonte invisível. Seu ponto de entrada é o centro do círculo simbólico do universo, o Ponto Imóvel da lenda do Buda[46], em torno do qual, pode-se dizer, o mundo gira. Sob esse ponto, encontra-se a cabeça — suporte da terra — da serpente cósmica, o dragão, que simboliza as águas do abismo — a energia e a substância divinas, criadoras de vida, do demiurgo, o aspecto gerador do mundo do ser imortal[47]. A árvore da vida, isto é, o próprio universo, cresce nesse ponto. Está enraizada na escuridão e sustentada por ela; o pássaro dourado do sol está empoleirado em sua copa; uma fonte, poço inexaurível, borbulha a seus pés. Pode-se utilizar também a figura de uma montanha cósmica, com a cidade dos deuses, tal como um lírio de luz, no seu topo; em suas depressões, estão as cidades dos demônios, iluminadas

por pedras preciosas. Podemos usar, da mesma maneira, a figura de um homem cósmico ou mulher cósmica (por exemplo, o próprio Buda ou a deusa hindu dançante Kali (*Um dos nomes da esposa de Xiva, o deus da dança. (N. do T.)*)) sentada ou de pé nesse ponto ou mesmo presa à árvore (Átis, Jesus, Wotan); pois o herói, como encarnação de Deus, é ele mesmo o centro do mundo, o ponto umbilical através do qual as energias da eternidade irrompem no plano temporal. Portanto, o Centro do Mundo é o símbolo da contínua criação: o mistério da manutenção do mundo através do contínuo milagre de vivificação que brota no interior de todas as coisas.



Gravura II — O unicornio cativo (França)

Entre os Pawnees do norte do Kansas e do sul do Ne-braska (EUA), o sacerdote, durante a cerimônia do Hako, traça um círculo com o dedo. "O círculo representa um ninho", disse,

segundo é relatado, um desses sacerdotes, "e é traçado com o dedo porque a águia constrói seu ninho com as garras. Embora estejamos imitando a ave ao fazer seu ninho, há outro significado envolvido nessa ação; pensamos em Tirawa fazendo o mundo para que as pessoas vivam. Se se for ao topo de um monte elevado e se olhar em volta, ver-se-á o céu tocando a terra em todos os lados; dentro desse círculo, vivem as pessoas. Logo, os círculos que fizemos não são apenas ninhos; mas também representam o círculo que Tirawa-atius fez como local de morada de todos os povos. Os círculos também representam o grupo de parentesco, o clã e a tribo."[48]

A cúpula do céu se apóia nos quatro cantos da terra, por vezes sustentadas por quatro reis cariátides, anões, gigantes, elefantes ou tartarugas. Daí decorre a tradicional importância atribuída ao problema matemático da quadratura do círculo: ele contém o segredo da transformação das formas celestes em formas terrestres. A lareira na casa, o altar no templo, são o eixo da rota da terra, o útero da Mãe Universal, cujo fogo é o fogo da vida. E a abertura no topo da chaminé — ou a coroa, pináculo ou clarabóia da cúpula — é o eixo ou ponto médio do céu: a porta do sol, através da qual os espíritos voltam do plano temporal para a eternidade, tal como o aroma das oferendas, queimadas no fogo da vida e elevadas, no eixo da fumaça que se evola, do cubo ou centro da roda terrestre para o cubo da roda celestial[49].

Assim preenchido, o sol é a tigela do alimento de Deus, um cálice inexaurível, abundante em substância do sacrifício, cuja carne é, na verdade, alimento, e cujo sangue é bebida[50]. Ele é, ao mesmo tempo, aquele que nutre a humanidade. O raio solar que aquece a terra simboliza a comunicação de energia divina ao útero do mundo — e é, mais uma vez, o eixo que une e faz girar as duas rodas. A circulação de energia pela porta do sol é contínua. Deus desce e o homem sobe através dela. "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo: e ele entrará, e sairá, e achará pastagens."[51] "O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, esse habita em mim, e eu nele."[52]

Para uma cultura ainda nutrida na mitologia, a paisagem, assim como cada fase da existência humana, ganham vida

através da sugestão simbólica. As elevações e depressões contam com seus protetores sobrenaturais e se encontram associadas a episódios popularmente conhecidos da história local da criação do mundo. Além disso, há, aqui e ali, santuários especiais. Quer o herói ali tenha nascido ou sido torturado, ou por ali tenha voltado ao vazio, o local é assinalado e santificado. Nele é erigido um templo para representar e inspirar o milagre da perfeita convergência; pois esse é o local da irrupção na abundância. Nele alguém descobriu a eternidade. O sítio pode servir, por conseguinte, como suporte da meditação frutífera. Em geral, esses templos são projetados para simular as quatro direções do horizonte do mundo; o santuário ou altar, colocado no centro, simboliza o Ponto Inextinguível. Aquele que penetra no complexo do templo e se encaminha para o santuário imita a façanha do herói. Seu objetivo é repetir o padrão universal, como forma de evocar, dentro de si mesmo, a lembrança da forma de convergência e renovação da vida.

As cidades antigas são construídas como templos, tendo as portas voltadas para as quatro direções, e apresentam no centro o santuário principal do seu divino fundador. Os cidadãos vivem e trabalham dentro dos limites desse símbolo. E, nesse mesmo espírito, os domínios das religiões nacionais e mundiais estão concentrados em torno do eixo de alguma cidade-mãe: o cristianismo ocidental em torno de Roma; o islamismo em torno de Meca. A reverência conjunta, feita três vezes ao dia, da comunidade maometana em todo o mundo, com cada um de seus membros apontando, como os raios de uma roda do tamanho do mundo, para a Caaba convergente, constrói um vasto e vivido símbolo da "submissão" *(islam),* de cada um e de todos, à vontade de Alá. "Pois é Ele", lemos no Corão, "que lhes mostrará a verdade de tudo o que vocês fazem."[53] Ou, mais uma vez, um grande templo pode ser estabelecido em qualquer lugar. Pois, afinal de contas, o Todo está em todos os lugares e qualquer lugar pode tornar-se a sede do poder. Qualquer folha de grama pode assumir, no mito, a figura do salvador, assim como pode conduzir o caminhante que aspira ao *sanctum sanctorum* do seu próprio coração.

O Centro do Mundo, portanto, é ubíquo. E, sendo ele a fonte de toda a existência, nele é gerada a plenitude do bem e do mal do mundo. A feiúra e a beleza, o pecado e a virtude, o prazer e a dor, são igualmente produção sua. "Aos olhos de Deus, tudo *é* normal e bom e justo", declara Heráclito; "mas os homens consideram algumas coisas certas e outras erradas."[54] Eis por que as imagens adoradas nos templos do mundo de modo algum são sempre belas, benignas ou mesmo necessariamente virtuosas. Tal como a divindade do Livro de Jó, elas ultrapassam em muito a escala dos valores humanos. E, da mesma forma, a mitologia não tem como seu maior herói o homem meramente virtuoso. A virtude não é senão o prelúdio pedagógico da percepção culminante, que ultrapassa todos os pares de opostos. A virtude subjuga o ego voltado para si mesmo e torna possível a convergência transpessoal; mas, quando esse estado *é* obtido, o que ocorre com a dor ou com o prazer, com o vício ou com a virtude, do nosso próprio ego ou de qualquer outro? Através de tudo, a força transcendente — que vive em tudo, que em tudo é prodigiosa, que em tudo é valiosa — da nossa profunda obediência é então percebida.

Pois, como declarou Heráclito: "Os diferentes são reunidos, e das diferenças resulta a mais bela harmonia, e todas as coisas se manifestam pela oposição"[55]. Ou, novamente, como nos diz o poeta Blake: *"The roaring of lions, the howling of wolves, the raging of the stormy sea, and the destructive sword, are portions of eternity too great for the eye of man"**[56].

(*) *"O rugir dos leões, o uivar dos lobos, o bramido do mar tempestuoso e a espada destrutiva são porções da eternidade demasiado grandes para o olho do homem." (N. do T.)*

Essa difícil questão *é* colocada de forma vivida numa história da terra iorubana (África ocidental), relativa à divindade da discórdia, Exu. Um dia, esse estranho deus vinha caminhando por uma trilha entre dois campos. "Ele viu, em cada um dos campos, um fazendeiro trabalhando e resolveu fazer uma brincadeira com eles. Pegou um chapéu vermelho de um lado, branco do outro, verde na frente e preto atrás (essas são as cores das quatro Faces do Mundo; isto é, Exu é uma personificação do Ponto Central, *axis mundi* ou Centro do

Mundo); assim, quando os dois fazendeiros amigos voltaram para casa e um deles disse: 'Você viu o velho que passou hoje de chapéu branco?', o outro replicou: 'Ora, mas o chapéu era vermelho'. O primeiro retorquiu: 'Nada disso, era branco'. 'Mas era vermelho', insistiu o amigo, 'eu o vi com meus próprios olhos.' 'Bem, você deve estar cego', declarou o primeiro. 'Você deve estar bêbado', afirmou o outro. E assim a discussão continuou e os dois chegaram às vias de fato. Quando começaram a se ferir, foram levados pelos vizinhos para serem julgados. Exu estava entre a multidão na hora do julgamento e, quando o juiz já não sabia o que fazer, o velho trapaceiro se revelou, disse o que fizera e mostrou o chapéu. 'Eles só podiam mesmo brigar', disse ele. 'Eu queria que isso acontecesse. Criar confusão é o que eu mais gosto.'"[57]

Ali onde o moralista se encheria de indignação e o poeta trágico, de piedade e horror, a mitologia transforma toda a vida numa vasta e horrenda *Divina comédia.* Seu riso olímpico de forma alguma é escapista, e sim duro; tem a dureza da própria vida — a qual, podemos dizer, é a dureza de Deus, o Criador. A mitologia, nesse sentido, leva a atitude trágica a parecer um tanto histérica e o mero julgamento moral, de visão limitada. Mas essa dureza é equilibrada pela garantia de que tudo aquilo que vemos não passa do reflexo de um poder que resiste, inacessível à dor. Assim, os contos são, a um só tempo, sem piedade e sem horror, cheios do gozo de um anonimato transcendente, que se observa a si mesmo no interior de todos os egos voltados para si mesmos e dedicados aos conflitos, egos que nascem e morrem no plano temporal.

Notas ao Prólogo

1. Clement Wood, Dreams: their meaning and practical application, *Nova York, Greenberg, Publisher, 1931, p. 124. "O material onírico contido neste livro", afirma o autor (p. viii), "é retirado primaria mente dos mais de mil sonhos que me foram submetidos à análise toda semana, vinculados à minha coluna diária distribuída pelos jornais do país. Esse material foi complementado por sonhos que analisei em minha prática privada." Em contraste com a maioria dos sonhos apresentados nas obras-padrão a respeito do assunto, os sonhos presentes nessa introdução popular a Freud vêm de pessoas que não estão se submetendo a análise. Eles são notavelmente ingênuos.*

2. Géza Róheim, The origin and function *of* culture (Nervous and Mental Disease Monographs, *n.° 69), Nova York, 1943, pp. 17-25.*

3. D. T. Burlingham, "Die Einfühlung des Kleinkindes im die Mutter", Imago, *XXI, p. 429; citado por Géza Róheim,* War, crime and the covenant (Journal *of* Clinicai Psychopathology, Monograph Series, *n.° 1), Monticello, Nova York, 1945, p. 1.*

4. Róheim, War, crime and the covenant, *p. 3.*

5. Freud, The interpretation of dreams *(traduzido por James Strachey), Standard Edition, IV; Londres, The Hogarth Press, 1953, p. 262. (Original: 1900.)*

6. Three essays on the theory of sexuality, III: "The transformations of the puberty" (traduzido por James Strachey), Standard Edition, VII; Londres, The Hogarth Press, 1953, p. 208. (Original: 1905.)

7. Sófocles, Édipo rei, *981-983.*

Apontou-se que o pai também pode ser experimentado como protetor, e a mãe, portanto, como tentação. Este é o caminho que leva de Édipo a Hamlet: "Oh! meu Deus! Poderia ficar confinado numa casca de noz e, mesmo assim, considerar-me-ia rei do espaço

infinito, não fossem os maus sonhos que tenho". (Hamlet, *segundo ato, cena II). "Todos os neuróticos", escreve o dr. Freud, "são Édipo ou Hamlet."*

No que se refere à filha (que é um caso um pouco mais complicado), a passagem seguinte servirá aos propósitos da presente exposição sumária: "Sonhei a noite passada que meu pai apunhalou minha mãe no coração. Ela morreu. Eu sabia que ninguém o acusava pelo que tinha feito, apesar de eu estar chorando amargamente. O sonho pareceu mudar, e ele e eu parecíamos estar indo viajar juntos e eu estava muito feliz". Eis o sonho de uma jovem solteira de vinte e quatro anos (Wood, op. cit., *p. 130).*

8. Wood, op. cit., *pp. 92-93.*

9. Em cerimônias de nascimento e de morte, os efeitos significativos são, na verdade, os que compõem a experiência dos pais e parentes. Todos os rituais de passagem pretendem atingir, não apenas o candidato, mas também todos os membros do seu círculo.

10. A. van Gennep, Les rites de passage, *Paris, 1909.*

11. Géza Róheim, The eternal ones of the dream, *Nova York, International Unívers*ities *Press, 1945, p. 178.*

12. C. G. Jung, Symbols of transformation *(traduzido por R. F. C. Hull), Collected Works, vol. 5; Nova York e Londres, 2." ed., 1967, par. 585. (Original: 1911-12,* Wandlungen und Symbole der Libido), *traduzido por Beatrice M. Hinkle sob o título de* Psychology of the unconscious, *1916. Revisado por Jung em 1952.*

13. Harold Peake e Herbert John Fleure, The way of the sea *e* Merchant venturers in Bronze, *Yale University Press, 1929 e 1931.*

14. Leo Frobenius, Das unbekannte Afrika, *Munique, Oskar Beck, 1923, pp. 10-11.*

15. Ovídio, Metamorfoses, *VIII, 132 ss.; IX, 736 ss.*

16. T. S. Eliot, The waste land, *Nova York, Harcourt, Brace and*

Company; Londres, Faber and Faber, 1922, 340-345.

17. Arnold J. Toynbee, A study of history, *Oxford University Press, 1934, vol. VI, pp. 169-175.*

18. "Formas ou imagens de natureza coletiva que se manifestam praticamente em todo o mundo como constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones e individuais de origem inconsciente." (C. G. Jung, Psychology and the religion, *Collected Works, vol. 11; Nova York e Londres, 1958, par. 88.) Escrito originalmente em inglês, 1937. (Ver também* Psychology types, *index.)*

Como o assinala o dr. Jung (Psychology and religion, *par. 89), a teoria dos arquétipos não é, de modo algum, invenção sua. Compare Nietzsche:*

"Em nosso sono, assim como em nossos sonhos, passamos por todo o pensamento da humanidade que veio antes de nós. Quero dizer, da mesma forma como raciocina em seus sonhos, o homem raciocinou, em estado desperto, há milhares de anos... O sonho nos faz retroceder a estados anteriores da cultura humana e nos fornece um meio de melhor compreendê-la." (Friedrich Nietzsche, Humana all too human, *vol. I, 13; citado por Jung,* Psychology and religion, *parágrafo 89, nota 17.)*

Compare a teoria das "idéias elementares" de natureza étnica, de Adolf Bastian. Essas idéias, em seu caráter psíquico primordial (correspondentes aos logoi spermatikoi *[palavras seminais] dos estóicos), devem ser consideradas "as idéias germinais de caráter espiritual (ou psíquico), a partir das quais toda a estrutura social foi desenvolvida organicamente" e, como tais, podem servir de base à pesquisa indutiva* (Etnische Elementargedankan in der Lehre von Menchen, *Berlim, 1895, vol. I, p. ix).*

Compare também Franz Boas: "Desde a abrangente discussão de Waitz em torno da questão da unidade da espécie humana, não pode haver dúvidas de que, no essencial, as características mentais do homem são as mesmas em todo " mundo". (The mind of primitive man, p. *104* Copyright, *1911, da The Macmillan Company; usado com a permissão desta.) "Bastian viu-se levado a*

falar da aterradora monotonia das idéias fundamentais da humanidade em todo o globo" (ibid., *p. 155). "Certos padrões de idéias associadas entre si podem ser reconhecidos em todos os tipos de cultura"* (ibid., *p. 228). Compare ainda Sir James G. Frazer: "Não precisamos supor, como o fazem alguns pesquisadores da Antigüidade e dos tempos modernos, que os povos ocidentais tenham assimilado, da civilização mais antiga do Oriente, a concepção do Deus da Morte e da Ressurreição, assim como o ritual solene em que essa concepção era dramaticamente apresentada aos olhos dos fiéis. É mais provável que a semelhança passível de ser identificada, nesse sentido, entre as religiões do Oriente e as religiões do Ocidente não passe daquilo que denominamos, embora incorretamente, uma coincidência fortuita, o efeito de causas similares atuando da mesma maneira na constituição similar da mente humana em diferentes países e sob diferentes firmamentos".* (The golden bough, *edição em volume, p. 386.* Copyright *1922, da The Macmillan Company; usado com permissão desta.)*

Compare, por fim, Sigmund Freud: "Reconheci a presença do simbolismo nos sonhos desde o início. Mas somente aos poucos, e à medida que minha experiência aumentava, pude chegar a uma plena apreciação do seu alcance e importância; fi-lo sob a influência de ... Wilhelm Stekel ... Stekel chegou às suas interpretações dos símbolos por meio da intuição, graças a um dom peculiar que lhe permitia a compreensão direta deles... Os avanços da experiência psicanalítica levaram ao nosso conhecimento pacientes que demonstravam ter uma compreensão direta do simbolismo onírico desse tipo num grau surpreendente... Esse simbolismo não é peculiar aos sonhos, mas ê característico da ideação inconsciente, notadamente entre o povo, e é encontrado no folclore, nos mitos e lendas populares, nos idiotismos lingüísticos, na sabedoria proverbial e nos chistes comuns, num grau mais completo do que nos sonhos". (The interpretation of dreams, *traduzido por James Strachey, Standard Edition, V, pp. 350-351.)*

O dr. Jung assinala que tomou o termo arquétipo *de fontes clássicas: Cícero, Plínio, o* Corpus hermeticus, *Santo Agostinho, etc.* (Psychology and religion, *parágrafo 89). Bastian faz menção à correspondência entre sua própria teoria das "idéias elementares" e o conceito estóico de* logoi spermatikoi. *A tradição das "formas*

subjetivamente conhecidas" (sânscrito: antarjneyarüpa) *é, na verdade, coex-tensiva à tradição do mito, e constitui a chave para a compreensão e uso de imagens mitológicas — que aparecerão de forma abundante nos capítulos a seguir.*

19. Trata-se da tradução, feita por Géza Róheim, de um termo Aranda australiano, altjiranga mitjina, *O termo se refere aos ancestrais míticos que vagaram sobre a terra no tempo chamado* altjiranga nakala, *"ancestral era". A palavra* altjira *significa: (a) um sonho; (b) ancestral, seres que aparecem nos sonhos; e (c) uma história (Róheim,* The eternal one of the dream, *pp. 210-211)*

20. Deve-se apontar contra o professor Toynbee, todavia, o fato de ele ter deturpado seriamente o cenário mitológico ao anunciar o cristianismo como a única religião em que se faz presente o ensinamento dessa segunda tarefa. Todas *as religiões o apresentam, tal como ocorre com todas as mitologias e tradições folclóricas de todos os lugares. O professor Toynbee chega à sua deturpação graças a uma interpretação trivial e incorreta das idéias orientais de Nirvana, Buda e Bodhisatva, seguida do contraste desses ideais — sob a forma errônea como os interpretou — com uma releitura bastante sofisticada da idéia cristã de Cidade de Deus. Eis o que o induziu ao erro de supor que a salvação da atual situação mundial deve residir num retorno aos braços da Igreja Católica Romana.*

21. Frederick Pierce, Dreams and personality (Copyright *1931, da D. Appleton and Co., editores), pp. 108-109.*

22. Palavras inscritas na Porta do Inferno:

"Per me si va delia cita dolente, Per me si va nell'eterno dolore, Per me si va tra Ia Perduta Gente".

Dante, "Inferno", III, 1-3.

A tradução é de Charles Eliot Norton, The divine comedy of Dante Alighieri, *Boston e Nova York, Houghton Mifflin Company, 1902; essa e as demais citações são feitas com permissão dos editores.*

23. Compare Dante, "Inferno", IV, 76-84 (op. cit., *vol. I, p. 889): "[vi jorrar] riacho tão vermelho que ainda de seu rubor a*

lembrança me atormenta ... que as mulheres de má vida compartilham entre si".

24. Idem, *"Purgatório", XXVIII, 22-30* (op. cit., *vol. II, p. 214): "Um ribeiro... a deslizar para a esquerda, afagando com débeis ondas a erva debruçada às suas margens. Tão pura eu via essa linfa que, comparadas, as mais límpidas águas do mundo pareceriam turvas".*

25. O *Virgílio de Dante.*

26. "Aqueles que antigamente cantaram a Idade do Ouro e o seu feliz estado, situando no Parnaso lugar tão feliz, certamente pressentiam esse lugar em seus sonhos: aqui está a fonte da inocência da humanidade; aqui há primavera eterna, e eternos frutos, eis o néctar de que nos falam os poetas." ("Purgatório", XXVIII, 139-144; op. cit. *vol. II, p. 219.)*

27. Katha Upanishad, 3-14. (Minhas citações dos Upanixades, *salvo outras indicações, serão feitas de Robert Ernest Hume,* The thirteen principal Upanishads, translated from the sanskrit, *Oxford University Press, 1931.*

Os Upanixades são uma espécie de tratado hindu a respeito da natureza humana e do universo e formam uma parte posterior da tradição ortodoxa de especulação. A data mais remota se aproxima do século VIII a.C.

28. James Joyce, A portrait of the artist as a young man, *The Modem Library, Random House, Inc., p.* ***239.***

29. Aristóteles, Arte poética, *tradução de Ingram Bywater, com prefácio de Gilbert Murray, Oxford University Press, 1920, pp. 14-16.*

30. Robinson Jeffers, Roan Stallion, *Nova York, Horace Liveright, 1925, p. 20.*

31. Eurípides, Bacchae, *1017 (tradução de Gilbert Murray).*

32, Eurípides, The Cretans, *frag. 475,* apud *Porfírio,* De abstinentia, IV, 19, *tradução de Gilbert Murray. Veja-se a*

discussão desses versos feita por Jane *Harrison em* Prolegomena to a study of Greek reli-glon, 3ª *edição, Cambridge University Press, 1922, pp. 478-500.*

33, Ovídio, Metamorfoses, *XV, 165-167; 184-185 (tradução de Frank Justus Miller), Loeb Classical Library.*

34. Bhagavad-gita, *2:18 (tradução de Swami Nikhilananda) Nova York, 1944.*

35. O termo "monomito" ê de James Joyce, Finnegans wake, *Nova York, Viking Press, Inc., 1939, p. 581.*

36. Virgílio, Eneida, *VI, 892.*

37. Trata-se do mais importante momento da mitologia oriental, uma contraparte da Crucifixão do Ocidente. Buda sob a Árvore da Iluminação (a Árvore Bo) e Cristo na Sagrada Cruz (a Árvore da Redenção) são figuras análogas que incorporam um motivo arquetípico do Salvador do Mundo e da Árvore do Mundo, cuja origem vem da antigüidade imemorial. Muitas outras variantes do tema serão encontradas entre os episódios a seguir. O Ponto Imóvel e o Monte Calvário são imagens do Centro do Mundo ou Eixo do Mundo (veja-se p. 40, infra).

O *apelo à Terra como testemunha é representado, na arte budista tradicional, por imagens do Buda, na postura clássica de Buda, com a mão direita repousando sobre o joelho direito e com os dedos tocando ligeiramente o solo.*

38. Isso significa que apenas o caminho *da Iluminação, e não a Condição de Buda, Iluminação, pode ser comunicado. Essa doutrina da incomunicabilidade da Verdade, que está além dos nomes e das formas, é básica para as grandes tradições oriental e platônica. Enquanto as verdades da ciência são comunicáveis, em sua condição de hipóteses demonstráveis racionalmente, fundadas em fatos observáveis, o ritual, a mitologia e a metafísica são apenas guias para a via de uma iluminação transcendente, cujo último trecho deve ser percorrido individualmente, na própria experiência silenciosa de cada um. Eis porque uma das palavras sânscritas para sábio é* muni, *"o silencioso".* Sãkyamüní *(um dos títulos de Gautama Buda) significa "o silencioso ou sábio* (muni) *do clã*

Sakya". Embora o Buda seja fundador de uma religião mundial amplamente ensinada, o núcleo último de sua doutrina permanece oculto, necessariamente, no silêncio.

39. Amplamente resumido de Jataka, *Introdução, i, 58-75 (tradução de Henry Clarke Warren,* Buddhism in translations, Harvard Oriental Series, *n.° 3), Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1896, pp. 56-87, e do* Lalitavistara *conforme a versão de Ananda K. Coomaraswamy,* Buddha and the gospel of buddhism, *Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1916, pp. 24-38.*

40. Êxodo, 19:3-5.

41. Louis Ginzberg, The legends of the Jews, *Filadélfia, The Jewish Publication Society of America, 1911, vol. III, pp. 90-94.*

42. Essa aventura circular do herói aparece sob uma forma negativa nas histórias diluvianas, em que o herói não vai ao encontro da força, mas a força se eleva contra o herói, retornando em seguida. As histórias diluvianas existem nos quatro cantos da terra. Elas são parte integrante do mito arquetípico da história do mundo e pertencem, por conseguinte, à Parte II desta discussão: "O ciclo cosmogônico". O herói diluviano é um símbolo da vitalidade germinal do homem que sobrevive até mesmo aos piores surtos da catástrofe e do pecado.

43. Este livro não se preocupa com a discussão histórica dessa circunstância. Essa tarefa está reservada para um trabalho em preparação. Este livro faz um estudo comparativo, e não um estudo genético. Seu propósito é demonstrar a existência de paralelos essenciais entre os próprios mitos, assim como entre as interpretações e aplicações que os sábios anunciaram para eles.

44. Traduzido por Dom Ansgar Nelson, O.S.B., em The soul afire, *Nova York, Pantheon Books, 1944, p. 303.*

45. Citado por Epifânio, Adversus haereses, *xxvi, 3.*

46. Supra, p. 32.

47. Trata-se da serpente que protegeu o Buda na quinta semana

após ter ele obtido sua iluminação. Veja-se supra, *p. 33.*

48. Alice C. Fletcher, The Hako: a Pawnee ceremony, Twenty-second Annual Report, *Bureau of American Ethnology, parte 2, Washington, 1904, pp. 243-244.*

"Na criação do mundo", disse um alto sacerdote Pawenee a srta. Fletcher, explicando as divindades honradas na cerimônia, "determinou-se que houvesse poderes menores. Tirawa-atius, o poder onipotente, não poderia aproximar-se do homem, nem ser visto ou sentido por ele; por isso, permitiu-se a existência de poderes menores. A eles caberia a mediação entre o homem e Tirawa." (Ibid., *p. 27.)*

49. Veja-se Ananda K. Coomaraswamy, "Symholism of the dome", The Indian Historical Quarterly, *vol. XIV, n.º 1 (março, 1938).*

50. João, 6:55.

51. João, 10:9.

52. João, 6:57.

53. Corão, 5:108.

54. Heráclito, fragmento 102.

55. Heráclito, fragmento 46.

56. William Blake, The marriage of Heaven and Hell, *"Proverbs of Hell".*

57. Leo Frobenius, Und Afrika sprach.... *Berlim, Vita, Deutsches Verlagshaus, 1912, pp. 243-245. Compare o episódio impressionantemente similar contado sobre Odin (Wotan) na* Prose Edda, *"Skáldska- parmàl" I* (Clássicos Escandinavos, *vol. V. Nova York, 1929, p. 96). Compare também a ordem de Jeová, em Êxodo 32:27: "Cada homem cinja sua espada à cinta: passai, e tornai a passar, atravessando o campo duma porta à outra; e cada um mate seu irmão, seu amigo e o que lhe for mais chegado".*

Parte I

A aventura do herói

Capítulo I – A partida

1. O chamado da aventura

"Era uma vez, quando o desejo ainda era capaz de levar a alguma coisa, um rei cujas filhas eram belas. Mas sua filha mais jovem era tão bela que o próprio sol, que já havia visto tantas coisas, simplesmente se maravilhava cada vez que lhe banhava o rosto. Ora, havia nas proximidades do castelo desse rei uma imensa floresta negra; nessa floresta, sob uma velha tília, havia uma fonte. Quando o dia estava bem quente, a filha do rei ia à floresta e ficava sentada à beira da fria fonte. E, para passar o tempo, ela tomava de uma bola dourada, atirava-a para cima e pegava-a novamente. Essa era a brincadeira favorita da princesinha.

"Eis que um dia aconteceu de a bola dourada da princesa não cair na mãozinha estendida, passar por ela, tocar o chão e rolar diretamente para dentro da água. A princesa seguiu a bola com os olhos, mas esta desapareceu; e a fonte era tão profunda, mas tão profunda, que não era possível ver-lhe o fundo. E a princesinha começou a chorar, seu choro tornou-se cada vez mais alto e ela não encontrava consolo. Enquanto se lamentava dessa forma, eis que ouviu alguém que a ela se dirigia: 'Que está havendo, princesa? Estais chorando tanto que até uma pedra sentiria pena de vós'. Ela olhou em volta para ver de onde vinha a voz e deparou com um sapo cuja gorda e feia cabeça estava para fora da água. 'Oh! é você, velho Morador da Água', disse ela. 'Estou chorando por causa da minha bola dourada, que caiu na fonte.' 'Acalmai-vos, não choreis', respondeu o sapo. 'Certamente posso ajudar-vos. Mas o que me dareis se eu recuperar vosso brinquedo?' 'O que você quiser, caro sapo', disse ela; 'minhas roupas, minhas pérolas e jóias e até a coroa de ouro que uso.' O sapo replicou: 'Vossas roupas, vossas pérolas e jóias e vossa coroa de ouro eu não quero; mas se cuidardes de mim e

me fizerdes vossa companhia e parceiro de folguedos, se me deixardes sentar-me ao vosso lado à vossa pequena mesa, comer do vosso pequeno prato de ouro, beber de vossa pequena xícara, dormir em vossa pequena cama; se me prometerdes isso, mergulharei já e trarei vossa bola dourada'. 'Está certo', disse ela, 'prometo o que você quiser, desde que você me traga a bola de volta.' Mas ela pensou: 'Como tagarela esse simples sapo! Aí está ele na água, com sua própria espécie, e jamais poderá ser companhia para um ser humano'.

"Assim que obteve a promessa da princesinha, o sapo virou a cabeça, mergulhou e, pouco depois, voltou; trazia a bola na boca e atirou-a na grama. A princesa ficou radiante quando viu seu brinquedo querido. Ela o pegou e se afastou. 'Esperai, esperai', disse o sapo, 'levai-me convosco; não posso correr como vós.' Mas de que adiantou, embora coaxasse atrás dela o mais alto que podia? Ela não lhe deu a mínima atenção, dirigiu-se apressadamente para o palácio e logo havia se esquecido completamente do pobre sapo — que deve ter pulado de volta para a sua fonte.'"

Eis um exemplo de um dos modos pelos quais a aventura pode começar. Um erro — aparentemente um mero acaso — revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. Como Freud demonstrou[2], os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. E essas nascentes podem ser muito profundas — tão profundas quanto a própria alma. O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino. E assim, ao que parece, no conto de fadas descrito, o desaparecimento da bola é o primeiro indício de que algo sucederá à princesa, sendo o sapo o segundo, e a promessa não cumprida, o terceiro.

Como manifestação preliminar dos poderes que estão entrando em jogo, o sapo, que surgiu como por milagre, pode ser considerado o "arauto"; a crise do seu aparecimento é o "chamado da aventura". A mensagem do arauto pode ser viver, como ocorre no exemplo em questão, ou, num momento posterior da biografia, morrer. Ele pode anunciar o chamado

para algum grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa. Conforme o entende o místico, ele marca aquilo a que se deu o nome de "o despertar do eu"[3]. No caso da princesa do conto de fadas, significou apenas o surgimento da adolescência. Mas, pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau da vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração — um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar.

São típicas das circunstâncias do chamado a floresta negra, a grande árvore, a fonte murmurante e a repugnante e subestimada aparência do portador da força do destino. Reconhecemos nesse segmento os símbolos do Centro do Mundo. O sapo ou o pequeno dragão são a contraparte infantil da serpente do mundo inferior, cuja cabeça sustenta a terra e que representa os poderes demiúrgicos e geradores de vida do abismo. Ele vem com a bola dourada do sol, tendo as negras e profundas águas acabado de levá-la para baixo; nesse momento, lembramo-nos do grande Dragão Chinês do Oriente, que traz o sol nascente nas mandíbulas, ou do sapo, em cuja cabeça corre o belo jovem imortal, Han Hsiang — que traz numa cesta os pêssegos da imortalidade. Freud sugeriu que todos os momentos de ansiedade reproduzem os dolorosos sentimentos da primeira separação da mãe — a falta de fôlego, a congestão, etc, da crise do nascimento[4]. Inversamente, todos os momentos de separação e de novo nascimento produzem ansiedade. Seja a filha do rei, prestes a ser retirada da felicidade de sua unidade dual estabelecida com o Rei Papai, ou Eva, a filha de Deus, pronta a deixar o idílio do Paraíso, ou ainda o extremamente concentrado Futuro Buda, irrompendo pelos últimos horizontes do mundo criado, as mesmas imagens arquetípicas são ativadas, simbolizando o perigo, o restabelecimento das certezas, as provas, a passagem e a estranha santidade dos mistérios do nascimento.

O repugnante e rejeitado sapo ou dragão do conto de fadas

traz a bola do sol na boca; pois o sapo, a serpente, o rejeitado, é o representante daquela profunda camada inconsciente ("tão profunda que não é possível ver-lhe o fundo") em que são guardados todos os fatores, leis e elementos da existência rejeitados, não admitidos, não reconhecidos, desconhecidos ou subdesenvolvidos. Essas são as pérolas dos palácios submarinos das fábulas, cheios de gênios, trintões e guardiães das águas; as jóias que iluminam as cidades demoníacas do mundo interior; as sementes de fogo do oceano de imortalidade, que suporta a terra e a cerca como uma cobra; as estrelas do firmamento da noite imortal. São elas as pepitas de ouro do tesouro do dragão; as maçãs guardadas pelas Hespérides; os filamentos do Velocino de Ouro. O arauto ou agente que anuncia a aventura, por conseguinte, costuma ser sombrio, repugnante ou aterrorizador, considerado maléfico pelo mundo; e, no entanto, se prosseguirmos, o caminho através dos muros do dia, que levam à noite em que brilham as jóias, nos será aberto. O arauto pode ser um animal (como no conto de fadas), representante da fecundidade instintiva reprimida que está dentro de nós. Pode ser igualmente uma figura misteriosa coberta por um véu — o desconhecido.

Conta-se, por exemplo, a história do rei Artur, que se preparou com muitos cavaleiros para a caça. "Tão logo chegou à floresta, o rei viu um grande cervo. Caçarei esse cervo, disse o rei Artur, e, ato contínuo, esporeou o cavalo com tal fúria, e cavalgou com tal velocidade, que praticamente conseguiu, pela força, alcançar o cervo; o rei perseguira o cervo por tanto tempo que seu cavalo perdeu o fôlego e foi ao chão, morto; e então um criado lhe preparou outro cavalo. E o rei viu o cervo escondido e seu cavalo, morto; ele chegou a uma fonte e ali se pôs em profunda reflexão. E, ali sentado, o rei pensou ter ouvido um ruído de cães, de três dezenas de cães. E, com isso, o rei viu aproximar-se de si o animal mais estranho que já vira ou de que já lhe haviam falado; e o animal foi ao poço e bebeu. De sua barriga vinha o ruído de trinta parelhas de cães latindo ao mesmo tempo em perseguição à caça; mas, durante o tempo em que bebeu, não fez nenhum barulho. Tendo bebido, o animal se foi, com um grande ruído, que muito admirou o rei."[5]

Temos também o caso — de uma parte bem distinta do mundo — de uma garota Arapaho das planícies norte-americanas. Ela viu um porco-espinho próximo de um choupo. Tentou atingir o animal, mas este correu para trás da árvore e começou a subir. A garota o perseguiu, a fim de pegá-lo, mas ele continuou fora do seu alcance. "Está bem!", disse ela, "vou subir para pegar o porco-espinho, pois quero aqueles espinhos, e, se for preciso, subirei até a parte mais alta da árvore." O porco-espinho chegou ao topo da árvore, mas, quando a menina se aproximou e estava prestes a pegá-lo, o choupo subitamente se alongou e o porco-espinho continuou a subir. Olhando para baixo, a menina viu seus amigos chamando por ela e pedindo-lhe que descesse; mas ela, sob a influência do porco-espinho, e temerosa da grande distância que a separava do solo, continuou a subir na árvore, até tornar-se, para aqueles que a olhavam de baixo, um pontinho. E, junto com o porco-espinho, ela chegou ao céu[6].

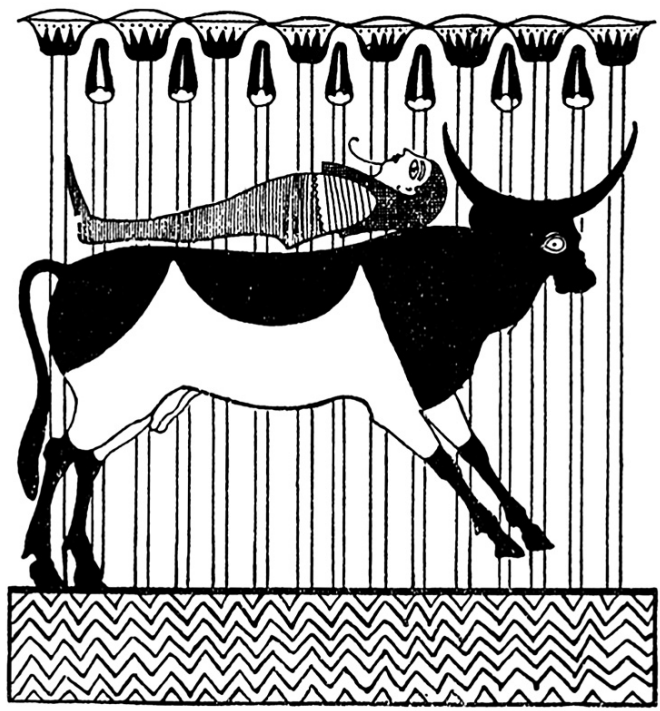


Figura 3 — Osíris, sob a forma de um touro, transporta seu adorador para o mundo inferior.

Dois sonhos serão suficientes para ilustrar o surgimento espontâneo da figura do arauto na psique que está pronta para a transformação. O primeiro deles é o de um jovem que busca o caminho para uma nova orientação no mundo:

"Estou numa pradaria verdejante em que vários carneiros estão pastando. É a 'terra dos carneiros'. Na terra dos carneiros, uma desconhecida, de pé, aponta o caminho"[7].

O segundo sonho é de uma jovem, cuja companheira morrera recentemente, vítima de uma consunção; a sonhadora teme estar acometida da mesma doença:

"Eu estava num florescente jardim; o sol estava prestes a se pôr, com cintilações vermelhas como sangue. Então, surgiu diante de mim um nobre cavaleiro negro, que me falou, numa voz muito séria, profunda e assustadora: 'Vireis comigo?' Sem esperar resposta, pegou-me a mão e me levou"[8].

Mito ou sonho, há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia. O elemento que tem de ser encarado, e que, de alguma forma, é profundamente familiar ao inconsciente — apesar de desconhecido, surpreendente e até assustador para a personalidade consciente —, se dá a conhecer; e aquilo que antes tinha sentido pode tornar-se estranhamente sem valor, tal como ocorreu com o mundo da filha do rei, quando do súbito desaparecimento da bola dourada na fonte. Daí por diante, mesmo que o herói retorne, por algum tempo, às suas ocupações corriqueiras, é possível que estas se lhe afigurem sem propósito. E, então, uma série de indicações de força crescente se tornará visível, até que — tal como na lenda dos Quatro Sinais, contada a seguir, que é o exemplo mais celebrado do chamado da aventura na literatura mundial — a convocação já não possa ser recusada.

O jovem príncipe Gautama Sakyamuni, o Futuro Buda, havia sido protegido por seu pai de todo o conhecimento sobre o envelhecimento, a doença, a morte ou a vida monástica, para que não fosse levado a pensar em renunciar à vida comum; pois havia sido profetizado, quando do nascimento do príncipe, que ele seria imperador do mundo ou Buda. O rei — pretendendo favorecer a vocação real — deu a seu filho três palácios e quarenta mil dançarinas para manter-lhe a mente ligada ao mundo. Mas essas providências só serviram para antecipar o inevitável; pois o príncipe, ainda muito jovem, se cansou dos prazeres carnais, ficando pronto para a outra experiência. No momento certo, os arautos adequados automaticamente apareceram:

"Certo dia, o Futuro Buda resolveu ir ao parque e pediu ao criado que lhe preparasse a carruagem. O homem lhe preparou uma, suntuosa e elegante, e tendo-a adornado ricamente, atrelou a ela quatro cavalos da raça Sindhava, brancos como as pétalas do lótus branco, e anunciou ao Futuro Buda que estava tudo pronto. E este entrou na carruagem, que era como um palácio dos deuses, e seguiu para o parque.

"'Chegou o tempo da iluminação do príncipe Siddharta', pensaram os deuses; 'devemos dar-lhe um sinal'; e eles transformaram um dos seus num velho decrépito, desdentado, grisalho, de corpo alquebrado, que se apoiava numa bengala e tremia, e o mostraram ao Futuro Buda, mas de maneira que apenas este e o condutor da carruagem o vissem.

"E então o Futuro Buda disse ao condutor: 'Meu amigo, por favor, quem é esse homem? Mesmo seus cabelos são diferentes dos cabelos de outros homens'. E, quando ouviu a resposta, disse: 'Amaldiçoada juventude, pois todos os que nascem devem envelhecer'. E, com o coração agitado, retornou ao palácio.

"'Por que meu filho voltou tão cedo?', perguntou o rei.

"'Senhor, ele viu um ancião', foi a resposta; 'e, como viu um ancião, está para retirar-se do mundo.'

"'Vocês querem me levar à morte, dizendo-me essas coisas?

Preparem imediatamente alguns espetáculos para apresentar ao meu filho. Se conseguirmos lhe dar prazer, ele cessará de pensar em retirar-se do mundo.' E o rei colocou guardas adicionais em torno do palácio, alcançando meia légua em cada direção.

"Em outro dia, quando estava indo para o parque, o Futuro Buda viu um enfermo — criado pelos deuses. E, tendo perguntado outra vez, retornou, com o coração agitado, para o palácio.

"E o rei fez a mesma pergunta e deu a mesma ordem; e, mais uma vez, estendeu a guarda, colocando-a por três quartos de légua em torno do palácio.

"E ainda num outro dia, quando estava indo para o parque, o Futuro Buda viu um morto, que os deuses tinham criado; e, tendo perguntado mais uma vez, ele retornou, com o coração agitado, ao palácio.

"E o rei novamente fez a mesma pergunta e deu as mesmas ordens e, mais uma vez, estendeu a guarda do palácio, desta feita por uma légua.

"E num outro dia ainda, quando estava indo para o parque, o Futuro Buda viu um monge, vestido de forma cuidadosa e decente, feito pelos deuses; e ele perguntou ao condutor: 'Por favor, quem é esse homem?' 'Senhor, é um homem que se retirou do mundo.' E o condutor prosseguiu, mostrando os méritos do afastamento do mundo. A idéia de retirar-se do mundo era muito agradável aos olhos do Futuro Buda."[9]

Esse primeiro estágio da jornada mitológica — que denominamos aqui "o chamado da aventura" — significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos

inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura, como fez Teseu ao chegar à cidade do seu pai, Atenas, e ouvir a horrível história do Minotauro; da mesma forma, pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno, como ocorreu com Ulisses, levado Mediterrâneo afora pelos ventos de um deus enfurecido, Posêidon. A aventura pode começar como um mero erro, como ocorreu com a aventura da princesa do conto de fadas; igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem. Os exemplos podem ser multiplicados, *ad infinitum,* vindos de todos os cantos do planeta[10].

2. A recusa do chamado

Com freqüência, na vida real, e com não menos freqüência, nos mitos e contos populares, encontramos o triste caso do chamado que não obtém resposta; pois sempre é possível desviar a atenção para outros interesses. A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela "cultura", o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva. Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá uma impressão de falta de sentido — mesmo que, tal como o rei Minos, ele possa, através de um esforço tirânico, construir um renomado império. Qualquer que seja, a casa por ele construída será uma casa da morte; um labirinto de paredes ciclópicas construído para esconder dele o seu Minotauro. Tudo o que ele pode fazer é criar novos problemas para si próprio e aguardar a gradual aproximação de sua desintegração.

"Pois eu vos chamei e vós não quisestes ouvir-me... Pois eu também me rirei na vossa morte; e zombarei de vós quando vossos temores se realizarem; quando vos assaltar a calamidade repentina e a morte vos colher como um temporal; quando vier sobre vós a tribulação e a angústia." "A aversão dos simples os matará e a prosperidade dos insensatos os destruirá." "

Time Jesum transeuntem et non revertentem: "Temei a passagem de Jesus, pois ele não retorna"[12].

Os mitos e contos de fadas de todo o mundo deixam claro que a recusa é essencialmente uma recusa a renunciar àquilo que a pessoa considera interesse próprio. O futuro não é encarado em termos de uma série incessante de mortes e

nascimentos, e sim em termos da obtenção e proteção do atual sistema de ideais, virtudes, objetivos e vantagens. O rei Minos manteve consigo o touro divino, quando o sacrifício teria significado submissão à vontade do deus de sua sociedade; ele preferiu aquilo que considerava ser a própria vantagem econômica. E, assim, ele fracassou na assunção do papel que lhe cabia na vida — e vimos os efeitos calamitosos desse fracasso. A própria divindade tornou-se seu terror; pois, evidentemente, se cada um for o seu próprio deus, então o próprio Deus, Sua vontade, o poder que destruiria o sistema egocêntrico de cada um, se transformará num monstro.

"I fled Him, down the nights and down the days;

I fled Him, down the arches of the years; I fled Him, down the labyrinthine ways

Of my own mind; and in the mist of tears I hid from Him, and under running laughter."[13] *

(*) "Fugi d'Ele, noite e dia; / Fugi d'Ele, ano após ano; / Fugi d'Ele, pelos caminhos labirínticos / Da minha própria mente; e, em meio às lágrimas, / Escondi-me d'Ele, e sob as torrentes de riso." (N. do T.)

Somos perseguidos, dia e noite, pelo divino ser que é a imagem do eu vivo presente no labirinto fechado da nossa própria psique desorientada. Os caminhos para as portas se perderam; não há saída. Podemos apenas nos apegar, como Satã, furiosamente, a nós mesmos e ficar no inferno; ou então nos soltar, e terminar por ser aniquilados, buscando Deus.

"Ah, fondest, blindest, weakest,

I am He Whom thou seekest!

Thou dravest love from thee, who dravest Me."[14] *

(*) "Ah, ó mais tolo, insensato e fraco dos homens, / Sou Aquele a Quem procuras! / Expulsas o amor de ti, que expulsas a mim." (N. do T.)

A mesma voz misteriosa e dilacerante seria ouvida no chamado do deus grego Apoio à ninfa em fuga, Dafne, filha do rio Peneu, quando a perseguia na planície. "Ó ninfa, ó filha de Peneu, ficai!", disse-lhe a divindade — tal como o sapo para a princesa do conto de fadas; "Eu que vos persigo não sou inimigo. Não sabeis de quem fugis e por isso fugis. Correi mais devagar, eu vos imploro, e interrompei vossa fuga. Eu também vos seguirei mais devagar. Ou melhor, parai e perguntai quem vos ama."

"Ele teria dito mais", diz a história, "mas a ninfa seguiu amedrontada seu caminho e o deixou sem terminar e, mesmo na fuga, era bela. O vento lhe despiu os membros, as brisas agitaram-lhe as vestes e os cabelos. Sua beleza foi realçada pela fuga. Mas a perseguição estava por chegar ao fim, pois o jovem deus já não perderia seu tempo com palavras e, movido pelo amor, correu a toda a velocidade. Como um cão de caça que vê uma lebre em campo aberto e que persegue a presa com a rapidez de um raio, enquanto a lebre busca segurança — ele, prestes a aproximar-se dela, crê já tê-la alcançado e já lhe toca os calcanhares com o focinho estendido; ela, sem saber se foi ou não pega, escapa por pouco às afiadas presas, deixando para trás suas mandíbulas —, assim correram o deus e a ninfa, ele movido pela esperança, e ela, pelo medo. Mas ele corria mais rapidamente, levado pelas asas do amor, sem lhe dar tempo para descansar, debruçando-se sobre os ombros em fuga e cheirando-lhe os cabelos que lhe caíam pela nuca. As forças da ninfa se esgotaram, e esta, pálida de medo e completamente exausta pelo esforço de sua desabalada carreira, vendo as águas do pai nas proximidades, exclamou: 'Ó pai, ajudai-me! Se há em vossas águas divindade, transformai e destruí essa beleza que me dá esse encanto excessivo'. Tão logo implorou, eis que um irresistível entorpecimento tomou-lhe conta dos membros e ela se viu envolvida por uma fina casca. Seu cabelo foi transformado em folhas, seus braços, em ramos. Os pés, agora muito rápidos, transformaram-se em profundas raízes e a cabeça, em copa de árvore. Restou apenas sua resplandecente beleza."[15]

Eis, com efeito, um final doloroso e sem recompensas.

Apoio, o sol, senhor do tempo e do amadurecimento, não continuou sua assustadora perseguição; em lugar disso, apenas tornou o loureiro sua árvore favorita e, ironicamente, recomendou o uso de suas folhas para a feitura das coroas de vitória. A moça se refugiou na imagem do pai e ali encontrou proteção — tal como o marido fracassado, impedido pelo seu sonho de amor materno de viver em união com a mulher[16].

A literatura psicanalítica apresenta abundantes exemplos dessas fixações desesperadas. Essas fixações representam uma impotência em abandonar o ego infantil, com sua esfera de relacionamentos e ideais emocionais. Estamos aprisionados pelos muros da infância; o pai e a mãe são guardiães das vias de acesso, e a atemorizada alma, temendo alguma punição[17], não consegue passar pela porta e alcançar o nascimento no mundo exterior.

O dr. Jung relatou um sonho que se assemelha muito estreitamente à imagem do mito de Dafne. O sonhador é o mesmo jovem que esteve *(supra,* p. 64) na terra dos carneiros — isto é, na terra da dependência. Uma voz dentro dele diz: "Primeiro devo afastar-me do pai"; e, algumas noites depois: "Uma cobra traça um círculo em torno do sonhador e ele permanece como uma árvore, preso à terra"[18]. Trata-se de uma imagem do círculo mágico traçado pelo poder do dragão em torno da personalidade do pai objeto da fixação[19]. Brunhilda, da mesma forma, teve sua virgindade protegida, aprisionada em sua condição de filha durante anos, pelo círculo de fogo do superpai, Wotan. Ela dormiu, alijada do tempo, até a chegada de Siegfried.

Briar Rose (a Bela Adormecida) foi posta para dormir por uma bruxa má (uma imagem inconsciente de mãe má). E não apenas ela, mas todo o seu mundo, adormeceu; mas, por fim, "após muitos e muitos anos", um príncipe a despertou. "O rei e a rainha (a imagem consciente dos pais bons), que acabavam de chegar e entravam no vestíbulo, adormeceram, e, com eles, todo o reino. Os cavalos dormiam nos estábulos, os cães, nos canis, os pombos, no telhado, as moscas, nas paredes. O fogo que ardia na lareira aumentou e se extinguiu e o assado parou de exalar. E o cozinheiro, que estava prestes a puxar as orelhas

do auxiliar porque este havia se esquecido de algo, deixou-o ir e adormeceu. E o vento parou e nenhuma folha se mexia nas árvores. E, em torno do palácio, começou a crescer um espinheiro, que a cada ano aumentava e que terminou por cobrir todo o reino. Ele se elevou acima do castelo, de modo que nada mais se via, nem mesmo o cata-vento no telhado."[20]

Uma cidade persa, certa vez, foi "emparedada na pedra" — o rei e a rainha, os soldados, os habitantes, todos — porque seu povo recusou o chamado de Alá[21]. A esposa de Lot tornou-se uma estátua de sal porque olhou para trás quando era retirada da cidade por Jeová[22]. Há ainda a história do Judeu Errante, condenado a permanecer na terra até o Dia do Juízo, por ter dito, quando Cristo passava por ele carregando a cruz, em meio às pessoas que se postavam ao longo do caminho: "Mais rápido! Um pouco mais rápido!" O Salvador, não reconhecido e insultado, virou-se e lhe disse: "Vou, mas esperarás por mim até que eu retorne"[23].

Algumas das vítimas se mantêm enfeitiçadas para sempre (pelo menos até onde chega nosso conhecimento), mas outras estão destinadas a ser salvas. Brunhilda foi preservada para o seu herói e Briar Rose foi salva por um príncipe. Da mesma forma, o jovem transformado em árvore mais tarde sonhou com a mulher desconhecida que indicava o caminho, como um misterioso guia de caminhos desconhecidos[24]. Nem todos os que hesitam se perdem. A psique reserva muitos segredos, que só são revelados quando necessário. E assim, às vezes, o castigo que se segue a uma recusa obstinada ao chamado mostra ser a ocasião da providencial revelação de algum princípio insuspeitado de liberação.

A introversão voluntária, na realidade, é uma das marcas clássicas do gênio criador e pode ser empregada deliberadamente. Ela impulsiona as energias psíquicas para as camadas profundas e ativa o continente perdido das imagens inconscientes infantis e arquetípicas. O resultado, com efeito, pode ser uma desintegração mais ou menos completa da consciência (neurose, psicose: o destino de Dafne enfeitiçada); mas, por outro lado, se a personalidade for capaz de absorver e integrar as novas forças, experimentará um grau quase sobre-

humano de autoconsciência e de autocontrole superiores. Trata-se de um princípio básico das disciplinas indianas da ioga. Também foi o caminho de muitos espíritos criativos do Ocidente[25]. Ela não pode ser descrita, na verdade, como resposta a nenhum chamado específico. Trata-se antes de uma deliberada e extraordinária determinação de só dar a mais profunda, elevada e rica resposta à exigência, ainda desconhecida, de algum vazio interior expectante; uma espécie de recusa total, ou rejeição dos termos de vida oferecidos. Como resultado, algum poder de transformação leva o problema a um plano de novas magnitudes, onde ele é súbita e finalmente resolvido.

Há um aspecto do problema do herói que está ilustrado na prodigiosa aventura das Noites Árabes, a do príncipe Kamar al-Zaman e da princesa Budur. O jovem e belo príncipe, filho único do rei Shahriman da Pérsia, recusou persistentemente as repetidas sugestões, pedidos, exigências e, finalmente, injunções do pai para que seguisse o caminho normal e desposasse uma mulher. Da primeira vez que o assunto lhe foi apresentado, o rapaz respondeu: "Pai, saiba que não desejo casar-me e que meu espírito não se inclina para as mulheres; pois sobre seus artifícios e perfídias li muitos livros e ouvi muitas conversas e sei mesmo o que disse o poeta:

"'Ora, se de mulher me perguntam, replico: — Em seus negócios sou um sábio raro! Quando a cabeça do homem se torna cinzenta e seu dinheiro acaba, Nenhuma afeição se obtém delas'.

"E outro disse:

"'Rebelai-vos contra as mulheres e assim servireis mais a Alá; O jovem que entregar as rédeas às mulheres deve abandonar a esperança de elevar-se. Elas o impedirão de buscar coisas elevadas, ó Excelso, E o privarão de mil anos de estudo da ciência e da sabedoria'."

E, tendo terminado seus versos, prosseguiu: "Pai, o casamento *é* algo com que jamais consentirei; não, mesmo que eu beba do cálice da morte".

Quando ouviu essas palavras do filho, o sultão Shahriman viu a própria vista turvar-se e se encheu de tristeza; no entanto, graças ao grande amor que tinha pelo filho, desistiu de dizer-lhe quais eram seus desejos, não se mostrou irado e cercou-o de cuidados.

Um ano depois, o pai voltou a tocar na questão, mas o jovem persistiu na recusa, citando mais versos dos poetas. O rei consultou o vizir e o ministro lhe deu o seguinte conselho: "Ó rei, esperai outro ano e, se vos for penoso tratar com ele da questão do casamento, não lhe faleis em particular, mas dirigi-vos a ele num momento de cerimônia pública, quando todos os emires e vizires estiverem em vossa presença com todo o exército. E, quando todos estiverem reunidos, mandai chamar vosso filho, Kamar al-Zaman; quando ele chegar, falai-lhe da questão da casamento diante dos vizires e personalidades importantes, oficiais do Estado e capitães; pois ele certamente se sentirá envergonhado e constrangido pela presença deles e não se atreverá a opor-se à vossa vontade".

Todavia, quando chegou o momento e o rei Shahriman deu a ordem diante da assembléia, o príncipe balançou a cabeça por algum tempo; então levantou-a na direção do pai e, movido pela loucura da juventude e pela ignorância da infância, replicou: "Juro que jamais me casarei; não, mesmo que eu beba do cálice da morte! Quanto a vós, tendes grande idade e pequena sabedoria; pois não me questionastes, por duas vezes, antes desta ocasião, sobre o assunto do casamento, tendo eu recusado o consentimento? Sim, certamente o fizestes. Não sois capaz de governar nem mesmo um rebanho de carneiros!" Assim dizendo, Kamar al-Zaman retirou as mãos das costas e arregaçou as mangas diante do pai, tomado de fúria; além disso, disse muitas coisas ao seu senhor, sem saber o que fazia, tal a perturbação do seu espírito.

O rei ficou confuso e envergonhado, pois isso ocorria na presença dos seus dignitários e chefes de armas, reunidos numa grande ocasião festiva e cerimoniosa do Estado; mas, imediatamente, imbuído da majestade do cargo, o rei replicou ao filho, fazendo-o tremer. E então chamou os guardas que se encontravam diante dele e ordenou: "Prendam-no!" É eles se

aproximaram, puseram-lhe as mãos em cima, prendendo-o, e o levaram aos pés do seu senhor, que lhes ordenou que lhe mantivessem os cotovelos para trás e, nessa posição, o fizessem ficar diante de sua presença. E o príncipe baixou a cabeça, temeroso e apreensivo, com a testa e a face molhadas e gotejantes de suor; a vergonha e a confusão o perturbavam profundamente. E o seu pai o recriminou, dirigiu-lhe impropérios, e exclamou: "Amaldiçoado sejas, filho do adultério e nutridor da abominação! Como ousas responder-me dessa forma diante dos meus capitães e soldados? Pois se até agora não recebes te nenhum castigo! Acaso não sabes que o que fizeste seria a desgraça de qualquer súdito meu?" E o rei ordenou aos seus mamelucos que o amarrassem e o aprisionassem numa das masmorras da cidadela.

E os mamelucos conduziram o príncipe e o prenderam numa velha torre, na qual havia um gasto salão em cujo centro se encontrava uma fonte em ruínas, e, tendo-o varrido e limpado o telhado, colocaram um catre e, nele, um colchão, um cobertor e um travesseiro. E ali colocaram um grande lume e um candeeiro de cera, pois o local era escuro, mesmo durante o dia. Por fim, os mamelucos levaram Kamar al-Za-man para o cômodo, deixando um eunuco à porta. Depois de tudo isso, o príncipe atirou-se sobre o catre, amargurado e com um peso no coração, culpando-se a si mesmo e arrependendo-se de sua conduta injuriosa para com o pai.

Enquanto isso, no distante império da China, a filha do rei Ghayur, Senhor das Ilhas e dos Mares e dos Sete Palácios, passava por experiência semelhante. Quando sua beleza se tornara conhecida e seu nome e fama correram os países próximos, todos os reis se dirigiram ao seu pai e a pediram em casamento. Ele a consultara sobre o assunto, mas ela demonstrara desgosto até com a palavra "casamento": "O meu pai", respondera ela, "não pretendo casar-me; não, de forma alguma; pois sou uma senhora soberana e uma rainha suserana que reina sobre homens, e não desejo um homem que reine sobre mim". E, quanto mais ela recusava pretendentes, tanto mais aumentava a ansiedade deles, e toda a realeza das ilhas internas da China lhe enviava presentes e raridades, assim como

cartas que a pediam em casamento. E o rei a pressionou repetidas vezes, aconselhando-a sobre a questão. Mas ela sempre opôs uma obstinada resistência à idéia e terminou por voltar-se para ele, irada, exclamando: "Ó meu pai, se me falardes outra vez de matrimônio, irei para o quarto, tomarei de uma espada e, fixando-lhe o cabo no solo, voltarei sua ponta para o meu ventre e a pressionarei, até que me atravesse e me mate".

Ora, quando ouviu essas palavras, o rei viu turvar-se sua vista, e seu coração se encheu de um doloroso fogo, como se estivesse em chamas, pois temeu que ela se matasse; e ficou perplexo com sua atitude diante dos reis seus pretendentes. E disse-lhe: "Se está determinada a não te casares e se não mudas de opinião, abstém-te de sair e de entrar". E ele a colocou numa casa e a prendeu num quarto, colocando dez anciãs a guardá-la, e a proibiu de ir aos Sete Palácios. Além disso, fez saber que estava descontente com a filha e enviou cartas a todos os reis, comunicando-lhes que ela havia sido atingida pela loucura trazida pelos Fênios[26].

Tendo o herói e a heroína seguido o caminho negativo, e tendo eles entre si o continente asiático, será necessário um milagre para consumar a união desse par eternamente predestinado. Até onde pode um tal poder chegar para quebrar o encanto que nega a vida e acabar com a ira dos dois pais pertencentes ao universo da infância?

A resposta a essa pergunta seria a mesma em todas as mitologias do mundo. Pois, como está inscrito tão freqüentemente nas sagradas páginas do Corão: "É poderoso o trabalho de salvação de Alá". A única questão reside no mecanismo de operação do milagre. E esse é um segredo que só será desvelado nos estágios seguintes dessas Noites Árabes.

3. O auxílio sobrenatural

Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com freqüência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se.

Uma tribo do leste africano, os Wachagas de Tanganica, por exemplo, conta a história de um homem muito pobre, chamado Kyazimba, que, em desespero, se pôs a buscar a terra em que nasce o sol. Após ter viajado longamente, abatido pelo cansaço, o homem ficou simplesmente parado, olhando sem esperanças em direção ao local que buscava. De repente, percebeu que alguém se aproximava por trás dele. Voltou-se e viu uma pequena mulher decrépita. Ela se aproximou e quis saber o que ele fazia. Quando ele lhe disse, ela o envolveu em suas vestes e, afastando-se velozmente da terra, transportou-o ao zênite, onde o sol descansa ao meio-dia. E então, numa grande bulha, um grande grupo de homens veio do leste para aquele lugar. No meio deles havia um ilustre chefe que, quando o homem chegou, abateu um boi e sentou-se para comemorar com seus companheiros. A anciã pediu a ajuda do chefe para Kyazimba. O chefe o abençoou e o mandou para casa. Diz-se que Kyazimba viveu em prosperidade desde então[27].

Entre os índios americanos do sudoeste, a personagem favorita que desempenha esse papel benigno é a Mulher-Aranha — uma pequena senhora, com aparência de avó, que vive debaixo da terra. Os Deuses Gêmeos da Guerra dos Navajos, quando se dirigiam para a casa do seu pai, o Sol, pouco depois de partirem de sua casa, seguindo uma trilha sagrada, cruzaram

com essa prodigiosa pequena figura: "Os garotos seguiam rapidamente pela trilha sagrada e, pouco depois de o sol se levantar, perto de Dsilnaotil, viram fumaça se elevando da terra. Eles se dirigiram para o local de onde a fumaça se elevava e viram que ela vinha da chaminé de uma câmara subterrânea. Uma escada, enegrecida pela fumaça, se projetava da chaminé. Olhando para a câmara, viram uma anciã, a Mulher-Aranha, que os mirou e disse: 'Bem-vindas, crianças. Entrem. Quem são vocês e de onde vieram, caminhando juntas?' Eles não responderam, mas desceram a escada. Quando alcançaram o solo, ela mais uma vez lhes falou, perguntando: 'Para onde vão vocês, caminhando juntos?' 'Para nenhum lugar em particular', eles responderam, 'chegamos aqui porque não tínhamos outro lugar para ir.' Ela fez a pergunta quatro vezes e sempre obteve uma resposta semelhante. E então disse: 'Será que vocês estão procurando seu pai?' 'Sim', responderam eles, 'se pelo menos soubéssemos onde ele mora.' 'Ah!', disse a mulher, 'é um caminho longo e perigoso o que leva à casa de seu pai, o Sol. Há muitos monstros que habitam nele e é possível que, quando vocês chegarem lá, o pai de vocês possa não gostar de vê-los e os puna por terem ido lá. Vocês têm que passar por quatro locais perigosos — as rochas que esmagam o viajante, os juncos que o fazem em pedaços, os cactos que o retalham e as areias escaldantes que o recobrem. Mas eu lhes darei algo que vencerá os seus inimigos e lhes preservará a vida.' Ela lhes deu um amuleto chamado 'pena dos deuses alienígenas', que consistia em um arco com duas penas vivas (tiradas de uma águia viva), e outra, para preservar a existência deles. Ela também lhes ensinou uma fórmula mágica, que, se repetida diante dos inimigos, venceria sua ira: 'Baixem os pés com pólen. Baixem as mãos com pólen. Baixem a cabeça com pólen. Então seus pés são pólen; suas mãos são pólen; seu corpo é pólen; sua mente é pólen; sua voz é pólen. A trilha é bela. Fiquem parados'."[28]

A anciã solícita e fada-madrinha é um traço familiar das lendas e dos contos de fadas europeus; nas lendas dos santos cristãos, o papel costuma ser desempenhado pela Virgem, que, pela sua intercessão, pode obter a misericórdia do Pai. A Mulher-Aranha, com sua rede, pode controlar os movimentos do Sol. O herói que estiver sob a proteção da Mãe Cósmica nada

sofrerá. O fio de Ariadne trouxe Teseu de volta, com segurança, da aventura do labirinto. É este o poder orientador que permeia a obra de Dante, representado nas figuras femininas de Beatriz e da Virgem; ele aparece no *Fausto* de Goethe, sucessivamente, como Gretchen, Helena de Tróia e a Virgem. "És a fonte viva da esperança", louva Dante, ao final de sua passagem segura pelos perigos dos Três Mundos: "Senhora, és tão grande, tão poderosa, que pedir graças ao céu, sem teu auxílio, é o mesmo que desejar voar sem dispor de asas. Tua benignidade não socorre unicamente a quem ora, pedindo; mas antes, vezes sem conta, antecipa o pedido e a prece. Em ti misericórdia, piedade, munificência estão somadas a tanta bondade quanto possa existir, junta, em todas as criaturas"[29].

Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino. A fantasia é uma garantia — uma promessa de que a paz do Paraíso, conhecida pela primeira vez no interior do útero materno, não se perderá, de que ela suporta o presente e está no futuro e no passado (é tanto ômega quanto alfa) e de que, embora a onipotência possa parecer ameaçada pela passagem de limiares e pelos despertares da vida, o poder protetor está, para todo o sempre, presente ao santuário do coração, e até imanente aos elementos não familiares do mundo, ou apenas por trás deles. Basta saber e confiar, e os guardiães intemporais surgirão. Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as conseqüências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. Mãe Natureza, ela própria, dá apoio à prodigiosa tarefa. E, quando a ação do herói coincide com a ação para a qual sua própria sociedade está pronta, ele parece seguir o grande ritmo do processo histórico. "Senti-me", disse Napoleão no início de sua campanha russa, "levado na direção de um objetivo que eu desconhecia. Assim que o alcançasse, assim que eu me tornasse desnecessário, bastaria um átomo para me derrotar. Até então, nenhuma força da humanidade poderia agir contra mim."[30]

Não é tão incomum que o ajudante sobrenatural assuma a forma masculina. Nos contos de fadas, pode se tratar de algum ser que habite a floresta, algum mágico, eremita, pastor ou

ferreiro, que aparece para fornecer os amuletos e o conselho de que o herói precisará. As mitologias mais elevadas desenvolvem o papel na grande figura do guia, do mestre, do barqueiro, do condutor de almas para o além. No mito clássico, esse guia é Hermes-Mercúrio; no mito egípcio, costuma ser Tot (o deus em forma de íbis, o deus em forma de babuíno); e, na mitologia cristã, o Espírito Santo[31]. Goethe apresenta o guia masculino, no *Fausto,* como Mefistófeles — e não é incomum que o aspecto perigoso da figura "mercurial" seja enfatizado; pois ele é o condutor do espírito inocente para os reinos da provação. Na visão de Dante, o papel é desempenhado por Virgílio, que o passa para Beatriz no limiar do Paraíso. Protetor e perigoso, maternal e paternal, a um só tempo, esse princípio sobrenatural do agente de proteção e orientação reúne em si todas as ambigüidades do inconsciente — e por isso significa o apoio dado à nossa personalidade consciente por parte deste sistema mais amplo e, ao mesmo tempo, o caráter inescrutável do guia que seguimos, o que representa um perigo para todos os nossos fins racionais[32].

O herói ao qual esse tipo de auxiliar aparece é, tipicamente, o herói que atendeu ao chamado. O chamado foi, na verdade, o primeiro anúncio do aparecimento desse sacerdote iniciatório. Mas mesmo àqueles que endureceram seu coração, o guardião pode aparecer; pois, como vimos: "É poderoso o trabalho de salvação de Alá".

E assim aconteceu, como se por acaso, de haver, na velha e deserta torre onde Kamar al-Zaman, o príncipe persa, estava dormindo, uma velha fonte romana[33], habitada por uma Jinniyah descendente de Iblis, o Maldito. Essa Jinniyah, chamada Maymunah, era irmã de Al-Dimiryt, um renomado rei dos Jinn[34]. E enquanto Kamar al-Zaman continuava a dormir até a primeira vigília noturna, Maymunah saiu da fonte romana, buscando observar o firmamento, pensando em ouvir em segredo a conversa dos anjos; mas, quando chegou à boca da fonte e viu um lume brilhando na torre, o que não era costumeiro, ficou admirada; então aproximou-se, abriu a porta e viu que ali havia um catre, no qual estava uma forma humana, com um candeeiro de cera aceso perto da cabeça e o

lume aos pés. Ela encolheu as asas, parou perto da cama e, ao afastar a coberta, descobriu a face de Kamar al-Zaman. Ficou imóvel, durante toda uma hora, cheia de simpatia e de encantamento. "Abençoado seja Alá", exclamou Maymunah, quando se recuperou, "o mais alto Criador!", pois ela era um dos Jinn verdadeiramente crentes.

Gravura III — A mãe dos deuses (Nigéria)

Gravura IV — A divindade em traje de guerra (Bali)

E ela prometeu a si mesma que não faria mal a Kamar al-Zaman e ficou preocupada com a possibilidade de ele, deitado

naquele lugar deserto, ser morto por um dos parentes dela, os Máridas[35]. Inclinando-se sobre o príncipe, ela o beijou na região entre os olhos e em seguida cobriu-lhe outra vez a face; depois disso, abriu as asas e elevou-se no ar, voando até se aproximar do mais baixo dos céus.

Ora, quis o acaso ou o destino que a Ifritah Maymunah subitamente ouvisse, nas proximidades, o ruidoso som do bater de asas. Dirigindo-se pelo som, descobriu que ele era produzido por um Ifrit chamado Dahnash. E ela desceu sobre ele como uma águia, e ele, quando a viu e descobriu ser ela Maymunah, irmã do rei dos Jinn, atemorizou-se, ficou com os músculos trêmulos e lhe implorou que o poupasse. Mas ela o obrigou a dizer de onde vinha àquela hora da noite. Ele disse que retornava das Ilhas do Mar Interior, na China, dos domínios do rei Ghayur, Senhor das Ilhas e dos Mares e dos Sete Palácios.

"Lá", disse ele, "vi a filha do rei, a mais bela mulher já criada por Alá." E passou a elogiar com entusiasmo a princesa Budur. "Seu nariz", disse ele, "se assemelha ao gume de uma lâmina polida; as faces são como vinho tinto ou anêmonas cor de sangue; os lábios trazem o brilho do coral e da cornalina; o mel de sua boca é mais doce que o vinho envelhecido; seu sabor extinguiria o mais forte fogo do inferno. Sua língua é movida pelo mais alto grau do espírito e pela resposta pronta e engenhosa; o colo é sedução para todos os que o vejam (glória Àquele que o construiu e lhe deu acabamento!); e, juntos, há também dois suaves e redondos antebraços; como disse dela o poeta Al-Walahan: 'Ela tem pulsos que, se as pulseiras não contivessem, Sairiam de suas mangas em chuva de prata'."

A celebração da beleza da princesa prosseguiu, e quando terminou de ouvir tudo aquilo, Maymunah ficou em silêncio, assombrada. Dahnash continuou, descrevendo o poderoso rei, pai da princesa, e seus palácios, e contou também a história da recusa de sua filha em casar-se. "E eu", disse ele, "ó minha senhora, vou vê-la todas as noites e me alimento com a visão de seu rosto e a beijo entre os olhos; e, devido ao amor que tenho por ela, não lhe faço nenhum mal." Ele queria que Maymunah fosse com ele até a China e visse a beleza, o encanto, a estatura e a perfeição das proporções da princesa. "E depois disso, se

quiseres", disse ele, "castiga-me ou escraviza-me; pois cabe a ti condenar ou perdoar."

Maymunah ficou indignada por ver que alguém tinha coragem de exaltar qualquer outra criatura do mundo, depois de ela ter visto Kamar al-Zaman. "Mentira! mentira!", ela exclamou. Ela zombou de Dahnash e lhe deu tapinhas no rosto. "Na verdade, vi esta noite um jovem", disse ela, "a quem, se visses, mesmo em sonho, ficarias paralisado de admiração, e a saliva escorreria de tua boca." E ela contou sua história. Dahnash expressou sua descrença de que alguém pudesse ser mais belo que a princesa Budur, e Maymunah ordenou que ele descesse com ela e observasse.

"Ouço e obedeço", disse Dahnash.

E eles desceram e foram ao salão. Maymunah fez Dahnash postar-se ao lado da cama, estendeu a mão e afastou o cobertor de seda do rosto de Kamar al-Zaman; o rosto dele resplandeceu, reluziu, tremeluziu e irradiou-se como o sol nascente. Ela o observou por um momento e então voltou-se duramente para Dahnash e disse: "Olha, ó maldito, e não sejas o mais desprezível dos loucos; sou uma donzela, e, no entanto, ele se apossou de repente do meu coração".

"Minha senhora, por Alá, estás coberta de razão", declarou Dahnash; "mas há uma outra coisa a ser considerada, isto é, que a mulher é diferente do homem. Pelo poder de Alá, esse teu amado é, dentre todas as coisas criadas, o que mais se aproxima da minha amada em beleza, encanto, graça e perfeição; e é como se os dois tivessem sido feitos num mesmo molde."

Ouvindo essas palavras, Maymunah viu sua vista turvar-se e desferiu tamanho golpe na cabeça de Dahnash, com a asa, que quase lhe acabou com a vida. "Eu te conjuro", ordenou, "pela luz da gloriosa graça do meu amor, vai imediatamente, ó maldito, e traze aqui essa moça que amas tão fervorosa e tolamente, e retorna imediatamente, para que os possamos colocar lado a lado e observá-los enquanto dormem; e assim veremos qual *é* o melhor e mais bonito dos dois."

E, desse modo, graças a algo que ocorria numa região de cuja existência Kamar al-Zaman estava inteiramente inconsciente, em sua atitude de recusar a vida, seu destino começou a cumprir-se, sem a cooperação de sua vontade consciente[36].

4. A passagem pelo primeiro limiar

Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao "guardião do limiar", na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções — assim como em cima e embaixo —, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo, da mesma forma como, além do olhar paternal, há perigo para a criança e, além da proteção da sociedade, perigo para o membro da tribo. A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado. Assim, os marinheiros dos grandes navios de Colombo, ampliando o horizonte na mente medieval — navegando, como pensavam, para o oceano sem limites do ser imortal que cerca o cosmos, tal como uma interminável serpente mitológica que morde a própria cauda[37] —, tiveram de ser guiados e controlados, como se fossem crianças, porque temiam os leviatãs, as sereias, lagartos e outros monstros das profundezas de que falavam as fábulas.

As mitologias folclóricas povoam com velhacas e perigosas presenças todos os locais desertos fora das vias normais da cidade. Por exemplo, os Hotentotes descrevem um ogro que de vez em quando era encontrado entre os arbustos e dunas. Seus olhos estão na sola dos pés, de maneira que, para saber o que está acontecendo, ele tem que ajoelhar-se sobre as mãos e joelhos e levantar um pé. E, assim, o olho mira para trás; quando isso não ocorre, fica olhando continuamente o céu. Esse monstro é um caçador de homens, a quem faz em pedaços com

dentes cruéis, longos como dedos. Diz-se que a criatura caça em bando[38]. Outra aparição hotentote, o Hairuri, caminha pulando montes de arbustos, em lugar de circundá-los[39]. Uma perigosa figura, de uma só perna, um só braço e um só lado — o meio-homem —, invisível se observado de lado, é encontrada em muitos lugares da Terra. Na África central, diz-se que esse meio-homem diz para a pessoa que o encontrar: "Já que você me encontrou, vamos brigar". Se perder, implora: "Não me mate. Eu lhe mostrarei muitos remédios"; e, assim, a pessoa de sorte se torna um proficiente médico. Mas, se o meio-homem (chamado *chiruwi,* "coisa misteriosa") vencer, sua vítima morre[40].

As regiões do desconhecido (deserto, selva, fundo do mar, terra estranha, etc.) são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes. A *libido* incestuosa e o *destrudo* patricida, por conseguinte, se refletem contra o indivíduo e sua sociedade sob formas que sugerem ameaças de violência e fantasias de deleite perigoso — não apenas de ogros, mas também de sereias de beleza misteriosamente nostálgica e sedutora. Os camponeses russos conhecem, por exemplo, as "mulheres selvagens" da floresta, que habitam as cavernas das montanhas, onde mantêm casas como seres humanos. São mulheres bonitas, de belos rostos, bem-talhados, abundantes cachos de cabelo e corpos peludos. Elas põem os seios sobre os ombros quando correm e quando alimentam os filhos. Vivem em grupos. Com ungüentos preparados com raízes silvestres, podem untar-se e tornar-se invisíveis. Gostam de dançar ou fazer cócegas, até levar à morte as pessoas que andam sozinhas pela floresta. E todos os que por acaso se aproximarem de suas festas dançantes invisíveis morrem. Por outro lado, quando alguém lhes dá comida, elas ajudam na colheita, fiam, cuidam de crianças e limpam a casa; e, se uma garota fizer fios para que elas fiem, dar-lhe-ão folhas que viram ouro. Gostam de se casar com humanos, muitas já se casaram com jovens camponeses, e, pelo que se diz, são excelentes esposas. Mas, como todas as noivas sobrenaturais, no momento em que o marido faz a mínima ofensa às suas noções extravagantes do comportamento conjugai adequado, elas desaparecem sem deixar vestígios[41].

Um outro exemplo, que ilustra a associação libidinosa do

perigoso ogro maligno com o princípio da sedução, é Dieduchka Vodianoi, o "Avô da Água" russo. Ele é um hábil metamorfo, e, pelo que se diz, afoga as pessoas que nadam à meia-noite ou ao meio-dia. Casa com as garotas afogadas e deserdadas. Tem um talento especial para lisonjear mulheres infelizes e fazê-las cair em suas armadilhas. Gosta de dançar em noites de lua cheia. Sempre que uma de suas esposas está para dar à luz, vai para a cidade em busca de uma parteira. Mas pode ser reconhecido pela água que pinga das extremidades de suas vestes. É calvo, barrigudo e bochechudo, e usa roupas verdes e um alto boné de junco; pode aparecer também como um jovem atraente ou como alguma personagem bem conhecida da comunidade. Esse Mestre da Água não tem poder em outros elementos, mas, no seu é supremo. Habita o fundo dos rios, riachos e lagoas, preferindo ficar próximo de um moinho. Durante o dia, fica escondido, sob a forma de uma velha truta ou salmão, mas, à noite, vem à superfície, espadanando e pateando como um peixe, para conduzir seu gado, seus carneiros e cavalos subaquáticos para fora da água, para pastar, ou então para empoleirar-se na roda do moinho e pentear calmamente os longos cabelos e a barba verdes. Na primavera, quando sai de sua longa hibernação, quebra o gelo ao lado dos rios, empilhando grandes blocos. Diverte-se destruindo rodas de moinho. Mas, quando está de bom humor, dirige seus cardumes para as redes dos pescadores ou avisa sobre inundações que se aproximam. Paga regiamente, em ouro e prata, a parteira que o acompanhar. Suas belas filhas, altas, pálidas e de ar lânguido, com vestes verdes transparentes, torturam e atormentam o afogado. Gostam de se empoleirar em árvores, onde cantam belas canções[42].

O deus Pã, da Arcádia, é o mais conhecido exemplo clássico da presença perigosa que habita pouco além da zona protegida das fronteiras da cidade. Silvano e Fauno foram suas contrapartes latinas[43]. Ele foi o inventor da flauta dos pastores, que tocavam para as ninfas dançarem; os sátiros eram seus companheiros masculinos[44]. A emoção que ele instilava nos seres humanos que acidentalmente se aventurassem em seus domínios era o "pânico", um medo súbito e sem razão aparente. Assim sendo, qualquer coisa insignificante — a quebra de um

galho, a queda de uma folha — enchia a mente de um perigo imaginário, e a vítima, no frenético esforço para escapar do seu próprio inconsciente agitado, morria de terror. Mas Pã era bom para com aqueles que o cultuassem, dando-lhes as bênçãos da divina higiene da natureza: benefícios para os fazendeiros, criadores e pescadores que lhe dedicassem seus primeiros frutos e saúde para todos aqueles que se aproximassem de forma adequada dos seus santuários de cura. Da mesma forma, concedia sabedoria; a sabedoria de Ônfalo, o Centro do Mundo, podia ser distribuída a seu critério. Pois a passagem do limiar é o primeiro passo na sagrada área da fonte universal. Na Licaônia havia um oráculo, dirigido pela ninfa Érato, a quem Pã inspirava, tal como Apoio inspirava as pitonisas em Delfos. E Plutarco enumera os êxtases dos rituais orgiásticos de Pã ao lado do êxtase de Cibele, do frenesi bacante de Dioniso, do frenesi poético inspirado pelas Musas, do frenesi guerreiro do deus Ares (Marte) e, acima de tudo, do frenesi do amor, como exemplos daquele divino "entusiasmo" que supera a razão e libera as forças da escuridão destrutivo-criativa.

"Sonhei", afirmou um cavalheiro casado, de meia-idade, "que queria ir para um maravilhoso jardim. Mas, diante dele, havia um vigia que não me permitia a entrada. Vi que minha amiga, Fráulein Elsa, estava do lado de dentro; ela queria me alcançar com a mão por entre o portão. Mas o vigia evitou que isso acontecesse, pegou-me pelo braço e me levou para casa. 'Compreenda, — de uma vez por todas!', disse ele. 'Você sabe que não deve fazê-lo.'"[48]

Eis um sonho que revela o sentido do primeiro aspecto do guardião do limiar, o aspecto de proteção. É melhor não desafiar o vigia dos limites estabelecidos. E, no entanto, somente ultrapassando esses limites, provocando o outro aspecto, destrutivo, dessa mesma força, o indivíduo passa, em vida ou na morte, para uma nova região da experiência. Na língua dos pigmeus das ilhas Andamão, a palavra *oko-jumu* ("sonhador", "aquele que fala de sonhos") designa aqueles indivíduos, grandemente temidos e respeitados, que se distinguem dos seus semelhantes graças à posse de talentos de cunho sobrenatural, cuja aquisição só se dá mediante o

encontro com os espíritos — diretamente, na floresta, assim como por meio de sonhos extraordinários e do processo de morte e retorno[46]. A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer.

Nas ilhas Banks, das Novas Hébridas (Melanésia), se acontecer de, voltando da pesca nas rochas, perto do pôr-do-sol, um jovem por acaso encontrar "uma garota com a cabeça adornada por flores, que lhe fará acenos da encosta do penhasco para o qual seu caminho o conduz, verá nela a semelhança com alguma garota de sua aldeia ou de alguma outra das vizinhanças; ele hesitará, de pé, e pensará que ela deve ser uma *mae*[41]*;* olhará com maior atenção e observará que seus cotovelos e joelhos viram-se para o lado contrário; isso revelará a verdadeira natureza da moça, e ele fugirá. Se o jovem puder golpear a sedutora com uma folha de dracena, ela voltará à sua verdadeira forma, e uma cobra deslizará". Mas essas mesmas cobras, as *mae,* que tanto temor despertam, tornam-se, segundo se acredita, familiares daqueles que com elas mantiverem relações sexuais[48]. Esses demônios — a um só tempo perigosos e distribuidores de poder mágico — devem ser encontrados por todo herói que arriscar um único passo fora dos muros da tradição.

Figura 4 — Ulisses e as sereias

Duas vividas histórias orientais serão suficientes para esclarecer as ambigüidades dessa surpreendente passagem, assim como para demonstrar que, embora os terrores surjam antes de uma genuína prontidão psicológica, o aventureiro por demais atrevido, que vá além dos seus limites, poderá ser impiedosamente destruído.

A primeira é a história de um líder de caravana de Be-nares, que insistiu em conduzir sua expedição de quinhentas carroças, que transportava uma rica carga, por uma infernalregião tórrida. Advertido para os perigos do lugar, ele tomara a precaução de incluir na caravana carroças carregadas de enormes barris de água, de modo que, racionalmente considerada, a perspectiva que ele assumira, de percorrer não mais de quatrocentos quilômetros de deserto, era muito boa. Mas quando o mercador se encontrava no meio da travessia, o ogro que habitava aquele deserto pensou: "Vou fazer esses homens jogarem fora a água que trouxeram". Criou uma carruagem digna da maior admiração, puxada por boizinhos de raça pura, bem brancos, com as rodas sujas de lama, e seguiu pela estrada, na direção oposta à que a caravana seguia. À sua frente e na retaguarda, seguiam os demônios que formavam o séquito do ogro, com a cabeça e vestes molhadas , adornadas por guirlandas de nenúfares, azuis e brancos, trazendo nas mãos buquês de flores de lótus vermelhas e brancas; o séquito mascava as hastes fibrosas dos nenúfares, gotejando água e lama. E quando a caravana e o séquito demoníaco se afastaram para que cada um dos grupos pudesse passar, o ogro saudou o líder de modo amigável. "Para onde vais?", perguntou ele, educadamente. Ao que o líder da caravana respondeu: "Nós, senhor, estamos vindo de Benares. Mas vocês vêm cobertos de nenúfares azuis e brancos, com flores de lótus vermelhas e brancas nas mãos, mascando as hastes fibrosas dos nenúfares, cobertos de lama, com a água a lhes escorrer do corpo. Está chovendo no caminho de onde estão vindo? Estão os lagos totalmente cobertos de nenúfares azuis e brancos e de flores de lótus vermelhas e brancas?"

O ogro respondeu: "Vocês estão vendo aquela linha verde-escura de árvores? Além daquele ponto, toda a floresta é uma massa de água; chove todo o tempo; os vales estão inundados; há, em toda parte, lagos totalmente cobertos de flores de lótus vermelhas e brancas". E então, enquanto as carroças passavam umas ao lado das outras, ele perguntou: "Que levais nessa carruagem — e em que recipientes? A última delas anda pesadamente; que levais nela?" "Levamos água", respondeu o líder. "Agiste com sabedoria, com efeito, ao trazer água de tão longe; mas, passado aquele ponto, não há por que se incomodar. Destrói os barris, joga fora a água, viaja com facilidade." O ogro seguiu seu caminho e, quando se viu fora de alcance, retornou à sua cidade de ogros.

Ora, o tolo líder da caravana, ingenuamente, seguiu o conselho do ogro, destruiu os barris e seguiu adiante com as carroças. Mas não havia, à frente, nem sombra de água. Por falta de água para beber, os homens começaram a ficar fatigados. Viajaram até o sol se pôr e então desatrelaram os bois das carroças, colocaram essas últimas em círculo e ataram os bois às rodas. Não havia água para os animais nem papa ou arroz cozido para os homens. Estes, enfraquecidos, deitaram-se por ali e caíram no sono. À meia-noite, os ogros vieram de sua cidade, mataram todos os bois e homens, devoraram sua carne, deixando apenas os ossos, e, feito isso, partiram. Os ossos das mãos dos homens e bois, assim como os das demais partes do corpo, ficaram espalhados em todas as direções: nos quatro pontos cardeais e nas quatro direções intermediárias; quinhentas carroças ali ficaram repletas como nunca[49].

A segunda história tem um estilo diferente. Trata-se da história de um jovem príncipe, que acabara de completar os estudos militares, sob a orientação de um professor mundialmente renomado. Tendo recebido, como símbolo de distinção, o título de Príncipe Cinco Armas, ele tomou as cinco armas que o seu professor lhe deu, fez uma reverência e, armado com elas, dirigiu-se para a estrada que levava para a cidade onde morava seu pai, o rei. No caminho, ele se deparou com uma floresta. Na entrada desta floresta, as pessoas o advertiram: "Senhor príncipe, não entreis nesta floresta",

disseram elas; "vive nela um ogro, chamado Cabelo Pegajoso; ele mata todo homem que vê".

Mas o príncipe estava confiante e sem temor como um leão adulto. Entrou na floresta assim mesmo. Quando chegou ao coração dela, o ogro apareceu. O ogro havia crescido até ficar com a altura de uma palmeira; criara para si mesmo uma cabeça grande como um pavilhão, com um pináculo em forma de sino, olhos grandes como uma tigela de esmoler, duas presas grandes como bulbos ou botões gigantes; tinha um bico de falcão; a barriga estava coberta de manchas; e as mãos e os pés eram verde-escuros. "Para onde vais?", perguntou ele. "Alto! És minha presa!"

O Príncipe Cinco Armas respondeu sem medo, mas com grande confiança nas artes e ofícios que havia aprendido. "Ogro", disse ele, "eu sabia o que me esperava quando entrei na floresta. É melhor teres cuidado antes de me atacar; pois com uma flecha envenenada perfurarei tua pele e te farei cair num átimo!"

Tendo ameaçado dessa forma o ogro, o jovem príncipe armou o arco com uma flecha embebida em veneno mortal e disparou. A flecha se prendeu aos cabelos do ogro. E o príncipe atirou, uma após outra, cinqüenta flechas. O ogro afastou todas as flechas, fazendo-as cair aos seus pés, e se aproximou do jovem príncipe.

O Príncipe Cinco Armas ameaçou o ogro mais uma vez e, tomando a espada, desferiu um golpe magistral. A espada, de quase um metro de comprimento, ficou presa nos cabelos do ogro. E então o príncipe o golpeou com uma lança, que também lhe grudou nos cabelos. Percebendo que a lança havia ficado presa, o príncipe o atingiu com uma maça, que ficou igualmente grudada.

Quando viu a maça presa ao ogro, ele disse: "Mestre ogro, jamais ouviste falar de mim antes. Sou o Príncipe Cinco Armas. Quando entrei nesta floresta que infestas, não dei importância a armas como arcos e outras do mesmo tipo; confiei apenas em mim mesmo. Agora vou derrotar-te e reduzir-te a pó!" Tendo

explicitado sua determinação, com essas palavras, o príncipe atingiu o ogro com a mão direita, ao mesmo tempo em que dava um grito. Sua mão se prendeu aos cabelos do ogro e o príncipe o atingiu com a mão esquerda. Esta também ficou presa. Fez o mesmo com o pé direito, obtendo igual resultado. Por fim, isso aconteceu também com o pé esquerdo. Então pensou: "Vou derrotá-lo com a cabeça e o reduzirei a pó!" E golpeou o ogro com a cabeça, que também ficou presa nos cabelos deste[50].

O Príncipe Cinco Armas, que caíra cinco vezes em armadilhas, e estava bem preso por cinco lugares, encontrou-se suspenso do corpo do ogro. Mas, apesar de tudo, não tinha medo, nem estava assustado. O ogro pensou: "Eis um leão humano, um homem de nobre berço — não é um simples homem! Pois, embora tenha sido aprisionado por um ogro como eu, ele não demonstra tremer ou estremecer! Por todo o tempo em que tenho assolado esta estrada, jamais vi um único homem que lhe chegasse aos pés! Por que ele, valha-me o senhor, não tem medo?" Sem se atrever a comê-lo, o ogro perguntou: "Meu jovem, por que não tens medo? Por que não estás terrificado pelo temor da morte?"

"Ogro, por que eu deveria ter medo? Pois, na vida, a morte é absolutamente certa. Além do mais, tenho em minha barriga uma arma: um relâmpago. Se me comeres, não serás capaz de digerir essa arma. Ela fará teu interior em tiras e fragmentos e te matará. Nesse caso, morreremos os dois. Eis por que não tenho medo!"

O Príncipe Cinco Armas, como o leitor já deve ter percebido, estava se referindo à Arma do Conhecimento, que se encontrava dentro dele. Na verdade, esse jovem herói não era senão o Futuro Buda, numa encarnação anterior[51].

"O que esse jovem diz é verdade", pensou o ogro, terrificado pelo temor da morte. "Meu estômago não seria capaz de digerir nem um pedaço da carne desse leão humano, ainda que fosse do tamanho de um grão de feijão. Vou deixá-lo ir!" E libertou o Príncipe Cinco Armas. O Futuro Buda pregou a Doutrina ao ogro, dominou-o, fê-lo abnegado e então o transformou num

espírito encarregado de receber oferendas na floresta. Tendo admoestado o ogro a agir com cautela, o jovem deixou a floresta e, na saída, contou sua história aos homens e seguiu seu caminho[52].

Como símbolo do mundo ao qual os cinco sentidos nos prendem, prisão de que não nos podemos furtar pelas ações dos órgãos físicos, Cabelo Pegajoso só foi subjugado quando o Futuro Buda, não mais protegido pelas cinco armas do seu nome e aparência física momentâneos, recorreu à arma não nomeada, invisível: o divino relâmpago do conhecimento do princípio transcendente, que está além do reino fenomênico dos nomes e formas. Nesse momento, a situação mudou. Ele já não estava preso, mas liberto, pois aquele que ele lembrou ser está sempre livre. A força do monstro da fenomenalidade se dispersou e ele se tornou abnegado. Assim ele assumiu um caráter divino — um espírito encarregado de receber oferendas, tal como ocorre com o próprio mundo quando encarado, não como o final, como um mero nome e forma daquilo que transcende, e, no entanto, é imanente a todos os nomes e formas.

O "Muro do Paraíso", que oculta Deus das vistas humanas, é descrito por Nicolau de Cusa como constituído pela "coincidência dos opostos", sendo seu portão guardado pelo "mais alto espírito da razão, que impede a passagem enquanto não for superado"[53]. Os pares de opostos (ser e não-ser, vida e morte, beleza e feiúra, bem e mal, e todas as outras polaridades que ligam as faculdades à esperança e ao temor e que vinculam os órgãos de ação a tarefas de defesa e aquisição) são as rochas em colisão (Simplégades), que esmagam os viajantes, mas pelas quais os heróis sempre passam. Trata-se de um motivo conhecido em todo o mundo. Os gregos o associavam com duas ilhas rochosas do mar Euxino, que se chocavam entre si, movidas pelos ventos; mas Jasão, no Argos, passou entre elas e, desde então, elas ficaram separadas[54]. Os Heróis Gêmeos da lenda navajo foram advertidos para o mesmo obstáculo pela Mulher-Aranha; todavia, protegidos pelo pólen, símbolo da trilha, assim como por penas de águia retiradas de um pássaro vivo, conseguiram passar[55].

Tal como a fumaça em elevação de uma oferenda, que atravessa a porta do sol, assim vai o herói, libertado do ego, pelas paredes do mundo — ele deixa o ego preso a Cabelo Pegajoso e segue adiante.

5. O ventre da baleia

A idéia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu.

"Mishe-Nahma, King of Fishes, In bis wrath he darted upward, Flashing leaped into the sunshine, Opened his great jaws and swallowed Both canoe and Hiawatha."[56] *

(*) *"Mishe-Nahma, Rei dos Peixes, / Em sua ira emergiu, / Brilhando, saltou à luz do sol, / Abriu a grande boca e engoliu / A canoa e Hiawatha." (N. do T.)*

Os esquimós do estreito de Bering contam que o herói trapaceiro Corvo estava certo dia sentado, secando suas roupas numa praia, quando observou uma baleia nadando pesadamente perto da praia. Ele disse: "Da próxima vez, querida, venha voando, abra a boca e feche os olhos". E então ele vestiu rapidamente as roupas de corvo, colocou a máscara de corvo, juntou uns gravetos para fogueira sob o braço e voou para a água. A baleia se elevou. Fez o que lhe havia sido dito. Corvo penetrou nas mandíbulas abertas e foi diretamente garganta abaixo. A surpresa baleia fechou a boca e mergulhou; Corvo ficou em seu interior e olhou em volta[57].

Os Zulus contam a história de duas crianças e sua mãe, que foram engolidas por um elefante. Quando a mulher chegou ao estômago do animal, "viu grandes florestas, e enormes rios e muitas terras altas; de um lado, havia muitas rochas; e muitas pessoas que tinham construído sua cidade ali; e muitos cães e

muito gado; tudo ali, dentro do elefante[55].

O herói irlandês, Finn MacCool, foi engolido por um monstro de forma indefinida, do tipo conhecido no mundo céltico por *peist*. A pequena garota alemã, Chapeuzinho Vermelho, foi engolida por um lobo. O favorito polinésio, Maui, foi engolido por sua tataravó, Hine-nui-te-po. E todo o panteão grego, exceção feita a Zeus, foi engolido pelo seu pai, Crono.

O herói grego Héracles, fazendo uma pausa em Tróia, no seu caminho para casa, portando o cinturão da rainha das amazonas, soube que a cidade estava sendo assolada por um monstro que fora enviado contra ela pelo deus do mar, Posêidon. A fera vinha à tona e devorava as pessoas que passavam pela praia. A bela Hesíone, filha do rei, acabara de ser presa pelo pai às rochas marítimas, como sacrifício propiciatório, e o grande herói visitante concordou em salvá-la em troca de uma recompensa. O monstro, num certo momento, apareceu na superfície da água e abriu a bocarra. Héracles mergulhou por sua garganta, e arrebentou-lhe a barriga e o deixou morto.

Esse motivo popular enfatiza a lição de que a passagem do limiar constitui uma forma de auto-aniquilação. Sua semelhança com a aventura das Simplégades é óbvia. Mas, neste caso, em lugar de passar para fora, para além dos limites do mundo visível, o herói vai para dentro, para nascer de novo. O desaparecimento corresponde à entrada do fiel no templo — onde ele será revivificado pela lembrança de quem e do que é, isto é, pó e cinzas, exceto se for imortal. O interior do templo, ou ventre da baleia, e a terra celeste, que se encontra além, acima e abaixo dos limites do mundo, são uma só e mesma coisa. Eis por que as proximidades e entradas dos templos são flanqueadas e defendidas por colossais gárgulas: dragões, leões, matadores de demônios com as espadas desembainhadas, anões rancorosos e touros alados. Eles são guardiães do limiar, a quem cabe afastar todos os que forem incapazes de encontrar os silêncios mais elevados do interior do templo. São encarnações preliminares do aspecto perigoso da presença e correspondem aos ogros mitológicos que marcam os limites do mundo convencional, ou às fileiras de dentes da baleia. Ilustram o fato

de o devoto, no momento de entrar num templo, passar por uma metamorfose. Sua natureza secular permanece lá fora; ele a deixa de lado, como a cobra deixa a pele. Uma vez no interior do templo, pode-se dizer que ele morreu para a temporalidade e retornou ao Útero do Mundo, Centro do Mundo, Paraíso Terrestre. O simples fato de todos poderem passar fisicamente pelos guardiães do templo não invalida sua importância; pois se o intruso for incapaz de compreender o santuário, então permaneceu efetivamente do lado de fora. Todos os que são incapazes de compreender um deus vêem-no como um demônio e, assim, se protegem de sua aproximação. Portanto, alegoricamente, a entrada num templo e o mergulho do herói pelas mandíbulas da baleia são aventuras idênticas; as duas denotam, em linguagem figurada, o ato de concentração e de renovação da vida.

"Nenhuma criatura", escreve Ananda Coomaraswamy, "pode atingir um grau mais alto da natureza sem cessar de existir."[59] Na verdade, o corpo físico do herói pode ser cortado, desmembrado e ter suas partes espalhadas pela terra ou pelos mares — tal como ocorre no mito egípcio do salvador Osíris: ele foi jogado num sarcófago e atirado ao Nilo pelo irmão Set[60], e, quando ressurgiu dos mortos, o irmão o matou outra vez, retalhou-lhe o corpo em catorze pedaços e os espalhou pela terra. Os Heróis Gêmeos dos Navajos tiveram de passar, não apenas pelas rochas em colisão, mas também pelos juncos que fazem o viajante em pedaços, pelos cactos que o retalham e pelas areias escaldantes que o recobrem. O herói cujo apego ao ego já foi aniquilado vai e volta pelos horizontes do mundo, entra no dragão, assim como sai dele, tão prontamente como um rei circula por todos os cômodos do palácio. Aí reside seu poder de salvar; pois sua passagem e retorno demonstram que, em todos os contrários da fenomenalidade, permanece o Incriado-Imperecível e não há nada a temer.

E assim é que, em todo o mundo, os homens cuja função tem sido tornar visível na terra o mistério criador de vida, proveniente da morte do dragão, realizaram sobre os próprios corpos o grande ato simbólico, fragmentando a carne, tal como o corpo de Osíris, pela renovação do mundo. Na Frígia, por

exemplo, em honra do salvador crucificado e ressuscitado, Átis, um pinheiro era cortado no vigésimo segundo dia de março e levado para o santuário da mãe-deusa Cibele. Lá, ele era enrolado, como um cadáver, com bandagens de algodão, e decorado com maços de violeta. Colocava-se a efígie de um homem jovem no meio da base. No dia seguinte, era realizado um lamento cerimonial e soavam as trompas. O vigésimo quarto dia de março era conhecido como o Dia do Sangue: o alto sacerdote extraía sangue dos próprios braços e o apresentava como oferenda; o clero menos elevado se empenhava numa dança de dervixes, ao som de tambores, cometas, flautas e címbalos, até que, tomados pelo êxtase, perfuravam-se com facas para espargir o altar e a coluna com o próprio sangue; e os noviços, imitando o deus cuja morte e ressurreição celebravam, castravam-se e desfaleciam[61].

E, no mesmo espírito, o rei da província sul-africana de Quilacare, ao completar o décimo segundo ano de reinado, num dia de festa solene, tinha construído para si um palanque, cheio de reposteiros de seda. Após ter-se banhado ritualmente num tanque, com grandes cerimônias e ao som de música, ia ao templo, onde adorava a divindade. Em seguida, subia no palanque e, diante do povo, tomava facas bem afiadas e começava a cortar o próprio nariz e, depois, as orelhas, os lábios e todos os membros, e o máximo de carne que pudesse cortar. Ele atirava os pedaços à sua volta até que tivesse perdido tanto sangue que se sentisse próximo de desmaiar, momento em que cortava sumariamente a garganta[62].

— Parte I.

Notas ao Capítulo I

1. Grimms' fairy tales, n.° 1, "The Frog King".

2. The psychopathology of everyday life, *Standard Edn., VI (Original: 1901).*

3. Erelyn Underhill, Mysticism, a study in the nature and development of man's spiritual consciousness, *Nova York, E. P. Dutton and Co,, 1911, parte II, "The mystic way", capítulo II, "The awakening of the self."*

4. Sigmund Freud, Introductory lectures on psycho-analysis *(tradução de James Strachey), Standard Edition, XVI, Londres, The Hogarth Press, 1963, pp. 396-97 (Original: 1916-17).*

5. Malory, La mort d'Arthur, *I, xix. A perseguição do cervo e a visão da "fera que late como cães de caça em perseguição" marcam o início dos mistérios associados à Busca do Santo Graal.*

6. George A. Dorsey e Alfred L. Kroeber, Traditions of the Arapaho, *Field Columbia Museum, Publication 81,* Anthropological Series, *vol. V, Chicago, 1903, p. 300. Reproduzido em Stith Thompson,* Tales of the North American Indíans, *Cambridge, Massachusetts, 1929, p. 128.*

7. C. G. Jung, Psychology and alchemy, *Collected Works, vol. 12, Nova York e Londres, 1953, parágrafos 71 e 73 (Original: 1935).*

8. Wilhelm Stekel, Die Sprache des Traumes, *Wiesbaden, Verlag von J. F. Bergmann, 1911, p. 352. O dr. Stekel chama a atenção para a relação existente entre as cintilações vermelhas como sangue e a idéia do sangue expelido pela boca na consunção.*

9. Reproduzido com a permissão dos editores de Henry Clarke Warren, Buddhism in translations, *Harvard Oriental Series, 3, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1896, pp.*

56-57.

10. Na seção acima, assim como ao longo das páginas seguintes, não me empenhei em esgotar as evidências. Fazê-lo (à maneira de, por exemplo, Frazer, em The Golden Bough) *teria aumentado prodigiosamente os capítulos, sem tornar muito mais clara a principal linha do monomito. Em lugar disso, preferi dar, em cada seção, alguns exemplos marcantes de um certo número de tradições representativas, amplamente dispersas. No curso do trabalho, vario gradualmente de fontes, de maneira a permitir que o leitor saboreie as qualidades peculiares dos vários estilos. Quando tiver chegado à última página, o leitor terá revisto um número imenso de mitologias. Se ele desejar provar tudo o que poderia ter sido citado em cada uma das seções do monomito, basta apenas recorrer a algumas das fontes enumeradas nas notas e percorrer alguns exemplos da multiplicidade de narrativas existentes.*

11. Provérbios, 1:24-27, 32.

12. "Eventualmente, os livros espirituais citam [esse] ditado latino, que aterrorizou mais de uma alma" (Ernest Dimnet, The art of thinking, *Nova York, Simon and Schouster, Inc., 1929, pp. 203-204.)*

13. Francis Thompson, The hound of heaven, *linhas iniciais.*

14. Ibid., *conclusão.*

15. Ovídio, Metamorfoses, */, 504-553 (tradução de Frank Justus Miller), Loeb Classical Library.*

16. Supra, *p. 5.*

17. Freud: complexo de castração.

18. Jung, Psychology and alchemy, *parágrafos 58 e 62.*

19. A serpente (na mitologia, símbolo das águas terrestres) corresponde precisamente ao pai de Dafne, o rio Peneu.

20. Grimm, n.° 50.

21. The thousand nights and one night, *tradução de Richard F.*

Burton, Bombaim, 1885, vol. I, pp. 164-167.

22. Gênese, 19:26.

23. Werner Zirus, Ahasverus, der Ewige Jude, *Stoff — und Motèvgestchicbte der deutschen Literatur, 6, Berlim e Leipzig, 1930, p. 1.*

24. Supra, p. 55.

25. Veja-se Otto Rank, Art and artist, *tradução de Charles Francis Atkinson (Nova York, Alfred A. Knopf, Inc., 1943, pp. 40-41): "Se compararmos o neurótico com o tipo produtivo, é evidente que o primeiro sofre de um controle excessivo de sua vida impulsiva... Eles se distinguem fundamentalmente do tipo médio, que se aceita a si mesmo tal como é, graças à tendência de exercer sua própria vontade na reformulação de si mesmo. Há, todavia, a seguinte diferença entre eles: o neurótico, em sua reformulação voluntária do ego, não vai além do trabalho destrutivo preliminar e, por conseguinte, ê incapaz de retirar todo o processo criativo de sua própria pessoa e de transferi-lo para uma abstração ideológica. O artista produtivo também começa... com essa re-criação de si mesmo, cujo resultado é um ego ideologicamente construído; [mas no seu caso], esse ego tem condições de passar o poder criador da vontade de sua própria pessoa para as representações ideológicas dessa mesma pessoa, tornando-o, por conseguinte, objetivo. Deve-se admitir que esse processo está, em certa medida, limitado ao interior do próprio indivíduo — e não apenas no que concerne aos seus aspectos construtivos como também no que se refere aos seus aspectos destrutivos. Isso explica por que raramente é gerado um trabalho produtivo na ausência de crises mórbidas de caráter 'neurótico'".*

26. Resumido de Burton, op. cit., *vol. III, pp. 213-228.*

27. Bruno Gutmann, Volksbuch der Wadschagga, *Leipzig, 1914, p. 144.*

28. Washington Matthews, Navaho legends *(Memoirs of the American Folklore Society, vol. V, Nova York, 1897, p. 109).*

O pólen é um símbolo de energia espiritual entre os índios

americanos do sudoeste. Ele é usado profusamente em todos os cerimoniais, tanto para afastar o mal, como para marcar a trilha simbólica da vida. (Rara uma discussão do simbolismo Navajo da aventura do herói, veja-se Jeff King, Maud Oakes e Joseph Campbell, Where the two carne to their father, a Navaho war cerimonial, *Bollingen Series I,* 2." *ed., Princeton University Press, 1969, pp. 33-49.)*

29. Dante, "Paraíso", XXXIII, 12-21 (tradução de Charles Eliot Norton), op. cit., *vol. III, p. 252; citado com a permissão da Houghton Mifflin Company, editores.*

30. Veja-se Oswald Spengler, The decline of the West, *tradução de Charles Francis Atkinson, Nova York, Alfred A. Knopf, Inc., 1926-28, vol. I, p. 144. "Supondo", acrescenta Spengler, "que o próprio Napoleão, como 'pessoa empírica', houvesse fracassado em Marengo, então aquilo que ele* significava *teria sido atualizado sob outra forma." O herói, que nesse sentido e nessa medida se tornou despersonalizado, encarna, no decorrer do período de sua ação célebre, o dinamismo do processo cultural; "entre ele mesmo, como fato, e os outros fatos, há uma harmonia de ritmo metafísico"* (ibid., *p. 142). Isso corresponde à idéia que Thomas Carlyle faz do herói-rei como* Ableman *[o homem capaz]* (On heroes, hero-worship and the heroic in History, *Palestra VI).*

31. Durante os tempos helênicos, foi realizado um amálgama entre Hermes e Tot na figura de Hermes Trismegisto, "Hermes Três Vezes Grande", considerado patrono e mestre de todas as artes, especialmente da alquimia. A retorta "hermeticamente" fechada, na qual eram colocados os metais místicos, era considerada um reino à parte — uma região especial de forças aumentadas, comparável ao reino mitológico; nela, os metais passavam por estranhas metamorfoses e transmutações, símbolo das transfigurações do espírito sob a tutela do sobrenatural. Hermes era o mestre dos antigos mistérios da iniciação e representava a descida da sabedoria divina sobre o mundo, também representada nas encarnações dos divinos salvadores (ver infra, *pp. 349-354). (Veja-se C. G. Jung,* Psychology and alchemy, *parte III, "Religious ideas in alchemy".) Original: 1936. Para a retorta, veja-se o parágrafo 338. Para Hermes Trismegisto, veja-se parágrafo 173 e índice,* s. v.

32. O sonho a seguir dá um vivido exemplo da fusão de opostos no inconsciente: "Sonhei que havia ido a uma rua de prostituição e me dirigira a uma das garotas. Quando entrei, ela se transformou num homem que jazia, meio vestido, num sofá. Ele disse: 'Não te incomoda (que eu agora seja um homem)?' O homem parecia velho e tinha costeletas grisalhas. Ele me lembrava um certo chefe da guarda florestal que havia sido um bom amigo de meu pai". Wilhelm Stekel, Die Sprache des Traumes, *pp. 70-71. "Todos os sonhos", observa o dr. Stekel, "têm uma tendência bissexual. Onde a bis sexualidade não pode ser percebida, encontra-se oculta no conteúdo onírico latente"* (ibid., *p. 71).*

33. A fonte simboliza o inconsciente. Compare-se com a fonte do conto de fadas do sapo e da princesa, supra, *pp. 49-50.*

34. Compare-se com o sapo do conto de fadas. Na Arábia pré-maometana, os Jinn (singular: m. *Jinni;* f. *Jinniyah*) eram fantasmas-demônios dos desertos e locais selvagens. Peludos e disformes, ou com forma de animais, avestruzes ou serpentes, mostravam-se muito perigosos diante de pessoas desprotegidas. O profeta Maomê admitiu a existência desses espíritos bárbaros (Corão, 37:158) e os incorporou ao sistema maometano, que reconhece três inteligências criadas sob Alá: Anjos, compostos de luz; Jinn, compostos de fogo sutil; e o Homem, composto pelo pó da terra. Os Jinn maometanos têm o poder de assumir a forma que quiserem, desde que respeitando sua essência de fogo e fumaça, e, assim, podem tornar-se visíveis aos mortais. Há três ordens de Jinn: voadores, caminhadores e mergulhadores. Supõe-se que vários deles aceitaram a Pé Verdadeira, sendo considerados bons; os demais são maus. Estes últimos vivem e trabalham em estreita ligação com os Anjos Caídos, cujo chefe é Iblis (o Desesperador).*

35. Um(a) Ifrit(ah) é um(a) poderoso(a) Jinni (yah). Os Máridas são uma classe particularmente poderosa e perigosa de Jinn.

36. Adaptado de Burton, op. cit., *vol. III, pp. 223-230.*

(*) Literalmente, gênios. (N. do T.)

Compare-se com a serpente do sonho, supra, *p. 62.*

37. Leonhard S. Schultze, Aus Namaland und Kalahari, *Iena,*

1907, p. 392.

38. Ibid., *pp. 404, 448.*

39. David Clement Scott, A cyclopaedic dictionary of the Mang'anja language spoken in British Central África, *Edimburgo, 1892, p. 97. Compare-se com o seguinte sonho, de um garoto de doze anos: "Certa noite sonhei com um pé. Acho que ele estava no chão e eu, que não esperava uma coisa dessas, caí nele. Ele parecia ser igual ao meu pé. De repente, ele se levantou e começou a correr atrás de mim; acho que pulei a janela, corri pelo jardim até a rua e continuei correndo com toda a rapidez que minhas pernas me davam. Acho que corri para Woolwich e ele de repente me pegou e me assustou. E eu acordei. Sonhei várias vezes com esse pé".*

O garoto tinha recebido a notícia de que seu pai, que era marinheiro, havia sofrido recentemente um acidente no mar, no qual havia quebrado o tornozelo. (C. W. Kimmins, Children's dreams, an unex-plored land, *Londres, George Allen and Unwin, Ltd., 1937, p. 107). "O pé", escreve o dr. Freud, "é um velho símbolo sexual que ocorre até mesmo na mitologia."* (Three essays on the theory of sexuality, *p. 155.) Deve-se observar que o nome Êdipo significa "o pé inchado".*

41. Compare-se com V. J. Mansikka, "Demons and spirits (Slavèc)", in Hastings, Encyclopaedia of religion and ethics, *vol. IV, p. 628. A reunião de artigos escritos por um certo número de autoridades no assunto, incluídos nesse volume sob o título geral de "Demônios e espíritos" — que trata de inúmeras variedades africanas, oceânicas, assírio-babilônicas, budistas, célticas, chinesas, cristãs, coptas, egípcias, gregas, hebraicas, indianas, jainas, japonesas, judaicas, muçulmanas, persas, romanas, eslavas, teutônicas e tibetanas —, é uma excelente introdução ao assunto.*

42. Ibid., *p. 629. Compare-se com Lorelei. A discussão, feita por Mansikka, dos espíritos da floresta, do campo e da água (eslavos) tem como base a abrangente obra de Hanus Máchal,* Nákres slovanského bájeslovi, *Praga, 1891. Há uma versão condensada em inglês da obra, do mesmo autor,* Slavic mythology *(The Mythology of Ali Races, vol. III, Boston, 1918).*

43. Na época alexandrina, Pã foi identificado com a divindade egípcia itifálica Min, que era, entre outras coisas, guardiã das estradas desertas.

44. Compare-se com Dioniso, a grande contraparte trácia de Pã.

45. Wilhelm Stekel, Fortschritte und Technik der Traumdeutung, *Viena-Leipzig-Berna, Verlag fü Medizin, Weidmann und Cie., 1935, p.37.*

O vigia, de acordo com o dr. Stekel, simboliza "a consciência, ou, se se preferir, o agregado de toda a moralidade e de todas as restrições presentes na consciência". "Freud", continua o dr. Stekel, "descreveria o vigia como o 'superego'. Mas, na realidade, ele é apenas um 'interego'. A consciência evita a irrupção dos desejos perigosos e das ações imorais. Esse é o sentido no qual devem ser interpretados, de modo geral, os vigias, guardas e oficiais de polícia presentes no sonho." (Ibid., *pp. 37-38.)*

46. A. R. Radcliff-Brown, The Andaman islanders, *2." ed., Cambridge University Press, 1933, pp. 175-177.*

47. Uma serpente marinha anfíbia, ponteada por listras claro-escuras, sempre mais ou menos temida onde quer que seja vista.

48. R. H. Codrington, The Melanesians, their anthropology and folklore, *Oxford University Press, 1891, p. 189.*

49. Jataka, 1:1. Resumido da tradução de Eugene Watson Burlingame, Buddhist parables, *Yale University Press, 1922, pp. 32-34. Re produzido com a permissão dos editores.*

50. Tem-se apontado para o fato de essa aventura do Príncipe Cinco Armas ser o mais remoto exemplo conhecido da celebrada e praticamente universal história do garoto de piche do folclore popular. (Veja-se Aurélio M. Espinosa, "Notes on the origin and history of the Tar-Baby story", Journal of American Folklore, *43, 1930, pp. 129-209; "A new classification of the fundamental elements of the Tar-Baby story on the basis of two hundred and sixty-seven versions",* ibid., *56, 1943, pp. 31-37; e Ananda. K. Coomaraswamy, "A note on the stickfast motif",* ibid., *57, 1944, pp. 128-131.)*

51. O relâmpago (vajra) *é um dos principais símbolos da iconografia budista; ele representa a força espiritual da Condição de Buda (iluminação indestrutível), que destrói as realidades ilusórias do mundo. O Absoluto, ou Adi Buda, é representado nas imagens do Tibete como Vajra-Dhara (em tibetano:* Dorje-Chang), *"Portador da Seta Adamantina".*

Nas figuras de deuses que chegaram até nós da Mesopotâmia Antiga (Suméria e Arcádia, Babilônia e Assíria), o relâmpago, com a mesma forma do vajra, *ê um elemento conspícuo (veja-se Gravura XXI); ele foi herdado por Zeus dessas figuras.*

Também sabemos que, entre povos primitivos, os guerreiros podem falar de suas armas como relâmpagos. Sicut in coelo et in terra *[Assim na terra como no céu]: o guerreiro iniciado é um agente da vontade divina; seu treinamento inclui tanto habilidades manuais, como espirituais. A mágica (a força sobrenatural do relâmpago), assim como a força física e as substâncias químicas venenosas, dão-lhe energia letal aos golpes. Um mestre consumado não necessita de nenhuma arma física; basta o poder de sua palavra mágica. A parábola do Príncipe Cinco Armas ilustra esse tema. Mas também ensina que quem confia em — ou se vangloria de — sua natureza meramente física e empírica já está derrotado. "Temos aqui a figura de um herói", escreve o dr. Coomaraswamy, "que pode ser envolvido nas malhas de uma experiência estética — sendo os "cinco pontos" equivalentes aos cinco sentidos —, mas que é capaz, graças a uma superioridade moral intrínseca, de libertar-se a si mesmo, e até de libertar outras pessoas."* (Journal of American Folklore, *57, 1944, p. 129.)*

52. Jataka, 55:1. 272-275. Adaptado, de forma ligeiramente resumida, da tradução de Eugene Watson Bulingame, op. cit., *pp. 41-44. Reproduzido com a permissão de Yale University Press, editores.*

53. Nicolau de Cusa, De visione Dei, *9, 11; citado por Ananda K. Coomaraswamy, "One and only transmigrant"* (Supplement to the Journal of the American Oriental Society, *abril-junho, 1944), p. 25.*

55. Ovídio, Metamorfoses, *VII, 62; XV, 338.*

56. Supra. *p. 70.*

57. Longfellow, The song of Hiawatha, VIII. *As aventuras atribuídas por Longfellow ao chefe iroquês Hiawatha pertencem, na verdade, ao herói cultural algonquim Manabozho. Hiawatha foi uma personagem histórica real do século XVI. Veja-se nota 1 à p. 305.*

58. Leo Frobenius, Das Zeitalter des Sonnengottes, *Berlim, 1904, p. 85.*

59. Henry Callaway, Nursery tales and traditions of the Zulus, *Londres, 1869, p. 331.*

60. Ananda K. Coomaraswamy, "Akimcanna: self-naughting" (New Indian Antiquary, *vol. III, Bombaim, 1940), p. 6, nota 14, citando e discutindo Tomás de Aquino,* Suma theologica, *I, 63, 3.*

61. O sarcófago ou caixão é uma alternativa para o ventre da baleia. Compare-se Moisés em meio aos arbustos.

62. Sir James G. Trazer, The Golden Bough *(edição em volume único), pp. 347-349.* Copyright *1922, The Macmillan Company, usado com sua permissão.*

63. Duarte Barbosa, A description of the coasts of East África and Malabar in the beginning of the sixteenth century *(Hakluyt Society, Londres, 1866), p. 172; citado por Trazer,* op. cit., *pp. 274-275. Reproduzido com a permissão de The Macmillan Company, editores. Este é o sacrifício que o rei Minos se recusou a fazer ao reter o touro de Posseidon. Como Trazer demonstrou, o regicídio ritual foi uma tradição geral do mundo antigo. "No sul da índia", escreve ele, "o reinado e a vida do rei terminavam com a revolução do planeta Júpiter em torno do Sol. Na Grécia, por outro lado, o destino do rei parece ter dependido de uma avaliação ao final de cada período de oito anos... Sem correr o risco de uma conclusão precipitada, podemos afirmar que o tributo de sete moços e sete virgens, que os atenienses eram obrigados a enviar a Minos a cada oito anos, tinha alguma conexão com a renovação do poder do rei por outro ciclo octonal."* (Ibid., *p. 280.) O sacrifício do touro, exigido do rei Minos, implicava seu próprio sacrifício, segundo o padrão da tradição herdada, ao final do seu período de*

oito anos de reinado. Mas ele parece ter oferecido, cm vez disso, o substituto das virgens e dos jovens atenienses. Essa talvez seja a razão de o divino Minos ter-se transformado no monstro Minotauro; o rei auto-aniquilado no tirano Gancho; e o estado hierático, tio qual cada homem *desempenha seu papel, no império comercial, no qual cada um trata de si. Essas práticas de substituição parecem ter-se generalizado por todo o mundo antigo, perto do final do grande período dos primeiros estados hieráticos, no decorrer do terceiro e segundo milênios antes de Cristo.*

Capítulo II – A iniciação

1. O caminho de provas

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosos. O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana.

Um dos mais conhecidos e encantadores exemplos do motivo das "tarefas difíceis" é o da procura do amante perdido, Cupido, por parte de Psique'. Aqui, os papéis principais se invertem: ao invés de o amado tentar conquistar sua noiva, cabe a esta fazê-lo; e, em vez de um pai cruel que subtrai a filha ao amante, há uma mãe ciumenta, Vênus, que oculta o filho, Cupido, da noiva. Quando Psique apelou a Vênus, a deusa tomou-a violentamente pelos cabelos e atirou-lhe a cabeça ao solo; em seguida, misturou uma grande quantidade de trigo, cevada, painço, sementes de papoula, ervilha, lentilha e feijões, formando com eles uma pilha, e ordenou à moça que os separasse antes de a noite cair. Psique foi auxiliada por um batalhão de formigas. Vênus lhe disse, em seguida, que colhesse o Velocino de Ouro de uma certa espécie de carneiro selvagem, de chifres afiados e mordida venenosa, que habitava um vale inacessível numa perigosa floresta. Mas um junco verde lhe ensinou a colher os fios de lã que os carneiros deixavam à sua passagem. Então a deusa exigiu um cântaro de água de uma fonte enregelante, situada no topo de uma altíssima montanha guardada por dragões que jamais dormiam. Uma águia se

aproximou e realizou por Psique a prodigiosa tarefa. Foi-lhe ordenado, por fim, que trouxesse, do abismo do mundo inferior, uma caixa cheia de beleza sobrenatural. Mas uma alta torre lhe disse como descer ao mundo inferior, deu-lhe moedas para [pagar o óbulo a] Caronte e um bolo para Cérbero, e incentivou-a a seguir.

A viagem de Psique ao mundo inferior é apenas uma das inúmeras aventuras desse tipo, empreendidas pelos heróis dos contos de fadas e dos mitos. Dentre as mais perigosas, estão as dos xamãs dos povos da extremidade norte do mundo (lapões, siberianos, esquimós e certas tribos indígenas americanas), quando se põem a buscar as almas perdidas ou raptadas dos doentes. O xamã dos siberianos veste-se para a aventura com um traje mágico, que representa uma ave ou rena, o princípio-sombra do próprio xamã, a forma de sua alma. Seu tambor é seu animal — sua águia, rena ou cavalo; diz-se que ele voa ou corre nele. O cajado que ele carrega é outro dos seus adjutórios. E ele é assistido por grande número de familiares invisíveis.

Um dos primeiros viajantes a estar entre os lapões deixou uma vivida descrição do extraordinário desempenho de um desses estranhos emissários enviados ao reino dos mortos[2]. Como o além é um lugar de noite eterna, a cerimônia do xamã deve ser realizada após a chegada da noite. Os amigos e vizinhos reúnem-se na sombria e parcamente iluminada cabana do paciente e seguem com atenção as gesticulações do mágico. Primeiramente, ele convoca os espíritos auxiliares; estes chegam, invisíveis a todos, menos a ele. Duas mulheres em vestes cerimoniais, mas sem cintos e com um capuz de linho, um homem sem capuz nem cinto e uma adolescente o assistem. O xamã descobre a cabeça, afrouxa o cinto e os cadarços, cobre a face com as mãos e passa a fazer uma variedade de círculos. Subitamente, com gestos muito violentos, grita: "Aprontar a rena! Pronto para partir!" Levantando um machadinho, começa a golpear os próprios joelhos com ele, girando-o na direção das três mulheres. Retira brasas ardentes do fogo, com as próprias mãos. Circula três vezes em torno de cada uma das mulheres e, por fim, cai, "como um homem morto". Durante todo o tempo, ninguém pode tocá-lo. Agora, quando repousa, em transe, deve

ser observado com tanta atenção que nem sequer uma mosca deve pousar sobre seu corpo. Seu espírito partiu e ele agora se encontra diante das sagradas montanhas onde habitam os deuses. As mulheres que o assistem cochicham entre si, tentando adivinhar em que parte do além ele se encontrará agora[3]. Se mencionarem a montanha correta, o xamã moverá uma mão ou um pé. Muito tempo depois, ele começa a retornar. Com voz baixa e fraca, enuncia as palavras que ouviu no mundo inferior, e as mulheres passam a cantar. O xamã pouco a pouco desperta, declarando tanto a causa da enfermidade, como o tipo de sacrifício a ser feito. Em seguida, anuncia o tempo que levará para que o paciente fique curado.

"Em sua laboriosa jornada", registra outro observador, "o xamã deve encontrar e vencer certo número de diferentes obstáculos *(pudak),* que nem sempre são superados com facilidade. Depois de ter percorrido densas florestas e maciças cadeias de montanhas, nas quais por vezes encontra os ossos de outros xamãs e de suas montarias, mortos ao longo do caminho, alcança uma abertura na terra. Começam agora os estágios mais difíceis da aventura, quando as profundezas do mundo inferior e suas notáveis manifestações se abrem diante dele... Depois de apaziguar os vigias do reino dos mortos e de passar por numerosos perigos, chega ele, afinal, ao Senhor do Mundo Inferior, o próprio Erlik. E este se atira sobre ele, com gritos horríveis; mas se o xamã for habilidoso o suficiente, pode fazer o monstro retroceder com promessas de luxuosas oferendas. Esse momento do diálogo com Erlik é o ápice da cerimônia. O xamã entra em êxtase."[4]

"Em toda tribo primitiva", escreve o dr. Géza Róheim, "encontramos o curandeiro no centro da sociedade e é fácil demonstrar que ele é neurótico ou psicótico, ou, pelo menos, que sua arte tem como fundamento o mesmo mecanismo presente à neurose ou à psicose. Os grupos humanos são influenciados pelos seus ideais grupais, sendo que estes sempre se baseiam numa situação infantil."[5] "A situação infantil é modificada ou invertida pelo processo de amadurecimento e novamente modificada, pelo necessário ajustamento à realidade; e, no entanto, ali está, fornecendo os vínculos

libidinais invisíveis, sem os quais nenhum grupo humano poderia existir."[6] O curandeiro, por conseguinte, apenas torna visíveis e públicos os sistemas de fantasia simbólica presentes na psique de todo membro da sociedade. "Eles são os líderes desse jogo infantil e os iluminados condutores da ansiedade comum. Combatem os demônios, de maneira que os outros possam perseguir a presa, e em geral, lutar contra a realidade."[7]

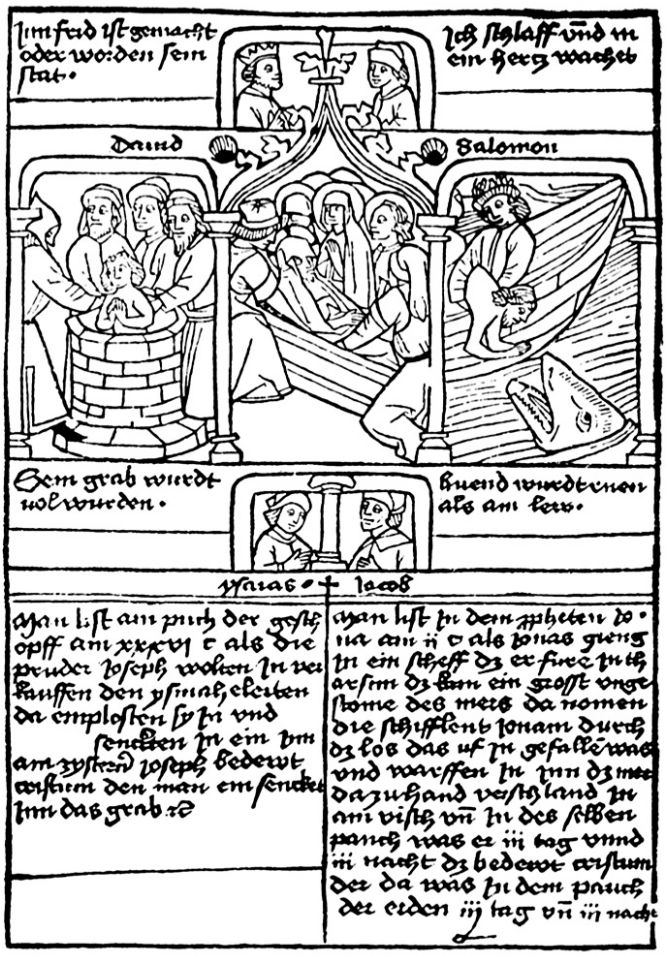


Figura 5 — A jornada no mar da escuridão: José no poço; Cristo no túmulo; Jonas e a

E assim é que se alguém — em qualquer sociedade — assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão, por meio da descida, intencional ou involuntária, aos tortuosos caminhos do seu próprio labirinto espiritual, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas (podendo qualquer delas devorá-lo), o que não é menos maravilhoso que o selvagem mundo siberiano do *pudak* e das montanhas sagradas. No vocabulário dos místicos, esse é o segundo estágio do Caminho, o estágio da "purificação do eu", em que os sentidos são "purificados e tornados humildes" e as energias e interesses, "concentrados em coisas transcendentais"[8]; ou, num vocabulário mais moderno: trata-se do processo de dissolução, transcendência ou transmutação das imagens infantis do nosso passado pessoal. Em nossos sonhos, os perigos, gárgulas, provações, auxiliares secretos e guias ainda são encontrados à noite; e podemos ver refletidos, em suas formas, não apenas todo o quadro da nossa presente situação, como também a indicação daquilo que devemos fazer para ser salvos.

"Fiquei diante de uma caverna escura, desejando adentrá-la", sonhou um paciente no início da análise; "e tremi ao pensar que poderia não ser capaz de encontrar o caminho de volta."[9] "Vi besta após besta", é o registro de Emanuel Swedenborg em seu caderno de sonhos, relativo à noite de 19-20 de outubro de 1744, "e elas abriram suas asas, e eram dragões. Eu voava sobre elas, mas uma delas me sustentava."[10] E o dramaturgo Friedrich Hebbel registrou, um século depois (13 de abril de 1844): "Em meu sonho, eu era levado, com grande força, mar adentro; havia ali terríveis abismos, com rochas, aqui e ali, onde era possível segurar"[11]. Temístocles sonhou que uma cobra se enrodilhou em torno do seu corpo, achegou-se ao seu pescoço e, quando lhe tocou a face, tornou-se uma águia, que o pegou em suas garras e, carregando-o para cima, levou-o a uma grande distância e o depositou sob o estandarte dourado de um arauto, que apareceu de repente; a águia fez isso com tanto cuidado, que ele se sentiu imediatamente aliviado do seu grande temor e ansiedade[12].

As dificuldades psicológicas específicas do sonhador com freqüência são reveladas com simplicidade e força tocantes:

"Eu tinha de escalar uma montanha. Havia todo tipo de obstáculos no caminho. Eu tinha ora de pular um fosso, ora de transpor uma cerca e, por fim, parar, por ter perdido o fôlego". Eis o sonho de um gago[13].

"Estaquei diante de um lago que me pareceu completamente parado. De repente, irrompeu [nele] uma tempestade, e altas ondas se elevaram, de modo que todo o meu rosto foi molhado". Eis o sonho de uma moça que temia o enrubescimento (eritrofobia) e cuja face, quando ela corava, ficava molhada de suor[14].

"Eu estava seguindo uma garota, que caminhava à minha frente, numa rua escura. Eu a via apenas por trás e lhe admirava a bela figura. Um poderoso desejo se apossou de mim e passei a correr atrás dela. De repente, uma viga, como que atirada por uma mola, surgiu em plena rua e bloqueou o caminho. Despertei com o coração disparado". O paciente era homossexual; a viga atravessada, um símbolo fálico[15].

"Entrei num carro, mas não sabia dirigir. Um homem, sentado ao meu lado, me dava as instruções. Enfim, as coisas iam correndo muito bem e chegamos a uma praça, onde havia algumas mulheres paradas. A mãe de minha noiva me recebeu com grande alegria." O homem era impotente, mas havia encontrado, no psicanalista, um instrutor[16].

"Uma pedra quebrou meu pára-brisa. Eu agora estava exposta à tempestade e à chuva. Caíram-me lágrimas dos olhos. Poderia eu chegar ao meu destino nesse carro?" A sonhadora era uma jovem que havia perdido a virgindade e não conseguia se recuperar da experiência[n].

"Vi a metade de um cavalo no solo. Ele contava com uma única asa e tentava levantar-se, mas não o conseguia." O paciente era um poeta, que tinha de ganhar o pão de cada dia trabalhando como jornalista[18].

"Fui mordido por uma criança." O sonhador sofria de

infantilismo psicossexual[19].

"Estou preso com meu irmão num cômodo escuro. Ele traz uma grande faca nas mãos. Tenho medo dele. Digo-lhe: 'Você vai me deixar louco e me levar para o hospício'. Ele sorri com um malicioso prazer, replicando: 'Você sempre vai ficar preso a mim. Uma corrente está amarrada em torno de nós dois'. Olhei para as pernas e vi, pela primeira vez, a espessa corrente de ferro que me prendia ao meu irmão." O irmão, comenta o dr. Stekel, era a doença do paciente[20].

"Estou passando por uma estreita ponte", sonha uma garota de dezesseis anos. "De repente, ela se quebra sob meus pés e caio na água. Um policial mergulha para me procurar e me traz de volta, em seus fortes braços, para a margem. De repente, tenho a impressão de que sou um corpo morto. O policial também me parece muito pálido, como um cadáver."[21]

"O sonhador está absolutamente abandonado e sozinho no mais fundo de uma adega. As paredes do cômodo em que está vão se estreitando progressivamente, de modo que ele não pode mover-se." Acham-se combinados, nesta imagem, as idéias de útero materno, prisão, cela e túmulo[22].

"Sonho que tenho de passar por intermináveis corredores. Então, fico numa pequena sala que se assemelha à sala de banho dos banheiros públicos. Obrigam-me a deixar a sala e tenho de passar outra vez por um ambiente sujo e escorregadio até chegar a uma pequena porta engradada. Sinto-me como um recém-nascido e penso: 'Isso significa um renascimento espiritual para mim, através da análise'."[23]

Não pode haver dúvida: os perigos psicológicos pelos quais passaram gerações anteriores, com a orientação oferecida pelos símbolos e exercícios espirituais de sua herança mitológica e religiosa, nós, hoje (desde que não sejamos crentes ou, se crentes, desde que nossas crenças herdadas fracassem em representar os reais problemas da vida contemporânea), devemos enfrentar sozinhos ou, na melhor das hipóteses, com uma orientação experimental, improvisada e poucas vezes muito efetiva. Eis nosso problema, na qualidade de indivíduos

modernos, "esclarecidos", que foram privados da existência de todos os deuses e demônios por meio da racionalização[24]. Não obstante, ainda podemos ver, na multiplicidade de mitos e lendas que chegaram até nós ou que têm sido registrados nos confins da terra, o esboço de alguns elementos do nosso destino ainda humano. Para ouvir e aproveitar, porém, devemos submeter-nos, de certo modo, à purgação e à entrega. E aí temos parte do nosso problema: como fazê-lo exatamente? "Ou pensais que entraríeis no Jardim da Bem-Aventurança sem passardes pelas provações por que passaram aqueles que vieram antes de vós?"[25]

O mais antigo relato registrado da passagem pelos portais da metamorfose é o mito sumeriano da descida da deusa Inana ao mundo inferior.

"Do 'grande acima', ela dirigiu sua mente para

o 'grande abaixo', A deusa, do 'grande acima', dirigiu sua

mente para o 'grande abaixo', Inana, do 'grande acima', dirigiu sua mente para o 'grande abaixo'.

Minha senhora deixou o céu, deixou a terra,

Ao mundo inferior ela desceu, Inana deixou o céu, deixou a terra,

Ao mundo inferior ela desceu. Deixou domínios de senhores, deixou domínios de senhoras,

Ao mundo inferior ela desceu."

Ela se adornou com vestimentas e jóias de rainha. Sete divinas sentenças prendeu ao cinto. Estava pronta para entrar na "terra sem retorno", o mundo inferior da morte e das trevas, governado por sua inimiga e irmã, a deusa Ereshkígal. Temendo que sua irmã pudesse matá-la, Inana instruiu Ninshubur, sua mensageira, a dirigir-se ao céu e apresentar um clamor por justiça no grande plenário dos deuses, caso ela não retornasse dentro de três dias.

Inana desceu. Aproximou-se do templo de lápis-lazúli e encontrou-se, no portão, com o porteiro-chefe, que lhe perguntou quem era e por que para ali se dirigira. "Sou a rainha do céu, do lugar onde o sol se levanta", replicou ela. "Se sois a rainha do céu", disse ele, "do local onde o sol se levanta, por que, dizei-me, por favor, viestes à terra sem retorno? Como vosso coração vos conduziu ao caminho de onde o viajante não retorna?" Inana declarou que havia ido para lá a fim de acompanhar as cerimônias fúnebres do marido de sua irmã, o senhor Gugalana; diante disso, Neti, o porteiro, pediu-lhe que aguardasse até que falasse com Ereshkigal. Neti recebeu instruções de abrir os sete portões à rainha do céu, mas também de seguir o costume e remover, em cada portal, uma parte de suas vestes.

"À pura Inana, diz ele: 'Vinde, Inana, entrai'.

Ao passar pelo primeiro portão,

A shugurra, a 'coroa da campina' de sua cabeça, foi removida. 'O que, por favor, significa isso?' 'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas,

Ó Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'

Ao passar pelo segundo portão,

O bastão de lápis-lazúli foi removido.

'O que, por favor, significa isso?'

'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas, Ó Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'

Ao passar pelo terceiro portão,

As pequenas pedras de lápis-lazúli do seu pescoço foram removidas. 'O que, por favor, é isso?' 'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas, Õ Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'

Ao passar pelo quarto portão, As reluzentes pedras do seu colo foram removidas. 'O que, por favor, significa isso?'

'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas, Ó Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'

Ao entrar no quinto portão,

O anel de ouro de sua mão foi removido.

'O que, por favor, significa isso?'

'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas, Õ Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'

Ao entrar no sexto portão,

O peitoral que lhe protegia o peito foi removido. 'O que, por favor, significa isso?' 'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas, Ó Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'

Ao passar pelo sétimo portão,

Todos os adornos de senhora do seu corpo foram removidos. 'O que, por favor, significa isso?' 'Extraordinariamente, ó Inana, foram as sentenças do mundo inferior cumpridas, ó Inana, não discuti os ritos do mundo inferior.'"

Desnuda, ela foi conduzida ao trono, onde se curvou. Os sete juízes do mundo inferior, os Anunáqui, sentados diante do trono de Ereshkígal, dirigiram os olhos para Inana — os olhos da morte.

"A uma palavra deles, a palavra que tortura o espírito, A pobre mulher transformou-se em cadáver, Sendo o cadáver pendurado num poste."[26]

Inana e Ereshkigal, as duas irmãs, luz e trevas respectivamente, representam, juntas — nos termos da antiga simbologia —, a mesma deusa dividida em dois aspectos; seu confronto resume todo o sentido do difícil caminho de provas. O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. Uma a uma, as resistências vão sendo quebradas. Ele

deve deixar de lado o orgulho, a virtude, a beleza e a vida e inclinar-se ou submeter-se aos desígnios do absolutamente intolerável. Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne[27].

A provação é um aprofundamento do problema do primeiro limiar e a questão ainda está em jogo: pode o ego entregar-se à morte? Pois muitas cabeças têm essa Hidra circundante; cortada uma delas, duas outras se formam — exceto se for aplicado, ao coto mutilado, o cauterizador apropriado. A partida original para a terra das provas representou, tão-somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre agora matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras — repetidas vezes. Enquanto isso, haverá uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se podem reter e relances momentâneos da terra das maravilhas.

2. O encontro com a deusa

A aventura última, quando todas as barreiras e ogros foram vencidos, costuma ser representada como um casamento místico *(hierógamos)* da alma-herói triunfante com a Rainha-Deusa do Mundo. Trata-se da crise no nadir, no zênite ou no canto mais extremo da Terra, no ponto central do cosmo, no tabernáculo do tempo ou nas trevas da câmara mais profunda do coração.

No oeste da Irlanda, fala-se ainda do Príncipe da Ilha Solitária e da Senhora do Tubber Tintye. Desejando curar a rainha de Erin, o heróico jovem tomou a si a tarefa de obter três vasos da água do Tubber Tintye, o flamejante poço encantado. Seguindo o conselho de uma tia sobrenatural, a quem encontrara pelo caminho, e cavalgando um maravilhoso, sujo, magro e desgrenhado cavalinho que ela lhe dera, ele cruzou o rio de fogo e escapou ao toque de um bosque de árvores venenosas. O cavalo, com a velocidade do vento, passou pelo final do castelo de Tubber Tintye; o príncipe pulou do lombo do animal para uma janela aberta e chegou ao interior do castelo, são e salvo.

"O lugar, de enorme extensão, estava tomado por gigantes e monstros da terra e do mar, adormecidos — grandes baleias, longas enguias escorregadias, ursos e outras bestas de todas as formas e espécies. O príncipe passou por elas e sobre elas até chegar a uma enorme escadaria. Subindo por ela, entrou num quarto, onde encontrou a mais bela mulher que já vira, adormecida sobre um diva. 'Nada terei para dizer-te', pensou ele, e foi para o próximo quarto; e, assim, ele abriu doze quartos. Em cada um deles, havia uma mulher mais bela que a anterior. Mas, quando chegou ao décimo terceiro quarto e abriu

a porta, seus olhos foram ofuscados pelo brilho do ouro. Ele estacou, até que a visão lhe voltasse, e em seguida entrou. No grande quarto brilhante, havia um diva de ouro, assentado sobre rodas de ouro. Suas rodas giravam continuamente; o diva girava sem parar, noite e dia. Nele, jazia a Senhora do Tubber Tintye; e, embora suas doze aias fossem belas, ninguém o diria se as visse junto dela. Aos pés do diva, estava o próprio Tubber Tintye — o poço de fogo. Havia uma tampa de ouro sobre o poço e esta girava continuamente, ao mesmo tempo que o diva da rainha.

"'Dou a minha palavra', disse o príncipe, 'de que aqui ficarei por um pouco.' E ele se alçou ao diva e ali ficou durante seis dias e seis noites."[28]

A Senhora da Casa do Sono é uma figura familiar nos contos de fada e nos mitos. Já nos referimos a ela, sob as formas de Brunhilda e da pequena Bríar Rose[29]. Ela é o modelo dos modelos de perfeição, a resposta a todos os desejos, de onde provêm as bênçãos da busca terrena ou divina de todo herói. É a mãe, a irmã, a amante, a noiva. Tudo o que o mundo possui de sedutor, tudo o que nele for promessa de gozo, constitui indício de sua existência tanto nas profundezas do sono, quanto nas cidades e florestas do mundo. Pois ela é a encarnação da promessa de perfeição; a garantia concedida à alma de que, ao final do exílio num mundo de inadequações organizadas, a bênção antes conhecida voltará a sê-lo; a confortadora, nutridora e "boa" mãe — jovem e bela — que outrora conhecemos, e até provamos, no passado mais remoto. O tempo a fez afastar-se e, no entanto, ela ainda habita, como quem dorme na intemporalidade, no leito do mar intemporal.

Todavia, a imagem recordada não é de todo benigna; pois também a mãe "má" — 1) a mãe ausente e inalcançável, contra quem são dirigidas fantasias agressivas e de quem se teme uma contra-agressão; 2) a mãe repressora, ameaçadora e punitiva; 3) a mãe que mantém junto a si o filho em crescimento que deseja seguir seu próprio caminho; e, por fim, 4) a mãe desejada, mas proibida (complexo de Édipo), cuja presença *é* um estímulo ao desejo perigoso (complexo de castração) — persiste na terra oculta do território das lembranças infantis do adulto e exibe,

por vezes, a força maior. Ela se encontra na raiz de figuras de grandes deusas inalcançáveis, como a casta e terrível Diana — cuja ação de levar o jovem atleta Actéon à ruína absoluta ilustra a carga de temor contida nesses símbolos do desejo bloqueado do corpo e da mente.

Sucedeu a Actéon ver a poderosa deusa ao meio-dia — naquele fatídico momento em que o sol chega ao auge de sua jovem e vigorosa ascensão, firma-se e começa sua poderosa queda para a morte. Actéon havia deixado os companheiros a fim de repousar, junto com seus ferozes cães, após uma manhã de cansativos jogos; sem destino certo, vagava ele ao léu, desviando-se dos bosques de caça que lhe eram familiares, explorando as florestas vizinhas. Descobriu um vale, muito espesso, pleno de ciprestes e pinheiros. Curioso, penetrou na mata opulenta. Havia ali uma gruta, banhada por uma suave e ondulante fonte, cuja corrente ampliava-se num poço circundado pela grama. Esse recesso sombreado era o refúgio de Diana, e ela se encontrava, naquele momento, banhando-se entre suas ninfas completamente desnudas. Ela havia tirado a lança de caça, e aljava, o arco, assim como as sandálias e roupas. Uma das ninfas desnudas lhe havia trançado o cabelo; outras a banhavam com a ajuda de enormes cântaros.

Gravura V — Secmet, a deusa (Egito).

Gravura VI — Medusa (Roma antiga)

Quando o rapaz chegou ao agradável sítio, ouviu-se um clamor de gritos femininos e todos os corpos se aglomeraram em torno de sua senhora, tentando ocultá-la aos seus olhos profanos. Mas os ombros e a cabeça dela ficaram descobertos. O jovem a havia visto e continuou a olhá-la. Ela buscou o arco, mas este se achava fora de alcance, de modo que ela, veloz, tomou do que estava à mão, isto *é,* da água, e a atirou no rosto de Actéon. "Agora estás livre para dizer, se pudores", exclamou ela, furiosa, "que vistes a deusa desnuda!"

Surgiram-lhe chifres na cabeça. O pescoço cresceu e se alongou, as pontas das orelhas se afinaram. Os braços tornaram-se pernas; as mãos e pés, patas. Tomado de terror, ele saiu às carreiras, surpreso por poder se mover tão rapidamente. Mas quando parou para tomar fôlego e água, e viu o próprio semblante num claro poço, retrocedeu, consternado.

Um terrível destino se abateu sobre Actéon. Seus próprios cães, percebendo o cheiro do grande cervo, se aproximaram, latindo, através da floresta. Por um momento, ele sentiu prazer em ouvi-los e parou; mas, logo, assustado, correu. A matilha o

seguiu, ganhando cada vez mais terreno. Quando os cães se aproximaram dos seus calcanhares, com o primeiro deles, veloz, nos tornozelos, ele tentou gritar-lhes os nomes, mas o som que lhe saiu da garganta não era humano. Os cães o atacaram. Ele caiu, e seus próprios companheiros de caçada, encorajando os cães, chegaram a tempo de dar o *coup-de-grâce.* Diana, miraculosamente ciente da fuga e da morte, agora estava saciada[30].

A figura mitológica da Mãe Universal imputa ao cosmo os atributos femininos da primeira, presença nutridora e protetora. A fantasia é, primariamente, espontânea; pois há uma estreita e evidente correspondência entre a atitude da criancinha com relação à mãe e a do adulto com relação ao mundo material circundante[31]. Mas também tem havido, em numerosas tradições religiosas, uma utilização pedagógica, conscientemente controlada, dessa imagem arquetípica, para fins de purgação, estabilização e iniciação da mente na natureza do mundo visível.

Nos livros do Tantra da índia medieval e moderna, o local onde habita a deusa é denominado *Mani-dvipa,* "Ilha das Jóias"[32]. Seu diva e trono ali se encontram, num bosque de árvores que atendem a desejos. As praias da ilha têm areias de ouro. São banhadas pelas águas calmas do oceano do néctar da imortalidade. A deusa é vermelha como o fogo da vida; a terra, o sistema solar, as galáxias do incomensurável espaço — tudo isso cresce no seu útero. Pois ela é a criadora do mundo, sempre mãe e sempre virgem. Ela abrange o abrangente, nutre o nutriente e é a vida de tudo o que vive.

Ela é também a morte de tudo o que morre. Todas as etapas da existência são realizadas sob sua influência, do nascimento — passando pela adolescência, maturidade e velhice — à morte. Ela é o útero e o túmulo: a porca que come seus próprios leitões. Assim sendo, ela une o "bom" e o "mau", exibindo as duas formas que a mãe rememorada assume, em termos pessoais e universais. Espera-se que o devoto contemple as duas com a mesma equanimidade. Através desse exercício, seu espírito é purgado de toda sentimentalidade e ressentimento, infantis e inadequados, e sua mente é aberta à presença

inescrutável, que existe não primariamente como "boa" ou "má" com relação à sua infantil conveniência humana, seu bem-estar e sua aflição, mas sim como lei e imagem da natureza do ser.

O grande místico hindu do século passado, Ramakrishna (1836-1886), foi sacerdote de um templo recém-erigido à Mãe Cósmica em Dakshineswar, subúrbio de Calcutá. A imagem do templo exibia a divindade, a um só tempo, em seus dois aspectos, o terrível e o benigno. Os quatro braços exibiam os símbolos do seu poder universal: a mão esquerda superior brande um sabre sujo de sangue e a inferior segura pelos cabelos uma cabeça humana decapitada; a mão direita superior está elevada, fazendo o gesto de "não tema" e a inferior se estende, como a conceder dádivas. Como colar, usa uma guirlanda de cabeças humanas; o saiote é uma fileira de braços humanos; a comprida língua está para fora, a fim de lamber sangue. Ela é o Poder Cósmico, a totalidade do universo, a harmonização de todos os pares de opostos, que combina prodigiosamente o terror da destruição absoluta e a segurança indiferente e, no entanto, materna. Tal como a mudança, o rio do tempo, a fluidez da vida, a deusa cria, preserva e destrói a um só tempo. Seu nome é Kali, a Negra; seu título: a Ponte sobre o Oceano da Existência[33].

Numa manhã calma, Ramakrishna percebeu que uma bela mulher saía do Ganges e se aproximava do bosque em que ele meditava. Notou que ela estava prestes a dar à luz. Num átimo, o bebê nasceu e ela cuidou dele ternamente. Todavia, no momento seguinte, ela assumiu um aspecto horrendo, pôs o bebê em suas agora terríveis mandíbulas e o esmagou e mastigou. Engolindo-o, retornou ao Ganges, onde desapareceu[34].

Apenas gênios, capazes das maiores percepções, podem suportar a plena revelação do caráter sublime da deusa. Frente a homens de menor expressão, ela reduz seu fulgor e se permite aparecer sob formas compatíveis com os poderes pouco desenvolvidos deles. A contemplação da deusa em sua plenitude pode ser um terrível acidente para todos os espiritualmente despreparados; é o que testemunha a infeliz história do luxurioso jovem Actéon. Ele não era santo, mas um atleta

despreparado para a revelação da forma que deve ser contemplada sem as nuances de sentimentos humanos normais (isto é, infantis) do desejo, da surpresa e do medo.

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender. Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem. E se ele puder alcançar-lhe a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e o seu objeto, serão libertados de todas as limitações. A mulher é o guia para o sublime auge da aventura sensual. Vista por olhos inferiores, é reduzida a condições inferiores; pelo olho mau da ignorância, é condenada à banalidade e à feiúra. Mas é redimida pelos olhos da compreensão. O herói que puder considerá-la tal como ela é, sem comoção indevida, mas com a gentileza e a segurança que ela requer, traz em si o potencial do rei, do deus encarnado, do seu mundo criado.

Conta-se, por exemplo, a história dos" cinco filhos do rei irlandês Eochaid: fala-se de como, tendo ido caçar, num certo dia, viram-se eles perdidos, afastados de tudo e de todos. Sedentos, puseram-se, um por um, a buscar água. Fergus foi o primeiro: "E ele encontra um poço, junto ao qual há uma velha mulher, de sentinela. Tem a velha a seguinte aparência: mais negras que o carvão eram todas as suas juntas e partes, da cabeça aos pés; comparável ao rabo de um cavalo selvagem era a dura massa cinzenta que ocupava a parte superior da cabeça; com o golpe de uma presa esverdeada que dali saía, encurvada até tocar-lhe a orelha, ela podia cortar o verdejante galho de um carvalho em plena pujança; tinha olhos escurecidos e esfumaçados; nariz torto, com amplas narinas; barriga pintalgada e encarquilhada, acometida de todo tipo de doenças; canelas horrivelmente deformadas, guarnecidas de maciços tornozelos e de pés que pareciam grandes pás; tinha nodosos joelhos e unhas cor de chumbo. Com efeito, todos os traços da megera eram desagradáveis. 'É aqui, não é?', disse o rapaz;

'Justamente', respondeu ela. 'Estás guardando o poço?', perguntou ele; e ela disse: 'Sim'. 'Permites que eu leve um pouco de água?' 'Claro', consentiu ela, 'mas terei de receber de ti um beijo na face.' 'Nada disso', disse ele. 'Então não te darei água.' 'Dou-te minha palavra', ele prosseguiu, 'que, antes de dar-te um beijo, possa eu morrer de sede!' E o jovem partiu para o local onde estavam seus irmãos e lhes disse que não havia conseguido água".

Olioll, Brian e Fiachra, que foram buscar água em seguida, um após outro, também chegaram ao mesmo poço. Todos pediram à velha que lhes desse água, mas lhe negaram o beijo.

Por fim, chegou a vez de Niall, que chegou ao mesmo poço. "'Deixa-me tomar água, mulher!', exclamou. 'Por certo', disse ela, 'e tu me darás um beijo.' Ele respondeu: 'Além do beijo, dou-te também um abraço!' E ele se inclina para abraçá-la e lhe dá um beijo. Feito isso, ele a olha e eis que não havia no mundo uma jovem mais graciosa, de aparência mais bela que a dela: semelhante à última neve a cair, espalhada em valas, era cada uma de suas partes, do topo da cabeça à sola dos pés; antebraços roliços e majestosos, dedos longos e delgados, pernas bem-torneadas de cor agradável; duas sandálias de um belo bronze se interpunham entre os lisos e suaves pés e a terra; havia sobre ela uma ampla manta da melhor lã, puro carmesim, e, sobre suas vestes, um broche de prata branca; tinha ela brancos dentes perolados, grandes olhos magnificentes, a boca rubra como a sorva. 'Há aqui, mulher, uma galáxia de encantos', disse o jovem rapaz. 'É de fato verdade.' 'E quem és?', prosseguiu. 'Sou a Regra Real', respondeu ela, e disse:

"'Rei de Tara! Sou a Regra Real...'

"'Vai agora', disse ela, 'para ter com teus irmãos e leva água contigo; doravante, de ti e dos teus filhos para sempre o reino e o poder supremo serão... E tal como me viste antes feia, embrutecida, repugnante — e, no final, bela —, assim é a regra real: pois, sem batalhas, sem implacável conflito, ela não pode ser ganha; mas, no final, aquele [que ganha] é rei de tudo de atraente e belo que resulte.'"[35]

É assim a regra real? Assim *é* a própria vida. A deusa guardiã do poço inesgotável — seja ela descoberta tal como Fergus, Actéon ou o Príncipe da Ilha Solitária a descobriram — requer que o herói seja dotado daquilo que os trovadores e menestréis denominavam "coração gentil". Ela não pode ser compreendida e apropriadamente servida pelo desejo animal de um Actéon, nem pela repulsa insolente de um Fergus, mas apenas pela gentileza: *Avaré* ("simpatia gentil"), eis o seu nome na poesia cortesã do Japão dos séculos X-XII.

"No interior do coração gentil, habita o Amor, Qual pássaro na verde sombra do bosque. Antes do coração gentil, no esquema da natureza,

O Amor não existia, nem o coração gentil antes do Amor. Pois com o sol, ao mesmo tempo, Assim surgiu a luz imediatamente; nem ocorreu Seu nascimento antes de nascer o sol. E o Amor teve seu efeito na gentileza

Do verdadeiro eu; tal como, No fogo brando, o excesso de calor."[36]

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: *amor jaú),* que *é* a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade.

E quando o aventureiro, nesse contexto, é, não um jovem, mas uma jovem, é ela quem, por suas qualidades, sua beleza ou desejo ardente, se mostra apropriada para tornar-se consorte de um imortal. Então, o celeste marido desce até ela e a conduz ao seu leito quer ela queira, quer não. E se ela o tiver evitado, as vendas lhes cairão dos olhos; se o tiver procurado, seu desejo será aplacado.

A garota Arapaho que seguiu o porco-espinho pela árvore que se alongava foi atraída pelo círculo do povo do céu. Ali ela se tornou esposa de um jovem celeste. Ele, sob a forma de um porco-espinho atrativo, a havia conduzido à sua casa sobrenatural.

A filha do rei da história infantil, um dia depois da

aventura do poço, ouviu trombetas na porta do castelo: o sapo havia chegado para cobrar sua promessa. E, embora ela se mostrasse sobremaneira desgostosa, ele a acompanhou até a cadeira à mesa, compartilhou da comida no pequeno prato e na pequena xícara de ouro e até insistiu em dormir com ela na pequena cama de seda. Num acesso de raiva, ela o tirou do chão e o lançou à parede. Quando caiu, ele já não era sapo, mas o filho de um rei, de gentis e belos olhos. E ficamos sabendo que eles se casaram e foram levados, numa bela carruagem, para o reino que esperava o jovem, onde se tornaram rei e rainha.

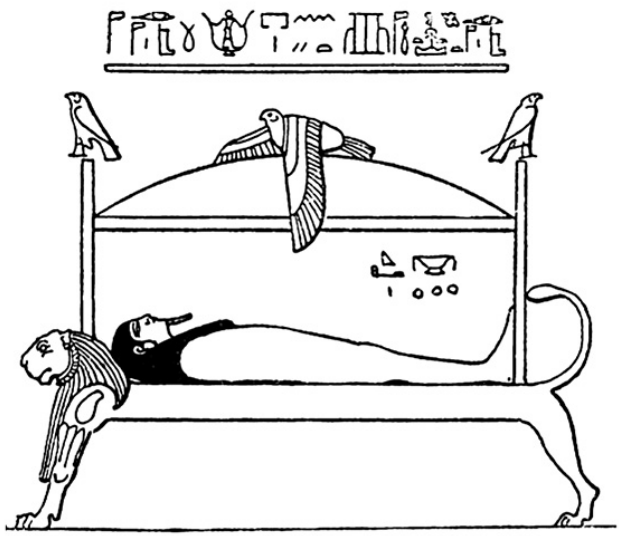


Figura 6 — Ísis, sob a forma de falcão, une-se a Osíris no mundo inferior.

Ou, uma vez mais: quando Psique terminou todas as suas difíceis tarefas, o próprio Júpiter lhe deu uma dose do elixir da imortalidade; assim, ela se encontra, hoje e sempre, unida a Cupido, seu bem-amado, no paraíso da forma perfeita.

As igrejas Ortodoxa Grega e Católica Romana celebram o mesmo mistério na Festa da Assunção:

"A Virgem Maria é levada ao quarto nupcial do céu, onde o Rei dos Reis está assentado em seu trono radiante".

"Ó prudentíssima Virgem, para onde fostes, luminosa como a manhã? Toda bela e doce sois vós, ó filha do Sião, formosa como a lua, brilhante como o sol."[37]

3. A mulher como tentação

O casamento místico com a rainha-deusa do mundo representa o domínio total da vida por parte do herói; pois a mulher é vida e o herói, seu conhecedor e mestre. E os testes por que passou o herói, preliminares de sua experiência e façanha últimas, simbolizaram as crises de percepção por meio das quais sua consciência foi amplificada e capacitada a enfrentar a plena posse da mãe-destruidora, de sua noiva inevitável. Com isso, ele aprendeu que ele e seu pai são um só: ele está no lugar do pai.

Assim expresso, em termos tão extremos, o problema pode parecer distante dos assuntos das criaturas humanas comuns. Não obstante, todo fracasso em lidar com uma situação da vida deve traduzir-se, no final, como restrição à consciência. As guerras e as explosões emocionais são paliativos da ignorância; os arrependimentos, iluminações que vêm tarde demais. Todo o sentido do mito onipresente da passagem do herói reside no fato de servir essa passagem como padrão geral para homens e mulheres, onde quer que se encontrem ao longo da escala. Assim sendo, o mito é formulado nos mais amplos termos. Cabe ao indivíduo, tão-somente, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que lhe restringem os movimentos. Quem são e onde se encontram os ogros? São reflexos dos enigmas não resolvidos de sua própria humanidade. O que são seus ideais? São os sintomas do modo como ele percebe a vida.

No consultório do psicanalista moderno, os estágios da aventura do herói ainda vêm a lume nos sonhos e alucinações

dos pacientes. Camada após camada de falta de autoconhecimento é penetrada, exercendo o analista o papel de auxiliar, de sacerdote iniciatório. E, sempre, passados os primeiros percalços da jornada, a aventura se desenvolve, seguindo uma trilha de trevas, horror, desgosto e temores fantasmagóricos.

O ponto nevrálgico da curiosa dificuldade reside no fato de que as nossas concepções conscientes a respeito do que a vida deve ser raramente correspondem àquilo que a vida de fato é. Em geral nos recusamos a admitir que exista, dentro de nós ou dos nossos amigos, de forma plena, a impulsionadora, autoprotetora, malcheirosa, carnívora e voluptuosa febre que constitui a própria natureza da célula orgânica. Em vez disso, costumamos perfumar, lavar e reinterpretar, imaginando, enquanto isso, que as moscas e todos os cabelos que estão na sopa são erros de alguma desagradável outra pessoa.

Mas quando de súbito percebemos, ou somos obrigados a observar, que tudo quanto pensamos e fazemos é temperado necessariamente pelo odor da carne, então experimentamos, não raro, um momento de repugnância: a vida, os atos da vida, os órgãos da vida, a mulher em particular, como o grande símbolo da vida, tornam-se intoleráveis à incomparavelmente pura alma.

"O, that this too too solid flesh would melt,

Thaw and resolve itself into a dew!

Or that the Everlasting had not fix'd

*His canon 'gainst self-slaughter! O God! O God!"**

Assim exclama o porta-voz desse momento, Hamlet:

"How weary, stale, flat, and unprofitable

Seem to me ali the uses of this world!

Fie on't! ah fie! 'tis an unweeded garden,

That grows to seed; things rank and gross in nature

Possess it merely. That it should come to this!"[38]**

O inocente deleite de Édipo, em sua primeira posse da rainha, torna-se agonia de espírito quando ele descobre quem a mulher é. Tal como Hamlet, ele se encontra acossado pela imagem moral do pai. E, tal como aquele, deixa os agradáveis contornos do mundo para buscar, nas trevas, um reino mais elevado que o da mãe luxuriosa e incorrigível, afetada pelo incesto e pelo adultério. Aquele que busca a vida além da vida deve labutar por ultrapassar a mãe, superar as tentações do seu chamado e lançar-se ao éter imaculado que se acha além.

(*) *"Oh! se esta sólida, inteiramente sólida carne pudesse derreter-se, / Evaporar-se ou dissolver-se num orvalho! I Ou se o Eterno não tivesse fixado I Suas leis contra o suicídio! Õ Deus! Ó Deus!" (N. do T.)*

(**) *"Quão abjetos, gastos, vão e inúteis / Me parecem todos os usos deste mundo! / Opróbrio para o mundo! Ah! Quão abjetos! É um jardim que não foi limpo / Tudo cresce à vontade; coisas de natureza amarga e grosseira, / Somente elas, o habitam. Que se haja chegado a isso!" (N. do T.)*

"Pois um Deus o chamou — chamou-o vezes sem conta, De muitos lugares a um só tempo: 'Ó, Édipo, Tu, Édipo, por que nos retardamos? Há tempo demais és esperado; vem!'"[39]

Onde essa repugnância de Édipo-Hamlet se mantém a acossar a alma, ali o mundo, o corpo e, acima de tudo, a mulher tornam-se símbolos, não mais de vitória, mas de derrota. Nesse momento, um sistema ético monástico-puritano, que nega o mundo, transfigura todas as imagens do mito. O herói não pode mais permanecer inocente diante da deusa da carne; pois ela se tornou a rainha do pecado.

"Enquanto se apegar de alguma forma a esse corpo à feição de cadáver", escreve o monge hindu Shankaracharya, "o homem é impuro e sofre com seus inimigos, tal como sofre no nascimento, na enfermidade e na morte; mas quando se concebe a si mesmo como [ser] puro, como a essência do Deus e do Imóvel, ele se liberta... Rejeita com energia essa limitação

de um corpo inerte e corrupto por natureza. Esquece-o. Pois o que foi vomitado (como deves vomitar teu corpo) só pode causar desgosto quando retorna à mente."[40]

Eis um ponto de vista que a vida e os escritos dos santos tornaram familiares ao Ocidente.

"Quando São Pedro observou que sua filha, Petronilha, era muito bonita, obteve de Deus o favor de ser ela tomada por uma febre. Ora, estando um dia com ele seus discípulos, eis que Tito lhe disse: 'Tu podes curar todas as moléstias; por que não ages de modo a levar Petronilha a erguer-se na cama?' E Pedro replicou: 'Porque estou satisfeito com a condição em que se encontra'. Isso de forma alguma significava não ter ele o poder de curá-la; tanto que, imediatamente, disse-lhe ele: 'Levanta-te, Petronilha, e te apressa a nos servir'. A garota, curada, levantou-se e os serviu. Mas, tendo ela terminado, disse-lhe o pai: 'Petronilha, retorna a tua cama!' Ela retornou e imediatamente foi tomada outra vez pela febre. Mais tarde, quando começou a exibir perfeição em seu amor a Deus, o pai lhe restaurou a perfeita saúde.

"Naquele momento, um nobre cavalheiro chamado Flaccus, extasiado pela sua beleza, veio pedir-lhe a mão em casamento. Ela replicou: 'Se desejas desposar-me, envia um grupo de jovens para me conduzir à tua casa!' Mas, quando o grupo chegou, Petronilha imediatamente se pôs a jejuar e a orar. Tendo recebido a comunhão, voltou a ficar na cama e, três dias depois, entregou a alma a Deus."[41]

"Quando criança, São Bernardo de Clairvaux sofria dores de cabeça. Um dia, recebeu a visita de uma jovem, que lhe foi aliviar os sofrimentos com canções. Mas a criança, indignada, expulsou-a do quarto. E Deus a recompensou pelo seu fervor; pois que se levantou imediatamente da cama, curada.

"Ora, percebendo o antigo inimigo do homem que o pequeno Bernardo tinha tal disposição férrea, pôs-se a criar armadilhas à castidade da criança. Todavia, quando ela, por artes do demônio, viu-se a observar com certa insistência uma senhora, subitamente corou violentamente e mergulhou nas

águas geladas de um poço, onde ficou até se enregelar completamente. Em outra ocasião, enquanto dormia, eis que uma jovem, desnuda, intrometeu-se em sua cama. Bernardo, ao percebê-la, manteve-se em silêncio na parte da cama em que jazia e, voltando-se para o lado contrário ao da jovem, voltou a dormir. Tendo-o provocado e afagado por algum tempo, viu-se a infeliz criatura presa de tal vergonha, embora isso fosse raro nela, que se levantou e fugiu, tomada do mais completo horror para consigo mesma, e de admiração para com o jovem.

"Ainda outra vez, quando Bernardo, juntamente com alguns amigos, havia aceitado a hospitalidade da residência de uma senhora de posses, eis que esta, observando-lhe a beleza, viu-se dominada pelo desejo de dormir com ele. Nessa noite, levantou-se de sua cama e colocou-se ao lado do hóspede. Mas este, tão logo viu que alguém a ele se achegava, passou a gritar: 'Ladrão! Ladrão!' Imediatamente depois disso, a mulher desapareceu, toda a casa atrás de si, lanternas nas mãos, todos à procura do malfeitor. Mas, como não encontrassem, todos voltaram ao leito e ao sono, exceto a mulher, que, incapaz de fechar os olhos, mais uma vez se levantou e se pôs na cama do hóspede. Bernardo voltou a gritar: 'Ladrão!' E outra vez houve alarmas e buscas! Depois disso, ainda uma vez submeteu-se a mulher ao repúdio, e tudo se deu da mesma forma; por fim, ela desistiu do seu maldito projeto, quer por temor, ou por sentir-se desencorajada. Na estrada, no dia seguinte, perguntaram-lhe os companheiros por que tivera ele tantos sonhos com ladrões, ao que Bernardo replicou: 'Tive de fato que repelir os ataques de um ladrão; pois minha anfitriã tentou roubar-me um tesouro que, tivesse eu perdido, jamais seria capaz de recuperar'.

"Todos esses eventos deram a Bernardo a convicção de que era sobremaneira perigoso viver na companhia da serpente. E ele planejou afastar-se do mundo e entrar na ordem monástica de Cister."[42]

Todavia, nem mesmo os muros monásticos ou as remotas paragens do deserto podem proteger contra a presença da mulher; pois enquanto a carne do eremita se mantiver unida aos seus ossos e enquanto sua pulsação for intensa, as imagens da vida estarão alerta, prontas a explodir como tempestade, em

sua mente. Santo Antônio, quando praticava sua vida de austeridade na Tebaida egípcia, viu-se perturbado por voluptuosas alucinações perpetradas por demônios do sexo feminino, que se viram atraídos pela sua magnética solicitude. Aparições dessa ordem, que exibem quadris irresistíveis e seios palpitantes à espera do toque, são conhecidas em todos os eremitérios da história. *"Ah! bel ermite! bel ermite!... Si tu posais ton doigt sur mon épaule, ce serait comme une trainêe de feu dans tes veines. ha possession de Ia moindre place de mon corps t'emplira d'une pie plus véhémente que Ia conquête d'un empire. Avance tes lè-vres..."* [43] *

Escreve o neo-inglês Cotton Mather: "O Deserto que percorremos em nossa jornada para a Terra Prometida encontra-se eivado de ígneas serpentes voadoras. Mas, bendito seja Deus, nenhuma delas até agora nos chegou tão próximo a ponto de nos confundir profundamente! Todo o nosso caminho para o Céu se acha coalhado de *Tocas de Leões* e *Grutas de Leopardos;* são elas incríveis Manadas Demoníacas a nos estorvar o caminho... Somos pobres viajantes num mundo que é, tanto o Campo do Demônio, como o Demoníaco *Cárcere;* mundo no qual se escondem, em todos os Recantos conhecidos, o Diabo e seus Bandos de Salteadores, dispostos a empestar todos aqueles cuja faces se acham voltadas para o Sião"[44].

(*) *"Ah! belo eremita! belo eremita!... Se puseres teu dedo sobre meu ombro, terás a sensação de um rastilho de fogo nas veias. A posse da menor parte do meu corpo te tornará pleno de um gozo que em muito supera a conquista de um império. Avança teus lábios..." (N. do T.)*

4. A sintonia com o pai

"O Arco da Ira Divina se acha entesado e a Flecha, pronta para o disparo, na Corda; e a Justiça aponta a Flecha para o vosso Coração, e dispara o Arco; e não é senão a pura Vontade de Deus, e de um Deus raivoso, sem nenhuma Promessa ou Obrigação, que impede o Arco, por um Momento, de se embeber no vosso Sangue..."

Com essas palavras, Jonathan Edwards ameaçava os corações de sua congregação da Nova Inglaterra, ao revelar-lhes, sem disfarces, o aspecto ogro do pai. Ele os fazia em frangalhos, com imagens da provação mitológica; pois embora proibisse a imagem esculpida, o Puritano se permitia a verbal. "A Ira", trovejava Jonathan Edwards, "a Ira de Deus se assemelha às grandes Águas ora represadas; elas aumentam, mais e mais, e se elevam, cada vez mais alto, até alcançar uma Saída; e quanto mais contida *é* a Corrente, tanto mais rápido e poderoso é seu Curso, uma vez liberado. É verdade que o Julgamento contra vossas Obras maléficas até agora não foi realizado; os Dilúvios da Vingança de Deus foram contidos; mas vossa Culpa, nesse Entretempo, se avoluma constantemente e a cada Dia acumulais mais Ira; as Águas se elevam de forma contínua e se tornam cada vez mais Poderosas; e nada há, além da pura Vontade de Deus, que as contenha, pois não desejam ser contidas e fazem esforços para romper a barragem; se Deus retirasse sua Mão da Passagem da corrente, esta se abriria imediatamente e as cruéis Torrentes da Impiedade da Ira de Deus logo avançariam, tomadas de fúria inconcebível, e sobre vós se abateriam, com Poder onipotente; e mesmo que vossa Força fosse Dez mil Vezes superior ao que é, sim, Dez mil Vezes maior que a Força do mais vigoroso, do mais inflexível

Demônio do Inferno, nada poderíeis fazer para afastá-las ou suportá-las..."

Tendo ameaçado com o elemento água, passa o pastor Jonathan a esgrimir a imagem do fogo. "O Deus que vos mantém acima da Entrada do Inferno, tal como mantemos uma Aranha ou outro inseto repugnante acima do Fogo, vos abomina, e é terrivelmente provocado; a Ira que brande contra vós queima como fogo; ele vos considera como sem valor, dignos apenas de ser devorados pelo Fogo; seus olhos têm muita Pureza para suportar-vos em sua Visão; aos seus olhos, sois Dez mil Vezes mais abomináveis que a mais odiosa Serpente venenosa o é aos vossos. Vós o ofendestes infinitamente mais do que um teimoso Rebelde ofendeu a seu Príncipe; e, no entanto, apenas sua Mão vos impede a queda no Fogo a qualquer Momento...

"Ó, Pecador!... Estais preso por um tênue Fio, com as Chamas da Divina Ira, flamejantes, ao seu redor, a qualquer Momento prontas a romper esse tênue fio e a queimar-vos num átimo; e não podeis Recorrer a nenhum Mediador; e nada pode agir de modo a salvar-vos, nada pode conter as Chamas da Divina Ira, nada que vos pertença, nada que jamais tenhais feito, nada que possais fazer, para induzir Deus a vos poupar por um só Momento..."

Mas eis que chega a hora da imagem salvadora do segundo nascimento — não obstante, apenas por um momento:

"Por conseguinte, vós que jamais passastes por uma grande Mudança de Coração, por meio da poderosa Força do Espírito de DEUS, aplicada sobre vossas almas; todos os que jamais nasceram de novo e não foram transformados em novas Criaturas, nem elevados, da morte no Pecado, a um Estado de novas, e até então não experimentadas, Luz e Vida (por mais que tenhais reformado vossa Vida em muitos Aspectos, que tenhais tido vossas Devoções religiosas, que possais ter observado uma Forma de Religião com vossas Famílias, em vosso íntimo, assim como na Casa de Deus, e por mais que a tenhais respeitado); estais, por conseguinte, nas Mãos de um Deus raivoso; e somente sua Vontade, e nada mais, vos

preserva, nesse momento, de serdes tragados pela eterna Destruição".[45]

A "pura Vontade de Deus" que protege o pecador da flecha, da torrente e das chamas, é chamada, no vocabulário cristão tradicional, "misericórdia divina"; a "poderosa Força do Espírito de DEUS", por meio da qual o coração é transformado, é a "graça" de Deus. Na maioria das mitologias, as imagens da misericórdia e da graça apresentam-se tão vividas quanto as da justiça e da ira, mantendo-se, portanto, o equilíbrio; e o coração, em vez de entregue à destruição, é protegido. "Não temais!", diz o gesto da mão de Xiva, quando ele dança, diante dos devotos, a dança da destruição universal[46]. "Não temais, pois tudo está nas mãos de Deus. Todas as formas que nascem e fenecem — das quais vosso corpo não é senão uma — são as chamas dos meus membros que dançam. Conheceis-Me em tudo — e a que deveríeis temer?" A magia do sacramento (tornado efetivo por meio da Paixão de Jesus Cristo ou pela virtude das meditações do Buda), o poder protetor dos amuletos e talismãs primitivos e os auxiliares sobrenaturais dos mitos e contos de fada configuram-se como a garantia para a humanidade de que a flecha, as torrentes e as chamas não são tão brutas quanto parecem.

Pois o aspecto ogro do pai é um reflexo do próprio ego da vítima — derivado da maravilhosa lembrança da proteção materna que foi deixada para trás, mas só depois de ter sido projetada, bem como do fato de a idolatria fixadora daquela inexistência pedagógica constituir por si própria a falta, no sentido de pecado, que nos mantém paralisados e que impede a alma potencialmente adulta de alcançar uma visão mais equilibrada e realista do pai e, em conseqüência, do mundo. A sintonia consiste, essencialmente, em levar a efeito o abandono do problemático monstro autogerado — o dragão que se considera Deus (o superego)[47] e o dragão que se considera o Pecado (o id reprimido). Mas essa ação requer o abandono do apego ao próprio ego, e aí reside a dificuldade. Devemos ter fé em que o pai é misericordioso; assim, devemos confiar nessa misericórdia. Com isso, o centro da crença é afastado da tenaz apertada e escamosa do deus atormentador, e os ogros

ameaçadores desaparecem.

É essa a provação a partir da qual o herói deve derivar esperança e garantia da figura masculina do auxiliar, por intermédio de cuja magia (amuletos de pólen ou poder de intercessão) ele é protegido ao longo de todas as assustadoras experiências da iniciação, fragilizadora do ego, do pai. Pois, se for impossível confiar na terrível face do pai, nossa fé deve concentrar-se em algum outro lugar (Mulher-Aranha, Mãe Abençoada); e, com essa confiança necessária ao apoio, suportamos a crise — apenas para descobrir, no final de tudo, que o pai e a mãe se refletem um ao outro e são, em essência, a mesma coisa.

Quando os Guerreiros Gêmeos dos Navajos, tendo deixado a Mulher-Aranha com seu conselho e seus talismãs protetores, terminaram sua perigosa jornada pelas rochas que esmagam, os juncos que retalham e os cactos que fazem em pedaços, assim como pelas areias escaldantes, chegaram finalmente à casa do Sol, seu pai. A porta estava guardada por dois ursos. Estes se levantaram e rosnaram; mas as palavras que a Mulher-Aranha havia ensinado aos garotos levaram-nos a voltar a dormir. Depois dos ursos, os garotos se viram ameaçados por um par de serpentes; depois, por ventos e tempestade: os guardiães do último limiar[48]. Todos se acalmaram prontamente, todavia, com as palavras da oração.

Feita de turquesa, a casa do Sol era grande e quadrada, e ficava num cais banhado por poderosas águas. Os garotos entraram e perceberam uma mulher sentada no lado oeste, dois belos jovens no lado sul e duas belas mulheres no lado norte. As jovens se levantaram sem dizer uma palavra, envolveram os recém-chegados em quatro cobertas celestes e os colocaram numa concha. Os garotos ficaram quietos. Nesse momento, uma cascavel, dependurada na porta, fez soar quatro vezes seu chocalho, e uma das jovens disse: "Nosso pai está chegando".

O detentor do sol adentrou a casa, retirou-o de suas costas e o dependurou num cabide situado na parede do lado oeste da sala, onde ele se balançou e fez barulho por algum tempo: "Tia, tia, tia, tia". O pai se voltou para a mulher mais velha e, irado,

perguntou: "Quem eram aqueles que entraram aqui hoje?" Mas a mulher nada respondeu. Os jovens e as jovens se entreolharam. O detentor do sol perguntou por quatro vezes, cheio de ira, até que a mulher, por fim, lhe disse: "Seria muito bom que não falasses demais. Dois jovens entraram aqui hoje, em busca do pai. Disseste-me que não fazes visitas quando sais daqui e que não encontraste outra mulher além de mim. Portanto, de quem são esses filhos?" Ela apontou para o pacote na concha, e as crianças sorriram significativamente umas para as outras.

O detentor do sol tomou do pacote na concha, desenrolou as quatro capas (com a luz da madrugada, do céu azul, da dourada luz do anoitecer e da escuridão), e os garotos caíram. Impiedosamente, ele os atirou sobre algumas grandes e afiadas lanças de concha branca que se achavam no leste. Os garotos seguraram firmemente suas penas de vida e não foram atingidos. O homem os atirou, da mesma forma, sobre lanças de turquesa que se achavam no sul, de haliote, no oeste, e de rocha negra, no norte[49]. Os garotos mantinham sempre as penas de vida firmemente seguras e escaparam todas as vezes. "Eu gostaria que fosse realmente verdade", disse o Sol, "que fossem meus filhos."

O terrível pai tentou então sufocar os garotos até a morte, colocando-os num poço cheio de vapor superaquecido. Mas os ventos os auxiliaram, fornecendo-lhes um retiro seguro dentro do poço, em que eles se esconderam. "Sim, esses são meus filhos", disse o Sol, quando emergiram — mas isso não passava de burla, pois ele ainda planejava traí-los. A prova final consistia em fumar um cachimbo cheio de veneno. Uma lagarta cheia de espinhos os alertou e lhes deu algo para pôr na boca. Eles fumaram o cachimbo sem problemas, passando-o um para o outro, até o fim. Eles até disseram que seu sabor era doce. O Sol ficou orgulhoso, mostrou-se totalmente satisfeito. "Bem, meus filhos", perguntou, "que querem de mim? Por que me procuram?" Os Guerreiros Gêmeos haviam ganhado a confiança do Sol, seu pai[50].

A necessidade de um grande cuidado por parte do pai, que só admite em sua casa os que se tiverem submetido

integralmente aos testes, é ilustrada pela infeliz aventura do garoto Faetonte, descrita no famoso conto grego. Filho de uma virgem da Etiópia e estimulado pelos companheiros de folguedos a descobrir quem era seu pai, ele cruzou a Pérsia e a Índia para encontrar o palácio do Sol — pois sua mãe lhe havia dito que seu pai era Febo, o deus que conduzia a carruagem solar.

"O palácio do Sol estava situado no alto de imponentes colunas, luminosas e envoltas em bronze e ouro resplandecentes, que brilhavam como fogo. Um majestoso mármore coroava os espigões colocados no alto; as portas duplas irradiavam prata esmerilhada. E o trabalho realizado neles era mais bonito que os materiais."

Escalando a trilha íngreme, Faetonte chegou ao cume. E descobriu Febo sentado num trono de esmeraldas, cercado pelas Horas e Estações, e pelo Dia, Mês, Ano e Século. O atrevido jovem teve de parar no limiar, pois seus olhos mortais eram incapazes de suportar a luz; mas o pai lhe falou, com gentileza, do outro lado da entrada.

"O que o traz aqui?", perguntou-lhe o pai. " O que buscas, ó Faetonte, filho que nenhum pai precisa negar?"

O rapaz respondeu, com respeito: "Ó meu pai (se me concedeis o direito de usar esse nome)! Febo! Luz do mundo inteiro! Concedei-me uma prova, meu pai, por meio da qual todos me conheçam como vosso verdadeiro filho".

O grande deus deixou de lado sua resplandecente coroa e pediu-lhe que se aproximasse. Tomou-o nos braços e lhe prometeu, selando a promessa com um juramento de compromisso, que toda prova desejada pelo rapaz lhe seria concedida.

Faetonte desejava a carruagem do pai e o direito de conduzir os cavalos alados por um dia.

"Tal pedido", disse o pai, "mostra que minha promessa foi precipitada." Febo afastou ligeiramente o garoto de si e tentou dissuadi-lo dessa exigência. "Em tua ignorância", disse ele,

"pedes mais do que pode ser concedido, mesmo aos deuses. Cada um dos deuses pode agir como bem entender e, no entanto, nenhum deles, exceto eu, tem o poder de assumir um lugar na minha carruagem de fogo; não, nem mesmo Zeus."

Febo argumentava. Faetonte mostrava-se inflexível. Incapaz de quebrar o juramento, o pai tentou ganhar todo o tempo que pôde, mas no final viu-se obrigado a conduzir o teimoso filho à prodigiosa carruagem, com eixo e lança de ouro, rodas de aros dourados e um conjunto de raios de prata. O jugo era coberto de crisólitas e jóias. As Horas já estavam retirando dos estupendos estábulos os quatro cavalos, que exalavam fogo pelas narinas e eram alimentados com ambrosia. Foram-lhe colocadas as estrepitosas rédeas; os grandes animais se agitavam, presos aos freios. Febo cobriu o rosto de Faetonte com um ungüento, para protegê-lo contra as chamas, e pôs-lhe na cabeça a coroa radiante.

"Se pelo menos obedeceres às advertências do teu pai", aconselhou a divindade, "não usarás o chicote e manterás as rédeas firmemente seguras Os cavalos já correm o suficiente sozinhos. E não sigas a estrada que leva diretamente às cinco regiões do céu, virando, na encruzilhada, à esquerda, e verás claramente as marcas da minha. Além disso, para que o céu e a terra sejam igualmente aquecidos, toma cuidado para não ires alto ou baixo demais; pois se fores alto demais, queimarás os céus e, se fores baixo demais, incendiarás a terra. No meio está o melhor caminho.

"Mas, apressa-te! Enquanto falo, a orvalhada noite alcançou seu ápice do lado ocidental. Somos convocados. Olha, a madrugada irrompe. Rapaz, que a Fortuna te ajude e conduza melhor do que podes guiar-te a ti mesmo. Toma, segura as rédeas."

Tétis, a deusa do mar, havia soltado os freios, e os cavalos, num solavanco, dispararam abruptamente, trespassando as nuvens com as patas, fendendo o ar com as asas, vencendo em velocidade todos os ventos que se elevavam no mesmo quadrante oriental. Imediatamente — a carruagem estava muito leve, sem o peso costumeiro —, o carro começou a jogar como

um navio sem leme sobre as ondas. O condutor, tomado de pânico, esqueceu as rédeas e nem sequer via o caminho à sua frente. Subindo descontroladamente, os cavalos atingiram as alturas do céu e se aproximaram das mais remotas constelações. A Ursa Maior e a Ursa Menor foram chamuscadas. A Serpente, que jazia enrodilhada em torno das estrelas polares, foi aquecida e, com o calor, tornou-se perigosamente furiosa. O Cocheiro se afastou, às voltas com sua parelha. Escorpião atacou com a cauda.

A carruagem, tendo percorrido por algum tempo regiões desconhecidas' do espaço, chocando-se contra as estrelas, disparou loucamente para baixo, na direção das nuvens que ficam ligeiramente acima do solo; e a Lua observou, divertida, os cavalos do seu irmão correndo abaixo dos seus. As nuvens evaporaram-se. A terra incendiou-se. Montanhas ficaram incandescentes; cidades pereceram com seus muros; nações foram reduzidas a cinzas. Foi essa a época em que os povos da Etiópia ficaram negros; pois o sangue foi levado à superfície dos seus corpos pelo calor. A Líbia tornou-se um deserto. O Nilo, aterrorizado, refugiou-se nos confins da terra e escondeu a cabeça, e ainda se encontra escondido.

A Mãe-Terra, limpando suas sobrancelhas chamuscadas com a mão, asfixiada com a fumaça quente, elevou o vozeirão e chamou Júpiter, o pai de todas as coisas, para salvar o mundo. "Observa!", exclamou ela. "Os céus estão chamuscados de pólo a pólo. Grande Júpiter, se o mar perecer, e a terra, e todos os domínios do céu, voltaremos ao caos do começo! Age! Age pela segurança do nosso universo! Salva das chamas o que ainda resta!"

Júpiter, o Pai Todo-Poderoso, convocou urgentemente os deuses para testemunharem que, se não se tomasse uma decisão imediata, tudo estaria perdido. Depois disso, apressou-se para chegar ao zênite, tomou de um raio na mão direita, e o atirou, à altura da própria orelha. O carro foi despedaçado; os cavalos, horrorizados, dispararam; Faetonte, com os cabelos em chamas, caiu como estrela cadente. E o rio Pó recebeu sua carcaça carbonizada.

As Náiades daquela terra depositaram seu corpo num túmulo e nele gravaram o seguinte epitáfio:

"Aqui jaz Faetonte: na carruagem de Febo ele correu; E, se muito fracassou, muito mais se atreveu"[51].

Esse conto sobre a indulgência paternal ilustra a antiga idéia de que, quando as responsabilidades da vida são assumidas pela pessoa iniciada de maneira imprópria, sobrevém o caos. Quando a criança ultrapassa o enlevo cotidiano do seio da mãe e se volta para o mundo da ação adulta especializada, passa, em termos espirituais, à esfera do pai, que se torna, para seu filho, o símbolo da futura tarefa e, para sua filha, o símbolo do futuro marido. Sabendo ou não disso, e seja qual for sua posição na sociedade, o pai é o sacerdote iniciador por meio do qual o jovem ser faz sua passagem para o mundo mais amplo. E da mesma maneira como, anteriormente, a mãe representou o "bem" e o "mal", assim também o pai assume o papel, mas com uma complicação — há um novo elemento de rivalidade no quadro: o filho fica contra o pai, no tocante ao domínio do mundo, e a filha contra a mãe, no que se refere *ao papel de* mundo dominado.

A idéia tradicional de iniciação combina uma introdução do candidato nas técnicas, obrigações e prerrogativas de sua vocação com um radical reajustamento de sua relação emocional com as imagens parentais. O mistagogo (pai ou pai substituto) deve entregar os símbolos do ofício tão-somente ao filho que tiver sido efetivamente purgado de todas as catexes infantis impróprias — a um filho que não se veja impossibilitado para o justo e impessoal exercício dos poderes pelos motivos inconscientes (ou, talvez, até mesmo conscientes e racionalizados) do auto-engrandecimento, da preferência pessoal ou do ressentimento. Em termos ideais, o filho investido do ofício afasta-se de sua mera condição humana e representa uma força cósmica impessoal. Ele é aquele que nasceu duas vezes: tornou-se, ele mesmo, o pai. Em conseqüência, agora é competente para representar, por sua vez, o papel do iniciador, do guia, da porta do sol pela qual devemos passar, das ilusões infantis do "bem" e do "mal", para uma experiência da majestade da lei cósmica, purgada da esperança e do temor, e

em paz na compreensão da revelação do ser.

"Sonhei", declarou um garotinho, "que fui capturado por balas de canhão *[sic]*. Elas começaram a pular e a gritar. Fiquei surpreso ao me ver em minha própria sala de estar. Havia um fogo e um caldeirão sobre ele, cheio de água fervente. Atiraram-me no caldeirão e, de vez em quando, o cozinheiro me enfiava um garfo para ver se eu já estava cozido. Num certo momento, ele me retirou do caldeirão e me deu ao chefe, que estava prestes a me comer, quando acordei."[52]

"Sonhei que estava sentado à mesa com a minha mulher", conta um civilizado cavalheiro. "No curso da refeição, alcancei e peguei nosso segundo filho, um bebê, e passei a colocá-lo, de maneira bastante natural, numa tigela de sopa verde, cheia de água quente ou algum outro líquido quente — pois ele saiu dela totalmente cozido, como um *fricassée* de frango.

"Coloquei a carne sobre uma tábua de cortar pão, que se encontrava sobre a mesa, e a cortei com a minha faca. Quando a havíamos comido completamente, restando apenas uma pequena parte semelhante a uma moela de galinha, levantei os olhos, preocupado, para minha esposa e perguntei: 'Você tem certeza de que queria que eu fizesse isso? Você queria almoçá-lo?'

"Ela respondeu, com um certo ar de censura natural: 'Depois de ele estar tão bem cozido, nada mais havia a fazer'. Eu estava para comer o último pedaço quando acordei."[53]

Esse pesadelo arquetípico do pai ogro é atualizado nas provas da iniciação primitiva. Os meninos da tribo australiana dos Murngins, como vimos, de início são assustados e enviados, às carreiras, às respectivas mães. O Grande Pai Cobra está chamando seus prepúcios[54]. Isso coloca as mulheres no papel de protetoras. É soprado um prodigioso chifre, chamado Yurlunggur, considerado o chamado do Grande Pai Cobra, que emergiu de sua toca. Quando os homens vêm buscar os garotos, as mulheres tomam de lanças e fingem, não apenas lutar, como também lamentar e chorar, pois os meninos serão levados e "comidos". A arena triangular onde dançam os homens é o

corpo do Grande Pai Cobra. Ali são mostradas aos garotos, durante muitas noites, numerosas danças que simbolizam os vários ancestrais totens, e lhes são ensinados os mitos que explicam a atual ordem do mundo. Além disso, os garotos são enviados numa longa jornada de visita a clãs vizinhos e distantes, que imita as caminhadas mitológicas dos ancestrais fálicos[55]. Dessa maneira, "dentro" do Grande Pai Cobra, os garotos são introduzidos num interessante novo mundo objetivo que lhes compensa a perda da mãe; e o falo masculino, em vez do seio feminino, torna-se o ponto central *(axis mundi)* da imaginação.

A instrução culminante da longa série de ritos consiste na liberação do próprio pênis-herói do garoto da proteção do prepúcio, realizada por meio do assustador e doloroso ataque do circuncidador[56]. Entre os Aruntas, por exemplo, o som de berrantes se faz ouvir de todos os lados quando chega o momento dessa ruptura decisiva com o passado. É noite e, na bruxuleante luz do fogo, de repente aparecem o circuncidador e seu assistente. O soar dos berrantes é a voz do grande demônio da cerimônia e o par de operadores é a sua aparição. Com a barba enfiada na boca, representação da raiva, as pernas amplamente separadas uma da outra e os braços estendidos para a frente, os dois homens ficam inteiramente imóveis, o operador na frente, mantendo, em sua mão direita, a pequena faca resistente com a qual deve ser realizada a operação, e seu assistente logo atrás, de modo que os dois corpos estejam em contato. Em seguida, um homem se aproxima do fogo, com um escudo sobre a cabeça e, ao mesmo tempo, estalando o polegar e o indicador de cada mão. Os berrantes fazem um barulho ensurdecedor, que pode ser ouvido por todas as mulheres e crianças no seu distante campo. O homem com o escudo na cabeça se ajoelha num só joelho diante do operador, por um breve momento; imediatamente depois, um dos garotos é levantado do solo por alguns tios, que o carregam com os pés à frente e o colocam sobre o escudo, ao mesmo tempo em que é entoado um cântico, de forma ensurdecedora, e num tom de voz profundo e alto, por todos os homens. A operação é realizada de forma perfeita, as figuras assustadoras se retiram imediatamente da área iluminada e o garoto, num estado de

relativo torpor, é esperado e recebe as congratulações dos homens, a cujo *status* acabou de ascender. "Você se saiu bem", dizem eles, "você não chorou."[57]

As mitologias nativas australianas ensinam que os primeiros rituais de iniciação foram realizados de tal maneira, que todos os homens jovens foram mortos[58]. Demonstra-se, portanto, que o ritual é, entre outras coisas, uma expressão dramatizada da agressão edipiana da geração mais velha; a circuncisão, uma castração mitigada[59]. Mas os ritos também dão conta do impulso canibalesco e patricida do grupo mais jovem, de machos em crescimento, revelando, ao mesmo tempo, o aspecto benigno doador do pai arquetípico; isso porque, no decorrer do longo período de instrução simbólica, há um certo momento em que os iniciados são obrigados a se alimentar apenas do sangue recém-retirado dos homens mais velhos. "Os nativos", dizem-nos, "se interessam particularmente pelo rito cristão da comunhão e, tendo ouvido falar dele através de missionários, comparam-no aos rituais de ingestão de sangue que eles próprios realizam."[60]

"À noite, chegam os homens, que assumem seus lugares de acordo com a hierarquia tribal, estando o garoto deitado sobre o colo do pai. Ele não pode fazer nenhum movimento, ou morrerá. O pai venda-lhe os olhos com as próprias mãos, pois acredita-se que, se o garoto testemunhar os procedimentos realizados a seguir, *seu pai e sua mãe morrerão.* O vaso de madeira ou de casca de árvore é colocado perto de um dos irmãos da mãe do garoto, o qual, tendo apertado ligeiramente o próprio braço, faz um corte em sua parte superior com um instrumento cortante de osso e mantém o braço elevado sobre o vaso até a coleta de uma quantidade suficiente de sangue. O próximo homem também faz um corte no braço e assim por diante, até encher o vaso. Este pode ficar cheio mais ou menos até a metade. O garoto toma um grande gole de sangue. Se seu estômago se rebelar, o pai lhe segura a garganta para evitar a ejeção do sangue já que, se isso ocorrer, *o pai, a mãe e todos os irmãos e irmãs morrerão.* O resto do sangue é despejado sobre ele.

"A partir desse momento, por vezes durante toda uma lua, o

garoto se alimenta exclusivamente de sangue humano, como o determinou Yamminga, o ancestral mítico... Às vezes, o sangue seca no vaso e o guardião o corta em pedaços com seu instrumento; o garoto come os pedaços, começando pelas secções das extremidades. As secções devem ser regulares, para que o garoto não morra."[61]

É freqüente que os homens que deram o sangue desmaiem e fiquem em estado de coma durante uma hora ou mais em conseqüência da exaustão[62]. "Anteriormente", escreve um observador, "esse sangue (bebido cerimonialmente pelos noviços) era obtido de um homem, morto com esse propósito, sendo comidas também porções do seu corpo."[63] "Nesse caso", comenta o dr. Róheim, "chegamos tão próximos de uma representação ritual do assassinato e devoração do pai primai quanto podemos chegar."[64]

Não pode haver dúvidas de que, por menos iluminados que os desnudos selvagens australianos possam nos parecer, suas cerimônias simbólicas representam uma sobrevivência, nos tempos modernos, de um sistema incrivelmente antigo de orientação espiritual, cujas amplas evidências se acham, não apenas em todas as terras e ilhas localizadas no oceano Indico, como também entre os remanescentes dos centros arcaicos daquilo que temos tendência a considerar como nossa própria espécie muito especial de civilização[65]. O grau de conhecimento alcançado pelos antigos é algo difícil de se julgar a partir dos relatos publicados por nossos observadores ocidentais. Mas podemos perceber — a partir de uma comparação entre as figuras do ritual australiano e as figuras que nos são familiares, vindas de culturas mais elevadas — que os grandes temas, os arquétipos intemporais, assim como sua ação sobre as almas, permanecem os mesmos.

"Vem, ó Ditirambo,

Entrai nesse meu útero masculino."[66]

Essa exclamação de Zeus, o Portador do Raio, feita diante da criança, seu filho, Dioniso, soa como o *leitmotif* dos mistérios gregos do segundo nascimento iniciatório. "E vozes de touro

passam a soar de algum ponto, a partir das imagens invisíveis e aterrorizantes; e, de um tambor, nasce uma imagem, como se fosse de um trovão subterrâneo, do ar carregado de apreensão."[67] A própria palavra "ditirambo", como epíteto do Dioniso morto e ressuscitado, era entendida pelos gregos como significando "aquele da dupla porta", aquele que sobreviveu ao espantoso milagre do segundo nascimento. E sabemos que as composições corais (ditirambos), assim como os sombrios ritos sangrentos que celebravam o deus — associados à renovação da vegetação, da lua, do sol e da alma; realizados na estação da ressurreição do deus do ano —, representam o início ritual da tragédia ática. Esses mitos e ritos abundaram por todo o mundo antigo: a morte e ressurreição de Tammuz, de Adônis, de Mitra, de Vírbio, de Átis e de Osíris, assim como suas várias representações animais (bodes e carneiros, touros, porcos, cavalos, peixes e pássaros) são conhecidas de todo estudioso de religião comparada; os populares folguedos carnavalescos, tais como as festas de Pentecostes, São Jorge, John Barleycorn [personificação do licor de milho] e Kostrubonkos, da Chegada do Inverno, da Partida do Verão e da Morte da Garriça do Natal, deram continuidade à tradição, sob a forma de representações travessas, em nossos calendários contemporâneos[68]; além disso, por meio da igreja cristã (na mitologia da Queda e da Redenção, da Crucificação e da Ressurreição, do "segundo nascimento" do batismo, da marca iniciatória no rosto quando da Confirmação [Crisma], da deglutição simbólica da Carne e da ingestão simbólica do Sangue), de forma solene e, por vezes, de modo efetivo, somos unidos às imagens imortais da força iniciatória, através da operação sacramentai na qual o homem, desde o início dos seus dias na Terra, afastou os terrores de sua fenomenalidade e ascendeu à visão transfiguradora do ser imortal. "Porque, se o sangue de touros e de bodes, e a cinza de uma novilha, esparzida sobre o impuro, o santifica, purificando seu corpo, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo."[69]

Há um conto dos Basumbwas, do leste da África, a respeito de um homem a quem apareceu o pai morto, conduzindo o

gado para a Morte, que o levou a uma trilha que entrava na terra, como numa vasta toca. Eles chegaram a uma extensa área onde se encontravam algumas pessoas. O pai escondeu o filho e foi dormir. O Grande Chefe, a Morte, apareceu na manhã seguinte. Um de seus lados era belo; o outro, contudo, era podre, e desprendia vermes. Seus assistentes apanhavam os vermes. Os assistentes limparam as feridas; quando terminaram, a Morte disse: "Aquele que nasceu hoje, se comerciar, será roubado. A mulher que concebe hoje morrerá com a criança concebida. O homem que cultiva hoje, sua lavoura pereceu. Aquele que vai à floresta foi comido pelo leão".

Assim, a Morte pronunciou a maldição universal e foi descansar. Mas, na manhã seguinte, quando apareceu, seus assistentes lavaram e perfumaram o lado belo, massageando-o com óleo. Quando terminaram, a Morte pronunciou a bênção: "Aquele que nasce hoje, que possa tornar-se rico. Possa a mulher que concebe hoje dar à luz um filho que chegará a uma idade avançada. Aquele que nasce hoje, que vá ao mercado, faça bons negócios, negocie com os cegos. O homem que vai entrar na selva, que possa fazer boa caça; que descubra até elefantes. Pois hoje pronuncio a bênção".

Disse, então, o pai ao filho: "Se tivesses chegado hoje, muitas coisas te passariam a pertencer. Mas agora ficou claro que a pobreza te coube. È melhor que já tenhas ido amanhã".

E o filho retornou à casa[70].

O Sol do Mundo Inferior, o Senhor dos Mortos, é o outro lado do mesmo rei radiante que rege e dá o dia; pois: "Quem te sustem do céu e da terra? E quem é que cria vida a partir da morte, e morte a partir da vida? Ê quem rege e regula todas as coisas?"[71] Lembremo-nos do conto Wachaga do homem muito pobre, Kyazimba, que foi transportado, por uma anciã, para o zênite, onde o sol descansa à noite[72]; ali, o Grande Chefe lhe concedeu a prosperidade.

Lembremo-nos também do deus trapaceiro, Exu, descrito num conto da outra costa da África[73]: sua maior alegria era espalhar a confusão. Essas são concepções diferentes da mesma

Providência atemorizadora. Nela estão contidas, e dela procedem, as contradições: o bem e o mal, a vida e a morte, a dor e o gozo, a prosperidade e a privação. Tal como a pessoa da porta do sol, a Providência é a fonte de todos os pares de opostos. "Com Ele estão as chaves do Invisível... No final, para ele retornarás; e Ele então mostrará a verdade de tudo o que fez."[74]

Gravura VII — O feiticeiro, pintura da caverna do Paleolítico (Pireneus franceses).

Gravura VIII — O Pai Universal, Viracocha, chorando (Argentina).

O mistério do pai aparentemente autocontraditório é vivamente narrado na figura de uma grande divindade do Peru pré-histórico, chamado Viracocha. Sua tiara é o sol; ele traz um raio em cada mão; e dos seus olhos descem, sob a forma de lágrimas, as chuvas que refrescam a vida dos vales do mundo. Viracocha é o Deus Universal, o criador de todas as coisas; e, no entanto, nas lendas que narram suas aparições na terra, ele é

mostrado a perambular, como um vagabundo, usando trapos e sendo ultrajado. Lembramo-nos do Evangelho de Maria e José nas casas de Belém[75], e da história clássica do aparecimento de Júpiter e Mercúrio, como mendigos, na casa de Báucis e Filémon[76]. Lembramo-nos também do Exu não reconhecido. Eis um tema encontrado com freqüência na mitologia; seu sentido é captado nas palavras do Corão: "Para onde quer que nos voltemos, há a Presença de Alá"[77]. "Embora esteja oculto em todas as coisas", dizem os hindus, "o Espírito não se mostra; no entanto, é visto por videntes refinados de mentes superiores e aprimoradas."[78] "Racha o cajado", diz um aforismo gnóstico, "e ali está Jesus."

Viracocha, por conseguinte, ao manifestar dessa forma sua ubiqüidade, participa do caráter dos mais elevados deuses universais. Ademais, sua síntese entre o deus-sol e o deus-trovão é familiar. Conhecemo-la através da mitologia hebraica de Jeová, no qual as características de dois deuses se acham unidas (Jeová, um deus-trovão, e El, um deus solar); ela é evidente na personificação Navajo dos Guerreiros Gêmeos; é patente no caráter de Zeus, assim como no raio e no halo presentes em certas formas do Buda. O significado dessa síntese é: a graça que cai sobre o universo através da porta do sol é igual à energia do raio que aniquila e é, ele mesmo, indestrutível; a luz destruidora da delusão, do Imperecível, é a mesma luz que cria. Ou, mais uma vez, em termos de uma polaridade secundária da natureza: o fogo que arde no brilho do sol também arde na tempestade fertilizadora; a energia subjacente ao par elementar de opostos, o fogo e a água, é uma só e a mesma coisa.

Mas o aspecto mais extraordinário, e profundamente tocante, de Viracocha, essa nobremente concebida versão peruana do Deus Universal, reside no detalhe que lhe pertence de modo peculiar, suas lágrimas. As águas vivas são as lágrimas de deus. Nesse ponto, a percepção desalentadora do mundo que teve o monge — "Toda a vida é triste" — é combinada com a afirmação criadora do mundo, feita pelo pai: "Que a vida se faça!" Tendo plena consciência da angústia de vida das criaturas que se acham em suas mãos, com perfeito conhecimento das dolorosas aflições incontroláveis das dores, dos fogos que

dividem o cérebro do universo delusório, autodevastador, luxurioso e raivoso de sua criação, essa divindade concorda com a tarefa de fornecer vida à vida. Retirar as águas seminais equivaleria a aniquilar o mundo que conhecemos; no entanto, dar-lhes vazão seria criá-lo. Pois a essência do tempo é o fluxo, a dissolução do momentaneamente existente; e a essência da vida é o tempo. Em sua misericórdia, em seu amor pelas formas temporais, esse demiúrgico homem dos homens traz consolo ao mar de sofrimentos; mas, tendo plena consciência do que faz, as águas seminais da vida que ele dá são as lágrimas que traz nos olhos.

O paradoxo da criação, do surgir das formas temporais a partir da eternidade, é o segredo germinal do pai. Ele jamais pode ser efetivamente explicado. Em conseqüência, há em todo sistema teológico um ponto umbilical, um calcanhar-de-aquiles que o dedo da mãe-vida tocou e onde a possibilidade do perfeito conhecimento foi comprometida. O problema do herói consiste em penetrar em si mesmo (e, por conseguinte, penetrar no seu mundo) precisamente através desse ponto, em abalar e aniquilar esse nó essencial de sua limitada existência.

O problema do herói que vai ao encontro do pai consiste em abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias desse vasto e implacável cosmo são completamente validadas na majestade do Ser. O herói transcende a vida, com sua mancha negra peculiar e, por um momento, ascende a um vislumbre da fonte. Ele contempla a face do pai e compreende. E, assim, os dois entram em sintonia.

Na história bíblica de Jó, o Senhor não tenta justificar, em termos humanos ou em quaisquer outros, a má paga que coube ao seu servo, "homem simples e reto, temente a Deus, que evitava o mal". Nem foi por pecados por eles mesmos cometidos que os servos de Jó foram mortos pelas tropas caldéias e seus filhos e filhas, esmagados pelo teto que desabou. Quando seus amigos chegam para consolá-lo, declararam, com a fé pia na justiça de Deus, que Jó deveria ter feito algum mal para merecer tão dolorosa aflição. Mas o honesto e corajoso sofredor, desejoso de conhecer o que se oculta no horizonte, insiste que

agiu bem; diante disso, o consolador, Eliú, o acusa de blasfemar, dizendo que ele estava considerando-se mais justo que Deus.

Quando o próprio Senhor responde a Jó a partir do vendaval, não faz nenhuma tentativa de defender sua obra em termos éticos; Ele apenas engrandece Sua presença, ordenando a Jó que faça o mesmo na terra, numa emulação humana do caminho dos céus:

"Cinge agora os teus rins como varão; eu te perguntarei a ti, e tu me responderás. Porventura também farás tu vão o meu julgamento? Porventura me condenarás, para te justi-ficares? Tens um braço como Deus? Ou podes trovejar com voz como a sua? Orna-te, pois, de excelência e alteza; e veste-te de majestade e glória. Derrama os furores de tua ira: e atenta para todo o soberbo, e abate-o. Olha para todo o soberbo, e humilha-o; e atropela os ímpios no seu lugar. Esconde-os juntamente no pó; ata-lhes os rostos em oculto. Então também eu de ti confessarei que a tua própria mão pode salvar-te"[79].

Não há explicação ou menção ao dúbio pacto feito com Satã, descrito no capítulo 1 do Livro de Jó; apenas uma demonstração, de trovões e raios, do fato dos fatos, a saber, que o homem não pode avaliar a vontade de Deus, que deriva de um centro que se acha além do universo das categorias humanas. As categorias, com efeito, são totalmente abaladas pelo Todo-Poderoso do Livro de Jó, e assim se mantêm até o fim. Não obstante, para o próprio Jó, a revelação parece ter dado um sentido que lhe satisfez à alma. Ele foi um herói que, graças à sua coragem na fornalha implacável, sua indisponibilidade para submeter-se e aceitar uma concepção popular do caráter do Altíssimo, mostrou-se capaz de enfrentar uma revelação maior do que aquela que satisfazia aos seus amigos. Não podemos interpretar-lhe as palavras, proferidas no último capítulo, como palavras de um homem simplesmente intimidado. São, antes, palavras de alguém que *viu* algo que ultrapassa tudo o que já havia sido *dito* à guisa de explicação: "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi falar de ti: mas agora meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza"[80]. Os pios consoladores são humilhados; Jó é

recompensado com uma nova casa, novos servos e novos filhos e filhas. "E depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos, e aos filhos dos seus filhos, até a quarta geração. Então morreu Jó, velho e farto de dias."[81]

Para o filho que cresceu o suficiente para conhecer o pai, as agonias da provação são prontamente suportadas; o mundo já não é um vale de lágrimas, mas uma manifestação, perpétua e geradora de bênçãos, da Presença. Em contraste com a ira do Deus raivoso conhecido por Jonathan Edwards e suas ovelhas, a carinhosa letra de um hino dos miseráveis guetos de imigrantes do leste europeu, do mesmo século, diz:

"Ô, senhor do Universo,

Cantarei um hino a Ti.

Onde podes ser encontrado,

E onde não podes ser encontrado?

Por onde passo — ali estás.

Onde fico — ali, também, estás.

Tu, Tu, somente Tu.

Tudo vai bem — graças a Ti.

Tudo vai mal — ah!, também graças a Ti.

Foste, tens sido e serás. Reinaste, reinas e reinarás.

Teu é o Céu; tua é a Terra.

Fizeste as altas regiões,

E fizeste as baixas regiões.

Para onde quer que me volte, Tu, ó Tu, aí estás."[82]

5. A apoteose

Um dos mais poderosos e amados Bodisatvas do budismo Mahaiana do Tibete, da China e do Japão é o Portador do Lótus, Avalokiteshvara, "o Senhor que Olha para Baixo com Piedade", assim chamado porque olha com compaixão para todas as criaturas sensíveis que sofrem os males da existência[83]. Para ele é dirigida a oração milhões de vezes repetida das rodas de oração e dos gongos dos templos do Tibete: *Om mani padme hum,* "a jóia está no lótus". Para ele talvez sejam dirigidas mais orações por minuto do que a qualquer divindade conhecida pelo homem; pois quando, em sua última vida na terra como ser humano, ele abalou por si mesmo o último limiar (momento no qual a ele se abriu a intemporalidade do vazio, que se acha além dos enigmas-miragens do cosmo nomeado e limitado) e deu uma pausa, fez o voto de que, antes de penetrar no vazio, levaria todas as criaturas, sem exceção, à iluminação; e desde então tem permeado toda a textura da existência com a graça divina de sua presença auxiliadora, de modo que a mais insignificante oração que lhe for dirigida, em todo o vasto império do Buda, é graciosamente ouvida. Sob formas diferentes, ele atravessa os dez mil mundos e aparece na hora da necessidade e da oração. Ele se revela, sob forma humana, com dois braços e, sob formas supra-humanas, com quatro, seis, doze ou mil, trazendo, numa de suas mãos esquerdas, o lótus do mundo.

Tal como o próprio Buda, esse ser divino é um padrão da condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância. "Quando o envoltório da consciência tiver sido aniquilado, ele se torna livre de todo temor, além do alcance da mudança."[84] Eis o potencial liberador

que se encontra dentro de todos nós, e que todos podem alcançar — através do heroísmo; pois, como lemos: "Todas as coisas são coisas do Buda"[85]; ou ainda (e esta é outra maneira de fazer a mesma afirmação): "Todos os seres são desprovidos de eu".

O mundo é feito e iluminado pelo Bodisatva ("aquele cujo ser é iluminação"), mas não o retém; pelo contrário, é ele quem retém o mundo, o lótus. A dor e o prazer não o encerram; ele os encerra — e numa profunda tranqüilidade. E como ele é aquilo que todos podem ser, sua presença, imagem, o simples proferir do seu nome, ajudam. "Ele veste uma grinalda de oito mil raios, na qual é visto, plenamente refletido, em estado de perfeita beleza. A cor do seu corpo é púrpura-ouro. As palmas das mãos têm a cor mista de quinhentos lótus, ao passo que cada ponta de dedo traz oitenta e quatro mil marcas de sinete e cada marca oitenta e quatro mil cores; cada cor tem oitenta e quatro mil raios suaves e meigos que brilham sobre tudo o que existe. Com essas mãos de jóia ele atrai e abraça todos os seres. O halo que lhe cerca a cabeça contém quinhentos Budas, miraculosamente transformados, cada um deles assistido por quinhentos Bodisatvas, assistidos, por sua vez, por um sem-número de deuses. E quando ele põe os pés no solo, as flores de diamantes e jóias, que se acham espalhadas, cobrem todas as coisas em todas as direções. A cor de sua face é dourada. Enquanto, em sua imponente coroa de gemas, há um Buda de quatrocentos quilômetros de altura."[86]

Na China e no Japão, esse sublimemente amoroso Bodisatva *é* representado tanto sob a forma masculina como sob forma feminina. Kwan, Yin, na China; Kwannon, no Japão — a Madonna do Extremo Oriente —, eis precisamente essa observadora benevolente do mundo. Ela é encontrada em todo templo budista da parte mais remota do Extremo Oriente, Ela é abençoada, da mesma forma, para o simplório e para o sábio; pois, implícita em seu voto, reside uma profunda intuição, redentora do mundo, sustentáculo do mundo. A pausa no limiar do Nirvana, a resolução de adiar até o fim do tempo (que nunca tem fim) a imersão no poço imperturbável da eternidade, representa uma percepção de que a distinção entre a eternidade

e o tempo não passa de aparência — tendo sido elaborada, à força, pela mente racional, mas dissolvida pelo conhecimento perfeito da mente que transcendeu os pares de opostos. Esse conhecimento reconhece que o tempo e a eternidade configuram-se como dois aspectos da mesma experiência total, dois planos do mesmo inefável não-dual; isto é, a jóia da eternidade está no lótus do nascimento e da morte: *om mani padme hum.*

O primeiro prodígio a ser percebido aqui é o caráter andrógino do Bodisatva: o Avalokiteshvara masculino e a Kwan Yin feminina. Os deuses macho e fêmea não são in-comuns no universo do mito. Eles sempre se encontram imersos num certo mistério; pois conduzem a mente para além da experiência objetiva, para um domínio simbólico que deixa para trás a dualidade. Awanowilona, principal deus dos Zunis, o criador e continente de tudo, por vezes é referido como ele, mas é, na realidade, ele-ela. O Grande Original das narrativas chinesas, a mulher sagrada T'ai Yuan, combinava em sua pessoa o *yang* masculino e o *yin* feminino[87]. Os ensinamentos cabalísticos dos judeus medievais, assim como os escritos cristãos gnósticos do século II, representam a Palavra Feita Carne como um andrógino, que constituía, na verdade, a condição de Adão quando de sua criação, antes de o aspecto feminino, Eva, ser retirado e tomar outra forma. Entre os gregos, não apenas Hermafrodito (filho de Hermes e Afrodite)[88], mas também Eros, o deus do amor (o primeiro deus, segundo Platão)[89], tinham, ao mesmo tempo, os dois sexos.

"E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou."[90] Pode surgir a questão da imagem de Deus; mas a resposta já está dada no texto e é bem clara. "Quando o Santíssimo, Bendito seja Ele, criou o primeiro homem, fê-lo andrógino."[91] Essa remoção do feminino sob outra forma simboliza o início da queda da perfeição na dualidade; e foi seguida naturalmente da descoberta da dualidade entre o bem e o mal, do exílio do jardim onde Deus caminha na terra e, daí por diante, da construção do muro do Paraíso, constituído pela "coincidência dos opostos"[92], por meio da qual o Homem (agora homem e mulher) é privado, não só da visão, mas até

mesmo da lembrança da imagem de Deus.

Eis a versão bíblica de um mito conhecido em muitas terras. Ele representa uma das formas básicas de simbolização do mistério da criação: a transmissão da eternidade ao tempo, a transformação do um no dois e depois no muitos, assim como a geração de nova vida por meio da recombinação dos dois. Essa imagem se encontra no início do ciclo cosmogônico[9i] e, com igual propriedade, na conclusão da tarefa do herói; no momento em que o muro do Paraíso é desfeito, a forma divina é encontrada e lembrada e a sabedoria, recuperada[94].

Tirésias, o vidente cego, era macho e fêmea: seus olhos estavam fechados para as formas imperfeitas do mundo da luz dos pares de opostos; viu, no entanto, em sua escuridão interior, o destino de Édipo[95]. Xiva aparece unido, num único corpo, com Shakti, sua esposa — ele, o lado direito; ela, o esquerdo —, na manifestação conhecida como Ardhanarisha, "O Senhor Meio-Mulher"[96]. As imagens ancestrais de determinadas tribos africanas e melanésias mostram, num único ser, os seios da mãe e a barba e o pênis do pai[97]. E, na Austrália, cerca de um ano depois da provação da circuncisão, o candidato à plena condição de homem passa por uma segunda operação ritual — a da subincisão (um sulco aberto na parte inferior do pênis, destinado a formar uma fenda permanente na uretra). A abertura recebe o nome de "útero do pênis". É uma vagina masculina simbólica. Em virtude da cerimônia, o herói tornou-se mais do que homem.

Gravura IX — Xíva, Senhor da Dança Cósmica (sul da índia).

O sangue para a pintura cerimonial e para a colagem de pêlos de pássaro branco ao corpo é tirado pelos pais australianos dos sulcos de subincisão. Eles reabrem as velhas feridas e o deixam fluir". Ele simboliza, ao mesmo tempo, o sangue menstrual da vagina e o sêmem do macho, assim como a urina, a água e o leite masculino. O fluxo mostra que os velhos têm a fonte da vida e a nutrição dentro de si mesmas[100]; isto é,

mostra que eles e a inexaurível fonte do mundo são uma só e mesma coisa[101].

O chamado do Grande Pai Cobra era alarmante para o menino; a mãe era a proteção. Mas veio o pai. Ele era o guia e iniciador para os/nos mistérios do desconhecido. Na qualidade de instruso original no paraíso da criança com a mãe, o pai é o inimigo arquetípico; eis por que, ao longo da vida, todos os inimigos simbolizam (para o inconsciente) o pai. "Tudo o que é morto torna-se o pai."[102] Daí vem a veneração, em comunidades de caçadores de cabeças (na Nova Guiné, por exemplo) das cabeças trazidas para casa depois de expedições de vingança[103]. Daí vem, igualmente, a irresistível compulsão de fazer guerras: o impulso de destruir o pai transforma-se continuamente em violência pública. Os velhos homens da comunidade ou da raça imediatas se protegem dos filhos em crescimento por meio da magia psicológica de suas cerimônias totêmicas. Eles representam o pai-ogro e então revelam-se igualmente a mãe nutridora. Estabelece-se, dessa maneira, um novo paraíso. Mas este não inclui as tribos, ou raças, inimigas tradicionais, contra a qual a agressão ainda é sistematicamente projetada. Todo o conteúdo pai-mãe "bom" é guardado em casa, sendo o conteúdo "mau" projetado para fora e em torno da casa: "Pois quem é esse filisteu não circuncidado para desafiar o Deus vivo?"[104] "E não fraquejai em perseguir o inimigo: se sofremos provações, também eles sofrem provações semelhantes; mas temos a esperança que vem de Alá, ao passo que eles não têm esperança."[105]

Os cultos totêmicos, tribais, raciais e agressivamente messiânicos apresentam, tão-somente, soluções parciais do problema psicológico da sujeição do ódio pelo amor; a iniciação que fornecem é parcial. Neles, o ego não é aniquilado; pelo contrário, é ampliado; em lugar de pensar apenas em si, o indivíduo torna-se dedicado à *sua* sociedade como um todo. O resto do mundo, enquanto isso (isto é, a maioria absoluta da humanidade), é deixado de fora da esfera de sua simpatia e proteção, pois está fora da esfera de proteção do seu deus. E aí ocorre, então, o dramático divórcio dos dois princípios, o do amor e o do ódio, que as páginas da história registram de forma

tão rica. Em vez de abrandar seu próprio coração, o fanático tenta abrandar o mundo. As leis da Cidade de Deus são aplicadas somente ao seu próprio grupo (tribo, igreja, nação, classe e tudo o mais), ao passo que o fogo de uma perpétua guerra santa é avivado (com boa consciência e, de fato, com um sentido de serviço piedoso) contra todos os povos não-circuncidados, bárbaros, pagãos, "nativos" ou outros que venham a ocupar a posição de vizinhos[106].

O mundo se acha repleto de grupos inimigos em função dessa atitude: adoradores de totens, bandeiras e partidos. Mesmo as chamadas nações cristãs — que, segundo se supõe, seguem um Redentor "do Mundo" — são mais bem conhecidas, na história, pela sua barbaridade colonial, e pelas lutas internas, do que por alguma demonstração prática de amor incondicional, sinônimo da conquista efetiva do ego, do mundo do ego e do deus tribal do ego, que foi ensinada pelo seu professado Senhor supremo:

"Digo, a vós que ou vis: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam. Bendizei os que vos maldizem e orai pelos que vos caluniam. Ao que ferir numa face, oferecei-lhe também a outra; e, ao que vos houver tirado a capa, nem a túnica recuseis. E dai a qualquer um que vos pedir; e ao que tomar o que é vosso, não lhe torneis a pedir. E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também. E, se amardes aos que vos ama, que recompensa obtereis? Também os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa obtereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que recompensa obtereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receber outro tanto. Amai pois aos vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes; e será grande vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo: pois que Ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede pois misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso"[107].

Uma vez que nos libertemos dos preconceitos da nossa própria versão provincianamente limitada, de caráter eclesiástico, tribal ou nacional, dos arquétipos do mundo, torna-

se possível compreender que a suprema iniciação não é dos pais maternais locais, que projetam a agressão nos vizinhos para garantir sua própria defesa. A boa nova, que o Redentor do Mundo traz e que tantos se rejubilaram por ouvir, pela qual se empenharam em orar, mas que relutaram, aparentemente, em demonstrar, afirma que Deus é amor, que Ele é, e deve ser, amado, e que todos, sem exceção, são filhos seus[108]. As questões comparativamente triviais, tais como os detalhes adicionais do credo, as técnicas de adoração e os artifícios de organização episcopal (as quais tanto absorveram o interesse dos teólogos ocidentais, que terminaram, nos dias de hoje, por ser discutidas seriamente como as principais questões religiosas)[109], não passam de enganos pedantes, exceto se forem conservadas como aspectos secundários do ensinamento fundamental. Na verdade, onde não são mantidas nessa condição, têm um efeito regressivo: reduzem a imagem do pai, mais uma vez, às dimensões do totem. E, isso, com efeito, tem ocorrido por todo o mundo cristão. Podemos pensar que fomos chamados a decidir, ou a saber, quem dentre nós o Pai prefere, quando o ensinamento é muito menos presunçoso: "Não julgueis para não serdes julgados"[110]. A cruz do Salvador do Mundo, apesar do comportamento dos seus sacerdotes, é um símbolo vastamente mais democrático que a bandeira local[111].

A compreensão das implicações últimas — e críticas — das palavras e símbolos de redenção do mundo da tradição cristã foi de tal modo deturpada, ao longo dos tumultuosos séculos que nos separam da declaração de guerra — feita por Santo Agostinho — da *Chitas Dei* contra a *Civitas Diaboli,* que o pensador moderno desejoso de saber o significado de uma religião mundial (isto é, de uma doutrina do amor universal) deve voltar-se para a outra grande (e muito mais antiga) comunhão universal: a comunhão do Buda, na qual a principal palavra é a paz — paz para todos os seres[m].

Os seguintes versos tibetanos, por exemplo, de dois hinos do poeta-santo Milarepa, foram compostos mais ou menos na época em que o papa Urbano II pregava a Primeira Cruzada:

"No seio da Cidade da Ilusão dos Seis Planos do Mundo, O principal fator é o pecado e a ignorância nascidos das más

obras; Ali, o ser seguido dita as preferências e aversões, E jamais chega o momento de conhecer a Igualdade: Evitai, ó filho meu, as preferências e aversões[113].

Se realizardes o Vazio de Todas as Coisas, a Compaixão surgirá em vossos corações; Se abandonardes todas as diferenciações entre vós mesmos e os outros, sereis dignos de servir aos outros; E quando, no serviço dos outros, encontrardes sucesso, a mim encontrareis; E, me encontrando, alcançareis a Condição de Buda."[114]

A paz está no coração de todos porque Avalokiteshva-ra-Kwannon, o poderoso Bodisatva, o Amor Ilimitado, inclui, observa e mora dentro de todo ser sensível (sem exceção). A perfeição das delicadas asas de um inseto, quebradas na passagem do tempo, ele a observa — e ele mesmo é, a um só tempo, sua perfeição e sua desintegração. A perene agonia no homem, presa de uma delusão autotorturante, emaranhado numa teia formada pelo seu próprio delírio tênue e frustrado, e, no entanto, trazendo dentro de si mesmo, não descoberto, absolutamente não utilizado, o segredo da liberação: isto ele também observa — e é. Serenos, acima do homem, os anjos; abaixo dele, os demônios e os mortos infelizes: todos são atraídos para o Bodisatva, pelos raios de suas mãos de jóias. Os centros limitados e aprisionados da consciência, inumeráveis, em todos os planos da existência (e não apenas neste universo, limitado pela Via-Láctea, mas além, nos confins do espaço), galáxia após galáxia, mundo após mundo de universos, que vêm a existir a partir do poço intemporal do vazio, irrompendo em vida e, tal como uma bolha, ali perecendo; vezes sem conta; vidas em abundância; todo o sofrimento; cada um vinculado ao tênue e estreito círculo de si mesmo — açoitando, matando, odiando e desejando a paz além da vitória: são, todos eles, as crianças, as figuras dementes do transitório, embora inexaurível, vasto mundo onírico do Todo-Observador, cuja essência é a essência do Esvaziamento: "o Senhor que Olha para Baixo com Piedade".

Mas o nome significa, igualmente, "O Senhor que é Visto no Intimo[115]. Somos todos reflexos da imagem do Bodisatva. O sofredor que há dentro de nós é esse divino ser. Somos, nos e

esse pai protetor, um. Eis a percepção redentora. Esse pai protetor é todo homem que encontramos. E, dessa maneira, devemos saber que, embora esse ignorante, limitado, autodefensivo e sofredor corpo possa considerar-se ameaçado por algum outro — o inimigo —, este último também é Deus. O ogro nos quebra, mas o herói, o candidato certo, passa pela iniciação "como um homem"; e observem, ele era o pai: nós n'Ele e Ele em nós[116]. A querida e protetora mãe do nosso corpo não nos pode defender do Grande Pai Serpente; o corpo mortal e tangível que ela nos deu foi enviado para seu poder ameaçador. Mas a morte não foi o fim. Nova vida, novo nascimento, novo conhecimento da existência (de maneira que não habitemos apenas neste físico, mas em todos os corpos, todos os físicos do mundo, tal como o Bodisatva — eis o que nos foi concedido. Esse pai era ele mesmo o útero, a mãe, de um segundo nascimento[117].

Esse é o sentido da imagem do deus bissexual. Ele é o mistério do tema da iniciação. Somos tirados da mãe, transformados em fragmentos e assimilados ao corpo aniquilador do mundo do ogro de que todas as formas e todos os seres preciosos são apenas o curso de um banquete; mas então, miraculosamente, somos mais do que éramos. Se o Deus é um arquétipo tribal, racial, nacional ou sectário, somos os guerreiros de sua causa; mas se ele é o próprio senhor do universo, então somos conhecedores para os quais *todos* os homens são irmãos. E, em ambos os casos, as imagens e idéias parentais da infância, do "bem" e do "mal", foram superadas. Já não desejamos, nem tememos; somos, antes, o objeto do desejo e do temor. Todos os deuses, Bodisatvas e Budas foram subsumidos em nós, tal como no halo do poderoso portador do lótus do mundo.

Assim sendo: "Vinde, e retornemos ao Senhor: pois ele despedaçou, e nos curará; fez a ferida e a pensará. Depois de dois dias, nos reviverá: no terceiro dia, nos ressuscitará e viveremos diante dele. Conheçamos, se prosseguirmos no conhecimento do Senhor: como a alva será sua saída; e ele estará no meio de nós como a chuva, como a chuva serôdia que rega a terra"[118].

Eis o sentido do primeiro prodígio do Bodisatva: o caráter andrógino da presença. A partir daí, as duas aventuras mitológicas aparentemente opostas entre si se reúnem: o Encontro com a Deusa e a Sintonia com o Pai. Pois, na primeira, o iniciado aprende que macho e fêmea são (nas palavras do *Brihadaranyaka Upanishad)* "duas metades de uma ervilha partida"[119]; ao passo que, na segunda, descobre que o Pai antecede à divisão dos sexos: o pronome "Ele" era um modo de dizer, o mito da Filiação, uma linha orientadora a ser apagada. E, em ambos os casos, descobre-se (ou melhor, recorda-se) que o próprio herói é aquele que o herói veio encontrar.

O segundo prodígio a ser observado no mito do Bodisatva é o aniquilamento da distinção entre a vida e a libertação da vida — simbolizada (como notamos) na renúncia do Bodisatva ao Nirvana. Nirvana significa, em resumo, "a Extinção do Fogo Tríplice do Desejo, da Hostilidade e da Ilusão"[120]. Como se recordará o leitor: na lenda da Tentação sob a Árvore Bo *(supra,* pp. 31-32), o antagonista do Futuro Buda foi Kama-Mara, literalmente "Desejo-Hostilidade" ou "Amor e Morte", o mágico da Ilusão. Ele era uma personificação do Fogo Tríplice e das dificuldades do último teste, um último guardião do limiar, a ser ultrapassado pelo herói universal em sua suprema aventura em busca do Nirvana. Tendo dominado dentro de si mesmo, até o ponto crítico, os últimos resquícios do Fogo Tríplice, que é a força motriz do universo, o Salvador contemplou, refletidas como num espelho colocado em torno de si, as últimas fantasias projetadas de sua vontade física primitiva de viver como outros seres humanos — a vontade de viver de acordo com os motivos comuns do desejo e da hostilidade, num ambiente delusório de causas, fins e meios fenomênicos. Ele foi assaltado pela última fúria da carne desprezada. E foi esse o momento de que tudo dependeu; pois, a partir de uma centelha, pode irromper outra vez toda a conflagração.

Essa lenda grandemente celebrada fornece um excelente exemplo da estreita relação mantida no Oriente entre mito, psicologia e metafísica. As vividas personificações preparam o intelecto para a doutrina da interdependência dos mundos interno e externo. O leitor percebeu, sem dúvida, uma certa

semelhança entre essa antiga doutrina mitológica da dinâmica da psique e os ensinamentos da moderna escola freudiana. Segundo esta última, o instinto de vida *(eros* ou *libido,* correspondente ao *Kama,* "desejo" budista) e o instinto de morte *(thanatos* ou *destrudo,* idêntico à *Mara* budista, "hostilidade ou morte") são os dois impulsos que não só movem o indivíduo a partir de dentro, mas animam igualmente, para ele, o mundo circundante[121]. Ademais, as delusões inconscientemente fundamentadas de onde emergem desejos e hostilidades são, em ambos os sistemas, dissipadas por meio da análise psicológica (em sânscrito, *viveka)* e da iluminação (em sânscrito, *vidya).* No entanto, o alvo dos dois ensinamentos — o tradicional e o moderno — não é exatamente o mesmo.

A psicanálise é uma técnica para curar indivíduos que sofrem excessivamente com os desejos e hostilidades inconscientemente mal dirigidos que se acham agregados em torno de suas teias privadas de terrores irreais e atrações ambivalentes; o paciente libertado desses desejos e hostilidades descobre ser capaz de participar, com relativa satisfação, de temores e hostilidades mais realistas, de práticas eróticas e religiosas, negócios, guerras, passatempos e tarefas domésticas oferecidos pela sua cultura particular. Mas para aqueles que empreenderam, deliberadamente, a difícil e perigosa jornada para além dos limites da cidade, esses interesses também devem ser considerados como baseados no erro. Por conseguinte, o objetivo do ensinamento religioso não consiste em curar o indivíduo por meio da devolução à ilusão geral, mas afastá-lo, de uma vez, de todas as delusões; e isso, não apenas por meio do reajustamento do desejo *(eros)* e da hostilidade *(thanatos)* — que apenas geraria um novo contexto delusório —, mas por meio da *extinção* dos impulsos em suas próprias raízes, nos termos do método do celebrado Nobre Caminho Óctuplo [ou Quarta Nobre Verdade] do budismo:

"Crença Correta, Intenções Corretas, Palavra Correta, Ações Corretas, Meio de Vida Correto, Esforço Correto, Pensamento Correto, Correta Compreensão".

Com a "extirpação final da ilusão, do desejo e da hostilidade" (Nirvana), a mente sabe que não é aquilo que pensa

ser: o pensamento flui. A mente permanece em seu verdadeiro estado. E aí pode ela habitar até que o corpo desapareça:

"Estrelas, escuridão, lâmpada, fantasma, orvalho, bolha, Um sonho, um relâmpago, e uma nuvem:

Assim devemos olhar tudo o que foi feito".

O Bodisatva, todavia, não abandona a vida. Voltando os olhos da esfera interna da verdade que transcende o pensamento (que só pode ser descrita como "vazio", já que ultrapassa a palavra) para observar mais uma vez o mundo fenomênico, ele percebe, fora de si, o mesmo oceano de existência que encontrou no seu íntimo. "A forma é o vazio, o vazio é de fato forma. O vazio não difere da forma, a forma não difere do vazio. O que for forma é também o vazio; o que for vazio, é também a forma. E o mesmo se aplica à percepção, ao nome, à concepção e ao conhecimento."[123] Tendo ultrapassado as delusões do seu antigo ego auto-afirmativo, auto defensivo e voltado para si mesmo, ele conhece, dentro e fora, a mesma tranqüilidade. Fora, ele observa o aspecto visual do magnífico vazio que transcende o pensamento, onde se encontram suas próprias experiências do ego, da forma, das percepções, da palavra, das concepções e do conhecimento. E ele fica cheio de compaixão pelos seres auto-aterrorizados que vivem no temor de seus próprios pesadelos. Ele se eleva, retorna ao seu meio e habita entre eles como um centro desprovido de ego, por meio do qual o princípio do vazio é manifesto em sua própria simplicidade. E esse é seu grande "ato compassivo"; pois, por meio dele, é revelada a verdade, segundo a qual, na compreensão daquele em quem o Fogo Tríplice do Desejo, da Hostilidade e da Ilusão se extinguiu, esse mundo *ê* Nirvana. "Ondas de dádivas" fluem desse ser para a libertação de todos nós. "Nossa vida neste mundo é uma atividade do próprio Nirvana, não existindo a mínima diferença entre este e aquela."

E por isso podemos dizer que, afinal de contas, o moderno alvo terapêutico de uma cura que produza o retorno à vida é atingido por meio da antiga disciplina religiosa; apenas o círculo percorrido por Bodisatva é abrangente; e a partida do mundo é considerada, não como uma falha, mas como o

primeiro passo na nobre trilha em cujo trecho derradeiro se alcançará a iluminação com relação ao profundo vazio do circuito universal. Esse ideal também é bastante conhecido do hinduísmo: aquele que se libertou em vida *(jtvan mukta),* desprovido de desejos, compassivo e sábio, "com o coração concentrado pela ioga, vê todas as coisas sob a mesma luz, observa-se a si mesmo em todos os seres e observa todos os seres em si mesmo. Como quer que leve a vida, vive em Deus"[125].

Conta-se a história de um erudito confuciano que suplicou ao vigésimo oitavo patriarca budista, Bodhidharma, "que pacificasse sua alma". Bodhidharma retrucou: "Apresente-a e eu a pacificarei". O confuciano replicou: "Eis o meu problema; não consigo encontrá-la". Bodhidharma disse: "Seu desejo foi atendido". O confuciano entendeu e partiu em paz[126].

Aqueles que sabem, não apenas que o Eterno vive neles, mas que eles mesmos, e todas as coisas, *são* verdadeiramente o Eterno, habitam os bosques de árvores que atendem aos desejos, bebem o licor da imortalidade e ouvem, em todos os lugares, a música silenciosa da harmonia universal. Esses são os imortais. As pinturas taoístas de paisagens, feitas na China e no Japão, descrevem de modo supremo o caráter celestial dessa condição terrestre. Os quatro animais benevolentes, a fênix, o unicórnio, a tartaruga e o dragão, habitam entre os jardins de salgueiros, os bambus e as ameixeiras, assim como em meio à neblina das montanhas sagradas, perto das honradas esferas. Os sábios, de corpos encarquilhados, mas de espírito eternamente jovem, meditam entre essas alturas, cavalgam animais curiosos, simbólicos, ao longo de paragens imortais, ou palestram, deliciados, diante de xícaras de chá, sobre a flauta de Lan Ts'ai-ho.

Gravura X — Ancestral andrógino (Sudão)

Gravura XI — Bodisatva (China)

Gravura XII — Bodisatva (Tibete)

A soberana do paraíso terrestre dos imortais chineses é a deusa-fada Hsi Wang Mu, a "Mãe de Ouro da Tartaruga". Ela habita num palácio situado na montanha K'un-lun, cercada por

aromáticas flores, montes de jóias e um muro de jardim feito de ouro[127]. Ela é formada pela pura quintessência do ar do oeste. Seus convidados à periódica Festa dos Pêssegos (celebrada quando os pêssegos amadurecem, uma vez a cada seis mil anos) são servidos pelas graciosas filhas da Mãe de Ouro, em caramanchões e pavilhões erigidos perto do Lago das Gemas. As águas fluem ali de uma notável fonte. Tutano de fênix, fígado de dragão e outros pratos são saboreados, os pêssegos e o vinho trazem a imortalidade. Ouve-se música que flui de instrumentos invisíveis, assim como canções que vêm de lábios imortais; e as danças das dançarinas visíveis são manifestações do gozo da eternidade no tempo[128].

As cerimônias do chá do Japão são realizadas de acordo com a concepção do paraíso terrestre taoísta. A sala de chá, chamada "domicílio da fantasia", é uma estrutura efêmera construída para conter um momento de intuição poética. Também chamada "domicílio da lacuna", é desprovida de ornamentação. Contém temporariamente um único quadro ou arranjo de flores. A casa de chá é chamada "domicílio do não-simétrico": o não-simétrico sugere movimento; o propositadamente inacabado deixa um vácuo em que a imaginação do observador pode mergulhar.

A anfitriã se aproxima, pela trilha do jardim, e deve inclinar-se na humilde entrada. Faz uma reverência diante do arranjo de flores e do grupo de cantores e toma seu lugar no chão. O mais simples objeto, cuja forma é derivada da simplicidade controlada da casa de chá, se destaca em sua misteriosa beleza, o silêncio mantendo o segredo da existência temporal. Cada convidado pode completar a experiência com relação a si mesmo. Os participantes, portanto, contemplam o universo em miniatura e tornam-se conscientes do seu parentesco oculto com os imortais.

Os grandes mestres do chá preocupavam-se em transformar o divino prodígio numa experiência; então, a influência da casa de chá era levada para casa pelos praticantes e, dali, para toda a nação[129]. Durante o longo e pacífico período Tokugawa (1603-1868), antes da chegada do comodoro Perry, em 1854, a textura da vida japonesa tornou-se tão imbuída de uma

formalização significativa, que a existência do mínimo detalhe era uma expressão consciente da eternidade, sendo a própria paisagem um santuário. Da mesma forma, por todo o Oriente, por todo o mundo antigo e nas Américas pré-colombianas, a sociedade e a natureza representavam, para a mente, o inexprimível. "As plantas, as rochas, o fogo e a água estão vivos. Eles nos observam e vêem nossas necessidades. Eles vêem quando nada temos para nos proteger", declarou um velho contador de histórias apache, "e é este o momento em que se revelam a si mesmos e se dirigem a nós."[13°] Eis o que o budista denomina "sermão do inanimado".

Um certo asceta hindu, que repousava às margens do sagrado Ganges, colocou seu pé sobre um símbolo de Xiva (um *Vingam,* uma combinação de falo e vulva, que simboliza a união entre o Deus e sua Esposa). Um sacerdote que passava observou o homem que assim repousava e o admoestou: "Como ousas profanar esse símbolo de Deus ao colocar o pé sobre ele?", perguntou-lhe. O asceta replicou: "Meu bom senhor, sinto muito; mas poderia o senhor, por gentileza, tirar o meu pé e colocá-lo num lugar em que não esteja o *lingam* sagrado?" O sacerdote pegou os calcanhares do asceta e os levantou para a direita, mas quando os colocou outra vez sobre o solo, surgiu um falo da terra e os pés ficaram como estavam. Ele os moveu outra vez; outro falo os recebeu. "Ah! Entendi!", disse o sacerdote, humilhado; fez reverência ao santo que repousava e seguiu seu caminho.

O terceiro prodígio do mito de Bodisatva consiste no fato de o primeiro prodígio (a saber, a forma bissexual) ser simbólico do segundo (a identidade entre a eternidade e o tempo). Pois, na linguagem das imagens divinas, o mundo do tempo é o grande útero materno. A vida que existe em seu interior, gerada pelo pai, é composta pela escuridão da mãe e pela luz do pai[131]. Nela somos concebidos e vivemos apartados do pai; mas quando passamos do útero do tempo para a morte (que é nosso nascimento para a eternidade), somos entregues às suas mãos. O sábio percebe, mesmo dentro desse útero, que veio do pai e a ele está retornando, ao passo que o muito sábio sabe que ele e ela são, em termos de substância, um só.

Eis o sentido das imagens tibetanas da união entre os Budas e Bodisatvas e seus próprios aspectos femininos, que se afiguraram tão indecentes aos olhos de tantos críticos cristãos. De acordo com uma das formas tradicionais de encarar esses suportes da meditação, a forma feminina (em tibetano: *yum)* deve ser observada como o tempo; a forma masculina *(yab),* como a eternidade. A união dos dois produz o mundo, em que todas as coisas são, a um só tempo, temporais e eternas, criadas à imagem desse deus macho-fêmea autoconsciente. O iniciado, por meio da meditação, é levado à recordação dessa Forma das formas *(yab-yum)* dentro de si mesmo. Ou, por outro lado, a figura masculina pode ser considerada como o princípio iniciador, o método; nesse caso, a figura feminina denota o ponto a que a iniciação leva. Mas esse ponto é o Nirvana (a eternidade). E assim é que tanto o masculino como o feminino devem ser encarados, alternativamente, ora como o tempo, ora como a eternidade. Isso quer dizer que os dois são o mesmo, cada um é os dois e a forma dual *(yab-yum)* não passa de efeito da ilusão — a qual, todavia, não difere da iluminação[132].

Eis uma suprema enunciação do grande paradoxo por meio do qual o muro dos pares de opostos é abalado e o candidato admitido à visão do Deus, o qual, ao criar o homem à sua própria imagem, o criou homem e mulher. Na mão direita do homem há um relâmpago que constitui uma contraparte dele mesmo; ao passo que em sua mão esquerda ele traz um sino, símbolo da deusa. O relâmpago é tanto o método como a eternidade, ao passo que o sino é a "mente iluminada"; a nota que o sino toca é o belo som da eternidade, ouvido pela mente pura por toda a criação e, por conseguinte, dentro dela mesma[133].

É esse, precisamente, o sino tocado na missa cristã no momento em que Deus, por meio do poder das palavras da consagração, desce ao pão e ao vinho. E a leitura cristã do significado também é a mesma: *Et Verbum caro factum est*[134]*,* isto é, "a Jóia está no Lótus": *Om mani padme hum*[135].

6. A bênção última

O Príncipe da Ilha Solitária passou seis noites e seis dias no diva de ouro com a Rainha do Tubber Tintye, que nele jazia, estando o diva montado sobre rodas de ouro que giravam continuamente — o diva que girava e girava, sem parar, noite e dia; na sétima manhã, ele disse: "Está na hora de eu deixar este lugar". Assim, desceu e encheu as três garrafas com a água do poço flamejante. Havia, no quarto de ouro, uma mesa de ouro e, sobre a mesa, uma perna de carneiro e um pedaço de pão; e mesmo que todos os homens de Erin comessem durante um ano à mesa, o carneiro e o pão seriam os mesmos, tanto antes como depois de eles comerem.

"O Príncipe tomou assento, comeu sua parte do pão e da perna de carneiro e os deixou tal como os havia encontrado. Então, levantou-se, tomou das três garrafas, pô-las em sua bolsa e estava prestes a deixar o quarto quando disse a si mesmo: 'Seria uma pena ir embora sem deixar nada que permita à rainha saber quem esteve aqui enquanto ela dormia'. Por isso, escreveu uma carta, dizendo que o filho do Rei de Erin e da Rainha da Ilha Solitária havia passado seis noites e seis dias no quarto de ouro de Tubber Tintye, havia retirado três garrafas de água do poço flamejante e comido à mesa de ouro. Tendo colocado sua carta sobre o leito da rainha, ele partiu, passou pela janela aberta, saltou sobre o lombo do pequeno cavalo magro e maltratado e passou ileso pelas árvores e pelo rio."[136]

A facilidade com que a aventura é realizada aqui significa que o herói é um homem superior, um rei nato. Essa facilidade distingue numerosos contos de fadas, bem como todas as lendas das façanhas de deuses encarnados. Onde o herói comum teria

um teste diante de si, o eleito não encontra nenhum empecilho e não comete erros. O poço é o Centro do Mundo; sua água flamejante, a essência indestrutível da existência; o leito que gira continuamente, por seu turno, é o Eixo do Mundo. O castelo adormecido é o abismo Último em que submerge a consciência descendente no sonho, onde a vida individual está a ponto de dissolver-se em energia indiferenciada. A dissolução seria a morte; no entanto, também o seria a falta do fogo. O motivo (derivado de uma fantasia infantil) do prato inesgotável, que simboliza os perpetuou poderes da criação da vida e da construção da forma, parte da fonte universal, é uma contraparte dos contos de fada para a imagem mitológica do banquete divino, abastecido pela cornucópia, A reunião dos dois grandes símbolos— o encontro com a deusa e o roubo do fogo — revela, com simplicidade e clareza, a condição dos poderes antropomórficos no reino do mito. Esses elementos não são fins em si mesmos, mas guardiães, encarnações ou doadores, do licor, do leite, do alimento, do fogo e da graça da vida indestrutível.

Essas imagens podem ser interpretadas, de pronto, como primariamente, embora talvez não em última análise, psicológicas; pois é possível observar, nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, sintomas de uma "mitologia" em formação, relativa a um estado situado além das vicissitudes do tempo. Esses sintomas aparecem como reações às fantasias destruidoras do corpo — e como defesas espontâneas contra *elas* —, que assaltam a criança quando ela é privada do seio da mãe[137]. "A criança reage com uma explosão temperamental, e a fantasia que se segue consiste em tirar tudo do corpo da mãe... A criança, então, sente medo de retaliação por ter esses impulsos, isto é, teme que tudo seja retirado do seu próprio interior."[138] Ansiedades com relação à integridade do próprio corpo, fantasias de restituição, uma exigência silenciosa e profunda de indestrutibilidade e proteção contra as forças "maléficas" internas e externas, passam a dirigir a psique em formação; e permanecem como fatores determinantes das atividades de vida, esforços espirituais, crenças religiosas e práticas rituais do adulto neurótico e mesmo normal.

Por exemplo, a profissão de curandeiro, esse núcleo de todas as sociedades primitivas, "origina-se... a partir das fantasias infantis de destruição do corpo, por meio de uma série de mecanismos de defesa"[139]. Na Austrália, há uma concepção básica segundo a qual os espíritos removeram os intestinos do curandeiro e colocaram, em seu luxar, seixos, cristais de quartzo, uma certa quantidade de corda e, por vezes, uma pequena cobra dotada de poderes[140]. "A primeira fórmula é ab-reação em fantasia: 'Meu interior já foi destruído', seguida por uma formação de reação: 'Meu interior não é algo corruptível e cheio de fezes, mas incorruptível, cheio de cristais de quartzo'. A segunda é uma projeção: 'Não sou eu quem tenta penetrar no corpo, mas feiticeiros de fora que lançam substâncias provocadoras de doenças nas pessoas'. A terceira fórmula é a restituição: 'Não estou tentando destruir o interior das pessoas; estou curando'. Ao mesmo tempo, contudo, o elemento original de fantasia dos valiosos elementos corporais tomados da mãe retorna na técnica de cura: sugar, tomar, arrebatar algo do paciente."[141]

Outra imagem de indestrutibilidade é representada pela idéia folclórica do "duplo" espiritual — uma alma externa não afligida pelas perdas e ferimentos do corpo presente, mas que existe, em segurança, em algum lugar remoto[142]. "Minha morte", disse um certo ogro, "está muito longe daqui e é difícil de encontrar, no vasto oceano. Nesse mar há uma ilha; na ilha, cresce um carvalho verde e, debaixo desse carvalho, há uma arca e na arca há um pequeno cesto, onde há uma lebre, e na lebre há um pato e no pato um ovo: aquele que encontra o ovo e o quebra mata-me ao mesmo tempo."[143] Compare-se com o sonho de uma moderna mulher de negócios bem-sucedida: "[Eu havia naufragado] e estava numa ilha deserta. Ali havia também um sacerdote católico. Ele estava fazendo alguma coisa parecida com a colocação de tábuas entre as ilhas para que as pessoas pudessem passar. Passamos para outra ilha e ali perguntamos a uma mulher onde eu havia ido parar. Ela respondeu que eu estava mergulhando com alguns mergulhadores. Então fui a algum ponto do interior da ilha onde havia uma massa bonita de água, cheia de gemas e jóias, estando o outro 'eu' mergulhado ali num traje de mergulho.

Parei olhando para baixo e observando a mim mesma"[144]. Há um belo conto hindu a respeito da filha de um rei que só se casaria com o homem que encontrasse e despertasse seu duplo, na Terra do Lótus do Sol, no fundo do mar[14]\ O australiano iniciado, após seu casamento, é conduzido pelo avô a uma caverna secreta e ali lhe é mostrada um pequena placa de madeira com inscrições alegóricas: "Isto", diz-lhe o avô, "é seu corpo; isto e você são a mesma coisa. Não o leve para outro lugar, sob pena de sentir dor"[146]. Os maniqueus e cristãos gnósticos dos primeiros séculos depois de Cristo ensinavam que, quando a alma do bendito chega ao céu, é recebida por santos e anjos que trazem sua "veste de luz", que foi preservada para ela.

A suprema bênção desejada para o Corpo Indestrutível é a residência no Paraíso do Leite que Jamais Falta: "Regozijai-vos com Jerusalém, e alegrai-vos com ela, vós todos os que a amais: enchei-vos de alegria por ela, todos os que por ela pranteastes: para que mameis e vos farteis com os seios de suas consolações; para que sugueis e vos deleiteis com a abundancia de sua glória. Porque assim diz o Senhor: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio... então mamareis, no colo vos trarão e sobre os joelhos vos afagarão"[147]. Alimento da alma e do corpo, consolo do coração, eis a dádiva daquele que "Tudo Cura", o seio inexaurível. O Monte Olimpo se eleva aos céus; deuses e heróis banqueteiam-se ali com ambrosia (α, não; *(βpotós;* mortal). No vestíbulo da montanha de Wotan, quatrocentos e trinta e dois mil heróis consomem a carne irredutível de Sachrimnir, 0 Varrão Cósmico, acompanhada do leite que jorra dos liberes da cabra Heidrun: ela se alimenta das folhas de Vggdrasil, o Freixo do Mundo. Dentro das fantásticas colinas de Erin, o imortal Tuatha De Danaan consome os porcos auto-regeneradores de Manannan, bebendo copiosamente da cerveja de Guibne. Na Pérsia [Irã], os deuses do jardim da montanha do Monte Hara Berezaiti bebem o *haoma* imortal, destilado da Árvore Gaokerena, a árvore da vida. Os deuses japoneses bebem saque, os polinésios, *ave;* os deuses astecas bebem o sangue de homens e virgens. E os redimidos de Jeová, reunidos em seu jardim suspenso, servem-se da inexaurível e deliciosa carne dos monstros Beemote, Leviatã e Ziz, enquanto bebem os licores dos quatro rios doces do paraíso[148].

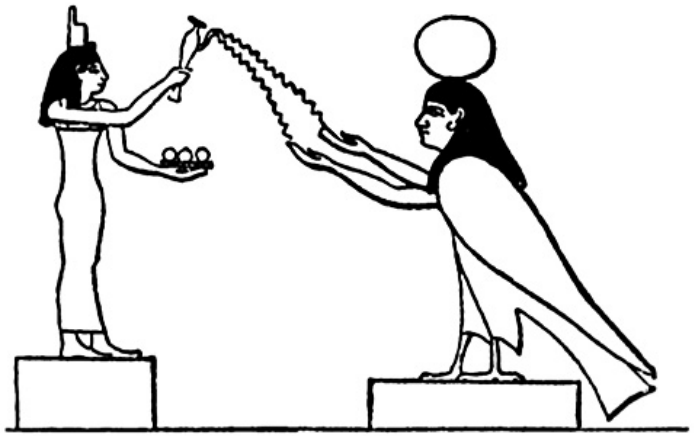


Figura 7 — Ísis dá pão e água à alma

É evidente que as fantasias infantis que todos ainda acalentamos no inconsciente surgem continuamente nos mitos, contos de fadas e nos ensinamentos da Igreja, como símbolos do ser indestrutível. Isso nos ajuda, pois a mente sente-se em casa com as imagens e parece lembrar-se de algo já conhecido. Mas essa circunstância também se configura como obstrução, já que os sentimentos terminam por se manter nos símbolos e resistem apaixonadamente a todo esforço de ir além deles. O prodigioso golfo que separa essas abençoadas multidões do universo infantil, que enchem o mundo de piedade, do verdadeiramente livre, torna-se aberto na linha em que os símbolos cedem passagem e são transcendidos. "Ó vós", escreve Dante, deixando o Paraíso Terrestre, "ó vós que em frágil barca, desejosos de aprender, que até aqui haveis seguido o meu lenho, que entre cantos vai singrando, volvei aos portos de que haveis partido; não penetreis o mar aberto; pois se de mim vos desgarrardes, em meio dele estareis perdidos. As águas que ora vou singrando jamais foram percorridas. Minerva me inspira e Apoio me guia e nove Musas me indicam o Rumo."[149] Eis a linha que o pensamento não ultrapassa, linha além da qual todo sentimento está verdadeiramente morto: tal como a última parada de uma estrada de ferro de montanha, da qual os alpinistas se afastam,

mas à qual retornam, para conversar com aqueles que gostam do ar da montanha, mas não querem correr o risco das alturas. O ensinamento inefável da beatitude que se acha além da imaginação chega até nós, necessariamente, envolto em figuras que nos recordam a beatitude imaginada da infância; daí a decepcionante característica infantil dos contos. Daí, igualmente, a inadequação de toda leitura de cunho exclusivamente psicológico[150].

A sofisticação do humor da imagética infantil, quando modulada numa habilidosa versão mitológica da doutrina metafísica, emerge de maneira magnificente num dos mais bem conhecidos dentre os grandes mitos do mundo oriental: o relato hindu da batalha primordial entre os titãs e os deuses pelo elixir da imortalidade. Um antigo ser da terra, Kashya-pa, o "Homem-Tartaruga", havia desposado treze filhas de um patriarca demiúrgico ainda mais antigo, Daksha, o "Senhor da Virtude". Duas dessas filhas, de nome Diti e Aditi, deram à luz, respectivamente, os titãs e os deuses. Todavia, numa interminável sucessão de batalhas familiares, muitos dos filhos de Kashyapa foram morrendo. Num certo momento, o alto sacerdote dos titãs, obteve, por meio de grande austeridade e meditações, o favor de Xiva, Senhor do Universo. Xiva lhe concedeu o poder de reviver os mortos. Isso deu aos titãs uma vantagem que os deuses, na próxima batalha travada, logo perceberam. Eles se retiraram, confusos, para se consultarem mutuamente e dirigiram-se às altas divindades Brahma e Vishn1[151]. Foram aconselhados a firmar com seus irmãos-inimigos uma trégua temporária, durante a qual os titãs deveriam ser induzidos a ajudá-los a bater o Oceano Lácteo da vida imortal para obter sua manteiga — Amrita *(a,* não; *mrita,* mortal), o "néctar da imortalidade". Orgulhosos pelo convite, que consideraram uma admissão de sua superioridade, os titãs ficaram deliciados por participar; e assim começou a memorável aventura cooperativa, no início das quatro idades do ciclo do mundo. O Monte Mandara foi escolhido como a colher de bater. Vasuki, o Rei das Serpentes, concordou em ser a corda de bater, destinada a movimentar a colher. O próprio Vishnu, sob a forma de uma tartaruga, mergulhou do Oceano Lácteo, para sustentar, com suas costas, a base da montanha. Os

deuses seguraram uma das extremidades da serpente, que havia sido enrolada em torno da montanha, e os titãs tomaram da outra. E o grupo bateu o oceano durante mil anos.

A primeira coisa a surgir na superfície do mar foi uma fumaça negra e venenosa, chamada Kalakuta, "Vértice Negro", a saber, a mais alta concentração do poder de morte. "Bebam-me", disse Kalakuta; e a operação não pôde prosseguir até que se encontrasse alguém capaz de sorvê-la. Xiva, que se sentava alheio e distante, foi aproximado. De forma magnificente, relaxou de sua posição de profunda meditação interna e seguiu para o local em que era batido o Oceano Lácteo. Tomando a mistura da morte numa xícara, engoliu-a de um golpe e, graças ao seu poder de iogue, manteve-a na garganta. Sua garganta ficou azul, razão por que Xíva é chamado "Pescoço Azul", Nilakantha.

Tendo prosseguido o processo de bater, começaram a surgir, das inesgotáveis profundezas, formas preciosas de poder concentrado. Apareceram Apsaras (ninfas); Lakshmi, a deusa da fortuna; o cavalo branco como leite conhecido por Uchchaihshravas ("Relincho Alto"); a pérola de gemas, Kaustubha; e outros objetos, em número de treze. O último a aparecer foi o habilidoso médico dos deuses, Dhanvantari, trazendo nas mãos a lua, a xícara do néctar da vida.

Nesse momento, começou uma grande batalha pela posse da valiosa beberagem. Um dos titãs, Rahu, conseguiu roubar um pouco, mas foi decapitado antes de o licor passar por sua garganta; seu corpo feneceu, mas a cabeça permaneceu imortal. E hoje sua cabeça procura a lua, eternamente, por todo o céu, tentando alcançá-la outra vez. Quando o consegue, a xícara passa facilmente por sua boca e volta a sair pela garganta; eis por que temos eclipses da lua.

Mas Vishnu, preocupado com a possibilidade de os deuses perderem a vantagem, transformou-se numa linda dançarina. E enquanto os titãs, que eram dados à luxúria, ficavam enfeitiçados pelo encanto da garota, esta se apossou da xícara-lua de Amríta, troçou deles com ela por um momento e a passou para os deuses. Vishnu transformou-se imediatamente

num poderoso herói, juntou-se aos deuses contra os titãs e ajudou a rechaçar o inimigo para as escarpadas e sombrias gargantas do mundo inferior. Os deuses agora se alimentam eternamente de Amrita, em seus belos palácios situados no cume da montanha do centro do mundo, o Monte Sumeru[152].

O humor é a pedra de toque do verdadeiramente mitológico, em oposição ao modo mais literal e sentimental do teológico. Os deuses, tomados como ícones, não são fins em si mesmos. Seus atrativos mitos transportam a mente e o espírito, não *acima,* mas *através* deles, para o prodigioso vazio; dessa perspectiva, os mais pesadamente carregados dogmas teológicos afiguram-se, tão-somente, como artifícios pedagógicos destinados a afastar o intelecto menos sagaz do amontoado concreto de fatos e eventos e a levá-lo a uma zona relativamente rarefeita, onde, como bênção final, toda existência — celeste, terrestre ou infernal — pode finalmente ser vista numa transmutação que lhe dá maior semelhança com um sonho infantil de bênção e temor, um mero sonho ligeiramente passageiro e recorrente. "De um certo ponto de vista, todas essas divindades existem", disse recentemente um lama tibetano, respondendo à pergunta de um compreensivo visitante ocidental, "de outro, não são reais."[153] Esse é o ensinamento ortodoxo dos antigos Tantras — "Todas essas divindades visualizadas não são senão símbolos que representam as várias coisas que ocorrem na Trilha"[154] —, assim como uma doutrina das escolas psicanalíticas contemporâneas[155]. E essa mesma percepção de ordem metafísica parece ser sugerida nos versos finais de Dante, nos quais o viajante iluminado finalmente é capaz de elevar os corajosos olhos para além da visão beatífica do Pai, do Filho e do Espírito Santo, alcançando a Luz Eterna[156].

Os deuses e deusas devem ser entendidos, em conseqüência, como encarnações e guardiães do elixir do Ser Imperecível, mas não são, em si mesmos, o Ultimo em seu estado essencial. Assim, o herói busca, por meio do seu intercurso com eles, não propriamente a eles, mas a sua graça, isto é, o poder de sua substância sustentadora. Essa miraculosa energia-substância, e só ela, é o Imperecível; os nomes e formas das divindades que,

em todos os lugares, a encarnam distribuem e representam, vêm e vão. Essa é a energia miraculosa dos relâmpagos de Zeus, de Jeová e do Supremo Buda, a fertilidade da chuva de Viracocha, a virtude anunciada pelo sino tocado na missa no momento da consagração[157], assim como a luz da iluminação última do santo e do sábio. Seus guardiães só ousam liberá-la para aqueles que verdadeiramente mostraram ser dignos dela. Mas os deuses podem ser excessivamente rigorosos e cautelosos. Nesse caso, o herói deve se apossar do seu tesouro por meio de artifícios. Esse foi o problema de Prometeu. Sob essa forma, mesmo os mais elevados deuses aparecem como malignos ogros que ocultam a vida, e o herói que os engana, mata ou aplaca é honrado como o salvador do mundo.

Maui da Polinésia se opôs a Mahu-ika, o guardião do fogo, para tirar dele o seu tesouro e transportá-lo de volta para a humanidade. Maui se dirigiu diretamente ao gigante Mahu-ika e lhe disse: "Afasta os arbustos desse terreno plano para que possamos ter uma contenda numa atitude de amigável rivalidade". Maui, deve-se dizer, era um grande herói e um mestre do artifício.

"— Que espécie de prova de coragem e habilidade teremos? — perguntou Mahu-ika.

"— A prova de atirar longe o adversário — replicou Maui.

"Mahu-ika concordou; e Maui perguntou:

"— Quem começa?

"— Eu — respondeu Mahu-ika.

"Maui concordou e Mahu-ika o pegou e o jogou para cima; Mauí subiu bastante e caiu justamente nas mãos de Mahu-ika; este o jogou para cima outra vez, cantando: 'Jogar, jogar — para cima você vai!'

"Maui foi para cima e Mahu-ika cantou esse encanto:

"'Para cima você vai, para o primeiro nível, Para cima você vai, para o segundo nível, Para cima você vai, para o terceiro

nível, Para cima você vai, para o quarto nível, Para cima você vai, para o quinto nível, Para cima você vai, para o sexto nível, Para cima você vai, para o sétimo nível, Para cima você vai, para o oitavo nível, Para cima você vai, para o nono nível, Para cima você vai, para o décimo nível!'

"Maui girou e girou no ar e começou a cair outra vez; e caiu bem ao lado de Mahu-ika; e Maui lhe disse:

"— Só você está se divertindo!

"— E, na verdade, por que não? — exclamou Mahu-ika. — Você acha que pode fazer uma baleia voar pelos ares?

"— Posso tentar — respondeu Maui.

"E Maui pegou Mahu-ika e o jogou para cima, cantando: 'Jogar, jogar — para cima você vai!'

"Mahu-ika voou para cima e Maui então cantou esse encanto:

"'Para cima você vai, para o primeiro nível,

Para cima você vai, para o segundo nível,

Para cima você vai, para o terceiro nível,

Para cima você vai, para o quarto nível,

Para cima você vai, para o quinto nível,

Para cima você vai, para o sexto nível,

Para cima você vai, para o sétimo nível,

Para cima você vai, para o oitavo nível,

Para cima você vai, para o nono nível,

Para cima você vai — para cima e para cima, no ar!'

"Mahu-ika girou e girou no ar e começou a cair; e, quando estava prestes a chegar ao solo, Maui proferiu as seguintes

palavras mágicas: 'Esse homem ali em cima — que ele caia de cabeça!'

"Mahu-ika caiu; seu pescoço foi completamente afundado e Mahu-ika morreu." Imediatamente, o herói Maui pegou a cabeça do gigante Mahu-ika e a cortou, passando a ser o possuidor do tesouro da chama, que doou ao mundo"[158].

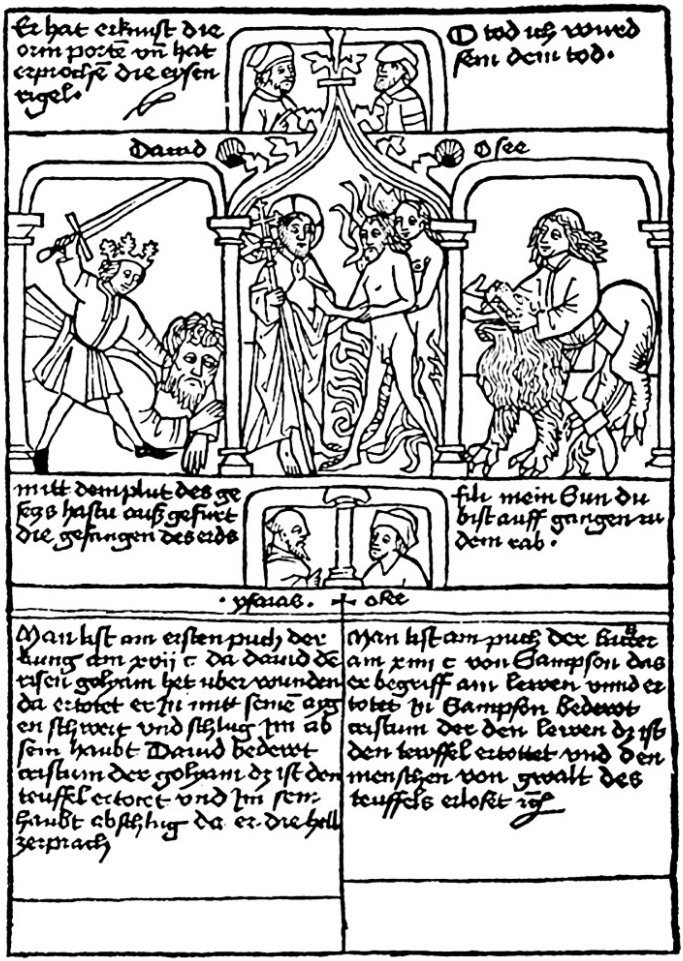


Figura 8 — A conquista do monstro: Davi e Golias; as aflições do inferno; Sansão e o leão.

O mais importante conto da busca do elixir na tradição mesopotâmica, pré-bíblica, é o de Gilgamés, um lendário rei da cidade sumeriana de Erech, que se pôs à busca do agrião da imortalidade, a planta "Nunca Envelhecer". Depois de passar são e salvo pelos leões que guardam o sopé das montanhas e pelos homens-escorpiões que vigiam as montanhas que sustentam o céu, ele alcançou, em meio às montanhas, um paradisíaco jardim, repleto de flores, frutos e pedras preciosas. Prosseguindo, chegou ao mar que circunda o mundo. Numa caverna por trás das águas, vivia uma manifestação da deusa Istar, Siduri-Sabitu; e essa mulher, completamente envolta em véus, fechou-lhe as portas. Mas quando ele lhe contou sua história, ela o admitiu à sua presença e o aconselhou a não dar continuidade à busca, sugerindo que ele aprendesse e se contentasse com os prazeres mortais da vida:

"Gilgamés, por que segues esse caminho? A vida que buscas, jamais encontrarás.

Quando os deuses criaram o homem, impuseram a morte à humanidade, e retiveram a vida em suas próprias mãos.

Alimenta-te, Gilgamés;

diverte-te dia e noite;

prepara, a cada dia, alguma ocasião agradável. Dia e noite sejas folgazão e alegre;

enverga vestes bonitas,

perfuma teus cabelos, banha teu corpo. Observa o pequeno que te pega as mãos. Deixa tua esposa feliz, aconchegada ao teu peito"[159].

Mas, como Gilgamés insistisse, Siduri-Sabitu deixou-o passar e o advertiu dos perigos que eivavam o caminho.

A mulher o instruiu a procurar o barqueiro Ursanapi, a quem Gilgamés encontrou cortando madeira na floresta, guardado por um grupo de assistentes. Gilgamés rechaçou esses

assistentes (chamados "aqueles que se regozijam em viver", "homens de pedra"), e o barqueiro consentiu em levá-lo através das águas da morte. Era uma viagem que levava um mês e meio. O passageiro foi advertido para não tocar as águas.

Ora, a distante terra de que se aproximavam era a residência de Utnapishtim, o herói do dilúvio primordial[16°], que ali vivia, com a esposa, na paz imortal. De longe, Utnapishtim percebeu um pequeno barco que se aproximava, sozinho, pelas intermináveis águas e imaginou, de si para si:

"Por que os 'homens de pedra' do barco foram rechaçados, E alguém que não está a meu serviço viaja no barco? Aquele que vem: não é ele um homem?"

Ao chegar, Gilgamés teve de ouvir a longa recitaçao da história do dilúvio pelo patriarca. Depois, Utnapishtim pediu ao visitante que dormisse e este dormiu durante seis dias. Utnapishtim pediu à esposa que fizesse sete pães e os colocasse à cabeceira de Gilgamés, enquanto este dormia ao lado do barco. E Utnapishtim tocou em Gilgamés e este acordou; o anfitrião ordenou ao barqueiro que o levasse a banhar-se num certo poço e que lhe desse vestes limpas. Em seguida, Utnapishtim revelou a Gilgamés o segredo da planta.

"Gilgamés, revelar-te-ei um segredo

e te darei instruções: Essa planta é como os arbustos espinhosos do campo; seu espinho, tal como o da rosa, te ferirá as mãos.

Mas se sua mão alcançar essa planta, voltar ás à tua terra natal."

A planta crescia no fundo do mar cósmico.

Ursanapi conduziu o herói outra vez pelas águas. Gilgamés atou pedras aos pés e mergulhou[161], Ele desceu, indo além de todos os limites da resistência, enquanto o barqueiro esperava no barco. Ao chegar ao fundo do mar sem fundo, o mergulhador apanhou a planta, embora esta lhe mutilasse a mão, desatou as pedras e começou a emergir. Quando chegou à superfície e o barqueiro o recolheu no barco, ele anunciou, em

tom triunfante:

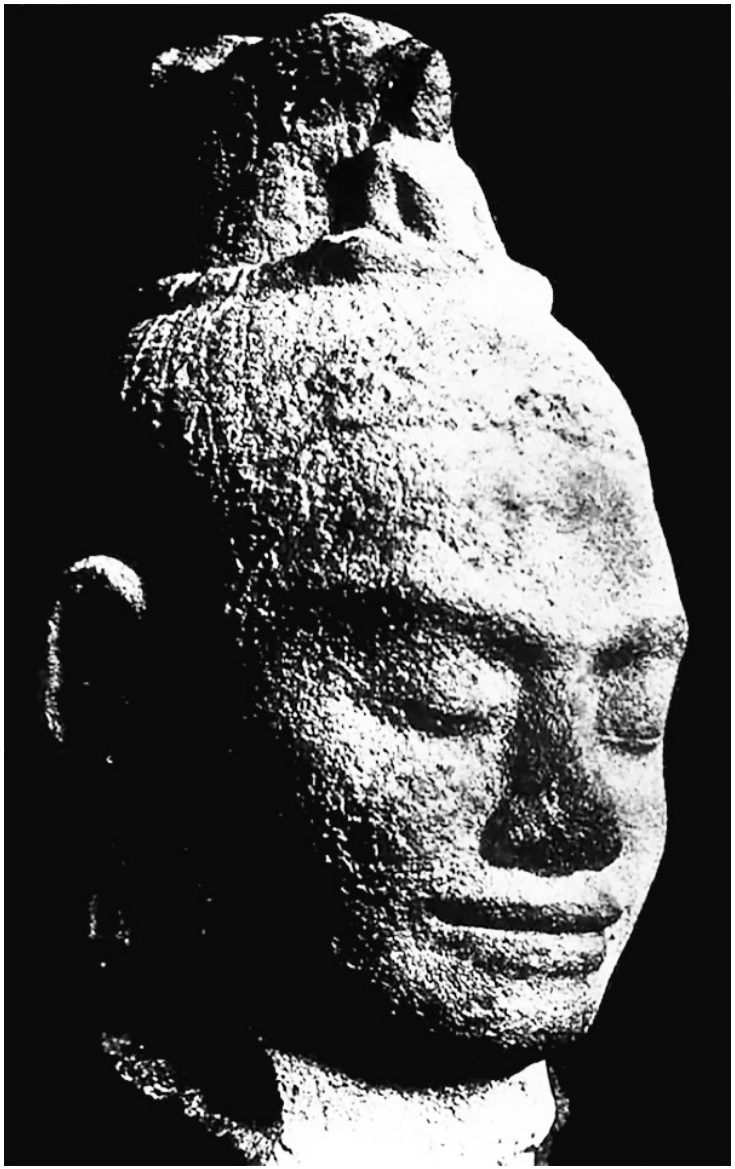
"Ursanapi, essa é a planta...

Por meio da qual o Homem pode atingir o pleno vigor. Eu a levarei para Erech, cidade das penas de carneiro... Seu nome é: 'Na velhice, o Homem volta a ser jovem'. Comerei dela e retornarei à condição da juventude".

Eles continuaram a singrar o mar. Quando aportaram, Gilgamés se banhou num frio poço e deitou-se para repousar. Mas, enquanto ele dormia, uma serpente farejou o maravilhoso perfume da planta, aproximou-se e a carregou consigo. Comendo-a, a serpente obteve imediatamente o poder de retirar a própria pele e, assim, recuperou a juventude. Mas Gilgamés, quando acordou, sentou-se e chorou, "e suas lágrimas desceram pelas paredes do nariz"[162].

Até hoje, a possibilidade da imortalidade física encanta o coração do homem. A peça utópica de Bernard Shaw, *Back to Methuselah,* produzida em 1921, converteu o tema numa moderna parábola sócio-biológica. Quatrocentos anos antes, o mais literal Juan Ponce de León descobriu a Flórida quando procurava a terra de Bimini, onde esperava encontrar a fonte da juventude. Além disso, muitos séculos antes, o filósofo chinês Ko-hung passou os últimos anos de uma longa vida preparando pílulas de imortalidade. "Tome três quilos de cinabre genuíno", escreveu Ko-hung, "e um quilo de mel branco. Misture. Deixe a mistura secar ao sol. Toste-a no fogo até que seja possível dar-lhe a forma de pílulas. Tome dez pílulas do tamanho de uma semente de cânhamo toda manhã. Dentro de um ano, os cabelos brancos voltarão a ser negros, os dentes caídos renascerão e o corpo ficará lustroso e viçoso. Se um velho tomar o remédio por um longo período de tempo, tornar-se-á jovem. Aquele que o tomar constantemente gozará da vida eterna e não morrerá."[163] Um amigo foi um dia visitar o solitário experimentador e filósofo, mas tudo o que encontrou foram as roupas vazias de Ko-hung. O velho homem se havia ido; havia passado para o reino dos imortais[164].

Gravura XIII — O ramo da vida imortal (Assíria)



Gravura XIV — Bodisatva (Camboja)

A busca da imortalidade *física* procede de uma incompreensão do ensinamento tradicional. O problema básico é,na realidade, aumentar a pupila, para que o *corpo,* com a

personalidade que o acompanha, não obstrua a visão. Assim, a imortalidade é experimentada como um fato presente: "Está aqui! Está aqui!"[165]

"Todas as coisas se encontram em processo, ascendendo e retornando. As plantas tornam-se botões, mas apenas para voltarem à raiz. Retornar à raiz é como buscar a tranqüilidade. Buscar a tranqüilidade é como caminhar ao encontro do destino. Caminhar ao encontro do destino é como a eternidade. Conhecer a eternidade é iluminar-se; não reconhecer a eternidade produz a desordem e o mal.

"O conhecimento da eternidade nos torna magnânimos; a magnanimidade leva à ampliação da visão; a visão ampla traz a nobreza; a nobreza é como o céu.

"O celeste é como o Tao. O Tao é eterno. Não temei o desaparecimento do corpo."[166]

Os japoneses têm um provérbio: "Quando os homens foram aos deuses pedindo riqueza, estes apenas riem". A bênção concedida ao fiel sempre segue a própria estatura deste, assim como a natureza do desejo que o domina: a bênção é tão-somente um símbolo da energia da vida adaptado às exigências de um caso específico. A ironia, é verdade, reside no fato de que, embora o herói que obteve o favor do deus possa pedir a bênção da perfeita iluminação, é comum vê-lo pedir mais anos de vida, armas com as quais possa matar seu próximo ou saúde para os filhos.

Os gregos contam a história do rei Midas, que teve a sorte de obter de Baco qualquer dádiva que desejasse. Ele pediu que tudo aquilo que tocasse fosse transformado em ouro. Quando seguia seu caminho, ele tocou, à guisa de experiência, um ramo de carvalho, que se transformou imediatamente em ouro; ele tomou de uma pedra, que também virou ouro; uma maçã era uma pepita de ouro em suas mãos. Em êxtase, ele ordenou que se preparasse uma magnífica festa para celebrar o milagre. Mas, quando se sentou e pôs os dedos sobre o assado, este transmutou-se; ao contato dos seus lábios, o vinho tornava-se ouro líquido. E quando sua filhinha, a quem amava sobre todas

as coisas na terra, veio consolá-lo em sua miséria, foi transformada, no momento em que o abraçou, numa bela estátua de ouro.

A agonia da ultrapassagem das limitações pessoais é a agonia do crescimento espiritual. A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que o limitam e a alcançar esferas de percepção em permanente crescimento. Enquanto ele cruza limiar após limiar, e conquista dragão após dragão, aumenta a estatura da divindade que ele convoca, em seu desejo mais exaltado, até subsumir todo o cosmo. Por fim, a mente quebra a esfera limitadora do cosmo e alcança uma percepção que transcende todas as experiências da forma — todos os simbolismos, todas as divindades: a percepção do vazio inelutável.

Assim é que, quando Dante terminou a última etapa de sua jornada espiritual, e chegou diante da visão simbólica última do Deus Trino, na Abóbada Celestial, ele teve mais uma iluminação a experimentar, uma iluminação que ultrapassava até mesmo as formas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. "Bernardo", escreve ele, "acenava-me, com um sorriso, para que eu levantasse os olhos; mas eu já me encontrava, por minha própria iniciativa, nesse ato; pois minha vista, depurada, penetrava cada vez mais os raios da Luz Altíssima, que por si mesma existe, verdadeira. A partir daquele instante, minha visão era superior às possibilidades de descrição da voz humana e ao poder de rememoração, tal a magnitude do que me era mostrado."[167]

"Ali, nem o olho, nem a fala, nem a mente, alcança: não O conhecemos, nem podemos saber como ensiná-Lo. É Isso diferente de todo o conhecido, e está além do próprio desconhecido."[168]

Eis a mais alta e última crucificação, não apenas do herói, como também do seu deus. Aqui, tanto o Pai como o Filho são aniquilados — como personalidades-máscaras colocadas no inomeado. Pois assim como os produtos irreais de um sonho derivam da energia vital do sonhador, representando apenas fluidas divisões e complexidades de uma única força, assim

também todas as formas de todos os mundos, quer terrestres ou divinos, refletem a forma universal de um único mistério inescrutável: a força que constrói o átomo e controla a órbita das estrelas.

Essa fonte de vida constitui o núcleo do indivíduo, e este a encontrará dentro de si mesmo — se puder retirar as camadas que a recobrem. A divindade paga germânica Odin (Wotan) deu um olho para perscrutar o véu da luz e obter o conhecimento dessas infinitas trevas, e depois passou, em troca dela, pela paixão de uma crucificação:

"Lembro-me de que fiquei pregado a uma árvore

assaltada pelo vento,

Ali fiquei por nove noites inteiras; Com a lança fui ferido, e fui oferecido

a Odin, eu mesmo a mim mesmo. Na árvore de que ninguém jamais pode conhecer

As raízes que por baixo a sustem"[169].

A vitória do Buda sob a Árvore Bo é o exemplo oriental clássico dessa façanha. Com a espada da mente, ele rompeu a bolha do universo — e este se transformou em nada. Todo o mundo da experiência natural, assim como os continentes, céus e infernos da crença religiosa tradicional, explodiram — juntamente com os deuses e demônios que os habitavam. Mas o milagre dos milagres residiu no fato de que, embora tudo explodisse, tudo foi, não obstante, renovado pela própria explosão, revivificado e tornado glorioso com o fulgor do verdadeiro ser. Na realidade, os deuses dos céus redimidos elevaram suas vozes numa harmoniosa aclamação do homem-herói, que havia penetrado no que se acha além deles, o vazio que constitui sua vida e fonte: "Mastros e estandartes erigidos na extremidade leste do mundo fizeram suas flâmulas alcançar a extremidade oeste do mundo; da mesma forma, os que foram erigidos na extremidade oeste alcançaram a extremidade leste; os erigidos na extremidade norte alcançaram a extremidade sul e os desta alcançaram os daquela; e os erigidos ao nível da terra

se estenderam até alcançar o mundo de Brahma, assim como os do mundo de Brahma alcançaram o nível da terra. Pelos dez mil mundos, as árvores floridas brotaram; as árvores frutíferas se inclinaram sob o peso dos seus frutos; lótus de tronco cresceram nos troncos das árvores, lótus de ramo nos ramos das árvores, lótus de parreira nas parreiras, lótus pendentes brotaram no céu e lótus de haste emergiram por entre as rochas e brotaram em grupos de sete. O sistema dos dez mil mundos era como um buquê de flores rodopiando no ar, ou como um grosso tapete de flores; os espaços intermundanos dos infernos de oito mil léguas de largura, que nem mesmo a luz dos sete sóis havia conseguido até então iluminar, foram inundados de luz; os oceanos de oitenta e quatro mil léguas de profundidade tornaram-se doces ao paladar; os rios interromperam seu curso; os cegos de nascença adquiriram visão; os surdos de nascença adquiriram audição; os aleijados de nascença adquiriram o uso dos membros; e os grilhões e algemas dos cativos se quebraram e caíram"[170].

— Parte I.

Notas ao Capítulo II

1. Apuleio, O asno de ouro *(edição Modem Library, pp. 131-141).*

2. Knud Lêem, Beskrívelse over Finmarkens Lapper, *Copenhague, 1767, pp. 475-478. Para uma tradução inglesa, veja-se John Pinkerton,* A general collection of the best and most interesting voyages and traveis in ali parts of the world, *Londres, 1808, vol. I, pp. 477-478.*

3. As mulheres podem não conseguir localizar o xamã no além, circunstância na qual seu espírito pode fracassar em retornar ao corpo. Alternativamente, o espírito errante de um xamã inimigo pode engajá-lo numa batalha ou fazê-lo perder o rumo. Dizem ter havido muitos xamãs que não conseguiram retornar. (E. J. Sessen, Afhandling om de Norske Finners og Lappers Hedenske Religion, *p. 31. Essa obra acha-se incluída no volume de Lêem,* op. cit., *como apêndice com paginação independente.)*

4. Uno Harva, Die religiõsen Vorstellung der altaischen Võlker *(Folklore Fellows Communications, n." 125), Helsinque, 1938, pp. 558-559; segue G. N. Potanin,* Ocerki severo-zapodnoy Mongolii, *São Petersburgo, 1881, vol. IV, pp. 64-65.*

5. Géza Róheim, The origin and function of culture *(Nervous and Mental Disease Monographs, n." 69), pp. 38-39.*

6. Ibid., p. 38.

7. Ibid., p. 51.

8. Underhill, op. **cit., *parte*** *II, capítulo III. Compare-se supra, p. 96, nota 3.*

9. Wilhelm Stekel, Fortschritte und Technik der Traumdeutung, *p. 124.*

10. Swedenborgs Drõmmar, 1774, "Jemte andra hans anteckningar

efter original-handskrifter meddelade af G. E. Klemming", Estocolmo, 1859, citado em Ignaz Jezower, Das Buch der Tráume, *Berlim, Ernst Rowohlt Verlag, 1928, p. 97.*

O comentário feito pelo próprio Swedenborg foi: "Dragões desse tipo, que não se revelam como tal até que lhes vejamos as asas, simbolizam o falso amor. Estou escrevendo precisamente sobre esse assunto no momento". (Jezower, p. 490.)

11. Jezower, op. cit., *p. 18.*

12. Plutarco, Temístocles, *26; Jezower,* op. cit., *p. 18.*

13. Stekel, Fortschritte, *p. 150.*

14. Ibid., p. 153.

15. Ibid., p. 45.

16. Ibid., p. 208.

17. Ibid., p. 216.

18. Ibid., p. 224.

19. Ibid., p. 159.

20. Ibid., p. 21.

Stekel, Die Sprache des Traumes, *p. 200. "Naturalmente", escreve o dr. Stekel, "'estar morto(a)' significa, aqui, 'estar vivo(a)'. Ela passa a viver e o guarda 'vive' com ela. Eles morrem juntos. Isso lança uma clara luz sobre a fantasia popular do duplo suicídio." Deve-se observar, igualmente, que esse sonho inclui a bem conhecida imagem mitológica universal da ponte de espada (o fio da navalha,* supra, *p. 29), que aparece no romance em que Lancelote resgata a rainha Guinevere do castelo do rei Morte (veja-se Heinrich Zimmer,* The king and the corpse, *editado por Joseph Campbell, Nova York, série Bollingen, 1948, pp. 171-72; veja-se também D. L. Coomaraswa-my, "The perilous bridge of welfare",* Harvard Journal of Asiatic Studies, *8.*

22. Stekel, Die Sprache, *p. 287.*

23. Ibid., p. 286.

24. "O problema não é novo", escreve o dr. C. G. Jung, "pois em todas as épocas que nos precederam acreditava-se em deuses, de uma ou de outra forma. Apenas um empobrecimento sem precedentes do simbolismo nos poderia dar condições de redescobrir os deuses como fatores psíquicos, isto é, como arquétipos do inconsciente... O céu tornou-se, para nós, o espaço cósmico dos materialistas, e o divino empíreo, uma grata lembrança de coisas que um dia existiram. Mas 'o coração palpita' e uma inquietação se instala nas raízes do nosso ser." "Archetypes and the collective unconscious", ed. cit., parágrafo 50.

25. Corão, 2:214.

26. S. N. Kramer, Sumerian mythology, *American Philosophical Society Memoirs, vol. XXI, Filadélfia, 1944, pp. 86-93. A mitologia da Suméria é especialmente importante para nós ocidentais, tendo em vista ter sido ela a fonte das tradições babilônica, assíria, fenícia e bíblica (tendo esta última originado o maometanismo e o cristianismo), assim como ter exercido uma importante influência sobre as religiões pagas celta, grega, romana, eslava e germânica.*

27. Ou, como o expressou James Joyce: "Equals of opposites, evolved by a onesame power of nature or of spirit, as the sole condition and means of its himundher manifestation and polarised for reunion by the symphysis of their antipathies." (Igualdade de opostos, desenvolvida por uma unimesma *força de natureza ou de espírito, como única condição e meio de sua manifestação* ele-e-ela, *polarizada para reunir-se outra vez por meio da sínfise de suas repulsões."* (Finnegans wake, *p. 92.)*

28. Jeremiah Curtin, Myths and folk-lore of Ireland, *Boston, Little, Brown and Company, 1890, pp. 101-106.*

29. Supra, pp. 62-63.

30. Ovídio, Metamorfoses, *III, 138-252.*

31. Cf. J. C. Flügel, The psycho-analytic study of the family, *The International Psycho-Analytical Library, n.° 3, 4." ed., Londres, The Hogarth Press, 1931, capítulos xii e xiii.*

"Há", observa o professor Flügel, "uma associação de cunho bastante geral, de um lado, entre a noção de mente, espírito ou alma e a idéia de pai ou de masculinidade, e, de outro, entre a noção de corpo ou de matéria (matéria — *aquilo que pertence à mãe* [mater]) *e a idéia de mãe ou de princípio feminino. A repressão das emoções e sentimentos vinculados à mãe [em nosso monoteísmo judaico-cristão] produziu, em virtude dessa associação, uma tendência a adotar uma atitude de desconfiança, desprezo, desgosto ou hostilidade com relação ao corpo humano, à Terra e a todo o universo material, com uma correspondente tendência a exaltar e a acentuar excessivamente os elementos de cunho espiritual, seja no homem ou no esquema geral das coisas. Parece muito provável que grande parte das tendências de caráter idealista mais pronunciado no campo da filosofia possa dever muito de sua atração, em muitas mentes, a uma sublimação dessa reação contra a mãe, ao passo que as formas mais dogmáticas e estreitas de materialismo talvez possam representar, por sua vez, um retorno dos sentimentos reprimidos originalmente vinculados à mãe."* (Ibid., *p. 145, nota 2.)*

32. Os escritos sagrados (Shastras) do hinduísmo estão divididos em quatro classes: 1) Shruti, considerados como revelação divina direta; inclui os quatro Vedas (antigos livros de salmos) e alguns Upanixades (antigos livros de filosofia); 2) Smriti, que inclui os ensinamentos tradicionais dos sábios ortodoxos, instruções canônicas para cerimônias domésticas e certas obras de lei secular e religiosa; 3) Purana, que são as obras mitológicas e épicas hindus por excelência; tratam do conhecimento teológico, astronômico, cosmogônico e físico; e 4) Tantra, textos que descrevem técnicas e rituais de adoração de divindades, assim como do âtingimento da força supernormal. Entre os Tantras, há um grupo particularmente importante de escrituras (chamadas Agamas), as quais, segundo se supõe, foram reveladas diretamente pelo Deus Universal, Xiva, e pela sua deusa Parvati. (São chamados, por conseguinte, o "Quinto Veda".) Eles servem de suporte a uma tradição conhecida especificamente como "O Tantra", que exerceu uma penetrante influência sobre as formas posteriores de iconografia hindu e budista. O simbolismo tântrico foi levado pelo budismo medieval para fora da índia (Tibete, China, Japão).

A seguinte descrição da Ilha das Jóias tem como base Sir John

Woodroffe, Shakti and Shakta, *Londres e Madras, 1929, p. 39 e em Heinrich Zimmer,* Myths and symbols in Indian art and civilization, *ed. por Joseph Campbell, Nova York, série Bollingen, 1946, pp. 197-211. Para uma ilustração da ilha mística, veja-se Zimmer, figura 66.*

33. The gospel of Sri Ramakrishna, tradução para o inglês e introdução de Swami Nikhilananda, Nova York, 1942, p. 9.

34. Ibid., pp. 21-22.

35. Standish H. 0'Grady, Silva Gadelica, *Londres, Williams and Norgate, 1892, vol. II, pp. 370-372. Podem ser encontradas versões variantes nos* Canterbury tales, *de Chaucer, "The tale of the Wife of Bathe"; no* Tale of Florent, *de Gotver; no poema da metade do século XV* The weddynge of Sir Gawen and Dame Ragnell; *e na balada do século XVII,* The marriage of Sir Gawaine. *Veja-se W. F. Bryan e Germaine Dempster,* Sources and analogues of Chaucer's Canterbury Tales, *Chicago, 1941.*

36. Guido Guinicelli di Magnano (1230-75?), Of the gentle heart, *traduzido por Dante Gabriel Rossetti,* Dante and his circle, *edição de 1874; Londres, Ellis and White, p. 291.*

37. Antífonas para a Festa da Assunção da Abençoada Virgem Maria (15 de agosto), nas Vésperas: de um missal romano.

38. Hamlet, I, ii, 129-137.

39. Oedipus Coloneus, 1615-17.

40. Shankaracharya, Vivekachudamani, *396 e 414, traduzido por Swami Madhavananda, Maiavati, 1932.*

42. Jacobus de Voragine, The Golden Legend, *LXXVI, "Saint Petronilla, Virgin". (Compare-se com o conto de Dafne, p. 68,* supra.) *Mais tarde, a Igreja, não desejando pensar em São Pedro como pai, fala de Petronilha como sua tutelada.*

43. Ibid., CXVII.

44. Gustave Flaubert, La tentation de Saint-Antoine *(La reine de Sabá.)*

45. Cotton Mather, Wonders of the invisible world, *Boston, 1693, p. 63.*

46. Jonathan Edwards, Sinners in the hands of an angry God, *Boston, 1742.*

Gravura IX. O simbolismo dessa eloqüente imagem foi bem explicado por Ananda K. Coomaraswamy, The dance of Siva, *Nova York, 1917, pp. 56-66, e por Heinrich Zimmer,* Myths and symbols, op. cit., *pp. 151-175. Em resumo: a mão direita estendida traz o tambor, cuja batida é o passar do tempo, sendo o tempo o primeiro princípio da criação; a mão esquerda estendida porta a chama, que é a chama da destruição do mundo criado; a segunda mão direita é mantida no gesto "Não temas", ao passo que a segunda mão direita, que aponta para o pé esquerdo levantado, mantém-se numa posição que simboliza o "elefante" (o elefante é "aquele que abre o caminho pela selva do mundo", isto é, o guia divino); o pé direito está plantado sobre as costas de um anão, o demônio "Não-Saber", que significa a passagem das almas de Deus para a matéria; mas o esquerdo está levantado, mostrando a libertação da alma: o esquerdo é o pé para o qual a "mão-elefante" aponta e dá a razão para a garantia expressa em "Não temas". A cabeça do Deus é equilibrada, serena e imóvel, em meio ao dinamismo da criação e da destruição, simbolizado pelos braços oscilantes e pelo ritmo do calcanhar direito, que é batido lentatamente. Isso significa que, no centro, tudo é imóvel. O brinco da orelha direita de Xiva é de homem; o da esquerda, de mulher — pois o Deus inclui e ultrapassa os pares de opostos. A expressão facial de Xiva não ê de tristeza nem de alegria, mas o rosto do Movedor Imovido, que se acha além e, no entanto, dentro dos prazeres e dores do mundo. As mechas desordenadamente distribuídas representam os cabelos há muito não cuidados do logue Indiano, ora voando na dança da vida; pois a presença conhecida nas alegrias e tristezas da vida, assim como aquela encontrada por meio da meditação profunda, são apenas aspectos do mesmo Ser-Consciência-Bênção universal e não-dual. Xiva traz serpentes vivas como braceletes, pulseiras, anéis de tornozelo e colar bramânico. [O colar bramânico ê um colar de algodão usado pelos membros das três castas superiores (os chamados nascidos de novo) da índia. Ele ê colocado em torno da cabeça e do braço direito, de modo que*

repousa sobre o braço esquerdo e cruza o corpo (o peito e as costas) na direção do quadril direito. Isso simboliza o segundo nascimento dos nascidos de novo, representando o próprio colar o limiar ou porta do sol, de modo que os nascidos de novo vivem, a um só tempo, na temporalidade e na eternidade.] Isso significa que Xiva ê embelezado pelo Poder da Serpente — a misteriosa Energia Criativa de Deus, que é a causa material e formal de sua própria automanifestação no universo — com todos os seus seres e como o universo. Pode haver, nos cabelos de Xiva, um crânio, símbolo da morte, o ornamento da testa do Senhor da Destruição, assim como uma lua crescente, símbolo do nascimento e do crescimento, que constituem suas demais dádivas concedidas ao mundo. Há em seus cabelos, além disso, uma flor de datura [maçã espinhosa] com cuja planta é preparado um intoxicante (compare-se com o vinho de Dioniso e da missa). Uma pequena imagem da deusa Ganges está oculta em suas mechas; pois ele é aquele que recebe em sua cabeça o impacto da descida da divina Ganges do céu, permitindo que as águas doadoras de vida e de salvação fluam suavemente para a terra, a fim de efetuarem a reanimação física e espiritual da humanidade. A postura de dança do Deus pode ser visualizada como a sílaba simbólica AUM, gjf *ou gp, que é o equivalente verbal dos quatro estados de consciência e dos seus campos de experiência. (A: consciência vígil; U: consciência onírica; M: sono sem sonhos. O silêncio em torno da sílaba sagrada é o Imanifesto Transcendente. Vara uma discussão dessa sílaba, cf.* infra, *pp. 261-262, e nota 16, p. 286.) Assim sendo, o Deus se encontra tanto dentro como fora do adorador. Essa figura ilustra a função e o valor de um ídolo e mostra por que não há necessidade de longos sermões entre os adoradores de ídolos. É permitido que o devoto assimile o sentido do símbolo divino em profundo silêncio e de acordo com seu próprio ritmo. Ademais, assim como o deus usa pulseiras e anéis de tornozelo, assim também o faz o devoto; e esses elementos significam aquilo que o deus significa. São feitos de ouro, em vez de serpentes, simbolizando o ouro (o metal que não sofre corrosão) a imortalidade, isto é, a imortalidade é a misteriosa energia criadora de Deus, que é a beleza do corpo. Muitos outros detalhes da vida e dos costumes locais são igualmente duplicados, interpretados e, portanto, validados nos detalhes dos ídolos antropomórficos. Dessa maneira, todos os aspectos da vida tornam-se suportes da meditação. Vive-se em meio a um sermão silencioso o tempo inteiro.*

[Syn *(juntamente)* + tonos *(tensão)* + ia = *estar em tensão com]. Desdobrado, em inglês, como* at + one + ment, *equivalente a "ação ou estado de tornar-se um, de formar unidade (com alguma coisa)". (N. do T.)*

47. Ou "interego" (veja-se supra, *p. 99, nota 45).*

*48. Comparem-se os numerosos portões [limiares] cruzados por Inana,*supra, *pp. 108-110.*

49. Quatro cores simbólicas, que representam as quatro direções, desempenham um papel proeminente na iconografia e no culto navajos. São o branco, o azul, o amarelo e o preto, que representam, respectivamente, o leste, o sul, o oeste e o norte. Esses pontos correspondem ao vermelho, branco, verde e preto do chapéu da divindade trapaceira africana, Exu (veja-se p. 49, supra); *pois a Casa do Pai, tal como o próprio Pai, simboliza o Centro.*

Os Heróis Gêmeos são testados com referência aos símbolos das quatro direções, teste destinado a descobrir se compartilham dos defeitos e limitações de algum dos quadrantes.

50. Matthews, op. cit., *pp. 110-113.*

51. Ovídio, op. cit., *II (adaptação de Miller, Loeb Library.)*

52. Kimmins, op. cit., *p. 22.*

53. Wood, op. cit., *pp. 218-219.*

54. Supra, *p. 11.*

55. W. Lloyd Warner, A black civilization, *Nova York e Londres, Harper and Brothers, 1937, pp. 260-285.*

56. "O pai [isto é, o circuncidador] é aquele que separa *a criança da mãe", escreve o dr. Róheim, "Retira-se do garoto, na realidade, a mãe. .. A glande, dentro do prepúcio, é a criança dentro da mãe." (Géza Róheim,* The eternal ones, *pp. 72-73.)*

É interessante observar a permanência, até os nossos dias, do ritual da circuncisão nos cultos hebraico e maometano, nos quais o elemento feminino foi escrupulosamente purgado da mitologia

oficial, estritamente monoteista. "Deus não perdoa o pecado de reunir outros deuses a Ele", lemos no Corão. "Os Pagãos, abandonando Alá, invocam divindades femininas." (Corão, 4:116, 117.)

57. Sir Baldwin Spencer e F. J. Gillen, The Arunta, *Londres, Macmillanand Co., 1927, vol. I, pp. 201-203.*

58. Róheim, op. cit., *pp. 49 ss.*

59. Ibid., p. 75.

60. Ibid., p. 227, citando R. e C. Berndt, "A preliminary report of field work in the Ooldea region, Western South Austrália", Oceania, Xíí *(1942), p. 323.*

61. Róheim, The eternal ones, *pp. 227-228, citando D. Bates,* The passing of the Aborigines, *1939, pp. 41-43.*

62. Róheim, op. cit., *p. 231.*

63. R. H. Mathews, "The Walloonggura ceremony", Queensland Geographical Journal, *N. S., XV (1899-1900), p. '70; citado por Róheim,* The eternal ones, *p. 232.*

64. No caso registrado, dois dos garotos levantaram os olhos quando não se esperava que o fizessem. "Então, os velhos avançaram, cada um deles com uma faca de pedra na mão. Lançando-se sobre os dois garotos, abrira-lhes as veias. O sangue jorrou e os outros homens elevaram um grito de morte. Os garotos tombaram. Os velhos wirreenuns *(curandeiros), mergulhando suas facas de pedra no sangue, tocaram com elas os lábios de todos os presentes.. . Os corpos das vítimas do Boorah foram cozidos. Cada homem que havia participado de cinco Boorahs comeu um pedaço da carne; a ninguém mais isso foi permitido." (K. Langloh Parker,* The Euahlayi tribe, *1905, pp. 72-73; citado em Róheim,* The eternal ones, *p. 232.)*

65. Para uma surpreendente revelação da sobrevivência, na Melanésia contemporânea, de um sistema simbólico essencialmente idêntico ao do "complexo labiríntico" egípcio-babilônico e iroiano-cretense do segundo milênio a. C, cf. John Layard, Stone men oi

Malekula, *Londres, Chatto and Windus, 1942. W F. J. Kinght, no seu* Cumaeangates, *Oxford, 1936, discutiu a evidente relação entre a "jornada da alma ao mundo inferior", dos malekula, com a descida clássica de Enéias e do babilônico Gilgamés. W. J. Perry,* The Children of the Sun, *E. P. Dutton and Co., 1923, julgava poder reconhecer evidências dessa continuidade do Egito à Suméria, passando pela área da Oceania e alcançando a América do Norte. Muitos estudiosos assinalaram a estreita correspondência entre os detalhes dos rituais de iniciação gregos clássicos e autralianos primitivos, principalmente Jane Harrison,* Themis, a study of the social origins of Greek religion, *2." ed. revisada, Cambridge University Press, 1927.*

Ainda restam dúvidas em torno dos meios e das eras pelos quais se disseminaram os padrões culturais e mitológicos das várias civilizações arcaicas até os mais remotos pontos da Terra; no entanto, é possível afirmar categoricamente que poucas (se houver alguma) das chamadas "culturas primitivas" estudadas pelos nossos antropólogos representam desenvolvimentos autóctones. São, antes, adaptações locais, degenerações provinciais e fossilizações imensamente antigas de costumes desenvolvidos em terras bem distantes, com freqüência sob circunstâncias muito menos simples, e por outras raças.

66. Eurípides, As bacantes, *526 s.*

67. Esquilo, fragmento 57 (Nauck); citado por Jane Harrison (Themis, *p. 61) em sua discussão do papel do berrante nos ritos clássicos e australianos de iniciação. Para uma introdução da questão do berrante, veja-se Andrew Lang,* Custom and myth, *2." ed. revisada, Londres, Longmans, Green, and Co., 1885, pp. 29-44.*

68. Descritos e discutidos extensamente por Sir James G. Prazer, em The Golden Bough, op. cit.

69. Hebreus, 9:13-14.

70. Le P. A. Capus des Pères-Blancs, "Contes, chants et proverbes das Basumbwa dans 1'Afrique Orientale", Zeitschrift für afrikanishe und oceanishe Sprachen, *vol. III, Berlim, 1897, pp. 363-364.*

71. Corao, 10:31.

72. Supra, pp. 74-75.

73. Supra, p. 49. Os Basumbwas (conto do Grande Chefe Morte) e os Wachagas (conto de Kyazimba) são povos do leste da África; os Iorobás (conto do Exu) habitam a ex-colônia da costa oeste, a Nigéria.

74. Corao, 9:59, 60.

75. Lucas, 2:7.

76. Ovídio, Metamorfoses, *VIII, 618-724.*

77. Corão, 2:115.

78. Katha Upanishade, 3:12.

79. Jó, 40:7-14.

80. Ibid., 42:5-6.

81. Ibid., 42:16-17.

82. Leon Stein, "Hassidic music", The Chicago Jewish Fórum, *vol. II, n.° 1 (outono, 1943), p. 16.*

83. O budismo Hinaiana (que sobrevive no Ceilão, em Birmânia e na Tailândia) reverencia Buda como um herói humano, um santo e sábio em grau supremo. O budismo Mahaiana, (o budismo do norte), por sua vez, considera o Iluminado como um salvador do mundo, como uma encarnação do princípio universal da iluminação.

Um Bodisatva é uma personagem que atingiu o ponto do budado: segundo a concepção Hinaiana, um adepto que se tornará um Buda numa reencarnação subseqüente; de acordo com a concepção Mahaiana (como o demonstrarão os próximos parágrafos), uma espécie de salvador do mundo, que representa, em especial, o princípio universal da compaixão. A palavra bodhisattva *(do sânscrito) significa "aquele cujo ser ou essência é a iluminação".*

O budismo Mahaiana desenvolveu um panteão de muitos Bodisatvas e Budas passados e futuros. Todos eles exibem as forças manifestas do transcendente; apenas um único, o Adi-Buddha (Buda Primai) (compare-se a nota 51, p. 100, supra), *que ê a mais elevada fonte concebivel e o limite último de todo ser, vive imerso no vazio do não-ser, tal como uma bola prodigiosa.*

84. Projna-Paramita-FÍridaya-Sutra; Sacred Books of the East, vol. XLIX, parte II, p. 148; ver também p. 154.

85. Vajracchedika ("The Diamond Cutter"), 17; ibid., *p. 134.*

86. Amitayur-Dhyana Sutra, 19; ibid., *pp. 182-183.*

87. Yang, o princípio claro ativo e masculino, e yin, *o princípio escuro, passivo e feminino, subjazem e constituem, em sua interação, todo o mundo das formas ("as dez mil coisas"). Eles vêm do Tao e, conjuntamente, formam o Tao: a fonte e lei da existência. "Tao" significa "estrada" ou "caminho". O Tao é o caminho ou curso da natureza, do destino, da ordem cósmica; o Absoluto manifesto. Tao é, portanto, "verdade", "conduta reta".* Yang *e* yin, *juntos, como o Tao, são representados pelo símbolo: £\ . O Tao subjaz ao cosmo. O Tao habita toda a criação. *tr*

88. "Para os homens sou Hermes; para as mulheres, apareço como Afrodite: trago os emblemas de ambos os meus pais." (Anthologia Graeca ad fidem códices, *vol. II.)*

"Uma parte dele é do seu pai, tudo o mais vem de sua mãe." (Martial, Epigrams, *4, 174; Loeb Library, vol. II, p. 501.) O relato ovidiano de Hermafrodito está nas* Metamorfoses, *IV, 288 ss. Muitas imagens clássicas de Hermafrodito chegaram até nós. Veja-se Hugh Hampton Young,* Genital abnormalities, hermaphroditism, and related adrenal diseases, *Baltimore, Williams and Wilkins, 1937, capítulo I "Hermaphroditism in literature and art".*

89. Simpósio.

90. Gênesis, 1:27.

91. Midrash, comentário sobre o Gênesis, Rabbah 8:1.

92. Supra, p. 89.

93. Infra, pp. 278-280.

94. Compare-se James Joyce: "Na economia do céu... já não há casamentos, homem glorificado, sendo um anjo andrógino esposa de si mesma." (Ulysses, *edição Modem Library, p. 210.)*

95. Sófocles, Édipo rei. *Veja-se também Ovídio,* Metamorfoses, *III, 324 ss., 511 e 516. Para outros exemplos do hermafrodita como sacerdote, deus ou vidente, veja-se Heródoto, 4, 67 (edição Rawlinson, vol. III, pp. 46-47); Teofrasto,* Caracteres, *16, 10-11; e }. Pinkerton,* Voyage and traveis, *capítulo 8, p. 427; "A new account of the EastIndies", de Alexander Hamilton. Citados por Young,* op. cit., *pp. 2 e 9.*

96. Veja-se Zimmer, Myths and symbols, *figura 70.*

97. Veja-se a gravura X.

98. Veja-se B. Spencer e F. J. Gillen, Native tribes of Central Austrália, *Londres, 1899, p. 263; Róheim,* The eternal ones, *pp. 164-165. A subincisão produz artificialmente uma hipospadia que se assemelha à apresentada por uma certa classe de hermafroditas. (Veja-se o retrato do hermafrodita Marie Angê,* in *Young,* op. cit., *p. 20.)*

99. Róheim, The eternal ones of the dream, *p. 94.*

100. Ibid., pp. 218-219.

101. Compare-se a seguinte visão do Bodisatva Darmakara: "Saiu de sua boca um cheiro doce e mais que celeste de sândalo. De todos os fios dos seus cabelos se elevou o odor de lótus e ele era agradável para todos, gracioso e belo, dotado da inteireza da mais perfeita cor brilhante. Assim como seu corpo se achava adornado por todos os bons sinais e marcas, saíam-lhe dos fios dos cabelos e das palmas das mãos todo tipo de ornamento precioso, sob a forma de todas as espécies de flores, incenso, fragrâncias, guirlandas, ungüentos, sombrinhas, bandeiras e estandartes, assim como sob a forma de todo tipo de música instrumental. Ba mesma forma, surgiu, a partir das palmas de suas mãos, todo tipo de carne e bebida, alimentos

consistentes e tenros e guloseimas, assim como todo tipo de divertimento e prazer". (The Larger Sukhavati-Vyuha, *10; Sacred Books of the East, vol. XLIX, parte II, pp. 26-27.)*

102. Róheim, War, crime, and the covenant, *p. 57.*

103. Ibid., pp. 48-68.

104. Samuel I, 17:26.

105. Corão, 4:104.

106. "O ódio jamais é vencido pelo ódio. O ódio só se extingue com o amor; esta é uma lei eterna." (Do Dhammapada *[Caminho da Lei] budista, 1:5; "Sacred books of the East", vol. X, parte I, p. 5; tradução de Max Müller.) [Publicado no Brasil pela Editora Pensamento.]*

107. Lucas, 6:27-36. Compare-se a seguinte carta cristã:

"No Ano de Nosso Senhor de 1682

Ao respeitável e amado, sr. John Higginson:

Há agora no mar um navio chamado Welcome, *que tem a bordo cem ou mais heréticos e malignos chamados Quakers, tendo W. Penn, o principal patife, à sua frente. O general Court, diante disso, deu sagradas ordens ao mestre Malachi Huscott, do brigue* Porpoise, *para interceptar o dito* Welcome *o mais próximo possível do cabo de Cod e fazer cativo o dito Penn e sua tripulação amaldiçoada, de modo que o Senhor possa ser glorificado, e não se torne objeto de mofa, no solo desse novo pais, com o maldito culto dessas pessoas, Muito se pode obter por meio da venda de todo o lote a Barbados, onde escravos alcançam bons preços em rum e açúcar. Assim, não só fazemos um grande bem ao Senhor, ao punir os iníquos, como também beneficiamos Seu Ministério e seu povo.*

Seu no íntimo de Cristo,

COTTON MATHER."

(Reproduzida pelo professor Robert Phillips, American government and its problems, *Houghton Mifflin Company, 1941, e pelo dr.*

Karl Menninger, Love against hate, *Harcourt, Brace and Company, 1942, p. 211.)*

108. Mateus, 22:37-40; Marcos, 12:28-34; Lucas, 10:25-37. Conta-se também que Jesus instruiu seus apóstolos a "ensinar a todas as nações" (Mateus, 28:19), mas não a perseguir e pilhar ou entregar ao "braço secular" aqueles que não quisessem ouvir. "Eis que vos envio como ovelhas em meio a lobos: portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas." (Mateus, 10:16.)

109. O dr. Karl Menninger assinalou (op. cit., *pp. 195-196) que, em bora os rabinos, ministros protestantes e padres católicos por vezes possam ser levados a conciliar, em bases amplas, suas diferenças teóricas, sempre que começam a descrever as normas e regulamentos por meio dos quais a vida eterna deve ser alcançada, essas diferenças assumem um caráter irreconciliável. "Até chegar a esse ponto, o programa é impecável", escreve o dr. Menninger. "Mas se ninguém sou ber ao certo quais são as normas e regulamentos, a coisa toda se tornaabsurda." A réplica a isso, com efeito, é a que dá Ramakrishna: "Deus fez diferentes religiões para diferentes aspirantes, épocas e países. Todas as doutrinas são, tão-somente, sendas; mas uma senda de modo algum é o Próprio Deus. Na verdade, pode-se alcançar Deus se se seguir qualquer das sendas com uma devoção que venha do mais profundo do coração... Podemos comer um bolo com cobertura numa ou noutra posição. Seu doce sabor sempre vai ser o mesmo"* (The gospel of Sri Ramakrishna, *Nova York, 1941, p. 559.) [Ver, da Editora Pensamento,* Evangelho de Ramakrishna, *de Swami Abhedo-nando.]*

110. Mateus, 7:1.

111. "Como hordas de salteadores que espreitam alguém, assim é a companhia dos sacerdotes que matam no caminho aos que vão de Síquem... Com sua malícia, agradam ao rei, e com suas mentiras, aos príncipes." (Oséias, 6:9; 7:3.)

112. Não menciono o Islã porque ali a doutrina também é pregada em termos de guerra santa e, portanto, obscurecida. É por certo ver dade que, lã como cá, muitos compreenderam que o campo de

batalha real não é de cunho geográfico, mas psicológico (compare-se Rumi, Mathnawi, *2.2525: "O que é 'decapitar'? Derrotar a alma carnal na guerra santa"); não obstante, a expressão popular e ortodoxa das doutrinas maometana e cristã tem sido tão feroz, que cumpre fazer uma leitura bastante sofisticada para discernir, em ambas as missões, o papel do amor.*

113. "The bymn of the final precepts of the great saint and Bodhisattva Milarepa" (ca. *1051-1135 d. C), a partir do* Jetsün-Kahbum, *ou "História biográfica de Jetsün-Milarepa, segundo o relato em inglês do lama Kazi Dawa-Samdup, editado por W. Y. Evans-Wentz,* Tibet's great yogi Milarepa, *Oxford University Press, 1928, p. 285.* [Milarepa — História de um yogi tibetano, *Editora Pensamento.*]

114. Ibid., p. 273.

O "Vazio de Todas as Coisas" (sânscrito, sunyata, "vácuo") refere-se, de um lado, à natureza ilusória do mundo fenomênico e, de outro, à impropriedade que envolve a atribuição, ao Imperecível, das qualidades que podemos conhecer a partir da nossa experiência no mundo fenomênico.

"Na Celeste Radiância do Vazio,

Não há sombra de coisa ou conceito,

Mas Ele permeia todos os objetos do conhecimento;

Obediência ao Vazio Imutável."

("Hymn of Milarepa in praise of his teacher", ibid., *p. 137.)*

115. Avalokita (sânscrito) — "olhar para baixo", mas também "visto"; isvara *= "Senhor"; daí, portanto, "o Senhor que Olha para Baixo [com Piedade] e "o Senhor que é Visto [no íntimo]"* (a *e* i*combinam-se em* e *em sânscrito, daí sendo gerado* Avalokitesvara). *Veja-se W. Y. Evans-Wentz,* Tibetan yoga and secret doctrine, *Oxford University Press, 1935, p. 233, nota 2.*

116. Essa mesma idéia é expressa com freqüência nos Upanixades; por exemplo: "Este eu dá-se a si mesmo àquele eu; aquele eu dá-se a

si mesmo a este eu. Assim sendo, ganham um ao outro. Nesta forma, ele ganha o além; naquela, experimenta este mundo". (Aitareya Aranyaka, *2.3.7.) Ela também ê conhecida dos místicos do Islã: "Por trinta anos o Deus transcendente foi meu espelho; agora, eu sou meuvpróprio espelho; isto é, aquilo que fui já não sou, o Deus transcendente é seu próprio espelho. Digo que sou meu próprio espelho; pois é Deus que fala com a minha língua e eu desapareci". (Bayazid, conforme citação em* The legacy of Islam, *T. W. Arnold e A. Guillaume, eds., Oxford Press, 1931, p. 216.)*

117. "Saí da Bayazid-eidade como uma cobra de sua pele. Então olhei. Vi que amante, amado e amor são um só, pois no mundo da unidade tudo pode ser um." (Bayazid, loc. cit.)

118. Oséias, 6:1-3.

119. Brihadaranyaka Upanishad, 1.4.3. Cf. infra, *p. 272.*

120. "O verbo nirva *(sânscrito) significa, literalmente, 'apagar', não transitivamente, mas no sentido de 'o fogo apagou'... Privado de combustível, o fogo da vida ê 'pacificado', isto é, extinto; quando a mente é controlada, alcança a 'paz do Nirvana', 'despiração em Deus'... Por meio da interrupção da alimentação do nosso fogo, alcançamos a paz, à qual se descreve bem, em outra tradição, ao afirmar-se que ela 'ultrapassa a compreensão'." (Ananda K. Coomaraswamy,* Hinduism and buddhism, *Nova York, The Philosophical Lébrary, s/d, p. 63.) A palavra "despiração" é uma contração derivada de uma latinização literal do termo sânscrito* nirvana [de *(para fora)* + spirare *(respirar, exalar)];* nir = *"fora, para fora, fora de, sair de, afastar-se, afastar-se de" e* vana = *"soprar";* nirvana = *"soprado para fora, apagado, extinto".*

121. Sigmund Freud, Beyond the pleasure principie *(tradução de James Strachey, ed. Standard, XVIII, Londres, The Hogarth Press, 1955). Veja-se também Karl Menninger,* Love against hate, *p. 262.*

122. Vajracchedika, *32; Sacred Books of the East,* op. cit., *p. 144.*

123. 123- O menor Prajna-Paramita-Hridaya Sutra; ibid., *p. 153.*

124. Nagarjuna, Mahyamika Shastra.

"Aquilo que é imortal e aquilo que é mortal se acham harmoniosamente combinados, pois não são um, nem são distintos." (Ashvag-hosha.)

"Essa concepção", escreve o dr. Coomaraswamy, citando esses textos, "é expressa de forma dramática no aforismo: Yas klésas so bodhi, tas samsaras tat nirvanam, *'Aquilo que é pecado também ê Sabedoria; o reino do Tornar-se também é Nirvana'." (Ananda K. Coomaraswamy,* Buddha and the gospel of buddhism, *Nova York, G. P. Putnams Sons, 1916, p. 245.)*

125. Bhagavad-gita, 6:29, 31.

Isso representa a perfeita realização daquilo que a srta. Evelyn Underhill denominou "o alvo do Caminho Místico; a Verdadeira Vida Unitiva; o estado de Divina Fecundidade; a Deificação" (op. cit., pas-sim). *A srta. Underhill, entretanto, tal como o professor Toynbee* (supra, *p. 52, nota 20), comete o erro comum de supor que esse ideal é peculiar ao cristianismo. "É justificado afirmar", escreve o professor Salmony, "que o julgamento ocidental vem sendo falsificado, até o presente momento, pela necessidade de auto-afirmação." (Alfred Salmony, "Die Rassenfrage in der Indienforschung",* Sozialistische Mo-natshefte, *8, Berlim, 1926, p. 534.)*

126. Coomaraswamy, Hinduism and buddhism, *p. 74.*

127. Trata-se do muro do Paraíso, veja-se supra, *pp. 90 e 147. Agora nos encontramos na parte interior. Hsi Wang Mu é o aspecto feminino do Senhor que caminha no Jardim, que criou o homem à sua própria imagem, homem e mulher (Gênesis, 1:27).*

128. Cf. E. T. C. Werner, A dictionary of Chinese mythology, *Xangai, 1932, p. 163.*

129. Veja-se Okakura Kakuzo, The book of tea, *Nova York, 1906. Vejam-se também, Daisetz Teitaro Suzuki,* Essays in zen buddhism, *1927, e Lafcadio Hearn,* Japan, *Nova York, 1904.*

130. Morris Edward Opler, Myths and tales of the Jicarilla Apache Indians *(Memórias da Sociedade Americana de Folclore, vol. XXXI, 1938, p. 110).*

131. Compare-se supra, *p. 186, nota 87.*

132. Em termos comparativos, a deusa hindu Kali (supra, *p. 116) é mostrada de pé, diante da posição prostrada do deus Xiva, seu esposo. Ela brande a espada da morte, isto é, a disciplina espiritual. A cabeça humana que se acha sangrando diz ao devoto que aquele que perder sua vida por amor a ela a encontrará. Os gestos de "não tema" e de "concessão de dádivas" ensinam que ela protege suas crianças, que os pares de opostos da agonia universal não são o que parecem e que, para quem se acha concentrado na eternidade, a fantasmagoria dos "bens" e "males" temporais não passam de reflexo da mente — pois a própria deusa, embora aparentemente pise o deus, é, na verdade, seu bendito sonho.*

Abaixo da deusa da Ilha das Jóias (veja-se supra, *p. 115), são representados dois aspectos do deus: um deles, voltado para cima, em união com ela, ê o aspecto criador, que goza da presença no mundo; mas o outro, virado para o outro lado, é o* deus absconditus, *a divina essência em si e para si, que se acha além dos eventos e da mudança, inativo, vazio, adormecido, que ultrapassa, até mesmo, o prodígio do mistério hermafrodita. (Veja-se Zimmer,* Myths and symbols, *pp. 210-214.)*

133. Compare-se o tambor da criação nas mãos do Viva Dançante Hindu, supra, *p. 183, nota 46.*

134. "E o Verbo se fez carne"; verso do Angelus, que celebra a concepção de Jesus no ventre de Maria.

135. *Neste capítulo, foram equacionados os pares:*

Compare-se o Kaushitaki Upanishade, *1:4, descrição do herói que alcançou o mundo de Brahma: "Assim como aquele que dirige uma carroça olha para as duas rodas da carroça, assim também ele olha*

para baixo, dia e noite; portanto, olha as boas e as más ações e todos os pares de opostos. Este, livre de boas ações, livre de más ações, um conhecedor de Deus, para dentro do próprio Deus vai".

136. Curtin, op. cit., *pp 106-107.*

137. Veja Melanie Klein, The Psychoanalysis of children, *The International P sycho-Analytical Library, n." 27, 1937.*

138. Róheim, War, crime, and the covenant, *pp. 137-138.*

139. Róheim, The origin and function of cultute, *p. 50.*

140. Ibid., *pp. 48-50.*

141. Ibid., *p. 50. Compare-se a indestrutibilidade do xamã siberiano* (supra, *pp. 103-104), que tira brasas do fogo com as próprias mãos e golpeia as pernas com um machado.*

142. Veja-se a discussão de Frazer a respeito da alma externa, op. cit., *pp. 667-691.*

143. Ibid., *p. 671.*

144. Pierce, Dreams and personality, *D. Appleton and Co., p. 298.*

145. "The descent of the sun", in F. W. Bain, A digit of the Moon, *Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1910, pp. 213-325.*

146. Róheim, The eterna! ones, *p. 237. O talismã é o chamado* tjurunga *(ou* churinga) *do ancestral totem do jovem. O jovem recebeu outro* tjurunga *na época de sua circuncisão, que representava seu ancestral totem maternal. Ainda mais cedo, à época do seu nascimento, foi colocado um* tjurunga *protetor em seu berço. O berrante é uma variedade de* tjurunga. "O tjurunga", *escreve o dr. Róheim, "é um duplo material, e certos seres sobrenaturais, mais intimamente vinculados com o* tjurunga, *na crença da Austrália Central, são duplos invisíveis dos nativos.. . Tal como o* tjurunga, *esses [seres] sobrenaturais são chamados o* arpuna mborka *(outro corpo) dos seres humanos reais a quem protegem."* (Ibid., *p. 92.)*

147. Isaías, 66:10-12

148. Ginzberg, op. cit., *vol. I, pp. 20, 26-30. Vejam as extensas notas a respeito do banquete messiânico em Ginzberg, vol. V, pp. 43-46.*

149. Dante, "Paraíso", II, 1-9. Tradução de Norton, op. cit., *vol. III, p. 10; citado com permissão de Houghton Mifflin Company, editores. [Veja-se* A divina comédia, *publicado pela Cultrix.]*

150. Na literatura psicanalítica publicada, as fontes oníricas dos símbolos, assim como seus significados latentes para o inconsciente e os efeitos de sua operação na psique, são analisados; mas permanece sem consideração o fato adicional de que grandes mestres usaram esses elementos, conscientemente, como metáforas. A suposição tácita é de que os grandes mestres do passado eram neuróticos (exceção feita, é ver dade, a alguns gregos e romanos) que confundiram suas fantasias, não submetidas à crítica, com revelações. Nesse mesmo espírito, as revelações da psicanálise são consideradas, por muitos leigos, como produções da "mente obscena" do dr. Freud.

151. Brahma, Vishnu e Xiva, respectivamente Criador, Preservador e Destruidor, constituem, no hinduísmo, uma trindade, como três aspectos da operação de uma única substância criadora. Depois do século VII a.C, Brahma sofreu um declínio de importância e tornou-se o mero agente criador de Vishnu. Assim sendo, o hinduísmo se divide, atualmente, em dois campos principais, um deles devotado primariamente ao criador-preservador Vishnu, e o outro a Xiva, o destruidor do mundo, que une a alma ao eterno. Mas Vishnu e Xiva são, em última análise, um só. No atual mito, o elixir da vida é obtido através de sua operação conjunta.

152. Ramayana, *I, 45;* Mahabharata, *I, 18;* Matsya Purana, *249-251 e muitos outros textos. Veja-se Zimmer,* Myths and symbols, *pp. 105 ss.*

153. Marco Pallis, Peaks and lamas, *4." ed., Londres, Cassei and Co., 1946, p. 324.*

154. Shri-Chakra-Sambhara Tantra, *traduzido do tibetano pelo lama Kazi Dawa-Sandup, editado por Sir John Woodroffe (pseudônimo: Arthur Avalon), vol. VII de Tantric Texts, Londres,*

1919, p. 41. "Se surgirem dúvidas quanto ao caráter divino dessas divindades visualizadas", continua o texto, "devemos dizer: 'Essa Deusa é apenas a lembrança do corpo' e lembrar que as Divindades constituem a Senda." (Loc. cit.) *Sobre o Tantra, cf.* supra, *p. 182, nota 32 e pp. 161-162 (budismo tântricô).*

155. Compare-se, por exemplo, C. G. Jung, "Archetypes of the collective unconscious" (original de 1934; Collected Works, vol. 9, parte i; Nova York e Londres, 1959).

"Talvez haja muitos", escreve o dr.]. C. Flügel, "que ainda retêm a noção de um Pai-Deus quase-antropomórfico como realidade extra-mental, mesmo que a origem puramente mental de um tal Deus tenha se tornado evidente." (The psychoanalytic study of the family, *p. 236.)*

156. "Paraíso", XXXIII, 82 ss.

157. Veja-se supra, *p. 162.*

158. J. F. Stimson, The legends of Maui and Tahaki, *Boletim do Museu Bernice P. Bishop, n." 127, Honolulu, 1934, pp. 19-21.*

159. Essa passagem, que falta na edição assíria padrão da lenda, aparece num texto babilônico fragmentário bem anterior (veja-se Bruno Meissner, "Ein altbabylonishes Fragment des Gilgamosepos", Mitteilungen der Vorderasiatischen Gesellschaft, *VII, Berlim, 1902, p. 9). Costuma-se observar que o conselho da sibila é hedonista, mas deve- se assinalar, igualmente, que a passagem representa o teste iniciatório, e não a filosofia moral dos antigos babilônios. Tal como na índia, séculos mais tarde, na qual um estudante que se aproxima do mestre para pedir o segredo da vida imortal primeiramente deve ouvir uma descrição dos prazeres da vida mortal (ver, por exemplo,* Katha Upanishade, *1: 21, 23-25). Somente se persistir é o estudante admitido na próxima iniciação.*

160. Protótipo babilônico do Noé bíblico.

161. Embora tivesse sido advertido para não tocar essas mesmas águas no início da jornada, o herói agora pode entrar nelas impunemente. Trata-se de uma indicação do poder obtido por meio de sua visita aos velhos Senhor e Senhora da Ilha Eterna.

Utnapishtim-Noé, o herói do dilúvio, é uma figura arquetípica do pai; sua ilha, o Centro do Mundo, é uma prefiguração das Ilhas dos Bem-Aventurados existentes na cultura greco-romana.

Essa versão tem como base P. Jensen, Assyrisch-Babylonische Mythen und Epen, *Keilinschriftiliche Biblèotek, VI, I, Berlim, 1900, pp. 116-273. Os versos citados estão nas páginas 223, 251 e 251-253. A versão de Jensen é uma tradução linha a linha do principal texto existente, uma versão assíria da biblioteca do rei Assurbanípal (668-626 a.C). Fragmentos da versão babilônica, muito mais antiga (veja-se* supra, *pp. 171-173), e de um original sumeriano ainda mais antigo (terceiro milênio a.C) também foram descobertos e decifrados.*

163. Ko-hung (também conhecido como Pao Pu-tsu), Nei P'ien, *capítulo VII (tradução citada de Obed Simon Johnson,* A study of Chinese alchemy, *Xangai, 1928, p. 63).*

Ko-hung desenvolveu várias outras interessantes receitas, uma delas destinada a produzuir um corpo "palpitante e voluptuoso"; e, outra, a capacidade de andar sobre a água. Para uma discussão da posição de Ko-hung na filosofia chinesa, veja-se Alfred Forke, "Ko-hung, der Phi-losoph und Alchimist", Archiv für Geschichte der Philosophie, *XLI, 1-2, Berlim, 1932, pp. 115-126.*

164. Herbert A. Giles, A Chinese biographical dictionary, *Londres e Xangai, 1898, p. 372.*

165. Aforismo tântrico.

166. Lao-tse, Tao Teh King, *16 (tradução de Dwight Goddard,* Laot zu's Tao and Wu Wei, *Nova York, 1919, p. 18). Compare-se nota, p. 186, nota 87,* supra. *[Veja-se* O livro do caminho perfeito, *e* Os mestres do Tao, *Editora Pensamento.]*

167. "Paraíso", XXXIII, 49-57 (tradução de Norton, op. cit., *vol. III, pp. 253-254, citado com permissão da Houghton Mifflin Company, editores).*

168. Kena Upanishade, *1:3 (tradução de Swami Sharvananda; Sri Râmakrishna Math, Milapore, Madras, 1932).*

169. Poetic Edda, *"Hovamol", 139 (tradução de Henry Adams Bellows; The American-Scandinavian Foundation, Nova York, 1923).*

170. Jataka, Introdução, i, 75 (reproduzido com permissão dos editores de Henry Clarke Warren, Buddhism in translations *(Harvard Oriental Series, 3), Cambridge. Harvard University Press, 1896, pp. 82-83).*

Capítulo III – O retorno

1. A recusa do retorno

Terminada a busca do herói, por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos.

Mas essa responsabilidade tem sido objeto de freqüente recusa. Mesmo o Buda, após seu triunfo, duvidou da possibilidade de comunicar a mensagem de sua realização. Além disso, conta-se que houve santos que faleceram quando estavam no êxtase celeste. São igualmente numerosos os heróis que, segundo contam as fábulas, fixaram residência eterna na bendita ilha da sempre jovem Deusa do Ser Imortal.

Conta-se a comovente história de um antigo rei-guerreiro hindu chamado Muchukunda. Ele havia nascido do lado esquerdo do pai, tendo este engolido por engano uma poção de fertilidade que os Nrahmins haviam preparado para sua esposa[1]; e, mantendo-se o promissor simbolismo desse milagre, a maravilha gerada sem mãe, fruto do útero masculino, cresceu para tornar-se um rei tão importante entre os reis que, quando os deuses, num certo momento, estavam sofrendo derrotas em sua perpétua batalha com os demônios, pediram-lhe ajuda. Ele lhes deu assistência numa grande vitória e eles, em sua divina gratidão, garantiram-lhe a realização do seu maior desejo. Mas que poderia um tal rei, ele mesmo quase onipotente, desejar? Que dádiva das dádivas poderia ser concebida por um tal

mestre entre os homens? O rei Muchukunda, diz a história, estava muito cansado após a batalha: tudo o que pediu foi a garantia de um sono sem fim e de que toda pessoa que viesse a acordá-lo fosse transformada em cinzas pelo primeiro olhar que ele dirigisse.

A dádiva foi concedida. Na câmara de uma caverna, no mais profundo das entranhas da montanha, o rei Muchukunda entregou-se ao sono e ali descansou, ao longo das eras. Indivíduos, pessoas, civilizações, idades surgiram do vazio e a ele retornaram, enquanto o velho rei, em seu estado de graça subconsciente, ali permaneceu. Intemporal como o inconsciente freudiano, por baixo do dramático tempo mundano, parte da nossa experiência flutuante do ego, esse velho homem da montanha, embriagado por um profundo sono, viveu por muito tempo.

Seu despertar chegou — mas com uma virada surpreendente, que lança uma nova luz sobre todo o problema do circuito do herói, assim como sobre o mistério envolvido no fato de a mais alta bênção concebível, para um poderoso rei, ter sido a dádiva do sono.

Vishnu, o Senhor do Mundo, encarnara-se na pessoa de um belo jovem chamado Krishna, o qual, tendo salvo a índia de uma tirânica raça de demônios, assumira o trono. E esse jovem vinha governando em utópica paz até que uma horda de bárbaros de repente invadiu a parte noroeste do país. Krishna, o rei, lançou-se contra os bárbaros, mas, fazendo jus à sua origem divina, venceu-os com muita facilidade, utilizando um jocoso artifício. Desarmado e enfeitado com lótus, ele saiu de sua fortaleza, provocou o rei inimigo para que este o perseguisse e o pegasse e se escondeu numa caverna. Enquanto o bárbaro o perseguia, ele deu com alguém dormindo na câmara.

"Ah!", pensou ele. "Então ele me atraiu até aqui e agora finge ser um inofensivo dorminhoco."

Ele chutou a figura que dormia no solo diante dele e esta se agitou. Era o rei Muchukunda. A figura levantou-se e os olhos que haviam estado fechados durante inúmeros ciclos de criação,

e história do mundo e de dissolução, abriram-se lentamente para a luz. Ao primeiro olhar, fulminaram o rei inimigo, que se transformou numa tocha em chamas e foi reduzido imediatamente a um montinho de cinzas fumegantes. Muchukunda virou-se, e o segundo olhar atingiu o belo e enfeitado jovem, a quem o velho rei despertado logo reconheceu, pela sua radiância, como uma encarnação de Deus. E Muchukunda ajoelhou-se diante do seu Salvador, dirigindo-lhe a seguinte oração:

— Senhor meu Deus! Quando vivi e labutei como homem, vivi e labutei — esforçando-me de forma incansável; ao longo de muitas vidas, nascimento após nascimento, empenhei-me e sofri, sem jamais conhecer pausa ou repouso. Tomei o sofrimento por prazer. As miragens que aparecem no deserto confundi com águas reconfortantes. Alcancei delícias e obtive desgraças. Poder real e posses terrenas, riqueza e poder, amigos e filhos, esposa e seguidores, tudo o que encanta os sentidos: quis tudo isso, pois julgava que me traria beatitude. Todavia, no momento em que tudo era meu, sua natureza mudou, tornando-se um fogo abrasador.

"Então encontrei um lugar na companhia dos deuses e eles me receberam como companheiro. Mas onde, ainda assim, o término? Onde o descanso? As criaturas desse mundo, incluindo os deuses, são todas, enganadas, Senhor Deus, pelos teus jocosos artifícios; eis por que eles continuam em sua fútil sucessão de nascimento, agonia de vida, velhice e morte. Entre vidas, eles enfrentam o senhor dos mortos e têm de suportar infernos de todo tipo de dor impiedosamente infligida. E tudo isso vem de ti!

"Senhor meu Deus, iludido pelos teus jocosos artifícios, também eu fui uma vítima do mundo, vagando num labirinto de erros, aprisionado nas malhas da consciência do ego. Doravante, portanto, refugio-me em tua Presença — tu, o ilimitado, o adorável —, desejando, tão-somente, libertar-me disso tudo."

Quando Muchukunda saiu da caverna, viu que os homens, desde que ele partira, haviam sofrido uma redução de estatura.

Era um gigante entre eles. E assim se afastou outra vez de sua companhia, refugiando-se nas mais altas montanhas, onde se dedicou às práticas ascéticas que por fim o haveriam de libertar de sua última prisão às formas do ser[2].

Muchukunda, em outras palavras, em lugar de retornar, decidiu viver em retiro um degrau ainda mais longe do mundo. E quem diria que sua decisão não teve nenhuma razão de ser?

2. A fuga mágica

Se o herói obtiver, em seu triunfo, a bênção da deusa ou do deus e for explicitamente encarregado de retornar ao mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade, o estágio final de sua aventura será apoiado por todos os poderes do seu patrono sobrenatural. Por outro lado, se o troféu tiver sido obtido com a oposição do seu guardião, ou se o desejo do herói no sentido de retornar para o mundo não tiver agradado aos deuses ou demônios, o último estágio do ciclo mitológico será uma viva, e com freqüência cômica, perseguição. Essa fuga pode ser complicada por prodígios de obstrução e evasão mágicas.

Os galeses falam, por exemplo, de um herói, Gwion Bach, que foi parar na Terra sob as Ondas. Em termos específicos, ele se achava no fundo do lago Bala, em Merionethshire, na parte norte do País de Gales. E no fundo desse lago vivia um antigo gigante, Tegid, o Calvo, e sua esposa, Caridwen. Esta última, num dos aspectos que assumia, era a padroeira da semente e das lavouras férteis e, noutro, deusa da poesia e das letras. Era proprietária de um imenso caldeirão e desejava preparar nele uma poção de ciência e inspiração. Com a ajuda de livros necromânticos, ela produziu uma mistura negra que pôs no fogo para fermentar durante um ano, ao final do qual três gotas abençoadas da graça da inspiração poderiam ser obtidas.

E ela pôs nosso herói, Gwion Bach, a mexer o caldeirão, e um cego chamado Morda para manter o fogo aceso por baixo dele, "e ela os encarregou de não deixar a fervura cessar pelo espaço de um ano e um dia. E ela mesma, de acordo com os livros dos astrônomos, e em horas planetárias, colhia

diariamente todas as ervas encantadas. Um dia, perto do final do período de um ano, enquanto Caridwen estava escolhendo plantas e fazendo encantamentos, eis que três gotas do líquido encantado saíram do caldeirão, caindo no dedo de Gwion Bach. Como as gotas fossem muito quentes, ele pôs o pé na boca e, no momento em que pôs aquelas gotas prodigiosas na boca, previu tudo o que estava por ocorrer e percebeu que seu principal cuidado deveria ser guardar-se contra os desejos de Caridwen, pois vasta era a habilidade desta. E ele, tomado de grande temor, dirigiu-se para a sua própria terra. E o caldeirão partiu-se em dois, pois todo o líquido nele contido, exceto as três gotas encantadas, era venenoso, de modo que os cavalos de Gwyddno Garanhir foram envenenados pela água da corrente para onde o líquido do caldeirão fluiu e a confluência dessa corrente passou a chamar-se o Veneno dos Cavalos de Gwyddno, a partir de então.

"Eis que retorna Caridwen e vê todo o trabalho do ano inteiro perdido. E ela tomou de uma acha de lenha e bateu na cabeça do cego até que um de seus olhos lhe saltou do rosto. E ele disse: 'Erradamente, tu me desfiguraste, pois sou inocente. Tua perda não foi causada por mim'. 'Dizes a verdade', disse Caridwen, 'foi Gwion Bach quem me roubou.'

"E ela se pôs atrás deste, correndo. E ele a viu e transformou-se numa lebre e fugiu. Mas ela se transformou em galgo e o perseguiu. Ele correu para um rio e tornou-se peixe. E ela, sob a forma de lontra fêmea, o perseguiu sob a água, até que ele se viu forçado a transformar-se num pássaro. Ela, como águia, o seguiu e não lhe deu descanso no ar. E quando estava prestes a alcançá-lo, e ele temia pela própria vida, eis que ele avistou um monte de trigo peneirado no solo de um celeiro e mergulhou no trigo, transformando-se num dos grãos. E ela se transformou numa encrespada galinha negra, ciscou no trigo, encontrou-o e o engoliu. E, diz a história, ela o levou consigo durante nove meses e, quando ele saiu, ela não conseguiu encontrar coragem para matá-lo, tal a sua beleza. Assim, ela o envolveu numa bolsa de couro e o colocou no mar, entregando-o à misericórdia divina, no vigésimo nono dia de abril."[3]

A fuga é um episódio favorito do conto folclórico, no qual é

desenvolvida sob muitas formas vividas.

Os Buriats de Irkutsk (Sibéria), por exemplo, declaram que Morgon-Kara, seu primeiro xamã, era tão competente que podia trazer almas do reino dos mortos. Por isso, o Senhor dos Mortos queixou-se ao Elevado Deus do Céu, que decidiu submeter o xamã a um teste. Ele se apossou da alma de um certo homem e entrou numa garrafa, cobrindo a boca com o polegar. O homem ficou doente e seus parentes procuraram Morgon-Kara. O xamã procurou em todos os lugares pela alma perdida. Fez buscas na floresta, nas águas, nas gargantas das montanhas, na terra dos mortos e por fim subiu, "sentado em seu tambor", ao mundo superior, onde mais uma vez viu-se obrigado a fazer longas buscas. Ele terminou por perceber que o Elevado Deus do Céu mantinha uma garrafa coberta com o polegar e, analisando a circunstância, notou que a alma que viera procurar se encontrava na garrafa. O determinado xamã transformou-se em vespa. Aproximou-se de Deus e deu-lhe tal ferroada na testa, que o dedo deste escapou da boca da garrafa e permitiu a fuga da alma cativa. Quando Deus deu por si, viu o xamã Morgon-Kara, sentado no tambor, voltando à terra com a alma recuperada. Nesse caso, contudo, a fuga não foi inteiramente bem-sucedida. Terrivelmente irado, Deus imediatamente reduziu para sempre o poder do xamã, dividindo-lhe o tambor em dois. E esta é a razão por que os tambores dos xamãs, que originalmente (conforme essa história do Buriat) continham dois couros, a partir daquele dia passaram a conter apenas um[4].

Uma variedade popular da fuga mágica é aquela na qual são deixados objetos no caminho para falarem pelo fugitivo e retardarem a perseguição. Os Maoris da Nova Zelândia contam a história de um pescador que um dia, ao chegar em casa, descobriu que sua mulher havia engolido os dois filhos. Ela jazia no solo, gemendo. Ele lhe perguntou o que se passava e ela declarou estar doente. Ele quis saber onde os dois garotos estavam e ela lhe disse que eles haviam partido. Mas ele sabia que ela mentia. Através de sua magia, ele a fez regurgitá-los: eles saíram vivos e inteiros. E o homem passou a temer a esposa e decidiu escapar-lhe o mais cedo possível, levando os dois garotos.

Quando a ogresa foi buscar água, o homem, com sua mágica, levou a água a se reduzir e recuar diante dela, de modo que ela tivesse de caminhar bastante. E, através de gestos, ele instruiu as cabanas, os grupos de árvores que cresciam perto da cidade, o lixo e o templo do topo da montanha para responder por ele quando sua esposa retornasse e o chamasse. Dirigiu-se com os garotos para a canoa e partiu mar afora. A mulher retornou e, não encontrando ninguém, começou a chamar. Primeiro, o monte de lixo respondeu. Ela se dirigiu para aquela direção e chamou outra vez. As casas responderam, as árvores em seguida. Um após o outro, os vários objetos da vizinhança lhe responderam, e ela corria, cada vez mais furiosa, em todas as direções. Cansou e começou a arquejar e chorar, e por fim percebeu o que lhe haviam feito. Correu para o templo e observou o mar, onde a canoa já era um ponto no horizonte[5].

Outra variedade bem conhecida de fuga mágica é aquela em que um número de objetos retardadores são espalhados no caminho pelo herói, em sua desesperada fuga. "Um casal de irmãozinhos brincava perto de uma fonte e, enquanto brincavam, os irmãos caíram na fonte. Havia nela uma bruxa da água, e essa bruxa da água disse: 'Agora os peguei! Vocês trabalharão de sol a sol para mim!' E ela os levou consigo. Ela deu à garotinha um enroscado rolo de linho sujo para fiar e a fez encher de água um vaso sem fundo; o garoto tinha de derrubar uma árvore com um machado cego; e tudo o que tinham para comer eram bolotas de farinha, duras como pedra. Os garotos ficaram tão irritados que, num certo domingo, quando a bruxa foi à igreja, escaparam. Saindo da igreja, a bruxa descobriu que seus pássaros haviam fugido e saiu em sua perseguição, dando poderosos saltos.

"Mas as crianças a espionavam de longe, e a garotinha deixou para trás uma mecha de cabelo, que se transformou numa enorme montanha de cabelos, com milhares e milhares de fios, que a bruxa teve grande dificuldade para escalar; não obstante, ela conseguiu passar. Tão logo as crianças a viram, o garotinho deixou um pente atrás de si, que imediatamente se transformou numa grande montanha de pentes com mil vezes mil espinhos; mas a bruxa conseguiu livrar-se disso e logo

prosseguiu. A garotinha atirou um espelho, que se tornou uma montanha de espelhos tão lisa, que a bruxa não conseguiu passar. Ela pensou: "Voltarei para casa, pegarei o machado e partirei a montanha de espelho em duas'. Mas quando ela voltou e demoliu os espelhos, as crianças há muito se achavam fora do seu alcance e a bruxa da água teve de entocar-se outra vez em sua fonte."[6]

Não é sem dificuldades que se desafiam as forças do abismo. No Oriente, acentua-se vigorosamente o perigo do empenho nas práticas psicologicamente perturbadoras da ioga sem uma supervisão competente. As meditações do postulante devem ser ajustadas ao progresso que for alcançando, de modo que a imaginação possa ser defendida, a cada passo, por *devatas* (entidades visualizadas e adequadas), até o momento em que o espírito estiver preparado para dar um passo adiante. O dr. Jung observou, sabiamente: "A função incomparavelmente útil do símbolo dogmático [consiste no fato de ele] proteger a pessoa da experiência direta de Deus, já que ela não expõe a si mesma de modo prejudicial. Mas se... a pessoa deixar a casa e a família, viver muito tempo isoladamente e observar de modo excessivo o espelho negro, então o formidável evento do encontro pode deitá-la por terra. No entanto, mesmo assim o símbolo tradicional, que vem a florescer em sua plenitude ao longo dos séculos, pode operar como corrente de cura e desviar a fatal incursão do deus vivo nos espaços tornados ocos da ígreja"[7]. Os objetos mágicos deixados no caminho pelo herói tomado de pânico — interpretações, princípios, símbolos, racionalizações e todas as coisas de cunho protetor — retardam e absorvem a força do Cão do Céu perseguidor, permitindo que o aventureiro retorne para um local seguro e, talvez, trazendo uma bênção. Mas o esforço requerido nem sempre é pequeno.

Figura 9A — Górgona perseguindo Perseu, que foge com a cabeça de Medusa.

Uma das mais chocantes fugas obstaculizadas *é* a do herói grego Jasão. Ele tomou a si a tarefa de obter o Velocino de Ouro. A bordo do magnífico *Argos,* com uma grande tripulação de guerreiros, ele navegou na direção do mar Negro e, embora fosse retardado por muitos perigos fabulosos, terminou por chegar, muitas milhas além do Bósforo, à cidade e ao palácio do rei Eetes. Atrás do palácio estava o bosque com a árvore do dragão, guardião da recompensa.

Ora, eis que a filha do rei, Medéia, contraiu uma avassaladora paixão pelo ilustre visitante estrangeiro, e, quando seu pai impôs uma tarefa impossível como o preço a ser pago para obter o Velocino de Ouro, ela criou encantos que lhe permitiram ter sucesso. A tarefa consistia em arar um certo campo, empregando touros de hálito flamejante e patas agudas,

semear o campo com dentes de dragão e matar os homens armados que imediatamente apareceriam. Mas com o corpo e a armadura impregnados com o encantamento de Medéia, Jasão dominou os touros; e, quando, das sementes de dragão, saiu um exército, ele lhe atirou uma pedra que o dividiu em dois grupos, os quais se destruíram mutuamente até o último homem.

Figura 9B — Perseu fugindo com a cabeça de Medusa na bolsa

A jovem enamorada conduziu Jasão ao carvalho de onde pendia o Velocino. O dragão guardião se distinguia pela crista, pela língua tripartida e pelas mandíbulas extremamente pronunciadas. Mas o casal, com a ajuda do suco de uma poderosa erva, pôs o formidável monstro para dormir. Assim Jasão apossou-se do prêmio, Medéia fugiu com ele e o *Argos* foi lançado ao mar. Mas o rei logo se pôs em sua perseguição. E

Medéia, ao perceber que estavam prestes a ser alcançados, persuadiu Jasão a matar Apyrtos, seu irmão mais jovem, a quem ela havia levado consigo, e a atirar os pedaços do seu corpo desmembrado no mar. Isso forçou o rei Eetes, seu pai, a parar, recuperar os fragmentos e aportar para dar-lhes um enterro decente. Enquanto isso, o *Argos* correu com a ajuda do vento e saiu do alcance do rei[8].

No *Registros de matérias antigas* japonês, apareceu outro impressionante conto, mas com uma implicação bem diferente: trata-se da história da descida ao mundo inferior do pai primevo de todos, Izanagi, com o fito de recuperar, da Terra do Rio Amarelo, sua irmã-esposa morta, Izanami. Ela o encontrou à porta do mundo inferior e ele lhe disse: "Alteza, minha amada irmã mais nova! As terras que eu e vós fizemos ainda não se acham prontas; assim sendo, voltai!" Ela replicou: "Lamento de fato que não tenhais vindo antes! Comi da comida da Terra do Rio Amarelo. Não obstante, como estou desvanecida pela honra da entrada, aqui, de Vossa Alteza, meu amado irmão mais velho, desejo retornar. Além disso, discutirei a questão em particular com as divindades do Rio Amarelo. Tende cuidado e não olheis para mim!"

Ela se retirou para o interior do palácio; mas como ela se demorasse demais ali, ele não pôde esperar. Retirou um dos dentes da extremidade do pente de sua augusta trança esquerda, e, acendendo-o como uma pequena tocha, adentrou o palácio e olhou. Viu vermes surgindo e Izanami apodrecendo.

Assustado com a visão, Izanagi retrocedeu. Izanami disse: "Cobristes-me de vergonha".

Izanami mandou a Mulher Feia do mundo inferior perseguir-lo. Izanagi, em plena fuga, retirou o ornato negro da cabeça e o atirou ao chão. Instantaneamente, ele se transformou em uvas e, enquanto sua perseguidora parou para comê-las, seguiu com rapidez o seu caminho. Mas ela retomou a perseguição e aproximou-se dele. Ele tomou do pente cheio de inúmeros dentes bem próximos uns dos outros da sua trança direita e o atirou ao chão, tendo se transformado, de imediato, em brotos de bambu; Izanagi, enquanto sua perseguidora os colhia e

comia, fugiu.

Então a irmã mais nova enviou em sua perseguição as oito divindades do trovão, acompanhadas de mil e quinhentos guerreiros do Rio Amarelo. Seu irmão, retirando o sabre de capacidade decuplicada que augustamente portava e brandindo-o às suas costas, fugiu. Mas os guerreiros ainda o perseguiam. Alcançando a fronteira entre o mundo dos vivos e a Terra do Rio Amarelo, ele tomou três pêssegos que ali cresciam, esperou e, quando o exército se lançou contra ele, atirou-os. Os pêssegos do mundo dos vivos atingiram os guerreiros da Terra do Rio Amarelo, que recuaram e fugiram.

Sua Alteza Izanami, por fim, veio pessoalmente. Tomou de uma pedra que somente mil homens poderiam levantar e com ela bloqueou-lhe a passagem. E, com a rocha entre eles, ficaram um diante do outro, trocando ameaças. Izanami disse: "Meu amado irmão mais velho, Alteza! Se agirdes assim, deverei causar a morte de mil membros de vosso povo em vosso reino, a cada dia". Izanagi respondeu: "Minha amada irmã mais nova, Alteza! Se o fizerdes, farei que, a cada dia, mil e uma mulheres dêem à luz"[9].

Tendo ido um passo além da esfera criadora do pai de todos, Izanagi, e penetrado no campo da dissolução, Izanami buscara proteger seu irmão-marido. Quando ele viu mais do que poderia suportar, perdeu a inocência em relação à morte; mas, com sua augusta vontade de viver, ergueu, como uma poderosa pedra, aquele véu protetor que todos nós mantemos, desde então, entre nossos olhos e o túmulo.

O mito grego do Orfeu e Eurídice, assim como centenas de contos análogos em todo o mundo, sugerem, tal como essa antiga lenda do Extremo Oriente, que existe a possibilidade de o amante retornar com sua amada perdida do terrível limiar, apesar do fracasso registrado. É sempre alguma pequena falha, algum sintoma, leve mas crítico, da fragilidade humana, a causa da impossibilidade de um relacionamento franco entre os dois mundos; dessa maneira, quase somos tentados a acreditar que, se o pequeno acidente perturbador pudesse ter sido evitado, tudo correria bem. Entretanto, nas versões polinésias, nas quais

o casal em geral escapa, assim como no drama satírico grego *Alceste,* em que também há um retorno feliz, o efeito não reafirma isso, revestindo-se, tão-somente, de um caráter sobre-humano. Os mitos do fracasso nos tocam com a tragédia da vida, mas os do sucesso o fazem, tão-somente, com seu próprio caráter de incredibilidade. No entanto, se o monomito deve cumprir sua promessa, não é o fracasso humano, nem o sucesso sobre-humano, mas o sucesso humano, o que nos deve ser mostrado. Eis o problema da crise do limiar do retorno. Consideraremos, inicialmente, os símbolos sobre-humanos, passando em seguida para a exploração do ensinamento prático que o homem histórico daí pode retirar.

3. O resgate com auxílio externo

O herói pode ser resgatado de sua aventura sobrenatural por meio da assistência externa. Isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo. Pois a bênção do domicílio profundo não é abandonada com facilidade em favor da auto-dispersao do estado vígil. "Quem, tendo deixado o mundo", lemos, "desejaria retornar? Quem assim estivesse, *lá* ficaria."[10] E, no entanto, enquanto se estiver vivo, a vida chamará. A sociedade, que tem ciúme daqueles que dela se afastam, virá bater à sua porta. Se o herói — tal como Muchukunda — não estiver disposto a retornar, aquele que o perturbar sofrerá um pavoroso choque; mas, por outro lado, se aquele que foi chamado apenas estiver sendo retardado — aprisionado pela beatitude do estado de existência perfeita (que se assemelha à morte) —, é efetuado um evidente resgate, e o aventureiro retorna.

Quando Corvo dos Esquimós penetrou, com suas tochas, no ventre da baleia, viu-se na entrada de uma bela sala, em cuja extremidade mais distante brilhava uma lâmpada. Ele se surpreendeu por ver, sentada ali, uma bonita jovem. A sala era seca e limpa; a espinha da baleia sustentava o teto e as costelas formavam as paredes. De um tubo que se estendia ao longo da espinha dorsal, pingava lentamente o óleo que alimentava a lâmpada.

Quando Corvo entrou na sala, a mulher levantou os olhos e exclamou: "Como você chegou aqui? Você é o primeiro homem que entra neste lugar". Corvo lhe contou o que havia feito e ela lhe disse que se sentasse do lado oposto da sala. Essa mulher era a alma *(inua)* da baleia. Ela pôs comida diante do visitante,

deu-lhe frutos e óleo e lhe contou, nesse meio tempo, como havia conseguido os frutos no ano anterior. Corvo permaneceu por quatro dias como hóspede da *inua,* no ventre da baleia, e durante todo o tempo em que ali permaneceu ficou imaginando que tipo de tubo poderia ser aquele que se estendia pelo teto. Toda vez que a mulher deixava a sala, ela o proibia de tocá-lo. Mas, certa vez, quando ela saiu de novo, ele foi até a lâmpada, estendeu as garras e pegou uma grande gota do óleo, que pôs na língua. A gota era tão doce que ele repetiu a operação e passou a tomar gota após gota, com a mesma rapidez com que caíam. Todavia, eis que sua ganância achou essa rapidez muito pouca e ele se aproximou, retirou um pedaço do tubo e o comeu. Mal havia feito isso, eis que uma grande golfada de óleo vazou na sala, apagou a lâmpada e a própria câmara passou a movimentar-se violentamente de um lado para o outro. Esse movimento durou quatro dias. Corvo estava praticamente morto de fadiga, por causa do terrível ruído que explodia ao seu redor durante todo o tempo. Mas, subitamente, tudo se acalmou e a sala ficou parada; pois Corvo havia rompido uma das artérias do coração e a baleia morrera. A *inua* jamais retornou. O corpo da baleia imergiu.

Mas agora Corvo estava preso. Enquanto imaginava o que faria, percebeu que dois homens conversavam, montados nas costas do animal, e que haviam decidido chamar todas as pessoas do lugarejo para ajudá-los com a baleia. Eles logo conseguiram fazer um furo na parte superior do grande corpo[11]. Quando o furo estava suficientemente amplo, e todas as pessoas haviam ido embora com pedaços de carne, que levariam para a terra firme, Corvo saiu sem ser percebido. Mas tão logo havia chegado ao solo, ele percebeu que havia esquecido seus gravetos ali dentro. Tirou o casaco e a máscara, e as pessoas logo viram um pegueno homem negro, envolto numa ridícula pele de animal, se aproximar. Elas o observaram com curiosidade. O homem se ofereceu para ajudar, arregaçou as mangas e pôs-se a trabalhar.

Pouco depois, uma das pessoas que trabalhavam no interior da baleia gritou: "Vejam o que achei! Tochas no ventre da baleia!" Corvo disse: "Meu Deus, isso é ruim! Minha irmã certa

feita me disse que, quando são encontrados gravetos dentro de uma baleia que as pessoas abriram, muitas dessas pessoas vão morrer! Acho melhor fugir!" Ele baixou as mangas e correu. As pessoas se apressaram a seguir-lhe o exemplo. Então, apenas Corvo, que acabou por voltar, teve, durante algum tempo, tudo para si[n].

Um dos mais importantes e deliciosos mitos da tradição xintoísta do Japão — já antigo quando incluído, no século VIII d. C, no *Registros de matérias antigas* — fala da retirada da bela deusa do sol, Amaterasu, de sua celeste residência na pedra durante o primeiro período crítico do mundo. Trata-se de um exemplo no qual aquele que é resgatado reluta. O deus da tempestade, Susanowo, irmão de Ama-terasu, estava agindo de forma imperdoavelmente errada. E embora ela tivesse feito as mais diversas tentativas de corrigi-lo e embora tivesse estendido o perdão bem além dos limites, ele continuava a destruir seus campos de arroz e a poluir-lhe as instituições. Como insulto final, ele fez um furo no topo da sala de tecer e fez passar por ele um "celeste cavalo malhado cujas costas haviam sido por ele esfoladas", cavalo cuja visão levou as amas da deusa, que se achavam ocupadas na preparação das augustas vestes das divindades, a ficarem alarmadas a ponto de morrerem de medo.

Figura 10 — A ressurreição de O siris

Amaterasu, aterrorizada com a visão, retirou-se para uma caverna celeste, fechou a porta atrás de si e ali ficou. Tratava-se de uma coisa terrível; pois o desaparecimento permanente do sul teria implicado o fim do universo — o fim, antes mesmo de o mundo ter começado a existir. Com o seu desaparecimento, todas as planícies elevadas do céu, assim como a terra central de planícies de bambu, tornaram-se escuras. Os espíritos maus promoveram desordens em todo o mundo, sobrevieram inúmeras aflições e as vozes das miríades de divindades eram como moscas voando em torno da quinta lua.

Por isso, os oito milhões de deuses realizaram uma divina assembléia no leito de um tranqüilo rio do céu e pediram a um dos seus pares, a divindade chamada Introdutor do Pensamento, que concebesse um plano. Em conseqüência de sua consulta, foram produzidas muitas medidas de divina eficácia, entre elas um espelho, uma espada e uma vestimenta, que serviriam de oferendas. Uma árvore foi plantada e decorada com jóias; foram

levados galos capazes de cantar eternamente; acenderam-se fogueiras e foram recitadas grandes liturgias. O espelho, de mais de dois metros de comprimento, foi colocado nos ramos intermediários da árvore. E uma alegre e ruidosa dança foi realizada por uma jovem deusa chamada Uzume. Os oito milhões de divindades estavam tão contentes que seu riso encheu o ar e a planície do céu superior tremeu.

A deusa do sol, em sua caverna, ouviu o barulho e ficou intrigada. Ela estava curiosa, queria saber o que se passava. Abrindo ligeiramente a porta da divina residência rochosa, ela falou, ainda em seu interior: "Pensei que, graças ao meu afastamento, a planície celeste ficaria às escuras, assim como a terra central das planícies de bambu: como então Uzume faz festas e os oito milhões de deuses riem?" E Uzume disse: "Rejubilamo-nos e nos alegramos porque há uma divindade mais ilustre que Vossa Alteza". Quando Uzume assim falava, duas das divindades puxaram o espelho e o mostraram respeitosamente à deusa do sol, Amaterasu; diante disso, ela, cada vez mais surpresa, passou pouco a pouco pela porta e observou. Um poderoso deus tomou-lhe a augusta mão e a conduziu para fora; outro passou uma corda de palha (chamada *shimenawa)* por trás dela, de um para o outro lado da entrada, e lhe disse: "Não deveis recuar mais do que isso!" Daí por diante, tanto a planície do alto céu como a terra central de planícies de bambu têm luz[u]. O sol agora pode recolher-se, por algum tempo, toda noite — tal como o faz a própria vida, num revigorante sono; mas, graças à augusta *shimenawa,* ele é impedido de desaparecer de modo permanente.

O motivo do sol como deusa, e não como deus, é uma rara e preciosa reminiscência de um contexto mitológico arcaico, que já foi, aparentemente, difuso. A grande divindade maternal do sul da Arábia é o sol feminino, Tlat. O termo alemão correspondente a sol *(die Sonne)* é feminino. Em toda a Sibéria, assim como na América do Norte, sobrevivem, aqui e ali, histórias sobre um sol feminino. E no conto de fadas de Chapeuzinho Vermelho, que foi devorada por um lobo mas resgatada da barriga deste pelo caçador, podemos ter um eco remoto da mesma aventura de Amaterasu. Permanecem traços

em muitas terras, mas apenas no Japão encontramos a mitologia, grande no passado, ainda efetiva na civilização; pois a Mikado é uma descendente direta do neto de Amaterasu e, como ancestral da casa real, é honrada como uma das supremas divindades da tradição nacional do xintoísmo[14]. Pode ser percebido, em suas aventuras, um sentimento do mundo que difere das mitologias, hoje mais bem conhecidas, do *deus* solar: uma certa ternura para com o admirável dom da luz, uma gentil gratidão pelas coisas tornadas visíveis — algo que deve ter distinguido, um dia, a disposição religiosa de muitos povos.

Reconhecemos o espelho, a espada e a árvore. O espelho, que reflete a deusa e que a faz sair do augusto repouso de sua divina não-manifestação, simboliza o mundo, o campo da imagem refletida. Nele, a divindade se compraz em olhar sua própria glória, e esse prazer é, em si mesmo, a indução ao ato da manifestação ou "criação". A espada é a contraparte do relâmpago. A árvore é o Eixo do Mundo em seu aspecto de atendimento de desejos, de frutificação — o mesmo aspecto exibido nos lares cristãos por ocasião do solstício de inverno, momento do nascimento ou retorno do sol, um jubiloso costume herdado do paganismo germânico, que deu ao alemão moderno a palavra feminina *Sonne*. A dança de Uzume e a balbúrdia dos deuses pertencem ao carnaval: o mundo virado de cabeça para baixo pelo afastamento da divindade suprema, mas jubiloso pela renovação vindoura. E a *shimenawa,* a augusta corda de palha estendida por trás da deusa quando ela reapareceu, simboliza a graça do milagre do retorno da luz. Essa *shimenawa é* um dos mais conspícuos, importantes e silenciosamente eloqüentes símbolos tradicionais da religião folclórica do Japão. Estendida acima dos frontispícios dos templos, festejada pelas ruas quando do festival de Ano-Novo, ela denota a renovação do mundo no limiar do retorno. Se a cruz cristã é o símbolo mais revelador da passagem mitológica para o abismo da morte, a *shimenawa é* o indício mais simples da ressurreição. As duas representam o mistério da fronteira entre os mundos — a inexistente linha existente.

Amaterasu é a irmã oriental da grande Inana, a suprema deusa das antigas tábulas de caracteres cuneiformes da

Suméria, cuja descida ao mundo inferior já acompanhamos. Inana, Ishar, Astart, Afrodite, Vênus: eis os nomes que lhe foram atribuídos nos sucessivos períodos culturais do desenvolvimento ocidental — associados, não com o Sol, mas com o planeta que traz o seu nome e, ao mesmo tempo, com a Lua, os céus e a terra fértil. No Egito, ela se tornou a deusa da Estrela Canícula, Sírius, cujo reaparecimento anual no céu anunciava a estação de enchente, frutificadora da terra, do rio Nilo.

Inana, como lembramos, desceu dos céus para a região infernal de sua irmã-oposto, a Rainha da Morte, Ereshkigal. E deixou atrás de si sua mensageira, Ninshubur, com instruções para salvá-la caso ela não retornasse. Ela foi levada, desnuda, diante dos sete juízes; eles focalizaram seus olhos sobre ela, transformando-a num cadáver, e o cadáver — como vimos — foi fincado num poste.

"Passaram-se três dias e três noites[15]*,*

Ninshubur, mensageira de Inana,

Sua mensageira de palavras favoráveis,

Sua portadora de palavras de apoio,

Encheu o céu com queixas pelo seu desaparecimento,

Pediu por ela diante do santuário da assembléia,

Buscou em desespero obter ajuda na casa dos deuses...

Como mendiga, vestiu-se por ela de forma bem simples,

Para o Ekur, a casa de Enlil, sozinha se dirigiu."

Eis o início do resgate da deusa. Ilustra o caso de alguém que conhecia tão bem a força da zona em que estava entrando, que tomou a precaução de providenciar seu próprio despertar. Ninshubur foi primeiro à casa do deus Enlil; mas este lhe disse que, tendo Inana ido do grande mundo superior para o grande mundo inferior, as sentenças do mundo inferior deveriam nele prevalecer. Em seguida, Ninshubur foi à casa do deus Nana;

mas o deus disse que ela havia ido do grande mundo superior para o grande mundo inferior e que, no mundo mais baixo, as sentenças do mundo mais baixo deveriam prevalecer. Ninshubur dirigiu-se ao deus Enki; e o deus Enki concebeu um plano[I6]. Ele formou duas criaturas assexuadas e lhes confiou o "alimento da vida" e a "água da vida", dando-lhes instruções para se dirigirem ao mundo inferior e espargirem esse alimento e essa água no cadáver suspenso de Inana, por sessenta vezes.

"Sobre o cadáver erguido sobre o poste, eles dirigiram

o medo dos raios do fogo, Por sessenta vezes o alimento da vida, por sessenta

vezes a água da vida, eles o espargiram, Inana despertou.

Inana sobe do mundo inferior,

Os Anunáquis fogem,

E todos do mundo inferior que possam ter descido

pacificamente para o mundo inferior; Quando Inana sobe do mundo inferior, Em verdade, os mortos se apressam à sua frente.

Inana sobe do mundo inferior,

Os pequenos demônios, como juncos,

Os grandes demônios, como barras pontiagudas,

Caminham ao seu lado.

Quem caminha à sua frente, traz um bastão nas mãos,

Quem caminha ao seu lado, traz uma arma no quadril.

Aqueles que a precedem,

Aqueles que precedem Inana,

São seres que não conhecem alimento, que não

conhecem água, Que não comem da farinha de trigo espargida,

Que não bebem do vinho bebido, Que tiram a esposa do lado do homem, Que tiram a criança do seio da mãe que o nutre."

Cercada por essa fantasmagórica e horrenda multidão, Inana vagou pela terra da Suméria, de cidade em cidade ".

Esses três exemplos de áreas culturais amplamente separadas entre si — Corvo, Amaterasu e Inana — ilustram bem o auxílio externo. Eles mostram, nos estágios finais da aventura, a continuidade da operação da força sobrenatural auxiliar que tem acompanhado o eleito em todo o curso de suas provas. Tendo sua consciência sucumbido, o inconsciente, não obstante, produz seus próprios equilíbrios, e eis que o herói renasce para o mundo de onde veio. Em lugar de salvar seu ego, tal como ocorre no padrão da fuga mágica, ele o perde e, no entanto, por meio da graça, recebe-o de volta.

Isso nos leva à crise final do percurso, para a qual toda a miraculosa excursão não passou de prelúdio — trata-se da paradoxal e supremamente difícil passagem do herói pelo limiar do retorno, que o leva do reino místico à terra cotidiana. Seja resgatado com ajuda externa, orientado por forças internas ou carinhosamente conduzido pelas divindades orientadoras, o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a bênção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser completos. Ele tem de enfrentar a sociedade com seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno, que vai de queixas razoáveis e duros ressentimentos à atitude de pessoas boas que dificilmente o compreendem.

4. A passagem pelo limiar do retorno

Os dois mundos, divino e humano, só podem ser descritos como distintos entre si — diferentes como a vida e a morte, o dia e a noite. As aventuras do herói se passam fora da terra nossa conhecida, na região das trevas; ali ele completa sua jornada, ou apenas se perde para nós, aprisionado ou em perigo; e seu retorno é descrito como uma volta do além. Não obstante — e temos diante de nós uma grande chave da compreensão do mito e do símbolo —, os dois reinos são, na realidade, um só e único reino. O reino dos deuses *é* uma dimensão esquecida do mundo que conhecemos. E a exploração dessa dimensão, voluntária ou relutante, resume todo o sentido da façanha do herói. Os valores e distinções que parecem importantes na vida normal desaparecem com a terrificante assimilação do eu naquilo que antes não passava de alteridade. Tal como nas histórias das ogresas canibais, o temor dessa perda da individuação pessoal pode configurar-se, para as almas não qualificadas, como todo o ônus da experiência transcendental. Mas a alma do herói avança com ousadia — e descobre as bruxas convertidas em deusas e os dragões em guardiães dos deuses.

Todavia, sempre deve restar, do ponto de vista da consciência vígil normal, uma certa inconsistência enigmática entre a sabedoria trazida das profundezas e a prudência que costuma ser eficaz no mundo da luz. Daí decorre o divórcio comum entre o oportunismo e a virtude, e a resultante degenerescência da existência humana. O martírio é para os santos, mas as pessoas comuns têm suas instituições, que não podem deixar que cresçam como lírios no campo; Pedro continua a sacar da espada, tal como no jardim, para defender o

criador e mantenedor do mundo[18]. A bênção trazida das profundezas transcendentes torna-se racionalizada, rapidamente, em não-existência, e aumenta em muito a necessidade de outro herói para renovar a palavra

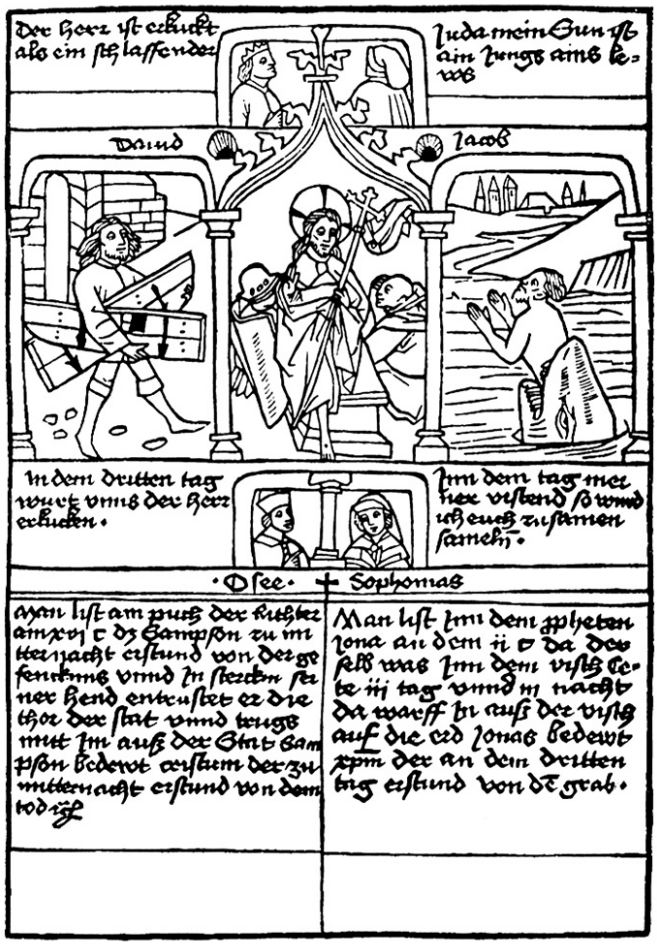

Der Herr ist erkuckt
als ein stig lassender
Iuda mein Sun ist
ain Lungs aims le-
wes
Dauid
Iacob
In dem dritten tag
wurt vnns der Herr
erkucken.
Im dem tag mer
hier vistend so vmnd
uch euch zusamen
samehn.
Osee
Sophonias
Aysan list am puch der Richter
am xvj c dz Sampson zu mit
ternacht erstund von der ge
fenknus vnnd in stercken sei
ner hend entpfleet er die
thor der stat vnnd treugs
mit im auss der Stat Sam
pson bedewt erstum der zu
mitternacht erstund von dem
tod ihc
Man list im dem xpheten
Ionas an dem ii c da des
selb was im dem vistig cen
te iij tag vnnd iij nacht
da warff in auss der vistig
auf die erd Ionas bedewt
xpm der an dem dritten
tag erstund von dt grab.

Figura 11 — O ressurgimento do herói: Sansão com as portas do templo; Cristo ressuscitado; Jonas.

Como ensinar de novo, contudo, o que havia sido ensinado corretamente e aprendido de modo errôneo um milhão de vezes, ao longo dos milênios da mansa loucura da humanidade? Eis a última e difícil tarefa do herói. Como retraduzir, na leve linguagem do mundo, os pronunciamentos das trevas, que desafiam a fala? Como representar, numa superfície bidimensional, ou numa imagem tridimensional, um sentido multidimensional? Como expressar, em termos de "sim" e "não", revelações que conduzem à falta de sentido toda tentativa de definir pares de opostos? Como comunicar, a pessoas que insistem na evidência exclusiva dos próprios sentidos, a mensagem do vazio gerador de todas as coisas?

Muitos fracassos comprovam as dificuldades presentes nesse limiar que afirma a vida O primeiro problema do herói que retorna consiste em aceitar como real, depois de ter passado por uma experiência da visão de completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida. Por que voltar a um mundo desses? Por que tentar tornar plausível, ou mesmo interessante, a homens e mulheres consumidos pela paixão, a experiência da bem-aventurança transcendental? Assim como sonhos que se afiguraram importantes à noite podem parecer, à luz do dia, meras tolices, assim também o poeta e o profeta podem descobrir-se bancando os idiotas diante de um júri de sóbrios olhos. O mais fácil é entregar a comunidade inteira ao demônio e partir outra vez para a celeste habitação rochosa, fechar a porta e ali se deixar ficar. Mas se algum obstetra espiritual tiver, nesse entretempo, estendido a *shimenawa* em torno do refúgio, então o trabalho de representar a eternidade no plano temporal, e de perceber, neste, a eternidade, não pode ser evitado.

A história de Rip van Winkle é um exemplo da situação delicada do herói que retorna. Rip passou para o reino aventuroso sem ter consciência disso, tal como o fazemos, toda noite, quando vamos dormir. No sono profundo, declaram os hindus, o eu se acha num estado de unidade e de bem-aventurança; assim sendo, o sono profundo é chamado estado cognitivo[19]. Mas embora sejamos revigorados e reenergizados

por essas visitas noturnas às trevas-fonte, nossa vida não é reformada por elas; retornamos, tal como Rip, sem nada para mostrar dessa experiência, além das barbas.

"Ele procurou sua arma, mas encontrou, em lugar da limpa e bem-lubrificada espingarda, um velho mosquete que jazia ao seu lado, com o cano enferrujado, o fecho caído e a coronha destruída. .. Quando se levantou para caminhar, viu-se com as pernas bambas, querendo voltar à sua energia usual... Quando se aproximava da cidade, encontrou alguns homens, mas nenhum conhecido; isso o deixou um tanto surpreso, pois julgava-se bem relacionado com todas as pessoas do lugar. Suas vestes também eram diferentes daquelas com as quais ele se acostumara. Todos o olharam com a mesma expressão de surpresa, e, sempre que fixavam os olhos sobre ele, invariavelmente alisavam o queixo. A repetição constante do gesto induziu Rip, involuntariamente, a imitá-los, o que o levou a descobrir, para seu espanto, que agora tinha uma barba de trinta centímetros... Começou a acreditar que ele e o mundo ao seu redor só podiam estar enfeitiçados...

"O surgimento de Rip, com sua longa barba grisalha, a espingarda enferrujada, as roupas ultrapassadas e o batalhão de mulheres e crianças que se acotovelaram nos seus calcanhares, logo atraiu a atenção dos políticos que se achavam na taverna. Eles o cercaram, olhando-o dos pés à cabeça, com grande curiosidade. O orador se aproximou dele e, afastando-o um pouco dos demais, perguntou-lhe de que lado ele estava. Rip o encarou, com a estupefação gravada nos olhos. Outro sujeito, pequenino mas ativo, tomou-lhe o braço e, levantando-se nas pontas dos pés, perguntou-lhe, junto à orelha, se ele era um federalista [republicano] ou um democrata. Rip também não entendeu nada do que lhe perguntava o sujeitinho. Eis que um velho cavalheiro, com ar de sabedoria e presunção, que trazia na cabeça um chapéu de abas pontiagudas, abriu caminho entre a multidão, afastando as pessoas com os ombros conforme avançava, e plantou-se diante de Van Winkle — com uma das mãos nos quadris e a outra apoiada na bengala; com os penetrantes olhos e o anguloso chapéu tomando conta daquela pobre alma; — perguntou-lhe, em tom austero, o que o havia

levado às eleições com uma arma nos ombros e uma multidão nos calcanhares e se ele pretendia promover desordens no vilarejo. 'De forma alguma, meus senhores', exclamou Rip, um tanto desanimado. 'Sou um pobre e pacífico homem, nascido aqui, um leal servo do rei. Deus o salve!'

"Eis que se elevou dos circunstantes um clamor: 'Um conservador, um conservador! Um espião! Um refugiado!

Expulsem-no! Fora com ele!' Com grande dificuldade, o presunçoso cavalheiro com o chapéu de abas pontiagudas conseguiu restabelecer a ordem."[20]

Pior do que o destino de Rip é o relato do que ocorreu com o herói irlandês Oisin quando do seu retorno, após uma longa jornada com a filha do Rei da Terra da Juventude. Oisin se saíra melhor que o pobre Rip. Ele havia descido conscientemente (acordado) ao reino do inconsciente (sono profundo) e havia incorporado os valores da experiência subliminar em sua personalidade vígil. Ocorrera uma transmutação. Precisamente em função dessa circunstância altamente desejável, foram maiores os perigos que envolveram seu retorno. Como toda a sua personalidade havia sido compatibilizada com as forças e formas da intemporalidade, tudo nele era refutado e atingido pelo impacto das formas e forças do tempo.

Oisin, filho de Finn MacCool, um dia caçava com seus companheiros nas florestas de Erin, quando a filha do Rei da Terra da Juventude se aproximou dele. Os homens de Oisin se haviam adiantado com a caça do dia, deixando seu mestre sozinho com os três cães. E o misterioso ser lhe havia aparecido num belo corpo de mulher, mas com cabeça de porco. Ela declarou que sua cabeça se encontrava assim graças a um feitiço de um druida, que prometera que isso cessaria tão logo Oisin a desposasse. "Bem, se é este o estado em que vos encontrais", disse ele, "e se casar comigo vos libertar do feitiço, não vos deixarei com a cabeça de porco por mais tempo."

Sem delongas, a cabeça de porco desapareceu e o casal se dirigiu para Tir na n-Og, a Terra da Juventude. Oisin morou ali, como rei, durante muitos anos felizes. Mas um dia voltou-se

para sua noiva sobrenatural e declarou:

"— Hoje eu gostaria de estar em Erin para ver meu pai e seus companheiros.

"— Se o fizerdes — disse-lhe a esposa —, e puserdes os pés na terra de Erin, jamais retornareis para mim e vos tomareis um velho cego. Quanto tempo julgais ter-se passado desde que aqui chegastes?

"— Cerca de três anos — disse Oisin.

"— São passados trezentos anos — disse ela — desde que aqui chegastes comigo. Se insistirdes em ir a Erin, dar-vos-ei esse cavalo branco; mas se dele apeardes ou se pisardes o solo de Erin com vossos pés, o cavalo voltará imediatamente e ficareis onde ele vos deixar, como um pobre velho.

"— Não temais, eu voltarei — disse Oisin. — Não tenho eu boa razão para retornar? Devo ver meu pai e meu filho e meus amigos de Erín mais uma vez; devo pelo menos olhá-los por um momento.

"Ela lhe preparou o cavalo e disse:

"— Este cavalo vos conduzirá quando o desejardes.

"Oisin cavalgou sem parar até chegar ao solo de Erin; e ele seguiu até alcançar Knock Patrick, em Munster, onde viu um homem cuidando de vacas. No campo onde as vacas pastavam, havia uma grande pedra chata.

"— Poderias vir aqui — disse Oisin ao criador — e afastar essa pedra?

"— Na verdade, não — disse o criador —, pois não a posso levantar, nem com vinte homens como eu.

"Oisin dirigiu-se até a pedra e, inclinando-se para alcançá-la, pegou-a com uma das mãos e a afastou. Debaixo da pedra estava o grande chifre dos fenianos *(borabu),* enrolado, como uma concha marinha; e a regra determinava que, quando qualquer feniano de Erin tocasse o *borabu,* os outros para ali

acorreriam de onde quer que se encontrassem no país naquele momento[21].

"— Podes me passar esse chifre? — pediu Oisin ao criador.

"— Não — disse este —, nem eu nem muitos come eu podem levantá-lo do solo.

"Então Oisin aproximou-se do chifre e, inclinando-se, tomou-o nas mãos; mas, de tão ansioso por tocá-lo, ele se esqueceu de tudo e terminou, ao movimentar-se, por encostar um dos pés no solo. No minuto seguinte, o cavalo desapareceu e Oisin ficou sobre o solo, velho e cego."[22]

A correspondência de um ano no Paraíso com cem anos na existência terrena *é* um motivo mitológico bem conhecido. A duração de cem anos significa a totalidade. Os trezentos e sessenta graus da circunferência têm o mesmo significado; razão por que os Puranas hindus representam um ano dos deuses como equivalente a trezentos e sessenta anos dos homens. Do ponto de vista dos olímpicos, era após era da história terrena transcorre, de modo que, onde os homens vêem apenas a mudança e a morte, os bem-aventurados contemplam a forma imutável, o mundo sem fim. Mas o problema reside em manter esse ponto de vista diante de uma dor ou prazer terrenos imediatos. O sabor dos frutos do conhecimento temporal afasta a concentração do espírito do centro da era para a crise periférica do momento. O equilíbrio da perfeição é perdido, o espírito fraqueja e o herói cai.

A idéia do cavalo isolante, que evita o contato direto do herói com a terra e, no entanto, permite-lhe caminhar entre os povos do mundo, é um vivido exemplo da precaução que costuma ser tomada pelos portadores da força supernormal. Montezuma, imperador do México, jamais colocou os pés na terra; sempre foi carregado nos ombros de nobres e, onde quer que descesse, era-lhe estendido aos pés um rico tapete, por onde caminhava. Dentro do seu palácio, o rei da Pérsia caminhava sobre tapetes onde ninguém mais punha os pés; fora do palácio, jamais foi visto a caminhar, mas apenas de carruagem ou a cavalo. Antigamente, nem os reis, nem a mãe do rei, nem as

rainhas de Uganda caminhavam fora dos espaçosos ambientes em que residiam. Quando saíam, eram carregados pelos homens do clã do Búfalo, que acompanhavam em grande número todas essas personagens reais numa jornada e se revezavam para carregá-las. O rei sentava-se sobre o pescoço do carregador, com uma perna sobre cada ombro e com os pés sob os braços daquele. Quando o carregador real cansava, colocava o rei sobre os ombros de outro homem sem permitir que os pés reais tocassem o solo[23].

Sir James George Frazer explica, da forma resumida a seguir, o fato de, em todos os cantos da Terra, a divina personagem não poder tocar o solo com os pés:

"Ao que parece, a santidade, a virtude mágica, o tabu ou como quer que se chame essa misteriosa qualidade que se supõe existir nas pessoas sagradas ou interditas, é concebida pelo filósofo primitivo como uma substância física ou fluido, com que o homem sagrado é carregado, tal como a garrafa de Leyden é carregada de eletricidade; e, exatamente como a eletricidade contida na garrafa pode ser descarregada por meio do contato com um bom condutor, assim também a santidade ou virtude mágica contida no homem pode ser descarregada e drenada por meio do contato com a terra, a qual serve, nessa teoria, de excelente condutor do fluido mágico. Daí porque, para preservar a carga da perda, a personagem sagrada ou interdita deve ser cuidadosamente impedida de tocar o solo; em termos de eletricidade, ela deve ser isolada, para que não seja esvaziada da substância ou fluido preciosos com que, na qualidade de redoma, se acha preenchida até a borda. E, em muitos casos, o isolamento da pessoa interdita é recomendado, ao que parece, como uma precaução, não apenas em seu próprio benefício, como em benefício dos outros; pois sendo a virtude da santidade, por assim dizer, um poderoso explosivo, que pode ser detonado pelo mais leve toque, é necessário, no interesse da segurança de todos, mantê-la dentro de estreitos limites, para impedi-la de, ao sair dali, ser detonada, provocar uma explosão e destruir tudo o que estiver em contato com ela"[24].

Há, sem dúvida, uma justificativa psicológica para tomar

essa precaução. O inglês que se veste para jantar nas florestas da Nigéria vê sentido naquilo que faz. O jovem artista de suíças no vestíbulo do Ritz terá prazer em explicar sua idiossincrasia. A grade separa o homem do público. Uma freira do século XX usa um hábito da Idade Média. A esposa é mais ou menos isolada pela aliança que traz no dedo.

Os contos de W. Somerset Maugham descrevem as metamorfoses que sobrevêm aos portadores da carga do homem branco que negligenciarem o tabu do *smoking*. Muitas canções folclóricas dão testemunho dos perigos envolvidos no sino quebrado. E os mitos — por exemplo, aqueles que Ovídio reuniu em seu grande compêndio, *Metamorfoses* — contam repetidas vezes as chocantes transformações que sobrevêm quando o isolamento entre um centro de força altamente concentrada e o campo de força inferior do mundo circundante é subitamente retirado sem as devidas precauções. Segundo o conjunto de contos encantados dos celtas e germânicos, um gnomo ou elfo que for surpreendido do lado de fora pelo nascer do sol será transformado imediatamente numa vara ou pedra.

O herói que retorna, para completar sua aventura, deve sobreviver ao impacto. Rip van Winkle jamais soube o que experimentara; seu retorno foi uma brincadeira. Oisin sabia, mas perdeu a concentração e por isso fracassou. Kamar al-Zaman teve melhor destino. Ele experimentou desperto a bem-aventurança do sono profundo e retornou à luz do dia, após sua incrível aventura, com um talismã tão eloqüente, que foi capaz de manter a autoconfiança diante de todas as desilusões conformadoras.

Enquanto ele dormia em sua torre, os dois Jinn, Dahnash e Maymunah, transportaram, da distante China, a filha do Senhor das Ilhas e dos Mares e dos Sete Palácios. Seu nome era princesa Budur. E eles colocaram a jovem para dormir ao lado do príncipe persa, na mesma cama. Os Jinn descobriram o rosto do casal e perceberam serem eles iguais a gêmeos. "Por Alá", declarou Dahnash. "Minha senhora, minha amada é mais bonita." Mas Maymunah, o espírito feminino, que amava Kamar al-Zaman, replicou: "De forma alguma, meu amado o é". E eles discutiram, atacando e contra-atacando, até que Dahnash

sugeriu que buscassem um juiz imparcial.

Maymunah escavou a terra com suas patas e dali saiu um Ifrit cego de um olho, corcunda, de pele estragada, cujos olhos saíam das órbitas e lhe desciam pela face; na cabeça, havia sete chifres; quatro trancas lhe atingiam os calcanhares; as mãos eram como forcados e as pernas, como postes; as unhas eram como garras de leão e os pés, como patas de um asno selvagem. O monstro beijou respeitosamente o solo diante de Maymunah e perguntou-lhe o que ela desejava. Instruído de que seria o juiz [da beleza] dos dois jovens que ali jaziam, cada qual com um dos braços em volta do pescoço do outro, ele os observou durante longo tempo, maravilhando-se com a sua beleza, voltou-se para Maymunah e deu o veredicto:

"Por Alá, se desejardes a verdade", disse ele, "os dois são de igual beleza. Não posso escolher entre eles, tendo em vista serem um homem e uma mulher. Mas tenho outra idéia, que consiste em despertar um de cada vez, sem que disso o outro tenha conhecimento, e aquele que se mostrar mais enamorado será considerado inferior em beleza."

Houve acordo. Dahnash transformou-se em pulga e picou o pescoço de Kamar al-Zaman. Despertando, o jovem passou a mão sobre o local da picada, coçando-o por causa do ardor, e, enquanto fazia isso, virou-se ligeiramente para o lado. Viu, deitado ao seu lado, algo cujo hálito era mais doce que o almíscar e cuja pele era mais macia que o creme. Maravilhado, levantou-se. Observou mais atentamente o que havia ao seu lado e percebeu que era uma jovem igual a uma pérola ou sol brilhante, tal como uma abóbada imponente, vinha de longe, protegida por uma bem construída embalagem.

Kamar al-Zaman tentou despertá-la, mas Dahnash a havia colocado em profundíssimo sono. O jovem balançou-lhe o corpo. "Ó, amada minha, desperta e fita-me", disse ele. Mas ela sequer se mexeu. Kamar al-Zaman imaginou que Budur fosse a mulher a quem seu pai desejava uni-lo e sentiu grande ansiedade. Mas temia que seu senhor se achasse oculto em algum lugar da sala, mantendo-o sob observação, e se controlou, contentando-se em retirar-lhe o anel-sinete do

delicado dedo e em colocá-lo em seu próprio dedo. Então, o Ifrit o fez voltar ao sono.

Gravura XV — O retorno (roma antiga).

Gravura XVI — A deusa Leoa Cósmica, segurando o Sol (índia setentrional).

Bem diversa da de Kamar al-Zaman foi a atitude de Budur. Ela não pensava nem temia que houvesse ali algum observador.

Além disso, Maymunah, que a havia acordado, agira com malícia feminina e a picara num local bem delicado da perna, que ardeu dolorosamente. A bela, nobre e gloriosa Budur, descobrindo sua contraparte masculina ao seu lado, percebendo que ele já lhe havia tomado o anel, vendo-se incapaz quer de acordá-lo ou de imaginar o que ele lhe fizera, e tomada de paixão, assaltada pelas emoções intensas que se apossavam do seu corpo, perdeu completamente o controle e atingiu o auge de uma desesperada paixão. "A luxúria dela se apossou, pois o desejo das mulheres é bem mais poderoso que o desejo dos homens, e ela sentiu-se envergonhada com sua própria ousadia. E ela lhe tirou o anel-sinete do dedo e o pôs em seu próprio dedo, substituindo o anel que ele lhe havia tomado, e pôs-se a beijar-lhe os lábios e as mãos e não houve parte dele que não beijasse; depois disso, ela o acomodou ao peito e o abraçou e, pondo uma das mãos em volta do pescoço e a outra sob as axilas, aninhou-se junto a ele e adormeceu ao seu lado."

Assim sendo, Dahnash perdeu a demanda. Budur foi devolvida à China. Na manhã seguinte, quando acordaram, os dois jovens tinham toda a Ásia a separá-los; voltaram-se de um lado para outro, mas não encontraram ninguém. Eles chamaram os respectivos criados, espancaram e mataram muita gente e ficaram inteiramente possessos. Kamar al-Zaman foi tomado de um forte torpor; seu pai, o rei, sentou-se à cabeceira do seu leito, chorando e lamentando-se por ele, e jamais se afastou dali, noite e dia. Mas a princesa Budur precisou ser amarrada; com uma corrente de ferro em torno do pescoço, teve de ser presa a uma das janelas do palácio[25].

O encontro e a separação, apesar de todo o exagero que aqui os envolve, são típicos dos sofrimentos do amor. Pois quando um coração insiste em seguir o seu destino, resistindo às recomendações generalizadas para que se abrande, a agonia é grande, assim como o é o perigo. Todavia, terão sido postas em movimento forças que estão além da capacidade de reconhecimento dos sentidos. Seqüências de eventos dos quatro cantos do mundo gradualmente se reúnem, e milagres de coincidência levam a cabo o inevitável. O anel talismânico resultante do encontro da alma com sua metade, no local da

reunião, representa o fato de o coração estar consciente daquilo que escapou a Rip van Winkle; representa, igualmente, uma convicção da mente vígil de que a realidade do profundo não é desmentida pelo cotidiano. Trata-se de um indício da necessidade do herói de reunir seus dois mundos.

O resto da longa história de Kamar al-Zaman é um relato da lenta, porém prodigiosa, operação de um destino que foi convocado a viver. Nem todos têm um destino: apenas o herói que estendeu a mão para tocá-lo e conseguiu retornar — trazendo o anel.

5. Senhor dos dois mundos

A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo causai e vice-versa — que não contamina os princípios de uma com os da outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de uma delas em virtude do conhecimento da outra — é o talento do mestre. O Dançarino Cósmico, declara Nietzsche, não se mantém pesadamente no mesmo lugar; mas, com alegria e leveza, gira e muda de posição. É possível falar apenas de um ponto por vez, mas isso não invalida o que se percebe nos demais.

Os mitos não costumam apresentar numa única imagem todo o mistério do livre trânsito. Quando o apresentam, o momento é um precioso símbolo, cheio de importância, a ser tratado como um tesouro e contemplado. Um desses momentos foi a Transfiguração de Cristo:

"Tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os levou em particular a um alto monte e ali transfigurou-se, diante deles: e o seu rosto resplandeceu como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se quiseres, façamos aqui três tabernáculos; um para ti, um para Moisés e um para Elias[26]. E estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu: e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o. E os discípulos, ouvindo isso, caíram sobre seu rosto e tiveram grande temor. E Jesus aproximou-se e os tocou, dizendo: Levantai-vos e não temais. E erguendo eles os olhos, ninguém

viram senão unicamente a Jesus. E descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja ressuscitado dos mortos"[27].

Eis todo o mito num momento: Jesus, o guia, o caminho, a visão e o companheiro do retorno. Os discípulos são os iniciados, ainda não dominam o mistério, mas são introduzidos na experiência total do paradoxo dos dois mundos em um. Pedro foi tomado de tal temor, que balbuciou[28]. A carne dissolvera-se diante dos seus olhos para revelar a Palavra. Eles caíram sobre seu rosto e, quando se ergueram, a porta tornara a se fechar.

Deve-se observar que esse momento eterno tem um alcance muito mais amplo que a realização romântica do próprio destino individual por parte de Kamar al-Zaman. Aqui temos, não apenas uma majestosa passagem, de ida e de volta, pelo limiar do mundo, mas a realização de uma penetração mais profunda, muito mais que profunda, das profundezas. O destino individual não é o motivo e o tema dessa visão; pois a revelação foi feita diante de três testemunhas, e não de uma única: não pode ela ser satisfatoriamente elucidada em meros termos psicológicos. Com efeito, uma tal elucidação deve ser descartada. Podemos duvidar da ocorrência factual dessa cena. Mas isso não nos ajudará muito; pois estaremos voltados, nesse momento, para problemas de simbolismo, e não de historicidade. Não nos importa muito se Rip van Winkle, Kamar al-Zaman ou Jesus Cristo realmente existiram. Suas *histórias* constituem nosso objeto: e essas histórias se acham tão amplamente difundidas pelo mundo — vinculadas a vários heróis de várias terras — que a questão de saber se esse ou aquele portador local do tema universal pode ou não ter sido um homem real, histórico, é secundária. A ênfase no elemento histórico provocará confusão; apenas servirá para obscurecer a mensagem que o quadro revela.

Qual é, então, o ponto essencial da imagem da transfiguração? Eis o que devemos perguntar. Mas para que a possamos tratar em termos universais, em vez de partir de sectarismos, devemos rever mais um exemplo, igualmente celebrado, do evento arquetípico em pauta.

O trecho a seguir é retirado da "Canção do Senhor" hindu, o *Bhagavad-gita*[29]. O Senhor, o belo jovem Krishna, é uma encarnação de Vishnu, o Deus Universal; o príncipe Arjuna é seu discípulo e amigo.

Disse Arjuna: "Ó Senhor, se julgas que sou capaz de contemplar-Te, ó mestre dos mestres, revela-me Teu Ser Imutável". Disse o Senhor: "Contempla-me, Um só, em centenas e milhares de formas — diferentes e variadíssimas, múltiplas e divinas. Observa os deuses e anjos; observa os muitos prodígios que ninguém até hoje viu. Observa aqui hoje todo o universo, o animado e o inanimado, e tudo mais que desejares ver, resumido no meu corpo. — Mas não podes ver-me com teus olhos materiais. Para isso, concedo-te a visão espiritual; contempla, agora, minha gloriosa Força Mística".

Tendo dito isso, o grande Senhor da ioga revelou a Arjuna sua suprema forma como Vishnu, Senhor do Universo: com muitas faces e olhos, exibindo muitas visões prodigiosas, enfeitado por muitos ornatos celestiais, brandindo muitas divinas armas; usando guirlandas e vestes celestiais, untado com divinas fragrâncias, todo maravilhoso, resplandecente, ilimitado e com faces por todos os lados. Se a radiância de mil sóis se concentrasse num único brilho e surgisse no céu, assim seria o esplendor do Todo-Poderoso. Ali, na pessoa do Deus dos deuses, Arjuna contemplou todo o universo, com suas múltiplas divisões, todas reunidas numa só forma. Então, arrebatado e com os cabelos arrepiados, Arjuna fez uma reverência, inclinando-se diante do Senhor, juntou as mãos em postura de oração e dirigiu-se ao Altíssimo:

"Em Teu corpo, ó Deus, contemplo todos os deuses e todas as hostes de seres — o Senhor Brahma, sentado na posição de lótus, todos os patriarcas e serpentes celestiais. Contemplo-Te com miríades de braços e ventres, miríades de faces e olhos; contemplo-Te o ser infinito, mas não Te vejo o fim, o meio ou o princípio. Ó Senhor do Universo, ó Forma Universal! Contemplo-Te irradiando, de todos os lados, viva luz, com a coroa, o cetro e o disco, tão fortemente como o fogo ardente e o sol ofuscante; contemplo-Te o brilho, que ultrapassa todas as medidas e que mal posso contemplar. És a Fonte Suprema do

Universo; és o imortal Guardião da Lei Eterna; és, creio eu, o Ser Primai".

Essa visão se manifestou aos olhos de Arjuna num campo de batalha, pouco antes de soar o primeiro clarim convocando para o combate. Tendo o Deus como condutor do carro, o grande príncipe o havia levado para o centro do campo de batalha, entre os dois povos prontos a iniciá-la. Os exércitos do príncipe se achavam reunidos contra os de um primo usurpador; mas então ele viu, nas fileiras do inimigo, inúmeros homens a quem conhecia e amava. As forças lhe faltaram. "Ai de nós", disse ele ao divino condutor, "que estamos prontos a cometer um grande pecado, prontos a matar nossos próprios parentes para satisfazer o desejo de domínio de um reino! Eu preferiria esperar que os filhos de Dhritarashtra, de armas na mão, me dessem o golpe mortal, desarmado e sem resistir. Não lutarei." Mas o deus o encorajou, revelando-lhe a sabedoria do Senhor, revelando-lhe depois a seguinte visão — que o príncipe contemplou, tomado de estupor: não apenas seu amigo se havia transformado na personificação viva da Fonte do Universo, como os heróis dos dois exércitos estavam sendo levados pelo vento para as inúmeras e terríveis bocas da divindade. Arjuna exclamou, tomado de horror:

"Quando vejo Tua forma abrasadora, que toca o céu e exibe milhares de cores resplandecentes, quando Te vejo com a boca aberta e com Teus grandes olhos flamejantes, o mais profundo da minha alma treme, tomado pelo temor, e não encontro coragem ou paz, ó Vishnu! Quando Te contemplo as bocas espalhando o terror com suas presas, como o fogo do Tempo, que a tudo consome, perco os sentidos e não encontro sossego. Sê misericordioso, Senhor dos Deuses, Morada do Universo! Todos esses filhos de Dhritarashtra, juntamente com a multidão de monarcas e Brishma, Drona e Karna, assim como os generais do nosso exército, entram precipitadamente em Tuas crispadas e terríveis bocas — que mal consigo contemplar. Alguns, vejo triturados pelos Teus dentes, com a cabeça transformada em pó. Como as torrentes de muitos rios dirigindo-se ao oceano, assim também os heróis do mundo mortal precipitam-se em Tuas ardentes bocas impiedosas. Como moscas, voando à luz da vela

para em seu fogo perecer, assim também essas criaturas rapidamente se precipitam em Tuas bocas para encontrar o próprio fim. Cerras Teus lábios, devorando todos os mundos, de todos os lados, com Tuas bocas ardentes. Teus raios de luz penetram todo o mundo com sua luz e o destroem, ó Vishnu! Dize-me quem És, que tão terrível aspecto tens. Perante Ti me prostro, ó Deus Supremo! Tem piedade. Desejo conhecer-Te, a Ti, que és o Ser Primai; eis que não compreendo Teus desígnios".

Disse o Senhor: "Eu sou o Tempo, destruidor do mundo, ora empenhado na destruição desses homens aqui. Mesmo sem tua participação, todos esses guerreiros que aqui se alinham em fileiras opostas não viverão. Portanto, levanta-te e obtém glória; conquista teus inimigos e obtém um opulento reino. Por Mim, e por ninguém mais, foram eles mortos; sejas instrumento meu, ó Arjuna. Mata Drona e Brishma e Jayadratha e Karna, e todos os outros grandes guerreiros, que já se acham mortos por Mim. Não estremeças de medo. Luta e serás o vencedor."

Tendo ouvido essas palavras de Krishna, Arjuna estremeceu, juntou as mãos em adoração e lhe fez uma reverência. Prosternado, ele saudou Krishna e a ele se dirigiu, com voz trêmula:

"...És o deus supremo, o Criador; és o Sustentáculo supremo do universo; és o Saber e o que deve ser sabido; és o Alvo Ultimo. Estás em todo canto do mundo, és Forma Suprema! És o Vento e a Morte, o Fogo e a Lua, o Senhor da Água. És a Origem e o Senhor dos Senhores. Eu te saúdo!... Rejubilo-me por ter visto o que jamais o fora; mas meu espírito ainda está tomado pelo temor. Mostra-me Tua outra forma. Misericórdia, Senhor dos Deuses, Morada do Universo. Quero ver-Te sob outra forma, com tua coroa, cetro e disco nas mãos. Assume outra vez tua forma de quatro braços, ó Senhor dos mil braços e de infinitas formas".

Disse o Senhor: "Por Meu poder contemplas te, por minha Força Mística, ó Arjuna, minha suprema forma, resplandecente, universal, infinita e primeva, que foste o único a contemplar... Não temas, não te deixes abater, por teres visto essa minha

Força terrificante. Liberto do medo e com alegria no coração, contempla-Me a outra forma".

Tendo dirigido a Arjuna essas palavras, Krishna assumiu outra vez sua forma bondosa e tranqüilizou o atemorizado Pandava[30].

O discípulo foi abençoado pela visão que transcende o alcance do destino humano normal, equivalente a um vislumbre da natureza essencial do cosmo. Não seu destino pessoal, mas o da humanidade, da vida como um todo, do átomo e de todos os sistemas solares, foi posto diante dos seus olhos; e em termos passíveis de apreensão humana, isto é, em termos de uma visão antropomórfica: o Homem Cósmico. Uma iniciação idêntica poderia ter sido efetuada por meio de uma imagem igualmente válida do Cavalo Cósmico, da Águia Cósmica, da Árvore Cósmica ou do Louva-a-Deus Cósmico[31]. Ademais, a revelação registrada na "Canção do Senhor" foi feita em termos adequados à casta e à raça de Arjuna: o Homem Cósmico que ele contemplou era um aristocrata, tal como ele próprio, e hindu. De modo correspondente, o Homem Cósmico manifestou-se, na Palestina, como um judeu; na Alemanha antiga, como alemão; entre os Basutos, como negro; no Japão, como japonês. A raça e a estatura da imagem que simboliza o Universal imanente e transcendente têm alcance histórico, e não semântico; o mesmo ocorre com o sexo: a Mulher Cósmica, que aparece na iconografia dos jainistas[32], é um símbolo tão eloqüente quanto o Homem Cósmico.

Os símbolos são meros *veículos* de comunicação; não devem ser confundidos com o termo final, *o ponto essencial* a que se referem. Pouco importa o poder de atração que trazem consigo ou a impressão que podem causar; os símbolos permanecem como meros meios convenientes, adaptados às necessidades de compreensão. Por essa razão, a personalidade ou as personalidades de Deus — representadas em termos trinitários, dualistas ou unitários, politeístas, monoteístas ou henoteístas, de forma pictorial ou verbal, como fato documentado ou visão apocalíptica — é algo que ninguém deve tentar ler ou interpretar como a forma última. O problema do teólogo consiste em manter seu símbolo translúcido, para que este não

esboce a própria luz que, segundo se supõe, é por ele expressa. "Pois somente conhecemos verdadeiramente a Deus", escreve São Tomás de Aquino, "quando acreditamos que Ele se acha além de tudo o que o homem possivelmente seja capaz de pensar de Deus."[33] E, no *Kena Upanishad,* nesse mesmo espírito: "Saber é não saber; não saber é saber"[34]. A confusão entre o veículo e o ponto principal de referência pode levar ao desperdício, não apenas da tinta sem valor, como do valioso sangue.

O próximo ponto a observar é que a transfiguração de Jesus foi testemunhada por devotos que haviam extinguido sua vontade pessoal, homens que há muito haviam liquidado a "vida", o "fado pessoal", o "destino", por meio da completa auto-abnegação no Mestre. "Nem pelos Vedas, nem pelos martírios voluntários, nem pela distribuição de esmolas ou pelos sacrifícios, sou contemplado na forma em que Me contemplaste", declarou Krishna, após voltar à forma familiar; "apenas pela devoção a Mim eu posso ser conhecido, plenamente percebido e penetrado sob essa forma. Quem tudo faz em Meu nome e Me reconhece como o Supremo Alvo, quem Me é devotado e não odeia a ninguém — esse chegará a Mim"[35]. Uma fórmula correspondente de Jesus o afirma de modo mais sucinto: "Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a vida por amor de mim achá-la-á"[36].

O sentido é bem claro; é o sentido de toda prática religiosa. O indivíduo, por meio de prolongadas disciplinas espirituais, renuncia completamente aos vínculos com suas limitações e idiossincrasias, esperanças e temores pessoais, já não resiste à auto-aniquilação, que constitui o pré-requisito do renascimento na percepção da verdade, e assim fica pronto, por fim, para a grande sintonia.

Suas ambições pessoais estão dissolvidas, razão por que ele já não tenta viver, mas simplesmente relaxa diante de tudo o que venha a se passar nele; ele se torna, por assim dizer, um anônimo. A Lei vive nele com seu próprio consentimento irrestrito.

Muitas são as figuras, particularmente nos contextos sociais

e mitológicos do Oriente, que representam esse estado último de presença anônima. Os sábios dos retiros de eremitas e os mendigos vagantes, que desempenham um papel conspícuo na vida e nas lendas do Oriente; no mito, figuras como o Judeu Errante (desprezado, desconhecido, mas, não obstante, portador de uma pérola de grande valor, que traz no bolso); o mendigo maltrapilho, perseguido pelos cães; os miraculosos bardos mendicantes cuja música nos toca o coração; ou o deus mascarado, Wotan, Viracocha, Exu — eis alguns exemplos. "Por vezes, um bobo, por vezes um sábio, por vezes com esplendor magnificente; por vezes vagante, por vezes imóvel como um pitão [serpente mitológica], por vezes exibindo uma expressão benigna; por vezes honrado, por vezes insultado, por vezes desconhecido — assim vive o homem que entendeu, sempre feliz, em suprema beatitude. Assim como um ator é um homem, quer ponha ou deixe de lado as vestes de sua personagem, assim também é o perfeito conhecedor do Imperecível sempre Imperecível — só isso."[37]

6. Liberdade para viver

Qual é, então, o significado de que se revestem a passagem e o retorno miraculosos?

O campo de batalha simboliza o campo da vida, no qual toda criatura vive da morte de outra. Uma percepção da inevitável culpa que o viver envolve pode deixar o coração tão amargurado que, tal como Hamlet ou Arjuna, podemos nos recusar a prosseguir. Por outro lado, tal como a maioria, podemos inventar uma falsa auto-imagem, em última análise injustificável, que nos eleve a um fenômeno excepcional no mundo e à condição de um ser isento de culpa — ao contrário dos outros seres —, que se acha justificado, em seu inevitável pecar, pelo fato de representar o bem. Um tal farisaísmo leva à incompreensão, não apenas de si mesmo, como também da natureza do homem e do cosmo. O alvo do mito consiste em dissipar a necessidade dessa ignorância diante da vida por intermédio de uma reconciliação entre consciência individual e vontade universal. E essa reconciliação é realizada através da percepção da verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas.

"Como uma pessoa despe as roupas usadas e as troca por novas, assim também o Eu que habita o corpo despe os corpos usados e os troca por novos. Impenetrável, incombustível, insolúvel, inabalável, esse Eu não é permeado, consumido pelo fogo, dissolvido pela água, abalado pelo vento. Eterno, mutável, imóvel, todo penetrante, o Eu é para sempre inalterável."[38]

O homem, no mundo da ação, não mantém o vínculo que o situa no centro do princípio da eternidade se se mostrar ansioso

por colher a recompensa de suas façanhas; mas se deixá-las, e aos seus frutos, aos pés do Deus Vivo, é por eles liberado, tal como o é, pelo sacrifício, das amarras do mar da morte. "Faze sem apegos o que tens a fazer... Faze tudo em Meu nome, concentrando todos os pensamentos no Eu; liberto da cobiça e do egoísmo, luta — sem que a aflição te perturbe."[39]

Poderoso pelo seu saber, calmo e liberto na ação, convencido de que de suas mãos fluirá a graça de Viracocha, o herói configura-se como veículo consciente da terrível e maravilhosa Lei, seja o seu trabalho o de açougueiro, jóquei ou rei.

Gwion Bach, aquele que, tendo provado três gotas do caldeirão envenenado da inspiração, foi engolido pela bruxa Caridwen, renasceu como criança, foi jogado ao mar e encontrado, no dia seguinte, numa rede de pesca de um jovem sem sorte e profundamente desapontado, Elphin, filho do rico proprietário Gwyddno, cujos cavalos haviam sido mortos pela inundação causada pela explosão do caldeirão envenenado. Quando tomaram da bolsa de couro e a abriram, os homens deram com um garotinho e disseram a Elphin: "Contempla uma testa radiante *(taliesin)!"* "Ele se chamará Taliesin", disse Elphin. Ele tomou o garoto nos braços e, lamentando sua má sorte, colocou-o tristemente na garupa. Fez esquipar suavemente o cavalo que antes trotava, e levou o garoto com a mesma delicadeza que o faria a mais suave cadeira do mundo. E o garoto, nesse momento, recitou em voz alta um poema de consolo e louvor a Elphin, prevendo para ele honras e glórias:

"Gentil Elphin, deixa de lado teus

lamentos! Que ninguém se lamente da parte que

lhe coube. O desespero nenhuma vantagem produz. Eis que os homens não percebem aquilo que os sustenta...

Pequeno e fraco como sou,

Na espumante praia onde vem dar o oceano, Quando a aflição vier te atingir, A ti servirei muito mais do que fariam trezentos mil salmões..."

Quando Elphin retornou ao castelo do pai, Gwyddno lhe perguntou se a pesca tinha sido boa, e Elphin respondeu que havia fisgado algo mais valioso que peixes. "E o que foi?", disse Gwyddno. "Um bardo", disse-lhe Elphin. E Gwyddno replicou: "Por Deus, que proveito tirarás?" E o próprio infante respondeu, dizendo: "Ele lhe trará mais proveito do que a pesca até agora te trouxe". Gwyddno perguntou: "Podes falar, tão pequeno és?" E lhe respondeu o garotinho: "Melhor falo eu que me questionas tu". "Deixa-me ouvir o que podes dizer", instou-o Gwyddno. E Taliesin cantou uma canção filosófica.

Eis que um dia o rei reuniu a corte, e Taliesin colocou-se a um canto isolado. "E assim, quando os bardos e arautos chegaram para celebrar a generosidade e proclamar o poder do rei, e sua força, Taliesin, no momento em que passavam pelo canto onde ele se achava, olhou-os e fez 'Pruuu, pruuu', com o dedo nos lábios. Nenhum deles se deu conta de sua presença enquanto prosseguia; e continuaram a andar até se acharem diante do rei, a quem fizeram reverências, como se esperava que fizessem, sem dizer uma única palavra, mas estenderam os lábios, diante do rei, fazendo caretas e 'Pruuu, pruuu', com os dedos nos lábios, tal como haviam visto o garoto fazer. Isso levou o rei a se admirar e a pensar consigo mesmo que eles deviam estar embriagados por muitas bebidas. E ele ordenou a um dos lordes, que servia ao trono, que se dirigisse a eles e lhes pedisse que se contivessem, considerando-se o lugar onde se encontravam, e que lhes dissesse o que deveriam fazer. E o lorde o fez com prazer. Mas eles prosseguiram com a descabida irreverência. É o rei os advertiu pela segunda e pela terceira vez, desejando que deixassem o salão. Por fim, o rei ordenou que um dos seus cavalheiros golpeasse o chefe do grupo, chamado Heinin Vardd; e o cavalheiro tomou de uma vara e lhe deu um golpe na cabeça, levando-o a cair na cadeira. Em seguida, ele se ergueu e caiu de joelhos diante do rei e pediu-lhe a graça para demonstrar que sua falta não decorrera da ignorância, nem de embriaguez, mas da influência de algum espírito que se achava no salão, Depois disso, Heinin falou nos seguintes termos: 'Honorável rei, saiba Vossa Graça que não é pelo poder da bebida, ou pelo excesso de bebida, que nos achamos estúpidos, sem poder falar, como homens

embriagados, mas por causa da influência de um espírito que se encontra no canto, além, sob a forma de uma criança'. Diante disso, o rei pediu ao cavalheiro que fosse buscar o garoto; e o cavalheiro foi até a coluna onde estava Taliesin e o conduziu à presença do rei, que lhe perguntou quem era e de onde havia surgido. E Taliesin respondeu ao rei em versos:

'"Como importante bardo principal, sirvo a Elphin E meu país original é a região das estrelas de verão; Idno e Heinin me chamaram Merddin, Mais tarde todo rei me chamará Taliesin.

Eu estava com meu Senhor na mais alta esfera, Quando da queda de Lúcifer nas profundezas do inferno. Portei um estandarte à frente de Alexandre; Conheço o nome das estrelas de norte a sul; Estive na galáxia onde se encontra o trono do

Dispensador; Eu estava em Canaã quando foi morto Absalão;

Levei o Divino Espírito ao nível do vale do

Hebron; Estive na corte de Don antes de Gwdion nascer. Instruí Eli e Enoque; Fui dotado de. asas pelo gênio do esplêndido

bastão episcopal; Fui loquaz antes de receber o dom da fala; Estava presente ao local da crucifixão do

misericordioso Filho de Deus; Três períodos passei nas masmorras de Arianrod; Fui o principal mestre das obras da torre de

Nimrod; Sou um prodígio cuja origem não é sabida. Estive na Ásia, na arca, com Noé, Vi a destruição de Sodoma e Gomorra; Eu estava na índia quando Roma foi erigida, Eis que agora venho para as Ruínas de Tróia. Eu estive com meu Senhor na manjedoura do burro; Apoiei Moisés na passagem por entre as águas

do Jordão; Privei no firmamento da companhia de Maria Madalena; A musa obtive no caldeirão de Caridwen; Fui bardo harpista de Lleon de Lochlin. Estive na Colina Branca, na corte de Cynvelyn, Por um ano e um dia, atado ao tronco, dominado

por cadeias, Passei fome por amor ao Filho da Virgem, Fui

criado na terra da Divindade, Eis que fui mestre de todas as inteligências, Sou capaz de instruir a todo o universo. Ficarei na face da terra até o dia do juízo; E não se sabe se meu corpo é carne ou peixe.

Depois de tudo, por nove meses fiquei No ventre da bruxa Caridwen; Originalmente, fui o pequeno Gwion, E, com o tempo, Taliesin me tornei.'

"E quando o rei e os nobres de sua corte terminaram de ouvir a canção, ficaram deveras admirados, pois jamais haviam ouvido algo igual da boca de um garoto tão pequeno quanto aquele."[40]

A parte mais ampla da canção do bardo é devotada ao Imperecível, que vive nele; apenas uma breve estrofe é dedicada aos detalhes de sua biografia pessoal. Aqueles que ouvem são orientados para o Imperecível que há em si mesmos e informados apenas incidentalmente. Embora ele tivesse temido a terrível bruxa, fora engolido e renascera. Tendo morrido para seu ego pessoal, eis que nascera outra vez, estabelecido no Eu.

O herói é o patrono das coisas que se estão tornando, e não das coisas que se tornaram, pois ele *é*. "Antes de Abraão existir, EU SOU." Ele não confunde a aparente imutabilidade no tempo com a permanência do Ser, nem tem temor do momento seguinte (ou da "outra coisa"), como algo capaz de destruir o permanente com sua mudança. "Nada retém sua própria forma; a Natureza, a maior renovadora, constantemente cria formas de formas. Certamente nada há que pereça em todo o universo; há apenas variação e renovação de forma."[41] Assim se permite que o momento seguinte venha a ocorrer. Quando o Príncipe da Eternidade beijou a Princesa do Mundo, esta não ofereceu resistência. "Ela abriu os olhos, despertou e o olhou com amizade. Juntos, desceram as escadas, e o rei, a rainha e toda a corte acordaram e todos se entreolharam, com estupefação. E os cavalos da corte levantaram-se e se sacudiram; os cães de caça saltaram e abanaram a cauda; os pombos do teto retiraram as cabecinhas de baixo das asas, olharam à sua volta e voaram pelo campo; as moscas que se achavam na parede voltaram a

andar; o fogo se reavivou na cozinha, aumentou e fez o jantar; o assado voltou a dourar; a cozinheira deu um peteleco no ouvido do ajudante que o fez cambalear; e a ama terminou de deplumar a galinha."[42]

— Parte I.

Notas ao Capítulo III

1. Esse detalhe é uma racionalização do renascimento a partir do pai hermafrodita iniciador.

2. Vishnu Purana, *23;* Bhagavata Purana, *10:51;* Harivansha, *114. O citado acima tem como base a tradução de Heinrich Zimmer,* Maya, der indische Mythos, *Stutgart e Berlim, 1936, pp. 89-99. Compare-se com Krishna, como Mágico do Mundo, e com o Exu africano (pp. 48-49,* supra). *Compare-se igualmente com Maui, o trapaceiro polinésio.*

3. "Taliesin", traduzido por Lady Charlotte Guest, in The Mabinogion *(Everyman's Library, n.° 97, pp. 263-264).*

Taliesin, Chefe dos Bardos do Oeste, pode ter sido uma personagem histórica real do século VI d. C, contemporâneo do chefe que se tornou o rei Artur do futuro romance. A lenda e os poemas do bardo sobrevivem num manuscrito do século XIII, "The book of Taliesin", que é um dos "Four ancient books of Wales". Um mabinog *(galés) é um aprendiz de bardo. O termo* mabinogi, *"instrução juvenil", denota o material tradicional (mitos, lendas, poemas, etc.) ensinado a um* mabinog, *que tinha a obrigação de decorá-lo.* Mabinogion, *plural de* mabinogi, *foi o nome dado por Lady Charlotte Guest à sua tradução (1838-49) de onze romances dos "Ancient books".*

A tradição galesa, escocesa e irlandesa dos bardos descende de um fundo mítico celta e pagão, muito antigo e abundante. Esse fundo mítico foi modificado e revivido pelos missionários e viajantes cristãos (a partir do século XV), que registraram as velhas histórias e lutaram tenazmente para integrá-las à Bíblia. No decorrer do século X, um brilhante período de produção de romances, que se concentrou principalmente na Irlanda, converteu a herança em importante força contemporânea. Bardos celtas foram às cortes da Europa cristã; temas celtas foram retomados pelos vates

escandinavos. Grande parte da tradição imaginária da Europa, assim como as bases da tradição arturiana, remetem a esse primeiro grande período criativo do romance ocidental. (Veja-se Gertrude Schoepperle, Tristan and Isolt, a study of the sources of the romance, *Londres e Frankfurt-sobre-o-Meno, 1913.)*

4. Harva, op. cit., *pp. 543-544; citação de "Pervyi buryatskii saman Morgon-Kara",* Isvestyia Vostocno-Siberskago Otdela Russkago Geograficeskago Óbscestva, *XI, -12, Irkutsk, 1880, pp. 87 ss.*

5. John White, The ancient history of the Maori, his mythology and traditions, *Wellington, 1886-89, vol. II, pp. 167-171.*

6. Grimm, n.° 79.

7. C. G. Jung, The integration of the personality, *Nova York, 1939, p. 59.*

8. Veja-se Apolônio de Rodes, Os argonautas; *a fuga é contada no Livro IV.*

9. Ko-ji-ki, *Records of Ancient Matters (712 d. C), adaptado da tradução de C. H. Chamberlain,* Transactions of the Asiatic society of Japan, *vol. X, Suplemento, Yokohama, 1882, pp. 24-28.*

10. Jaimuniya Upanishad Brahmana, *3.28.5.*

11. Em muitos mitos do herói no ventre da baleia, este é resgatado por pássaros, que abrem com bicadas a parte lateral de sua prisão.Vrobenius, Das Zeitalter des Sonnengottes, *pp. 85-87.*

12. Ko-ji-kí, *segundo Chamberlain,* op. cit., *pp. 52-59.*

13. O Xinto, "O Caminho dos Deuses", é a tradição nativa dos japoneses, que se distingue da tradição importada, Bitsudo ou "Caminho do Buda". Trata-se de uma forma de devoção aos guardiães da vida e dos costumes (espíritos locais, forças ancestrais, heróis, o rei divino, os parentes vivos de cada pessoa e os filhos vivos de cada pessoa), que se diferenciam das forças que libertam da roda das existências (Bodisatvas e Budas). A forma de culto é primariamente a preservação e o cultivo da pureza de coração: "O

que é a ablução? É, não apenas purificar o corpo com água sagrada, mas seguir o Caminho da Retidão e da Moral" (Tomobe-no-Yatsuda, Shinto-Shoden-Kuju). *"Agradam à Divindade a virtude e a sinceridade, e não quais quer oferendas materiais."* (Shinto-Gobusho.)

Amaterasu, ancestral da Casa Real, é a principal divindade do imenso panteão folclórico, embora ela mesma não passe da mais elevada manifestação do Deus Universal, não visto e transcendente e, não obstante, imanente: "As Oitocentas Miríades de Deus não são senão diferentes manifestações de uma única Divindade, Kunitokotachi-no-Kami, o Sempiterno Ser Divino da Terra, a Grande Unidade de Todas as Coisas do Universo, o Ser Primordial do Céu e da Terra, aquele que existe eternamente do início ao fim do mundo" (Izawa-Nagahide, Shinto-Ameno-Nuboko-no-Ki). *"A que divindade cultua Amaterasu, em abstinência, na Planície do Elevado Céu? Ela cultua seu próprio Eu interno como Divindade, buscando cultivar a divina virtude em sua própria pessoa por meio da pureza interna; dessa maneira, forma uma unidade com a Divindade" (Ichijo-Kaneyoshi,* Nihonshoki-Sanso).

Como a Divindade é imanente a todas as coisas, estas, dos recipientes e caçarolas da cozinha à Mikado, devem ser consideradas divinas: eis a essência do Xinto, "O Caminho dos Deuses". Sendo a Mikado a mais alta posição, recebe ela a maior reverência; mas essa reverência não é diferente daquela concedida a todas as demais coisas. "A Divindade inspiradora de reverência manifesta-se a Si mesma até numa simples folha de árvore ou de grama" (Urabe-no Kanekuni). A função da reverência no Xinto é honrar a Divindade que está em todas as coisas; a da pureza, sustentar Sua manifestação em cada pessoa — seguindo o augusto modelo do divino autoculto de Amaterasu. "Com o Deus não visto que vê todas as coisas secretas no silêncio, o coração do homem comunga sinceramente a partir da terra embaixo" (de um poema do imperador Meiji). — Todas as citações acima estão em Genchi Kato, What is Shinto?, *Tóquio, Maruzen Com-pany Ltd., 1935; veja-se igualmente Lafcadio Hearn,* Japan, an inter-pretation, *Nova York, Gr os se t and Dunlap, 1904.*

15. Compare-se o credo cristão: "Desceu aos Infernos; no terceiro dia ressurgiu dos mortos. .."

16. Enlil é o deus sumeriano do ar; Nana, o deus da lua; Enki, o deus da água e da sabedoria. Na época da composição do nosso documento (terceiro milênio a. C), Enlil era a principal divindade do panteão sumeriano. Facilmente irritável, era quem enviava o Dilúvio. Nana era um de seus filhos. Nos mitos, o deus benigno, Enki, aparece tipicamente no papel de auxiliar. É o patrono e conselheiro, tanto de Gilgamês, como do herói do dilúvio, Atarhasis-Utnapishtim-Noé. O motivo de Enki versus *Enlil manifesta-se na mitologia clássica na pendência entre Posêidon e Zeus (Netuno* versus *Júpiter).*

17. Kramer, op. cit., *pp. 87, 95. A conclusão do poema, precioso documento das fontes dos mitos e símbolos de nossa civilização, perdeu-se para sempre.*

18. Mateus, 26:51; Marcos, 14:47; João, 18:10.

19. Mandukya Upanishad, 5.

20. Washington Irving, The sketch book, *"Rip van Winkle".*

21. Os fenianos foram os homens de Finn MacCool, todos gigantes. Oisin, filho de Finn MacCool, foi um deles. Mas há muito seu tempo havia passado e os habitantes da terra já não eram os grandes de outrora. Essas lendas de gigantes arcaicos são comuns às tradições folclóricas de todos os lugares; veja-se, por exemplo, o mito recontado anteriormente (pp. 195-197), o conto do rei Muchukunda. Comparável é a prolongada vida dos patriarcas hebreus: Adão viveu novecentos e trinta anos; Set, novecentos e doze; Enós, novecentos e cinco, etc, etc. (Gênesis, 5).

22. Curtin, op. cit., *pp. 332-333.*

23. Retirado de Sir James G. Frazer, The golden bough, *edição de volume único, pp. 593-594. Copyright, 1922, The Macmillan Company. Usado com sua permissão.*

24. Ibid., pp. 594-595. Citado com permissão de The Macmillan Company, editores.

25. Adaptado de Burton, op. cit., *III, p. 231-256.*

26. "Pois não sabia o que diziam; porque estavam assombrados." (Marcos, 9:6.)

27. Mateus, 17:1-9.

28. Um certo elemento de alívio cômico pode ser sentido no projeto imediato de Pedro (anunciado enquanto a visão se encontrava diante dos seus olhos), o de converter o inefável numa fundação de pedra. Apenas seis dias antes, Jesus lhe havia dito: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" e, pouco depois, "não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens" (Mateus, 16:18, 23).

29. O principal texto da moderna religiosidade devocional hindu: um diálogo ético de dezoito capítulos que está no Livro VI do Mahabharata, *a contraparte indiana da* Uíada.

30. Bhagavad-gita, 11; 1:45-46; 2:9. Rretirado da tradução de Swamy Nikhilananda, Nova York, 1944.

31. "Om. A cabeça do cavalo sacrificai é a madrugada; seu olho, o sol; sua força vital, o ar; sua boca aberta, o fogo chamado Vaishvana- ra; e o corpo do cavalo sacrificai é o ano. O lombo é o céu; o ventre, o firmamento; a pata, a terra; os lados, os quatro pontos cardeais; as costelas, as direções intermediárias; os membros, as estações; as juntas, os meses e quinzenas; os pês, os dias e as noites; os ossos, as estrelas; e a carne, as nuvens. O alimento semi-digerido ê a areia; os vasos sangüíneos, os rios; o fígado e o baço, as montanhas; os pêlos, as ervas e árvores. A parte dianteira é o sol nascente, e a retaguarda, o sol poente. O bocejo é o relâmpago; o balançar do corpo, o trovão; o urinar é a chuva e o relincho, a voz." (Brihadaranyaka Upanishad, *1.1.1; traduzido por Swami Madhavananda, Maiavati, 1934.)*

the archetype

Body of life a beaked carnivorous desire

Self-upheld on storm-broad wings: but the eyes

Were spouts of blood; the eyes were gashed out; dark blood

Ran from ruinous eye-pits to the hook of the beak

And rained on the waste spaces of empty heaven.

Yet the great Life continued; yet he great Life

Was beautiful, and she drank her defeat, and devoured

Her famine for food."

["...o arquétipo/Corpo da vida: pontudo desejo carnívoroIAuto-mantido em asas amplas qual tempestade: mas os olhos/Eram jorros de sangue; os olhos eram projetados para fora; negro sangue corria das arruinadas órbitas até a curvatura do bico/E choveu nos espaços arrasados do céu vazio./E, no entanto, a grande Vida prosseguiu; no entanto, a grande Vida/Era bela, e absorveu sua derrota, e devorou/ Sua fome de alimento."]

(Robinson Jeffers, Cawdor, *p. 116.* Copyright *1928, Robinson Jeffers. Reproduzido com a permissão da Random House, Inc.) A Árvore Cósmica ê uma bem conhecida figura mitológica (veja-se Yggdrasil, o Freixo do Mundo, dos Eddas). O louva-a-deus desempenha um importante papel na mitologia dos bosquímanos do sul da África. (Veja-se também a gravura XVI.)*

32. O jainismo é uma religião hindu heterodoxa (isto é, que rejeita a autoridade dos Vedas), que exibe, em sua iconografia, algumas características extraordinariamente arcaicas. (Veja-se pp. 258 e ss. infra.)

33. Summa contra gentiles, /, 6, parágrafo 3.

34. Kena Upanishad, 2:3.

35. Bhagavad-gita, 11:53-55.

36. Mateus, 16:25.

37. Shankaracharya, Vivekachudamani, *542 e 555.*

38. Bhagavad-gita, 2:22-24.

39. Ibid., 3:19 e 3:30.

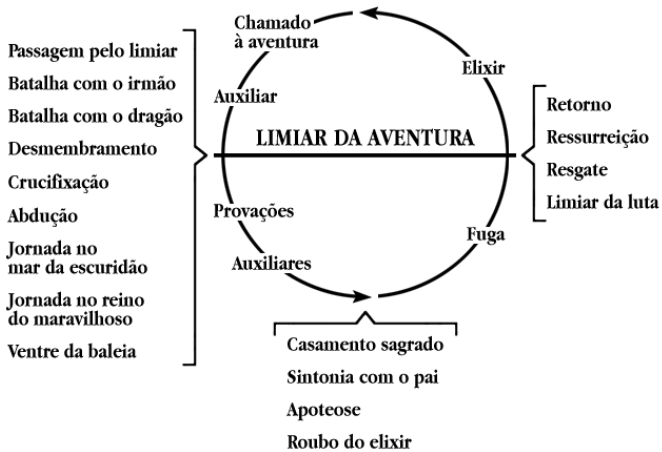
40. "Taliesin", op. cit., *pp. 264-274.*

41. Ovídio, Metamorfoses, *XV, 252-255.*

42. Grimm, n." 50; conclusão.

Capítulo IV – As chaves

A aventura do herói pode ser resumida no seguinte diagrama:



O herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela, e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento, crucifixão). Além do limiar, então, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por

parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinizaçao (apoteose) ou, mais uma vez — se as forças se tiverem mantido hostis a ele -—, pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rapto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoaram o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos). No limiar de retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A bênção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir).

As mudanças que permeiam a escala simples do mono-mito desafiam a descrição. Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo (o motivo do teste, o motivo da fuga, a abdução da noiva); outros encadeiam um certo número de ciclos independentes e os transformam numa série simples (tal como ocorreu na *Odisséia).* Diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos(as), assim como um elemento simples pode redu-plicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes.

As linhas gerais dos mitos e contos estão sujeitas a danos ou ao obscurecimento. As características arcaicas em geral são eliminadas ou reprimidas. Os elementos importados são revisados para se adequarem à paisagem, aos costumes ou à crença locais e, no processo, sempre saem prejudicados. Além disso, no sem-número de recontagens de uma história tradicional, *é* inevitável a ocorrência de distorções acidentais ou intencionais. Para dar conta de elementos que se tornaram, por esta ou aquela razão, sem sentido, são inventadas interpretações secundárias, muitas vezes com uma habilidade considerável*.

Na história esquimó de Corvo no ventre da baleia, o motivo dos gravetos para a fogueira sofreu um deslocamento e uma subseqüente racionalização. O arquétipo do herói no ventre da baleia é amplamente conhecido. A principal façanha do aventureiro costuma ser a feitura de uma fogueira com os gravetos no interior do monstro, produzindo assim a morte da baleia e a própria libertação. Fazer uma fogueira dessa forma

simboliza o ato sexual. Os dois gravetos — receptáculo e haste — são conhecidos, respectivamente, como fêmea e macho; a chama é a nova vida gerada. O herói que faz fogo na baleia é uma variante do casamento sagrado.

Mas em nossa história esquimó, essa imagem de fazer fogo foi submetida a uma modificação. O princípio feminino foi personificado pela bela garota que Corvo encontrou na grande sala existente no interior do animal; ao mesmo tempo, a conjunção macho-fêmea foi simbolizada separadamente, pelo fluxo de óleo do tubo até a lâmpada acesa. O fato de Corvo provar desse óleo representou sua participação no ato. O cataclismo resultante representou a crise típica do nadir, o término da velha era e o início da nova. A emergência de Corvo simbolizou, em conseqüência, o milagre do renascimento. Assim sendo, os gravetos tornaram-se supérfluos, levando à criação de um inteligente e divertido epílogo para lhes dar uma função na trama. Tendo deixado os gravetos no ventre da baleia, Corvo faz as pessoas se afastarem, assustadas, e aproveita sozinho a festa da gordura. Esse epílogo constitui um excelente exemplo de elaboração secundária. Ele desempenha um papel no caráter trapaceiro do herói, mas não se configura como elemento básico da história.

Nos estágios posteriores de muitas mitologias, as ima-gens-chave se ocultam como agulhas num palheiro de anedotas secundárias e de racionalizações; pois quando a civilização passa de um ponto de vista mitológico para um ponto de vista secular, as velhas imagens já não são sentidas ou muito aprovadas. Na Grécia helênica e na Roma imperial, os deuses antigos foram reduzidos a meros patronos cívicos, mascotes domésticos ou preferências literárias. Temas herdados não compreendidos, tais como o do Minotauro — o aspecto negativo, sombrio e terrível da velha representação egípcio-cretense do deus do sol encarnado e rei divino —, foram racionalizados e reinterpretados para servirem a fins contemporâneos. O monte Olimpo tornou-se uma Ríviera, plena de escândalos e negociatas escabrosos, tornando-se as mães-deusas ninfas histéricas. Os mitos eram lidos como romances super-humanos. Na China, comparavelmente, onde a força

humanista e moralizadora do confucionismo conseguiu esvaziar razoavelmente as velhas formas míticas de sua grandeza primeva, a mitologia oficial hoje não passa de um amontoado de anedotas a respeito dos filhos e filhas dos funcionários provinciais — os quais, por servirem à comunidade, de uma ou de outra forma, foram elevados, pela gratidão daqueles a quem beneficiaram, à dignidade de deuses locais. E no moderno cristianismo progressista, o Cristo — encarnação do Logos e Redentor do Mundo — tornou-se, essencialmente, personagem histórica, um inofensivo sábio do campo, do passado semi-oriental, que pregou uma doutrina benigna do "fazei aos outros o que quereis que façam a vós" e, não obstante, foi executado como criminoso. Sua morte *é* interpretada como uma esplêndida lição de integridade e firmeza.

Sempre que é objeto de uma interpretação que a encara como biografia, história ou ciência, a poesia presente no mito fenece. As vividas imagens estiolam-se em fatos remotos de um tempo ou céu distantes. Ademais, jamais há dificuldades em demonstrar que a mitologia, tomada como história ou ciência, é um absurdo. Quando uma civilização passa a interpretar sua mitologia desse modo, a vida lhe foge, os templos transformam-se em museu e o vínculo entre as duas perspectivas é dissolvido. Uma tal praga certamente se abateu sobre a Bíblia e sobre grande parte do culto cristão.

Para levar essas imagens a recuperar a vida, devemos procurar, não aplicações interessantes a temas modernos, mas indícios que nos tragam a luz do passado inspirado. Quando esses indícios iluminadores são encontrados, vastas áreas de iconografia semimorta voltam a revelar seu sempiterno sentido humano.

No Sábado Santo [ou de Aleluia] da Igreja Católica, por exemplo, o sacerdote, depois de abençoar o fogo novo[3] e o círio pascal e de proceder à leitura das profecias, enverga paramentos solenes de cor púrpura e, precedido da cruz processional, do turíbulo e do círio bento, dirige-se à pia batismal, juntamente com seus ministros e com todos os clérigos presentes, ao mesmo tempo em que é entoado o seguinte cântico: "Como suspira o cervo pelos veios d'água,

assim minha alma suspira por Vós, ó Deus! Quando irei ver a face de Deus? Dia e noite foram as lágrimas o meu alimento, enquanto me diziam, todos os dias: Onde está o teu Deus?" (Salmo XLI, 2-4; Douay.)

Ao chegar ao limiar do batistério, o sacerdote faz uma pausa para oferecer uma oração; em seguida, entra e abençoa a água da pia batismal: "A fim de que, tendo concebido a santificação, esta divina fonte faça sair do seu seio puríssimo uma raça celeste, regenerada em criaturas novas, e que a graça, como uma mãe, dê a mesma vida de filhos a todos aqueles que o sexo distingue segundo o corpo e a idade, segundo o tempo". O sacerdote toca a água e reza para que ela seja libertada da malícia de Satanás, faz o sinal-da-cruz acima da água, retira um pouco do líquido e atira uma certa quantidade nas quatro direções; em seguida, sopra três vezes sobre a água, formando uma cruz, mergulha o círio pascal e profere: "Que a virtude do Espírito Santo desça sobre toda a água desta fonte". Ele retira o círio, mergulha-o outra vez, levando-o a uma maior profundidade, e repete, num tom mais elevado, as palavras: "Que a virtude do Espírito Santo desça sobre toda a água desta fonte". Retira mais uma vez o círio e, pela terceira vez, o mergulha na pia, levando-o a alcançar o fundo, dizendo, num tom ainda mais alto: "Que a virtude do Espírito Santo desça sobre toda a água desta fonte". E, soprando três vezes sobre a água, prossegue: "E torne fecunda toda a substância desta água, dando o poder de regenerar". Ele retira o círio da água e, depois de feitas algumas orações conclusivas, os padres assistentes espargem as pessoas com a água benta[4].

A água, feminina, espiritualmente fecundada pelo fogo, masculino, do Espírito Santo é a contraparte cristã da água da transformação, comum a todos os sistemas de imagens mitológicas. Esse rito é uma variante do casamento sagrado, que se configura como o momento-fonte gerador e regenera-dor do mundo e do homem, o que é precisamente o mistério simbolizado pelo linga hindu. Entrar nessa fonte equivale a mergulhar no reino mitológico; romper-lhe a superfície significa cruzar o limiar que leva ao mar de escuridão. Simbolicamente, a criança faz essa jornada quando a água lhe é espargida na

testa; seu guia e seus auxiliares são o sacerdote e os padrinhos. Seu alvo é uma visita aos pais do seu Eu Eterno, o Espírito de Deus e o Seio da Graça[5]. Depois disso, é devolvida aos seus pais do corpo físico.

Poucos vislumbram o sentido do rito do batismo, que constituiu nossa iniciação na Igreja. Não obstante, esse sentido aparece claramente nas palavras de Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo, aquele que não nascer de novo não poderá ver o reino de Deus". Nicodemos lhe disse: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?" Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade vos digo, aquele que não nascer da água e do espírito não poderá entrar no reino de Deus"[6].

A interpretação popular do batismo é de que ele "retira a mácula do pecado original", recaindo a ênfase antes sobre a idéia de purificação do que sobre a do renascimento. Trata-se de uma interpretação secundária. Ou, quando é lembrada a imagem tradicional do nascimento, nada é dito a respeito do casamento antecedente. Os símbolos mitológicos, entretanto, devem ser seguidos em todas as suas implicações antes de abrirem as portas que levam a todo o sistema de correspondência por meio do qual representam, em termos de analogia, a milenar aventura da alma.

— Parte I.

Notas ao Capítulo IV

1. Para uma discussão dessa questão, veja-se meu Comentário na edição dos Grimm's fairy tales *da Pantheon Books (Nova York, 1944),pp. 846-856.*

2. Essa visão do retorno de Jasão (presente num vaso da Coleção Etrusca do Vaticano) ilustra uma releitura da lenda que não se acha representada em nenhum documento literário. Veja-se o comentário no índice das Ilustrações, supra, *p. XV.*

3. Sábado Santo, dia entre a Morte e a Ressurreição de Jesus, que se encontra no seio do Inferno. O momento da renovação da era. Compare-se com o motivo dos gravetos para a fogueira, anteriormente discutido.

4. Veja-se o Missal Católico Diário, na rubrica "Sábado Santo" [ou "Sábado de Aleluia]. O trecho citado é um resumo feito a partir da tradução inglesa de dom Gaspar Lefebvre, OSB, publicado nos Estados Unidos pela E. M. Lohmann Co., de Saint Paul, Minnesota.

5. Na índia, o poder (shakti) *de um deus é personificado sob uma forma feminina, como sua consorte; no ritual aqui descrito, a graça é simbolizada de modo semelhante.*

6. João, 3:3-5.

Parte II

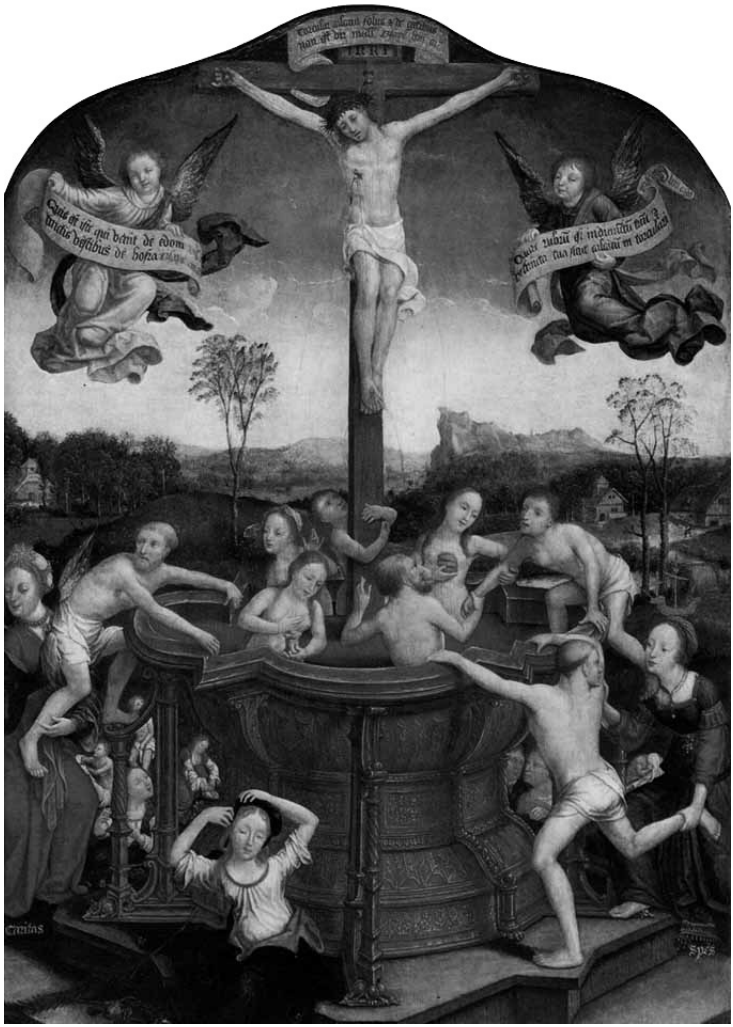
O ciclo cosmogônico

Capítulo I – Emanações

1. Da psicologia à metafísica

O intelectual moderno não encontra dificuldades em admitir que o simbolismo da mitologia se reveste de um significado psicológico. Está fora de dúvidas, especialmente depois do trabalho dos psicanalistas, que tanto os mitos compartilham da natureza dos sonhos, quanto os sonhos são sintomáticos da dinâmica da psique. Sigmund Freud, Carl G. Jung, Wilhelm Stekel, Otto Rank, Karl Abraham, Géza Róheim e muitos outros desenvolveram, nas últimas décadas, um moderno corpo, vastamente documentado, de interpretações de sonhos e mitos; e, embora tenham desenvolvido trabalhos que apresentam amplas divergências entre si, esses doutores se unem num grande movimento moderno por meio de um considerável conjunto de princípios comuns. Com a descoberta de que os padrões e a lógica do conto de fadas e do mito correspondem aos do sonho, feita por eles, as quimeras há muito desacreditadas do homem arcaico voltaram, de modo dramático, ao plano principal da consciência moderna.

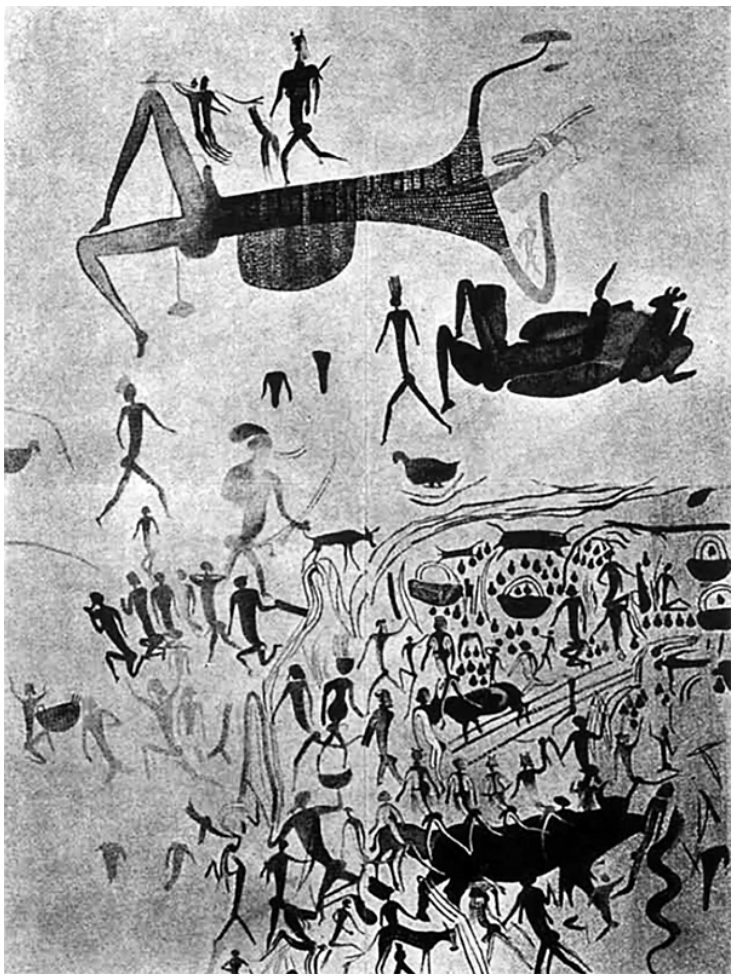
Nos termos dessa concepção, há razões para crer que, através dos contos maravilhosos — cuja pretensão é descrever a vida dos heróis lendários, os poderes das divindades da natureza, os espíritos dos mortos e os ancestrais totêmicos do grupo —, é dada uma expressão simbólica aos desejos, temores e tensões inconscientes que se acham subjacentes aos padrões conscientes do comportamento humano. Em outras palavras, a mitologia é psicologia confundida com biografia, história e cosmologia. O psicólogo moderno tem condições de retraduzi-la em suas denotações próprias e, desse modo, recuperar para o mundo contemporâneo um rico e eloqüente documento das camadas mais profundas do caráter humano.



Gravura XVII — A fonte da vida (Flandres)

Aqui são exibidos, tal como num fluoroscópio, as revelações dos processos ocultos do enigma *Homo sapiens* — ocidental e oriental, primitivo e civilizado, contemporâneo e remoto. Todo o espetáculo se desenrola diante dos nossos olhos. Cumpre apenas lê-lo, estudar-lhe os padrões constantes, analisar-lhe as variações e, com isso, chegar a uma compreensão das profundas

forças que deram forma ao destino humano, forças essas que devem continuar a determinar tanto nossa vida privada, como nossa vida pública.



Gravura XVIII — O rei Lua e seu povo (sul da Rodésia)

Mas se pretendemos perceber o pleno valor dos elementos, devemos notar que os mitos não são passíveis de uma comparação exata com os sonhos. As figuras dos mitos dos

sonhos têm as mesmas fontes de origem — os poços inconscientes da fantasia —, assim como a mesma gramática; contudo, os mitos não são produtos espontâneos do sono. Pelo contrário, seus padrões são conscientemente controlados. E sua função conhecida consiste em servir como poderosa linguagem pictorial para fins de comunicação da sabedoria tradicional. Isso já se aplica, inclusive, às chamadas mitologias folclóricas primitivas. O xamã suscetível ao transe e o sacerdote-antílope iniciado não carecem de sofisticação em seu conhecimento do mundo, nem são inábeis na utilização dos princípios da comunicação por meio da analogia. As metáforas pelas quais vivem e por meio das quais operam foram objeto de longa meditação, de pesquisas e de discussão ao longo de séculos — ou mesmo milênios; além disso, serviram a sociedades inteiras como as principais bases do pensamento e da vida. Os padrões culturais foram moldados a elas. Os jovens foram educados, e os anciães se tornaram sábios, por intermédio do estudo, da experiência e da compreensão de suas efetivas formas iniciatórias. Pois essas metáforas na realidade tocam e põem em jogo as energias vitais de toda a psique humana. Elas servem de vínculo entre o inconsciente e os campos da ação prática — e não de modo irracional, à feição de uma projeção neurótica, mas de maneira tal a permitir uma compreensão madura, ponderada e prática do mundo dos fatos, necessária à repetição, que está submetida a um inflexível controle, do que se passa nos domínios do desejo e do medo infantis. E se isso é verdade quando aplicado às mitologias folclóricas comparativamente simples (os sistemas de mitos e rituais por meio dos quais as tribos primitivas dedicadas à caça e à pesca se sustentam a si mesmas), que dizer de metáforas cósmicas magnificentes como as refletidas nos grandes épicos homéricos, na *Divina comédia,* de Dante, no Gênesis e nos templos intemporais do Oriente? Até as últimas décadas, esses eram os sustentáculos de toda a vida humana e a inspiração da filosofia, da poesia e das artes em geral. Onde os símbolos herdados receberam o toque de um Lao-tsé, de um Buda, de um Zoroastro, de um Cristo ou de um Maomé — empregados, por um mestre consumado do espírito, como veículo da mais profunda instrução moral e metafísica —, estamos, evidentemente, na presença de uma imensa consciência, e não diante de trevas. Por conseguinte, para

perceber o pleno valor de que se revestem de figuras mitológicas que chegaram até nós, faz-se necessário compreender que elas não são, tão-somente, sintomas do inconsciente (como o são efetivamente todos os pensamentos e atos humanos), mas também declarações controladas e intencionais de determinados princípios de cunho espiritual, que permaneceram constantes ao longo do curso da história humana, como a forma e a estrutura nevrálgica da própria psique humana. Em termos sucintos: a doutrina universal ensina que todas as estruturas visíveis do mundo — todas as coisas e seres — são o efeito de uma força ubíqua de que emergem, força essa que os sustenta e preenche no decorrer do período de sua manifestação e para a qual eles devem retornar quando de sua dissolução última. Trata-se da força que a ciência conhece como energia, os melanésios como *mana,* os índios sioux como *wakonda,* os hindus como *shakti* e os cristãos como o poder de Deus. Sua manifestação na psique é denominada, na psicanálise, *libido'.* E sua manifestação no cosmo constitui a estrutura e o fluxo do próprio universo.

A apreensão da *fonte* desse substrato do ser, indiferenciado e, não obstante, particularizado nos quatro cantos do mundo, é frustrada pelos próprios órgãos por meio dos quais deve ser realizada. As formas de sensibilidade e as categorias do pensamento humano[2], elas mesmas manifestações dessa força[3], limitam a mente num grau tão considerável, que normalmente é impossível, não apenas ver, como também conceber, além do colorido, fluido, infinitamente varie-gado e deslumbrante espetáculo fenomênico. A função do ritual e do mito consiste em possibilitar e, por conseguinte, em facilitar, o salto — por analogia. Formas e conceitos que a mente e seus sentidos podem compreender são apresentados e organizados de um modo capaz de sugerir uma verdade ou uma abertura que se encontram mais além. Tendo sido criadas as condições para a meditação, o indivíduo é deixado consigo mesmo, sozinho. O mito não é senão o penúltimo nível; o nível último é a abertura — o vazio, ou ser, que se acha além das categorias[4] —, na qual a mente deve mergulhar sozinha e ser dissolvida. Portanto, Deus e os deuses são apenas meios convenientes — eles mesmos compartilham da natureza do mundo de nomes e formas,

embora sejam eloqüentes referências do inefável a que, em última análise, levam. São meros símbolos destinados a despertar e pôr a mente em movimento, bem como a chamá-la a ir ao seu encontro[5].

O céu, o inferno, a era mitológica, o Olimpo, bem como as outras moradas dos deuses, são interpretados, pela psicanálise, como símbolos do inconsciente. A chave dos modernos sistemas de interpretação encontra-se na equação: reino metafísico = inconsciente. De modo correspondente, a chave que abre a porta do caminho inverso é essa mesma equação, com as formas invertidas: inconsciente = reino metafísico. Como diz Jesus: "Porque eis que o reino de Deus está dentro de vós"[6]. Com efeito, o sentido de que se reveste a imagem bíblica da Queda é precisamente a passagem da supraconsciência para o estado de inconsciência. A constrição da consciência, à qual devemos o fato de não vermos a fonte da força universal mas, tão-somente, as formas fenomênicas que ela reflete, transforma a supraconsciência em inconsciência e, no mesmo instante, precisamente ao fazê-lo, cria o mundo. A redenção consiste em retornar à supraconsciência e, por intermédio desse retorno, na dissolução do mundo.

Aí temos o grande tema, bem como a fórmula, do ciclo cosmogônico, a imagem mítica do processo de manifestação do mundo e do subseqüente retorno à condição imanifesta. Do mesmo modo, o nascimento, a vida e a morte do indivíduo podem ser considerados como uma descida à inconsciência, seguida de um retorno. O herói é aquele que, embora ainda se encontre vivo, conhece e representa os apelos da supraconsciência — que é, ao longo da criação, mais ou menos inconsciente. A aventura do herói marca o momento em que este, embora ainda esteja vivo, descobriu e abriu o caminho da luz, para além dos sombrios limites da nossa morte em vida.

Assim é que os símbolos cósmicos são apresentados num espírito de sublime paradoxo, que põe o pensamento em polvorosa. O reino de Deus está dentro de nós e, não obstante, também está fora de nós; Deus, todavia, não é senão um meio conveniente de despertar a princesa adormecida, a alma. A vida é o seu sono; a morte, o despertar. O herói, aquele que desperta

a própria alma, não é mais do que o meio conveniente de sua própria dissolução. Deus, aquele que desperta a alma, é, nesse sentido, sua própria morte imediata.

Provavelmente o símbolo mais eloqüente possível desse mistério seja o do deus crucificado, o deus oferecido "ele mesmo a si mesmo"[7]. Entendido numa das direções, o sentido é a passagem do herói fenomênico para a supraconsciência: o corpo, com os cinco sentidos — semelhante ao do Príncipe Cinco Armas grudado a Cabelo Pegajoso —, fica pendendo da cruz do conhecimento da vida e da morte, pregado em cinco lugares (as duas mãos, os dois pés e a cabeça com uma coroa de espinhos)[8]. Mas é igualmente verdadeiro que Deus desceu voluntariamente e colocou sobre si mesmo a carga de sua agonia fenomênica. Deus assume a vida de homem, que liberta o Deus que se acha em seu interior no ponto médio do cruzamento das hastes da mesma "coincidência de opostos"[9], a mesma porta do sol pela qual Deus desce e o Homem sobe — Deus e o Homem se alimentam mutuamente[10].

O estudioso moderno certamente pode examinar esses símbolos como lhe aprouver, quer como sintoma da ignorância do outro, ou como algo que lhe assinala a própria ignorância; quer em termos de uma redução da metafísica à psicologia, ou em sentido inverso. A forma tradicional consistia em meditar sobre os símbolos em ambos os sentidos. De qualquer maneira, os símbolos são metáforas reveladoras do destino do homem, bem como de sua esperança, fé e obscuro mistério.

2. O giro universal

Do mesmo modo que a consciência do indivíduo permanece num mar de escuridão, ao qual desce em sono profundo e do qual desperta misteriosamente, assim também o universo, nas imagens do mito, é precipitado, e permanece numa intemporalidade na qual volta a dissolver-se. E assim como a saúde mental e física do indivíduo depende de um fluxo organizado de forças vitais, vindo das sombras do inconsciente para o campo do cotidiano vígil, assim é que, no mito, a continuidade da ordem cósmica só é garantida por um fluxo controlado da força emanada pela fonte. Os deuses são personificações simbólicas das leis que governam esse fluxo. Eles vêm à existência com a madrugada e se dissolvem com o crepúsculo. Não são eternos no mesmo sentido em que é eterna a noite. Somente a partir da duração mais restrita da existência humana parece durar o giro de uma era cosmogônica.

O ciclo cosmogônico costuma ser representado como algo que se repete a si mesmo, um mundo sem fim. No decorrer de cada um dos seus longos giros, vai sendo incluído, normalmente, um número menor de dissoluções, da mesma forma como o ciclo sono-despertar se desenrola ao longo de uma vida. Segundo uma versão asteca, os quatro elementos — água, terra, fogo e ar — terminam, um de cada vez, num dado período do mundo: a era das águas terminou no dilúvio, a da terra com um terremoto, a do ar com um furacão, estando a presente era destinada a terminar graças à ação das chamas[11].

De acordo com a doutrina estóica da conflagração cíclica, todas as almas convergem para a alma do mundo ou fogo primai. Quando essa dissolução universal tiver sido concluída,

terá início a formação de um novo universo (a *renovatio* de Cícero) e todas as coisas se repetirão — todas as divindades e todas as pessoas —, exercendo outra vez seu papel precedente. Sêneca fez uma descrição dessa destruição em sua "De consolatione ad Mareiam" e parece ter alimentado a esperança de voltar a viver no ciclo vindouro[n].

Uma visão magnificente desse giro cosmogônico é apresentada na mitologia dos jainistas. O mais recente profeta e salvador dessa seita indiana tão remota foi Mahavira, contemporâneo de Buda (século VI a.C). Seus pais já eram seguidores de um salvador-profeta jainista mais antigo, Parshvanatha, que é representado com serpentes que lhe saem dos ombros, e que teria florescido entre 872 e 772 a.C. Séculos antes de Parshvanatha, viveu e morreu o salvador jainista Neminatha, a quem foi atribuída a condição de primo da adorada encarnação hindu, Krishna. E, antes dele, houve exatamente vinte e um outros, todos remontando a Rishabhanatha, cuja existência ocorreu numa época anterior do mundo, na qual os homens e mulheres nasciam sempre aos pares, tinham três quilômetros de altura e viviam por incontáveis anos. Rishabhanatha instruiu os povos nas setenta e duas ciências (escrita, aritmética, leitura de presságios, etc.), nas sessenta e quatro tarefas das mulheres (culinária, costura, etc.) e nas cem artes (cerâmica, tecelagem, pintura, trabalhos com metal, barbearia, etc.). Além disso, introduziu a política entre eles e estabeleceu um reino.

Antes desse momento, essas inovações teriam sido supérfluas, já que os povos do período precedente — que tinham seis quilômetros de altura e cento e vinte e oito costelas, e gozavam de uma vida de dois períodos de incontáveis anos — tinham todas as necessidades supridas por dez "árvores realizadoras de desejo" *(kalpa vriksha),* de frutos suaves, folhas em forma de panelas e potes, folhas que cantavam suavemente e produziam luz à noite, folhas que deleitavam a vista e o olfato, alimento perfeito à visão e ao gosto, folhas capazes de servir de jóias e uma casca que se transformava em belas vestimentas. Uma das árvores se assemelhava a um palácio de vários andares onde se podia viver; outra gerava uma suave

radiância, semelhante à de muitas lâmpadas. A terra era doce como açúcar; o oceano, delicioso como vinho. E, mais uma vez, antes dessa era feliz, houve uma era ainda mais feliz — precisamente duas vezes mais feliz — quando os homens e mulheres tinham doze quilômetros de altura e eram dotados de duzentas e cinqüenta e seis costelas. Quando esse povo superlativo morreu, passou diretamente para o mundo dos deuses, sem jamais ter ouvido falar de religião, uma vez que sua virtude natural era tão perfeita quanto sua beleza.

Os jainistas concebem o tempo como um giro sem fim. O tempo é representado pictorialmente como uma roda de doze raios, ou idades, classificados em dois conjuntos de seis. O primeiro conjunto é denominado série "descendente" *(avasarpiní)* e começa com a era dos casais gigantes superlativos. Esse período paradisíaco tem uma duração de dez milhões de dez milhões de cem milhões de cem milhões de períodos de incontáveis anos, cedendo lugar para o período apenas semi-abençoado em que os homens e mulheres têm apenas seis quilômetros de altura. No terceiro período — o período de Rishabhanatha, o primeiro dos vinte e quatro salvadores —, a felicidade é combinada com um pouco de tristeza e a virtude, com um pouco de vício. Na conclusão desse período, os homens e mulheres já não nascem aos pares para viver juntos como marido e mulher.

No decorrer do quarto período, a gradual deterioração do mundo e dos seus habitantes segue, inexorável, seu curso. A duração da vida e a estatura do homem vão sendo lentamente reduzidas. Vinte e três salvadores do mundo nascem; cada um deles reafirma a doutrina eterna dos jainistas em termos apropriados às condições do seu próprio tempo. Passados três anos e oito meses e meio da morte do último salvador e profeta, Mahavira, esse período chega ao fim.

Nossa própria era, a quinta da série descendente, teve início em 522 a.C. e durará vinte e um mil anos. Nenhum salvador jainista nascerá no decorrer desse período e a religião eterna dos jainistas sofrerá um gradual desaparecimento. Trata-se de um período de malefício não mitigado e de intensificação crescente. Os seres humanos mais altos têm apenas sete

cúbitos* e a duração mais prolongada da vida não ultrapassa cento e vinte e cinco anos. As pessoas contam com meras dezesseis costelas. São egoístas, injustas, violentas, lúbricas, orgulhosas e avaras.

Mas na sexta idade da série descendente, o estado do homem e do seu mundo será ainda pior. A vida mais longa não passará de vinte anos; um cúbito será a maior estatura e oito costelas, o parco quinhão. Os dias serão quentes, as noites, frias, a doença tomará conta do mundo e a castidade desaparecerá. Tempestades varrerão a Terra e, quanto mais se aproximar o final do período, tanto mais intensas serão. No final, toda a vida, tanto humana como animal, assim como todas as sementes serão forçadas a buscar abrigo no Ganges, em miseráveis cavernas e no mar.

A série descendente terá fim, e a série "ascendente" *(utsarpim)* se iniciará, quando a tempestade e a desolação atingirem o limite do suportável. Assim, choverá durante sete dias e sete diferentes tipos de chuva cairão; o solo será refrescado e as sementes começarão a brotar. As horríveis criaturas anãs da terra árida e amarga sairão de suas cavernas e, de forma bastante gradual, se perceberá uma pequena melhoria da moral, da saúde, da beleza e da estatura, até que essas criaturas passem a viver num mundo como o que hoje conhecemos. Então, nascerá um salvador, chamado Padmanatha, que anunciará outra vez a religião eterna dos jainistas; a estatura da humanidade se aproximará novamente do superlativo e a beleza do ser humano superará o esplendor do sol. Por fim, a terra ficará suave e as águas se tornarão vinho, as árvores que atendem aos desejos gerarão sua abundância de delícias para uma abençoada população de gêmeos perfeitamente casados; e a felicidade dessa comunidade voltará a dobrar e a roda, ao longo de dez milhões de dez milhões de cem milhões de cem milhões de períodos de incontáveis anos, se aproximará do ponto onde se inicia a revolução descendente, que mais uma vez levará à extinção da religião eterna e ao aumento gradual do fragor de diversões doentias, de guerras e de ventos pestilentos[13].

(*) *Antiga medida de comprimento equivalente a cinqüenta*

centímetros. (N. do T.)

Essa roda do tempo de doze raios, em permanente revolução, dos jainistas é a contraparte do ciclo de quatro idades dos hindus: a primeira idade é um longo período de bênção perfeita, de beleza e perfeição, que tem a duração de quatro mil e oitocentos anos divinos[14]; a segunda, com um pouco menos de virtude, com a duração de três mil e seiscentos anos divinos; a terceira, com a virtude e o vício numa combinação igualitária, dura dois mil e quatrocentos anos divinos; e a última, a nossa, com o mal em constante crescimento, estende-se por mil e duzentos anos divinos, ou quatrocentos e trinta e dois mil anos, segundo o cálculo humano. Mas, ao término do presente período, em vez de se iniciar imediatamente uma melhoria (como ocorre no ciclo descrito pelos jainistas), antes de tudo as coisas serão aniquiladas por um cataclismo de fogo e de dilúvio, reduzindo-se ao estado primordial do oceano intemporal original e assim permanecendo por um período igual ao da duração total das quatro idades. Depois disso, iniciar-se-ão outra vez as grandes idades do mundo.

Entende-se que uma concepção básica da filosofia oriental é traduzida sob essa forma pictorial. Atualmente, é impossível dizer se o mito configurava-se originalmente como ilustração da fórmula filosófica ou se esta constituía uma destilação que tinha o mito como ponto de partida. Por certo o mito remonta a eras perdidas no tempo, mas o mesmo ocorre com a filosofia. Quem poderá saber que pensamentos povoavam a mente dos velhos sábios que o desenvolveram, guardaram e transmitiram? Com muita freqüência, durante a análise e penetração dos segredos do símbolo arcaico, apenas podemos sentir que nossa noção geralmente aceita de história da filosofia se acha fundamentada numa suposição falsa em todos os seus termos — a noção segundo a qual o pensamento abstrato e metafísico se inicia quando surge pela primeira vez nos nossos registros existentes.

A fórmula filosófica ilustrada pelo ciclo cosmogônico refere-se à circulação da consciência pelos três planos do ser. O primeiro plano é o da experiência desperta: a cognição dos fatos brutos e crus de um universo exterior, iluminado pela luz do sol

e comum a todos. O segundo é o da experiência divina: a cognição das formas fluidas e sutis de um mundo interior privado, auto-iluminado e que forma uma única substância com o sonhador. O terceiro, por sua vez, é o do sono profundo: um sono não povoado por sonhos, profundamente recompensador. No primeiro plano, encontramos as experiências instrutivas da vida; no segundo, ocorre a digestão dessas experiências, que são assimiladas pelas forças interiores do sonhador; já no terceiro plano do ser, tudo é aproveitado e conhecido de modo inconsciente, no "espaço existente no interior do coração", na sala do controlador interno, a fonte e o fim de tudo[15].

O ciclo cosmogônico deve ser entendido como a passagem da consciência universal, da profunda 2ona adormecida do imanifesto, para a plena luz do cotidiano desperto, por intermédio do sonho, ocorrendo, em seguida, o retorno > através do sonho, para as trevas intemporais. Tal como acontece na experiência real de todo ser vivo,' assim também é na figura grandiosa do cosmo vivo: no abismo do sono, as energias são recompostas; na labuta diária, são exauridas; a vida do universo se esgota e deve ser renovada.

O ciclo cosmogônico pulsa, tornando-se manifesto, e retorna ao estado imanifesto, em meio ao silêncio do desconhecido. Os hindus representam esse mistério por meio da sílaba sagrada AUM. Aqui, o som A representa a consciência desperta; o som U, a consciência onírica; e o som M, o sono

profundo. O silêncio em torno da sílaba é o desconhecido, chamado simplesmente de "o Quarto"[16]. A sílaba em si representa Deus como criador-preservador-destruidor, mas o silêncio representa o Deus Eterno, absolutamente afastado de todas as idas e vindas da roda.

"É invisível, intangível, inconcebível,

imperceptível, inimaginável, indescritível.

É a essência do autoconhecimento,

comum a todos os estados de consciência.

Todos os fenômenos aí cessam.

É paz, bênção, não dualidade."[17]

Os mitos permanecem necessariamente no interior do ciclo, mas o representam como estando cercado e permeado pelo silêncio. O mito é a revelação de uma plenitude de silêncio no interior e em torno de todo átomo de existência; é algo que dirige a mente e o coração, por meio de figurações cuja forma vem do plano profundo, para aquele mistério último que preenche e cerca todas as existências. Mesmo no mais cômico e aparentemente frívolo de seus momentos, a mitologia dirige a mente para esse imanifesto, que se acha precisamente além do olho.

"O Ancião dos Anciães, o Desconhecido dos Desconhecidos, tem uma forma e, no entanto, não tem forma", lemos num texto cabalístico hebraico da Idade Média. "Ele tem uma forma na qual é preservado o universo e, no entanto, não tem forma, pois não pode ser apreendido."[18] Esse Ancião dos Anciães é representado como uma face de perfil: sempre de perfil, pois o lado que se acha oculto jamais pode ser conhecido. A isso se dá o nome de "a Grande Face", Macroprosopos; dos fios de sua barba branca procede o mundo inteiro. "Essa barba, a verdade de todas as verdades, começa na região das orelhas e dá a volta na face, passando pela boca do Supremo; e a barba desce e sobe, cobrindo as bochechas, considerados locais de copiosa fragrância; é adornada de branco: e desce no equilíbrio do

poder controlado e fornece uma coberta mesmo quando no peito. É a barba do adorno, verdadeira e perfeita, da qual fluem treze fontes, que disseminam o mais precioso bálsamo do esplendor. Estas são dispostas de treze diferentes formas .. E certas disposições se encontram no universo, de acordo com essas treze disposições, que dependem da venerável barba, e são abertas nos treze portões das misericórdias."[19]

A barba branca de Macroprosopos desce para outra cabeça, "a Pequena Face", Microprosopos, representada de frente e com barba negra. E enquanto o olho da Grande Face não tem pálpebra e jamais se fecha, os olhos da Pequena Face abrem-se e fecham-se de acordo com o lento ritmo do destino universal. Eis o início e o fim do giro cosmogônico. A Pequena Face é chamada DEUS; a Grande Face, EU sou.

Macroprosopos é o Incriado Não-Criador; Microprosopos, o Incriado Criador: respectivamente, o silêncio e a sílaba AUM; o imanifesto e a presença imanente no giro cosmogônico.

3. A partir do vazio-espaço

Declara São Tomás de Aquino: "Reserva-se o nome de sábio apenas àquele cuja consideração é o fim do universo, fim esse que *é* também o início do universo"[20]. Eis o princípio básico de toda mitologia: o início no fim. Os mitos da criação são permeados por um sentido de predestinação que reivindica ao ímperecível todas as formas criadas, cujo primeiro aparecimento teve esse mesmo imperecível como fonte. As formas avançam poderosamente, mas é inevitável que encontrem seu apogeu, decadência e retorno. A mitologia, nesse sentido, tem uma visão trágica. Mas, tomada no sentido de algo que situa nosso ser, não nas formas destrutíveis, mas no imperecível a partir do qual elas imediatamente promanam, a mitologia se reveste de um caráter eminentemente não-trágico[21]. De fato, sempre que prevalece a disposição mitológica, a tragédia é impossível. Prevalece antes uma qualidade da ordem do sonho. Ademais, o verdadeiro ser não está nas formas, mas no sonhador.

Tal como no sonho, as imagens variam do sublime ao ridículo. Não é permitida à mente a permanência de suas avaliações normais; a mente *é* insultada de modo contínuo e afastada da segurança que lhe permite dizer que agora, finalmente, entendeu. A mitologia é derrotada quando a mente se mantém apegada, de forma solene, às suas imagens favoritas ou tradicionais, defendendo-as como se fossem elas mesmas a mensagem que comunicam. Essas imagens devem ser consideradas como meras sombras emanadas do plano que se acha além do penetrável, no domínio que os olhos, a fala, a mente ou mesmo a piedade não alcançam. Tal como ocorre no sonho, as trivialídades do mito são intensamente significativas.

A primeira fase do ciclo cosmogônico descreve a irrupção da não-forma em forma, como ocorre no seguinte cântico da criação dos Maoris da Nova Zelândia:

Te Kore (O Vazio)

Te Kore-tua-tahi (O Primeiro Vazio)

Te Kore-tua-rua (O Segundo Vazio)

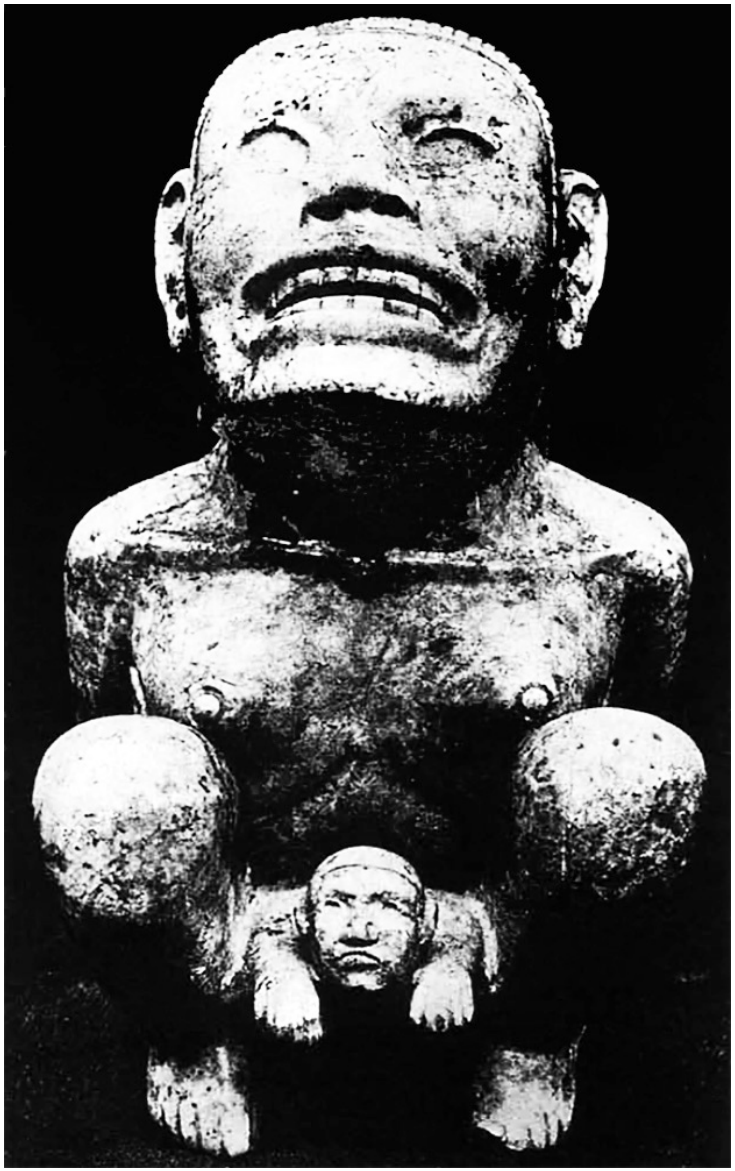
Te Kore-nui (O Vasto Vazio)

Te Kore-roa (O Amplíssimo Vazio)

Te Kore-para (O Murcho Vazio)

Te Kore-whiwhia (O Desagradável Vazio)

Te Kore-rawe (O Delicioso Vazio)



Gravura XIX — A mãe dos deuses (México)

Gravura XX — Tangaroa, produzindo deuses e homens (ilha Rurutu).

Te Kore-te-tamaua (O Vazio Logo Limitado)

Te Po (A Noite)

Te Po-teki (A Noite Suspensa)

Te Po-terea (A Noite Flutuante)

Te Po-whawha (A Noite Plangente)

Hine-make-moe (A Filha do Sono Perturbado)

Te Ata (A Madrugada)

Te Au-tu-roa (O Dia Duradouro)

Te Ao-marama (O Brilhante Dia)

Whai-tua (Espaço)

No espaço foram desenvolvidas duas existências sem forma:

Maku (Umidade [macho]) Mahora-nui-a-rangi (Grande Expansão do Céu [fêmea]).

Delas surgiram:

Rangi-potiki (Os Céus [macho]) Papa (Terra [fêmea]).

Rangi-potiki e Papa foram os pais dos deuses[22].

A partir do vazio que se encontra além de todos os vazios, desenvolvem-se as emanações que, semelhantes a plantas e misteriosas, sustentam o mundo. O décimo elemento da série acima é a noite; o décimo oitavo, o espaço ou éter, a moldura do mundo visível; o décimo nono é a polaridade masculino-feminino, e o vigésimo, o universo que vemos. Uma tal série sugere a profundidade além da profundidade do mistério do ser. Os níveis correspondem às profundezas atingidas pelo herói em sua aventura de penetração do mundo; eles enumeram os estratos espirituais conhecidos pela mente introvertida na meditação. Representam o fato de a noite escura da alma não ter fim[23].

A cabala hebraica representa o processo de criação como uma série de emanações produzidas pelo EU SOU da Grande

Face. A primeira delas é a própria cabeça, de perfil, de onde surgem "nove esplêndidas luzes". As emanações também são representadas como os ramos de uma árvore cósmica, que se acha de cabeça para baixo, com suas raízes fincadas na "altura inescrutável". O mundo que vemos é a imagem reversa dessa árvore.

De acordo com os filósofos indianos samkhya, do oitavo século antes de Cristo, o vazio se condensa no elemento éter ou espaço. A partir dessa condensação, o ar é precipitado. Deste vem o fogo, do fogo, a água e, da água, o elemento terra. Desenvolve-se, juntamente com cada elemento, uma função de sentido capaz de percebê-lo: audição, tato, visão, paladar e olfato, respectivamente[24].

Um curioso mito chinês personifica esses elementos que emanam como cinco veneráveis sábios, que surgem de uma bola de caos, suspensa no vazio:

"Antes de o céu e a terra se separarem, tudo era uma grande bola de névoa, chamada caos. Naquela época, os espíritos dos cinco elementos tomaram forma e desenvolveram-se em cinco ancestrais. O primeiro chamava-se Ancestral Amarelo, mestre da terra. O segundo, chamado Ancestral Vermelho, era o mestre do fogo. O terceiro era o Ancestral Negro, mestre da água. O quarto era chamado Príncipe Madeira, mestre da madeira. O quinto, a Mãe Metal, era a mestra dos metais[25].

"Ora, eis que esses cinco ancestrais colocaram em movimento o espírito primordial do qual haviam surgido, de modo que a água e a terra desceram, os céus se elevaram e a terra mergulhou nas profundezas. E a água formou rios e lagos, e apareceram as montanhas e planícies. Os céus se expandiram e a terra dividiu-se; e surgiram o Sol, a Lua, as estrelas, a areia, as nuvens, a chuva e o orvalho. O Ancestral Amarelo colocou em andamento o mais puro poder da terra, ao qual se adicionaram as operações do fogo e da água. E então surgiram a grama e as árvores, os pássaros e animais, bem com as gerações de cobras e insetos, de peixes e de tartarugas. O Príncipe Madeira e a Mãe Metal juntaram a luz e as trevas e assim criaram a raça humana, como homem e mulher. E assim surgiu,

gradualmente, o mundo..."[26]

4. Dentro do espaço-vida

O primeiro efeito das emanações cosmogônicas é a formação do estágio de espaço do mundo; o segundo é a produção da vida dentro da estrutura assim formada: a vida polarizada para a auto-reprodução, sob a forma dual do macho e da fêmea. É possível representar todo o processo em termos sexuais, como gravidez e nascimento. Essa idéia é admiravelmente traduzida em outra genealogia metafísica dos Maoris:

"Da concepção, o aumento; Do aumento, o pensar; Do pensar, a lembrança; Da lembrança, a consciência; Da consciência, o desejo.

O mundo tornou-se fecundo;

Ele estendeu o fraco brilho;

Gerou a noite:

A grande noite, a longa noite,

A noite mais cerrada, a noite mais profunda,

A noite espessa, destinada a ser sentida,

A noite destinada a ser tocada,

A noite destinada a não ser vista,

A noite que termina em morte.

Do nada, a criação;

Do nada, o aumento;

Do nada, a abundância,

O poder de aumento,

O sopro vivo.

Ele estendeu o espaço vazio, e produziu

a atmosfera que se encontra acima de nós.

A atmosfera que flutua acima da terra,

O grande firmamento, que se acha acima de nós,

estendeu o começo do alvorecer. E a lua surgiu; A atmosfera, que se encontra acima de nós,

estendeu o céu resplandecente. E daí surgiu o sol; A lua e o sol foram colocados lá em cima,

como os principais olhos do céu: E os Céus se tornaram luz:

o começo do alvorecer, o começo do dia, O meio-dia: a intensa luz do dia, vinda do céu. O céu, que se acha acima de nós, gerou Hawaiki e produziu terra"[27].

Por volta da metade do século XIX, Paiore, um grande chefe da ilha polinésia de Anaa, fez um desenho do início da criação. O primeiro detalhe dessa ilustração era um pequeno círculo que trazia em seu interior dois elementos, Te Tumu, "A Fundação" (macho), e Te Papa, "A Rocha do Estrato" (fêmea)[28].

"O universo", disse Paiore, "era como um ovo, que continha Te Tumu e Te Papa. Ele acabou por explodir e produziu três camadas superpostas — uma camada colocada embaixo, sustentando as outras. Na camada mais baixa ficaram Te Tumu e Te Papa, que criaram o homem, os animais e as plantas.

"O primeiro homem foi Matata, produzido sem braços; ele morreu pouco depois de nascer. O segundo homem foi Aitu, que tinha um braço mas não tinha pernas; ele morreu como seu irmão mais velho. Por fim, nasceu o terceiro homem, Hoatea (Céu-Espaço), perfeitamente formado. Depois dele, veio uma

mulher chamada Hoatu (Fecundidade da Terra). Ela se tornou esposa de Hoatea e deles descende a raça humana.

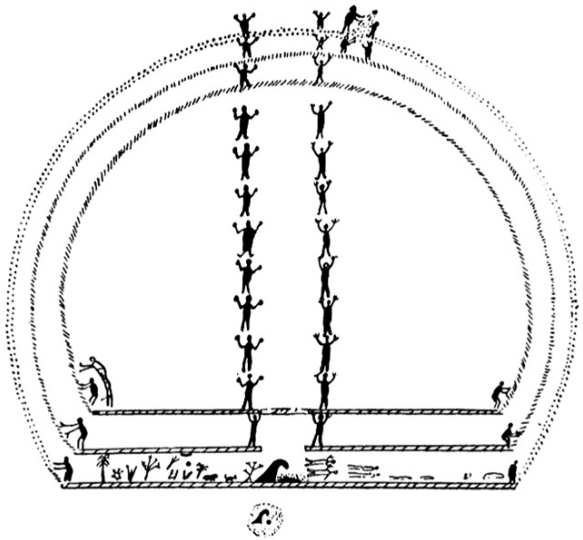


Figura 13 — Quadro da criação tuamotuana. Abaixo: *o ovo cósmico.* Acima: *o povo aparece e dá forma ao universo.*

"Quando a mais baixa camada da terra foi atingida pela criação, as pessoas fizeram uma abertura no meio da camada superior, para que também pudessem alcançá-la, e ali se estabeleceram, levando consigo plantas e animais da camada de baixo. E elevaram a terceira camada (para que ela formasse um teto para a segunda)... e terminaram por se estabelecer nesta última também, de modo que os seres humanos passaram a ter três moradas.

Acima da terra, estavam os céus, também superpostos, que alcançavam a parte inferior, sustentados pelos seus respectivos horizontes, alguns dos quais se uniam aos horizontes da terra; e as pessoas continuaram a trabalhar, expandindo um céu acima de outro, da mesma maneira, até que tudo ficasse em ordem."[29]

A parte principal da ilustração de Paiore [figura 13] mostra as pessoas expandindo o mundo, montadas umas nos ombros das outras, com o fito de elevar os céus. No estrato mais baixo desse mundo, estão os dois elementos originais, Te Tumu e Te Papa. À sua esquerda, estão as plantas e animais que geraram. Acima, à direita, estão o primeiro homem, deformado, e o primeiro casal de formação bem-sucedida. No céu superior, há uma fogueira circundada por quatro figuras, quadro que representa um evento remoto da história do mundo: "A criação do universo mal havia chegado ao fim, quando Tangaroa, que se deliciava em fazer o mal, ateou fogo ao céu mais elevado, buscando com isso destruir todas as coisas. Mas, felizmente, Tamatua, Oru e Ruanuku viram o fogo se expandindo e logo subiram da terra e extinguiram as chamas"[30].

A imagem do ovo cósmico é conhecida por muitas mitologias; ela está presente nas mitologias órfica grega, egípcia, finlandesa, budista e japonesa. "No início, esse mundo era apenas nao-ser", lemos numa obra sagrada dos hindus. "Ele era existente. Ele se desenvolveu. Tornou-se um ovo. O ovo chocou durante um ano. E se partiu. Uma das metades da casca tornou-se prata, a outra tornou-se ouro. O que era prata é a terra. O que era ouro é o céu. O que era a membrana externa são as montanhas. O que era a membrana interna são as nuvens e a névoa. O que eram veias são os rios. O que era o fluido contido no interior é o oceano. Ora, o que nasceu daí é o sol além."[31] A casca do ovo cósmico é a estrutura espacial do mundo, enquanto a força-semente fértil interna tipifica o inexaurível dinamismo de vida da natureza.

"O espaço é ilimitado pela forma que reingressa e não pela grande extensão. *Aquilo que é é* uma casca que flutua na infinitude *daquilo que nao é."* A sucinta formulação de um físico moderno, que ilustra o quadro do mundo, tal como ele o viu em 1928[32], expressa o sentido exato do ovo cósmico mitológico. Além disso, a evolução da vida, descrita pela moderna ciência biológica, é o tema dos primeiros estágios do ciclo cosmogônico. Por fim, a destruição do mundo, que segundo afirmam os físicos deve vir com a exaustão do nosso sol e com a queda última de todo o cosmo[33], se encontra prevista, sob a

forma de presságio, na fenda deixada pelo fogo em Tangaroa: os efeitos de destruição do mundo do criador-destruidor aumentarão gradualmente até que, por fim, no segundo curso do ciclo cosmogônico, tudo voltará a se dissolver no mar de bênção.

Não raro o ovo cósmico se parte para revelar, surgindo do seu interior, uma espantosa figura de forma humana. Trata-se da personificação antropomórfica do poder de geração, o Todo-Poderoso Vivo, como o denomina a Cabala. "Todo-Poderoso Ta'aroa, cuja maldição é morte, criador do mundo." Eis o que nos chega do Taiti, outra ilha dos mares do sul[34]. "Ele era sozinho. Não teve pai, e sequer mãe. Ta'aroa apenas vivia no vazio. Não havia terra, nem céu, nem mar. A terra era nebulosa: não havia fundação. Então Ta'aroa disse:

"Ó espaço para a terra, ó espaço para o céu, Mundo inútil que se acha abaixo em estado nebuloso, Que continua e continua de tempos imemoriais, Mundo inútil que se acha abaixo, estende-te!"

"A face de Ta'aroa apareceu no exterior. A casca de Ta'aroa caiu e tornou-se terra. Ta'aroa olhou: a terra surgira, o mar surgira e o céu surgira. Ta'aroa viveu como deus, contemplando seu trabalho."[35]

Um mito egípcio revela o demiurgo criando o mundo por meio da masturbação[36]. Um mito hindu mostra-o numa posição de meditação iogue, estando as formas de sua visão interna emanando dele (para seu próprio assombro) e formando fileiras ao seu redor, como um panteão de deuses brilhantes[37]. E, noutro relato da índia, o pai de todas as coisas é representado, primeiramente, dividindo-se em macho e fêmea e, em seguida, procriando todas as criaturas segundo a espécie:

"No início, este universo era apenas o Eu, sob forma humana. Ele olhou em volta e nada viu, senão a si mesmo. Então, no início, ele exclamou: 'Eu sou ele'. Daí veio o nome Eu. Eis por que, mesmo hoje, quando alguém nos chama, dizemos, em primeiro lugar: 'Sou eu', e só então anunciamos o outro nome que temos.

"Ele teve medo. Eis por que as pessoas temem ficar sozinhas. Ele pensou: 'Mas de que tenho medo? Não há nada além de mim'. Depois disso, o medo se dissipou...

"Ele se sentiu infeliz. Eis por que as pessoas não ficam felizes quando se encontram sozinhas. Ele queria companhia. E ficou do tamanho de uma mulher e um homem, abraçados. Ele dividiu o corpo, que era ele mesmo, em duas partes. Dessa divisão surgiram marido e mulher... Assim, esse corpo humano (anterior à união conjugai) se assemelha às metades de uma pêra partida... Ele se uniu a ela e dessa união nasceram os homens.

"Ela especulou: 'Como pode ele unir-se a mim depois de me ter produzido a partir de si mesmo? Bem, é melhor eu me esconder'. E ela se transformou em vaca; mas ele se transformou em touro e se uniu a ela e dessa união nasceu o gado. Ela se transformou em égua, e ele, num garanhão; ela se tornou jumenta, e ele, asno; dessa união, nasceram os eqüinos. Ela se transformou em cabra, e ele, em bode; ela em ovelha, ele em carneiro; dessa união nasceram os ovinos. E assim ele projetou tudo o que existe aos pares, até chegar às formigas.

"E ele entendeu: 'Em verdade, sou eu mesmo a criação, visto que projetei todas as coisas do mundo'. Por isso, ele foi chamado Criação..."[38]

O substrato duradouro do indivíduo e do progenitor do universo é um único e mesmo substrato, conforme essas mitologias; eis por que o demiurgo é chamado nesse mito Eu. O místico oriental descobre essa presença duradoura e em profundo repouso, no estado andrógino original, quando mergulha, por meio da meditação, em seu próprio interior:

"Aquele no qual o céu, a terra e a atmosfera

Foram moldados, e a mente, juntamente com todos

os sopros de vida, Apenas ele conhece como a única Alma. Descarta Outras Palavras. Ele é a ponte para a imortalidade"[39].

Por conseguinte, parece que, embora narrem eventos do

passado mais remoto, esses mitos da criação falam, ao mesmo tempo, da origem presente do indivíduo. "Toda alma e espírito", lemos no *Zohar* hebraico, "antes de chegar a este mundo, consiste em um macho e uma fêmea unidos num único ser. Quando desce nesta terra, suas duas partes se separam e animam dois corpos diferentes. Na época do casamento, o Santíssimo, bendito seja Ele, aquele que conhece todas as almas e espíritos, une-os outra vez, tal como eram antes, e eles voltam a compor um único corpo e alma, formando-o como se fossem as partes direita e esquerda de um único indivíduo... Essa união, todavia, é influenciada pelas obras do homem e pela forma como ele se conduz. Se o homem for puro e sua conduta, agradável aos olhos de Deus, sua união ocorrerá com a parte fêmea de sua alma que o compunha antes do nascimento."[40]

Este texto cabalístico é um comentário de uma passagem do Gênesis, na qual Adão dá origem a Eva. Uma concepção semelhante aparece no *Simpósio* de Platão. Segundo este misticismo do amor sexual, a experiência última do amor é a percepção de que, subjacente à ilusão da duplicidade, há identidade: "Cada um é os dois". Essa percepção pode ser expandida numa descoberta de que, por trás das múltiplas individualidades de todo o universo circundante — humano, animal, vegetal e até mineral —, habita a identidade; a partir disso, a experiência amorosa assume um caráter cósmico, e o amado, que primeiro abriu os olhos a essa visão, é magnificado, configurando-se como o espelho da criação. O homem ou mulher que conhece essa experiência é tomado por aquilo que Schopenhauer denominou "a ciência da beleza em toda parte". Ele/ela "desce e sobe entre esses mundos, ingerindo o que deseja, assumindo as formas que deseja", e se senta, entoando a canção da unidade universal, que se inicia com: "Ó maravilha! Ó maravilha! Ó maravilha!"[41]

5. A transformação do Uno múltiplo

O desenrolar do giro cosmogônico precipita o Uno em muitos. Nesse ponto, uma grande crise, um dilema, divide o mundo criado em dois planos aparentemente contraditórios do ser. No quadro de Paiore, as pessoas emergem das trevas inferiores e se põem imediatamente a labutar com o fito de elevar o céu[42]. Elas são reveladas movendo-se com relativa independência. Elas formam conselhos, decidem, planejam; tomam a si a tarefa de organizar o mundo. E, no entanto, sabemos que, nos bastidores, o Instigador Não-Instigado atua, tal como alguém que maneja marionetes.

Na mitologia, toda vez que o Instigador Não-Instigado, o Todo-Poderoso Vivo, assume o centro das atenções, há uma miraculosa espontaneidade no plano da moldagem do universo. Os elementos se condensam e entram em jogo por si mesmos ou à mínima palavra proferida pelo Criador; as parcelas do ovo cósmico que se estilhaçam ocupam os lugares que lhes cabem sem ajuda externa. Mas quando a perspectiva muda, concentrando-se nos seres vivos, quando o panorama do espaço e da natureza é encarado do ponto de vista das personagens a quem foi ordenado que o habitassem, uma súbita transformação suplanta a cena cósmica. Nesse ponto, as formas do mundo já não parecem movimentar-se de acordo com os padrões de algo harmonioso, crescente e vivo; elas se mantêm recalcitrantes ou, na melhor das hipóteses, inertes. Os adereços do palco universal precisam ser ajustados e até mesmo forçados a tomar forma. A terra produz espinhos e cardos; o homem come o pão com o suor do seu rosto.

Conseqüentemente, temos diante de nós duas formas do

mito. Segundo uma dessas formas, as forças demiúrgicas mantêm-se em operação por si próprias; de acordo com a outra, elas param de atuar e até se colocam a si mesmas contra o progresso do giro cosmogônico. As dificuldades representadas nessa última modalidade de mito se iniciam já durante o longo período de trevas do abraço original, produtor de criaturas, dos pais cósmicos. Deixemos que os Maoris nos introduzam nesse tema terrível:

Rangi (o Céu) ficou tão próximo do ventre de Papa (Mãe-Terra), que as crianças não podiam libertar-se do útero. "Elas estavam em condição instável, flutuando à deriva no mundo de trevas, tendo a seguinte aparência: algumas rastejavam... algumas estavam eretas, com os braços levantados ... algumas ficavam deitadas de lado... outras de costas, algumas tinham o corpo inclinado para a frente, outras, a cabeça totalmente inclinada para baixo, algumas tinham pernas voltadas para cima... algumas estavam ajoelhadas.. outras procuravam orientar-se nas trevas... Todas elas se encontravam compreendidas no abraço de Rangi e Papa...

"Por fim, os seres gerados pelo Céu e pela Terra, esgotados pelas contínuas trevas, reuniram-se e disseram: 'Agora vamos determinar o que devemos fazer com Rangi e Papa; se é melhor matá-los ou separá-los um do outro. E Tu-matauenga, o filho mais implacável do Céu e da Terra, disse: 'Muito tem, matemo-los'.

"E Tane-mahuta, pai das florestas e de todas as coisas que nelas habitam ou são construídas a partir das árvores, disse: 'Não, nada disso. É melhor separá-los um do outro e deixar que o céu se estenda bem acima de nós e que a terra fique aos nossos pés. Que o céu se torne um estranho para nós, mas que a terra permaneça próxima de nós, como nossa mãe nutridora'."

Vários dos irmãos deuses tentaram, em vão, separar o céu da terra. Por fim, o próprio Tane-mahuta, pai das florestas e de todas as coisas que nelas habitam ou são construídas a partir das árvores, assumiu o papel de realizador do titânico projeto. "Com a cabeça firmemente plantada em sua mãe, a terra, e os pés elevados e apoiados contra seu pai, o céu, ele força suas

costas e membros, num esforço sobre-humano. Eis que Rangi e Papa são separados; com gritos e gemidos de sofrimento, eles exclamam: "'Com que então matais vossos pais dessa forma? Por que cometeis tão nefando crime, matando-nos, levando vossos pais a se separarem um do outro?' Mas Tane-mahuta não pára, não dá atenção aos seus gritos e gemidos; para longe, para bem longe de si, ele empurra o céu... "[43]

A forma grega dessa história é contada por Hesíodo em seu relato da separação de Urano (Pai-Céu) e Géia (Mãe-Terra). Segundo essa variante, o titã Crono castrou o pai com uma foice e o afastou do caminho, atirando-o para cima[44]. Na iconografia egípcia, a posição do casal cósmico é invertida: o céu é a mãe; o pai é a vitalidade da terra[45]; mas o padrão do mito se mantém: os dois foram separados um do outro por um dos filhos, o deus do ar, Shu. Essa mesma imagem chega até nós a partir de antigos textos cuneiformes dos sumerianos, que datam do terceiro e quarto milênios antes de Cristo. No princípio, havia o oceano primevo; o oceano primevo gerou a montanha cósmica, formada pelo céu e pela terra, unidos um ao outro; An (o Pai-Céu) e Ki (a Mãe-Terra) geraram Enlil (o Deus do Ar), que em seguida separou An de Ki e uniu-se ele mesmo à sua mãe para produzir a humanidade[46].

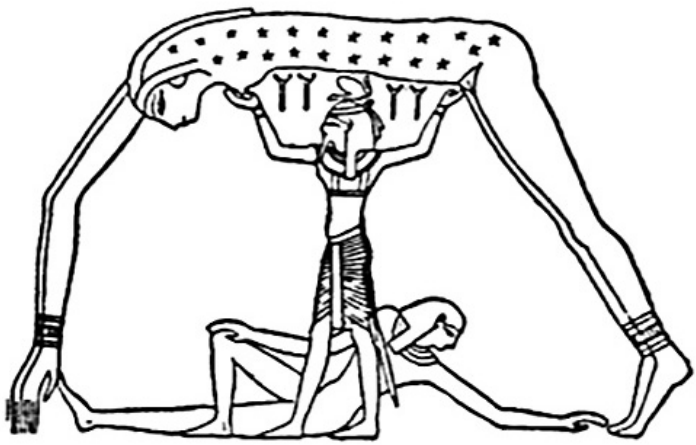


Figura 14 — A separação entre o céu e a terra

Mas, embora pareçam violentas, essas ações dos filhos desesperados nada são, comparadas com a total destruição do poder parental que descobrimos nos registros do *Eddas* islandês e nas Tábuas da Criação babilônicas. O insulto final, aqui, é representado pela caracterização da presença demiúrgica do abismo como "maléfica", "geradora de trevas" e "obscena". Os brilhantes jovens guerreiros-filhos, desdenhando a fonte geradora, a personagem do estado-semente do sono profundo, matam-na sumariamente, cortam-na e a despedaçam, em tiras, pregando-a à estrutura do mundo. Esse é o padrão da vitória de todas as ações posteriores de matar o dragão, os primórdios de uma milenar história das façanhas do herói.

Segundo um conto do *Eddas,* depois de o "voraz sorvedouro"[47] ter dado origem, no norte, a um enevoado mundo frio e, no sul, a uma região de fogo, e depois de o calor do sul ter atuado sobre os rios de gelo que se acumulavam no norte, uma peçonha efervescente começou a exudar. Surgiu disso uma garoa, que se congelou, tornando-se geada. A neve resultante derreteu-se e passou a gotejar; a vida surgiu desse gotejar, tendo a forma de uma figura horizontal, hermafrodita, gigantesca e inerte chamada Ymir. O gigante dormiu e, ao dormir, transpirou; um dos seus pés gerou com o outro um filho, ao mesmo tempo em que, sob sua mão esquerda, germinaram um homem e uma mulher.

A neve continuou a derreter-se e a gotejar e dela se condensou a vaca, Audumla. Dos seus úberes fluíram quatro jatos de leite, que Ymir tomou para alimentar-se. Mas a vaca, como alimento, usou os blocos de gelo, que eram salgados. Na noite do primeiro dia em que ela lambeu os blocos de gelo, destes saíram cabelos de homem; no segundo dia, uma cabeça humana; no terceiro surgiu o homem inteiro, cujo nome era Buri. E Buri teve um filho (a mãe não é conhecida) chamado Borr, que desposou uma das filhas gigantes das criaturas que haviam brotado de Ymir. Esta deu à luz a trindade Odin, Vili e Ve, que mataram o adormecido Ymir e lhe cortaram o corpo em grandes pedaços.

"A partir da carne de Ymir, a terra foi formada,

E do seu suor, o mar; Rochedos dos seus ossos; dos cabelos, árvores;

E do seu crânio o céu. Então, dos seus ossos, os joviais deuses fizeram

Midgard [a terra] para os filhos dos homens; E, do seu cérebro, as rebeldes

Nuvens foram criadas."[48]

Na versão babilônica, o herói é Marduque, o deus do sol; a vítima é Tiamat — um ser terrificante, semelhante a um dragão, assistido por legiões de demônios —, personificação feminina do próprio abismo original: o caos como a mãe dos deuses, mas agora como ameaça ao mundo. Portando um arco, um tridente, uma clava e uma rede, e contando com a proteção de ventanias violentas, o deus subiu na carruagem. Os quatro cavalos, treinados para atropelar, espumavam, raivosos.

"...Mas Tiamat não se entregou, Com lábios que não falhavam, proferiu palavras de revolta... E o senhor levantou o relâmpago, sua poderosa arma, E contra Tiamat, tomada de fúria, dirigiu estas palavras: 'Tornaste-te grande, exaltaste-te a ti mesma nas alturas, E teu coração te deixou pronta para lutar... E contra os deuses, meus pais, preparaste teu amaldiçoado plano. Que teu exército se prepare, que tuas armas sejam brandidas! Levanta-te! Tu e eu, lutemos!'

Ouvindo essas palavras, Tiamat

Ficou possessa, perdendo a razão.

Tiamat proferiu terríveis e assustadores gritos,

Estremeceu e abalou suas próprias bases.

Ela recitou um encanto e pronunciou uma maldição. E os deuses da batalha pediram suas armas.

E avançaram Tiamat e Marduque, o conselheiro

dos deuses; Para a luta foram eles, para a luta se aproximaram

um do outro. O senhor estendeu a rede e a pegou, E o vento mau, que se achava atrás dele, deixou

que lhe atingisse a face. Os terríveis ventos lhe encheram o ventre, E a coragem lhe foi tirada, e sua boca ficou

totalmente aberta. Ele tomou do tridente e lhe perfurou o ventre, Ele lhe retirou as entranhas; seccionou-lhe o coração. Ele a dominou e lhe tirou a vida; Ele lhe derribou o corpo e se colocou sobre ele."

Tendo subjugado o que restava do exército demoníaco de Tiamat, o deus babilônico retornou à mãe do mundo:

"E o senhor se pôs de pé sobre as entranhas de Tiamat, E, com sua implacável clava, esmagou-lhe o crânio. Ele lhe cortou os canais sangüíneos, E fez o vento norte lhe levar o sangue para

lugares secretos... E o senhor ali ficou, observando-lhe o corpo morto, ... e concebeu um astucioso plano. Ele a dividiu em duas metades, como a um peixe; Um dos lados ele colocou como capa do céu. Colocou uma trave e ali deixou um vigia, E disse que não deixassem suas águas fluírem. Ele passou pelos céus, explorou as regiões

ali existentes, E, nas Profundezas, estabeleceu a morada de Nudimmud. E o Senhor avaliou a estrutura das Profundezas..."[49]

Dessa maneira heróica, Marduque instalou um piso para represar as águas de cima e um teto para fazer o mesmo com as de baixo. E, no mundo entre essas barreiras, criou o homem.

Os mitos nunca se cansam de ilustrar o fato de o conflito no mundo criado não ser o que parece. Tiamat, embora morta e desmembrada, não foi desfeita. Se a batalha tivesse sido vista sob outro ângulo, o monstro Caos teria sido visto abalando seus próprios fundamentos voluntariamente e seus fragmentos se moveriam para ocupar seus respectivos lugares. Marduque, bem como toda a geração de divindades, não passava de partículas da substância de Tiamat. Do ponto de vista dessas formas criadas, tudo parecia ter sido realizado por um poderoso braço, em meio ao perigo e à dor. Mas, a partir do centro da presença

que emanava, a carne foi gerada voluntariamente e a mão que a retalhou não passava, em última análise, de um agente da vontade da própria vítima.

Aqui reside o paradoxo básico do mito: o paradoxo do foco dual. Da mesma maneira como é possível dizer, quando do início do ciclo cosmogônico: "Deus não está envolvido", e, simultaneamente: "Deus é o criador-preservador-destruidor", assim também, nesse momento crítico, no qual o Uno se transforma em muitos, o destino "se cumpre", mas, ao mesmo tempo, "é produzido". A partir da perspectiva da fonte, o mundo se configura como uma majestosa harmonia de formas que vêm a ser, explodem e se dissolvem. Mas aquilo que as passageiras criaturas experimentam é uma terrível cacofonia de clamores de batalha e de dor. Os mitos não negam essa agonia (a crucifixão); eles revelam haver, no seu interior, por trás dela e ao seu redor, a paz essencial (a rosa celeste)[50].

A mudança de perspectiva — do repouso da Causa central para a turbulência dos efeitos periféricos — é representada pela Queda de Adão e Eva no Jardim do Éden. Eles comeram do fruto proibido "e os seus olhos foram abertos"[51]. A bênção do Paraíso lhes foi tirada e eles contemplaram o campo da criação a partir do lado oposto de um véu transformador. Daí por diante, haveriam de experimentar o inevitável como o de difícil obtenção.

6. Histórias folclóricas sobre a criação

A simplicidade das histórias da origem das mitologias folclóricas subdesenvolvidas está em pronunciado contraste com os mitos profundamente sugestivos do ciclo cosmogônico[52]. Naquelas, não é patente a presença de qualquer tentativa duradoura de esconder os mistérios por trás do véu do espaço. Do muro branco da intemporalidade, irrompe e faz sua entrada uma sombria figura do criador para moldar o mundo das formas. Seu dia tem uma duração, fluidez e força ambiente típicas do sonho. A terra ainda não ficou sólida; resta muito a fazer para torná-la habitável para o povo futuro.

O Velho Homem estava perambulando, declaram os Pés-Negros de Montana (EUA); ele criava pessoas e organizava as coisas. "Ele veio do sul, dirigindo-se ao norte, criando animais e pássaros pelo caminho. Fez, em primeiro lugar, as montanhas, pradarias, a madeira e a vegetação rala. E prosseguiu, viajando para o norte, fazendo as coisas enquanto caminhava, colocando rios aqui e ali, e quedas-d'água nos rios, colocando tinta vermelha no solo, aqui e ali — criando o mundo tal como hoje o vemos. Ele fez o Rio de Leite (o Teton) e o cruzou; tendo se sentido cansado, escalou uma colina e deitou-se para repousar. Enquanto se mantinha deitado de costas, estendido no solo, com os braços esticados, ele se marcou a si mesmo com pedras — marcou a forma do seu corpo, sua cabeça, pernas, braços, tudo. Hoje podemos ver as pedras naquele local. Depois de descansar, seguiu na direção do norte, tropeçou num montículo e caiu de joelhos. E então disse: 'És uma coisa ruim para se tropeçar'; e elevou dois grandes montes no local, denominando-os Joelhos, nome que ostentam até hoje. Seguiu seu caminho para o norte e construiu, com algumas pedras que levou, as

Colinas da Grama Suave...

"Um dia, o Velho Homem decidiu que faria uma mulher e uma criança; e, assim, os formou — a mulher e a criança, seu filho — de argila. Tendo moldado a argila com formas humanas, disse-lhes ele: 'Deveis ser pessoas'; ele cobriu a argila e, deixando-a ali, prosseguiu. Na manhã seguinte, ao voltar ao local e retirar o que a cobria, percebeu que as formas em argila haviam sofrido uma ligeira alteração. Na segunda manhã, a mudança havia aumentado e, na terceira, aumentara ainda mais. Na quarta manhã, ele foi ao local, descobriu as imagens, observou-as e lhes ordenou que levantassem e caminhassem; e elas assim o fizeram. Foram até o rio com seu Autor, e ele lhes disse que seu nome era *Na'pi,* Velho Homem.

"Quando se encontravam às margens do rio, a mulher lhe disse: 'Como é isso? Viveremos sempre, não haverá fim?' Ele disse: 'Nunca pensei nisso. Teremos de decidir. Pegarei essa lasca de búfalo e a atirarei no rio. Se ela flutuar, as pessoas voltarão a viver outra vez quatro dias após morrerem; ficarão mortas por apenas quatro dias, Mas se ela afundar, sua vida terá fim'. Ele atirou a lasca no rio e ela flutuou. A mulher se voltou, tomou de uma pedra e disse: 'Não, atirarei esta pedra no rio; se ela flutuar, seremos eternos, mas se afundar, as pessoas deverão morrer, de modo que sempre sentirão tristeza pelas outras'. A mulher atirou a pedra na água e esta afundou. 'Pois bem', disse o Velho Homem, 'você escolheu. A vida delas terá fim.'"[53]

Figura 15 — Cnum modela o filho do faraó na argila, enquanto Tot determina seu tempo de vida.

A organização do mundo, a criação do homem e a decisão sobre a morte são temas típicos dos contos do criador primitivo. É difícil saber a seriedade com que se acredita nessas histórias ou o sentido que lhes é atribuído. A forma narrativa mitológica não é tanto de referência direta quanto de referência oblíqua: é *como se* o Velho Homem tivesse feito isso e aquilo. Muitos contos que aparecem nas coleções sob a denominação "histórias da origem" certamente foram encarados mais como contos de fadas populares do que como livros da gênese. Essa mitologização travessa é comum a todas as civilizações, elevadas ou não. Os membros mais simples da população podem encarar as imagens resultantes com uma seriedade indevida, mas estas, em suas linhas gerais, não podem ser consideradas representação da doutrina ou do "mito" local. Os

Maoris, por exemplo, que nos legaram algumas das mais sofisticadas cosmogonias, têm a história de um ovo posto por uma ave no mar primevo; o ovo explodiu e dele saíram um homem, uma mulher, um garoto, uma garota, um porco, um cachorro e uma canoa. Todos esses seres embarcaram na canoa e navegaram até a Nova Zelândia[54]. Trata-se claramente de uma descrição burlesca do ovo cósmico. Por outro lado, os Kamchatkans declaram, ao que parece com toda a seriedade, que Deus primeiro habitou os céus e depois desceu à terra. Quando viajava, com seus sapatos de neve, o solo novo cedeu sob o seu peso como gelo fino e quebradiço. A terra, desde então, ficou irregular[55]. Ou, mais uma vez, de acordo com os Quirguizes da Ásia central, quando as duas pessoas primordiais, que criavam um grande touro, ficaram muito tempo sem sorver água e estavam praticamente mortas de sede, o animal conseguiu água ao abrir o solo com seus grandes chifres. Eis a forma pela qual foram feitos os lagos do país dos Quirguizes[56].

É muito freqüente o aparecimento de uma figura de palhaço, que se mantém em contínua oposição ao bem-intencionado criador, nos mitos e nos contos folclóricos, sendo essa figura responsável pelos males e dificuldades da existência deste lado do véu. Os melanésios na Nova Bretanha [ou Nova Pomerânia] falam de um ser obscuro, "o primeiro a existir", que desenhou duas figuras masculinas na terra, furou a própria pele e espargiu os desenhos com seu próprio sangue. Tomou de duas grandes folhas e cobriu as figuras, tendo estas se tornado, pouco depois, dois homens. Seus nomes eram To Kabinana e To Karvuvu.

To Kabinana saiu sozinho, trepou num coqueiro que exibia pequenos cocos amarelos, tirou dois deles, ainda verdes, e os atirou ao solo; os cocos se quebraram e se tornaram duas belas mulheres. To Karvuvu admirou as mulheres e perguntou como seu irmão as havia feito surgir. "Suba num coqueiro", disse To Kabinana, "pegue dois cocos verdes e os atire ao chão." Mas To Karvuvu atirou os cocos com a ponta para baixo e as mulheres que deles saíram tinham narizes feios[57].

Um dia, To Kabinana entalhou um atum na madeira e o fez nadar no oceano, para que ele se tornasse um peixe vivo dali

por diante. Esse atum trouxe os malivarãs para a beira do mar e To Kabinana simplesmente os pegou na praia. To Karvuvu admirou o atum e quis fazer um; quando lhe foi ensinado, ele fez, em vez de um atum, um tubarão. Esse tubarão comeu os malivarãs em vez de levá-los para a praia. To Karvuvu, choroso, dirigiu-se ao irmão e disse: "Eu queria não ter feito esse peixe; a única coisa que ele faz é comer todos os outros". "Que tipo de peixe ele é?", perguntou-lhe o irmão. "Bem", respondeu ele, "fiz um tubarão." O irmão replicou: "Você é decididamente um fracassado". "Agora, graças a você, nossos descendentes mortais sofrerão. Esse peixe que você fez vai comer todos os outros, assim como as pessoas."[58]

Por trás dessa tolice, é possível ver que uma causa (o ser obscuro que feriu a si mesmo) gera, dentro do mundo, efeitos duais — o bem e o mal. A história não é tão ingênua quanto parece[59]. Ademais, a preexistência metafísica do arquétipo platônico do tubarão está implícita na curiosa lógica do diálogo final. Esta é a concepção inerente a todo mito. Outro tema universal é a colocação do antagonista, o representante do mal, no papel de palhaço. Os demônios — tanto os vigorosos cabeças-duras quanto os atilados e esclarecidos embusteiros — sempre são palhaços. Embora possam triunfar no mundo espaço-temporal, eles e suas obras simplesmente desaparecem quando a perspectiva passa para o plano transcendental. Eles são aqueles que tomam a sombra pela substância: simbolizam as inevitáveis imperfeições do reino das sombras; e, enquanto nos encontrarmos desse lado, o véu não poderá ser afastado dos nossos olhos.

Segundo os tártaros negros da Sibéria, quando o demiurgo Pajana fez os primeiros seres humanos, descobriu ser incapaz de produzir um espírito doador de vida para eles. Assim, teve de ir ao céu e produzir almas a partir de Hudai, o Deus Altíssimo, deixando, enquanto isso, um cão sem pêlos para guardar as figuras que havia manufaturado. O diabo, Erlik, apareceu quando ele se encontrava afastado dali. E Erlik disse ao cão: "Não tens pêlos. Dar-te-ei esse pêlo dourado se puseres em minhas mãos essas pessoas sem alma". A proposta agradou ao cão, e ele deu as pessoas que guardava ao tentador. Erlik os

sujou com saliva, mas fugiu quando viu Deus se aproximando para dar-lhes vida. Deus viu o que ele havia feito e virou os corpos humanos de fora para dentro. Eis por que temos saliva e impureza nos intestinos[60].

As mitologias folclóricas tomam a história da criação apenas no ponto em que as emanações transcendentais irrompem em formas espaciais. Não obstante, em sua avaliação da circunstância humana, não diferem em nenhum ponto essencial das grandes mitologias. As personagens simbólicas que comparecem a essas histórias correspondem em importância — e não raro em características e façanhas — às personagens das iconografias mais sofisticadas, e o mundo maravilhoso em que se movem é precisamente o mundo das grandes revelações: o mundo e a época que se encontram entre o sono profundo e a consciência desperta, a zona em que o Uno se torna o múltiplo e os muitos se reconciliam com o Uno.

— Parte II.

Notas ao Capítulo I

1. Cf. C. G. Jung, "On psychic energy" (original de 1928, Collected Works, vol. 8), intitulado, no primeiro esboço, "The theory of libido".

2. Veja-se Kant, Crítica da razão pura.

3. Sânscrito: mayã-sakti.

4. Além das categorias e, portanto, não definido por qualquer dos pa res de opostos conhecidos como "vazio" e "ser". Esses termos confi guram-se, tão-somente, como pistas da transcendência.

5. Esse reconhecimento da natureza secundária da personalidade de toda divindade cultuada é característico da maioria das tradições do mundo (veja-se, por exemplo, supra, *p. 193, nota 154). No cristianismo, no maometanismo e no judaísmo, todavia, ensina-se que a personalidade da divindade é final — o que torna comparativamente difícil, para os membros dessas crenças, a compreensão do modo pelo qual é possível ir além das limitações de suas próprias divindades antropomorfas. O resultado tem sido, de um lado, um obscurecimento geral dos símbolos e, de outro, um fanatismo, voltado para os deuses, sem precedentes na história da religião. Para uma discussão da possível origem dessa aberração, veja-se Sigmund Freud,* Moses and monotheism *(tradução de James Strachey, ed. Standard, XXIII, 1964). (Original de 1939.)*

6. Lucas, 17:21.

7. Supra, pp. 178-179.

8. Supra, pp. 89-90.

9. Supra, p. 90.

10. Supra, pp. 46-47.

11. Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Historia de Ia nación chichimeca *(1608), capítulo 1 (publicado em Lord Kingsborough,* Antiquities of México, *Londres, 1830-48, vol. IX, p. 205; também publicado por Alfredo Chavero,* Obras históricas de Alva Ixtlilxochitl, *México, 1891- 92, vol. II, pp. 21-22).*

12. Hasténgs, Encyclopaedia of relígion and ethics, *vol. V, p. 375.*

13. Veja-se sra. Sinclair Stevenson, The heart of Jainism, *Oxford University Press, 1915, pp. 272-278.*

14. Um ano divino eqüivale a trezentos e sessenta anos humanos. Cf. supra, *p. 218.*

15. Veja-se Mandukya Upanishad, *3-6.*

16. Mandukya Upanishad, 8-12.

Como em sânscrito o a *e o* u *fundem-se, formando* o, *a sílaba sagrada ê pronunciada e escrita "om". Vejam-se as orações, pp. 144 e 239, nota 31,* supra.

17. Mandukya Upanishad, 7.

18. Ha idra zuta, Zohar, iii, 288 a. Compare-se supra, *p. 181.*

O Zohar (zohar, "luz", "esplendor") é uma coleção de escritos hebraicos esotéricos, que vieram a lume por volta de 1305 graças a um erudito judeu espanhol, Moisés de León. Afirma-se que esse material foi retirado de originais secretos, que remontam a Simeon ben Yohai, rabino da Galiléia do século II d. C. Ameaçado de morte pelos romanos, Simeon escondeu-se por doze anos numa gruta; dez séculos mais tarde, seus escritos foram encontrados ali, configur ando-se como a fonte dos livros do Zohar.

Os ensinamentos de Simeon foram retirados, segundo se supõe, da hokmah nistarah, *ou sabedoria secreta, de Moisés, isto ê, de um corpo de tradição esotérica estudado por Moisés, primeiramente, no Egito, sua terra natal, e, mais tarde, objeto de sua reflexão durante os quarenta anos que passou no deserto (onde recebeu instrução especial de um anjo) e, por fim, incorporado secretamente ao*

primeiro dos quatro livros do Pentateuco, do qual pode ser extraído mediante uma compreensão e manipulação adequadas dos números-valores místicos do alfabeto hebraico. Esse corpo tradicional de sabedoria, assim como as técnicas de sua redescoberta e utilização, constituem a Cabala. Diz-se que os ensinamentos da Cabala (qabbãlãh, *"sabedoria transmitida ou tradicional") primeiramente foram confiados pelo próprio Deus a um grupo especial de anjos do Paraíso. Depois que o Homem foi expulso do Paraíso, alguns desses anjos transmitiram as lições a Adão, pensando com isso em levá-lo a recuperar a felicidade. De Adão, os ensinamentos passaram a Noé e deste, para Abraão. Abraão deixou que alguns elementos se tornassem conhecidos quando de sua estada no Egito, e esta ê a razão de essa sublime visão hoje poder ser encontrada, sob uma forma reduzida, nos mitos e filosofias dos gentios. Moisés inicialmente os estudou juntamente com os sacerdotes egípcios, mas a tradição foi-lhe inculcada pelas instruções especiais dos anjos que o acompanhavam.*

19. Ha idra rabba qadisha, xi, 212-14 e 233; tradução de S. L. MacGregor Mathers, The Kabbalah unveiled, *Londres, Kegan Paul, Trench, Trübner and Company, Ltd., 1887, pp. 134-35 e 137.*

20. Summa contra gentiles, I, i.

21. Veja-se supra, *pp. 32-36.*

22. Johannes C. Anderson, Maori life in Ao-tea, *Christchurch, Nova Zelândia, s/d [1907?], p. 127.*

23. Nos sagrados escritos do budismo mahaiana, oito "estágios do vazio" ou graus do vazio são enumerados e descritos. Esses graus são experimentados pelo iogue e pela alma quando esta se dirige para o mundo dos mortos. Veja-se Evanz-Wentz, Tibetan yoga and secret doctrine, *pp. 206, 239 ss.*

24. Veja-se The Vedantasara of Sadananda, *tradução, introdução, texto sânscrito e comentários de Swami Nikhilananda, Maiavati, 1931.*

25. Os cinco elementos, de acordo com o sistema chinês, são a terra, o fogo, a água, a madeira e o ouro.

26. Traduzido de Richard Wilhelm, Chinesische Marchcn, *leini. Bugen Diederichs Verlag, 1921, pp. 29-31.*

27. Rev. Richard Taylor, Te ika a Maui, or New Zealflüd and Itl inhabitants, *Londres, 1855, pp. 14-15.*

28. O pequeno círculo por baixo da principal parte da figura 13. Compare-se com o Tao chinês; nota da p. 186, nota 87, supra.

29. Kenneth P. Emory, "The Tuamotuan creation charts by Paiore", Journal of the Polynesian Society, *vol. 48, n.° 1 (março de 1939), pp.* ***1-29.***

30. Ibid., p. 12.

31. Chandogya Upanishad, 3.19.1-3.

32. A. S. Eddington, The nature of the physical world, *p. 83.* Copy right *1928, de The Macmillan Company; usado com permissão dos editores.*

33. "A entropia sempre aumenta." (Ver novamente Eddington, pp. 63 ss.)

34. Ta'aroa (dialeto taitiano) é Tangaroa. Veja-se gravura XX.

35. Kenneth P. Emory, "The Tahitian account of creation by Maré", Journal of the Polynesian Society, *vol. 47, n.° 2 (junho de 1938), pp. 53-54.*

36. E. A. Wallis Budge, The gods of the Egyptians, *Londres, 1904, vol. I, pp. 282-292.*

37. Kalika Purana, I (tradução de Heinrkh Zimmer, The king and the corpse, *série Bollingen, XI, Pantheon Books, 1948, pp. 239 ss.).*

38. Brihadaranyaka Upanishad, 1.4.1-5. Tradução de Swami Madhavananda, Maiavati, 1934. Compare-se com o motivo folclórico tradicional da fuga de transformação, supra, *pp. 197-198. Veja-se também* Cypria, *8, onde Nêmesis "não gosta de se apaixonar por seu pai, Zeus" e foge dele, assumindo formas de peixes e de animais (citado por Ananda Coomaraswamy,* Spiritual power and temporal authority in the Indian theory of

government, *Sociedade Americano-Oriental, 1942, p. 361).*

39. Mundaka Upanishad, 2.2.5.

40. Zohar, i, 91 b. Citado por C. G. Ginsburg, The Kabbalah, its doctrines, development, and literature, *Londres, 1920, p. 116.*

41. Taittiriya Upanishad, 3.10.5.

42. As mitologias do sudoeste americano descrevem essa emergência com riqueza de detalhes, tal como o fazem as histórias da criação dos berberes Kabyl da Argélia. Veja-se Morris Edward Opler, Myths and tales of the Jicarilla Apache indians *(Memórias da Sociedade Americana de Folclore, n.° 31, 1938); e Leo Frobenius e Douglas C. Fox,* African Gênesis, *Nova York, 1927, pp. 49-50.*

43. George Grey, Polynesian mythology and ancient traditional history of the New Zealand race, as furnished by their priests and chiefs,
Londres, 1855, pp. 1-3.

44. Theogonia, 116 ss. Na visão grega, a mãe não é relutante; ela mesma fornece ***a foice.***

45. Compare-se a polaridade maori de Mahora-nui-a-rangi e Maki, p. 271, supra.

46. S. N. Kramer, op. cit., *pp. 40-41.*

47. Ginnungagap, o vazio, o abismo de caos a que tudo retorna no final do ciclo (Crepúsculo dos Deuses) e do qual todas as coisas surgem outra vez, depois de uma idade intemporal de reincubação.

48. Prose Edda, "Gylfaginning", IV-VIII (a partir da tradução de Arthur Gilchrist Brodeur, Fundação Americano-Escandinava, Nova York, 1916; citado com a permissão dos editores). Veja-se também Poetic Edda, *"Voluspa".*

Poetic Edda *é uma coleção de trinta e quatro poemas escandinavos antigos que tratam dos deuses e heróis pagãos germânicos. Os poemas foram compostos por alguns cantores e poetas (escaldos) de várias partes do mundo* viking *(um, pelo menos, na Groenlândia) no decorrer do período 900-1050 d.C. Ao que parece, a coleção foi*

completada na Islândia.

O Prose Edda *é um manual para jovens poetas, escrito na Islândia pelo poeta-mestre e chefe cristão Snorri Sturluson (1178-1241). Esse manual resume os mitos pagãos germânicos e faz uma revisão das regras da retórica escàldica. A mitologia documentada nesses textos revela um estrato anterior, camponês (associado com o deus do trovão, Tor), um estrato posterior, aristocrático (de Wotan-Odin), e um terceiro estrato, um complexo distintivamente fálico (Njõrd, Fréia e Freyr). As influências bãrdicas da Irlanda misturam-se aos temas clássicos e orientais nesse mundo profundamente sombrio e, não obstante, grotescamente galhofeiro de formas simbólicas.*

49. "The epic of creation", chapa IV, linhas 35-143, adaptado da tradução de L. W. King, Babylonian religion and mythology, *Londres e Nova York, Kegan Paul, Trenche, Trübner and Co., 1899, pp. 72-78.*

50. Veja-se Dante, "Paraíso", XXX-XXXII. Trata-se da rosa aberta à humanidade pela cruz.

51. Gênesis, 3:7.

52. Pode-se estabelecer uma distinção ampla entre as mitologias dos povos verdadeiramente primitivos (dedicados à pesca, à caça, à coleta de tubérculos e de bagas) e os povos de civilizações que surgiram a partir do desenvolvimento das artes da agricultura e da criação de gado leiteiro e de corte, por volta de 6000 a.C. Todavia, a maioria daquilo que se considera primitivo é, na realidade, colonial, isto é, difundido a partir de algum centro de cultura mais elevado e adaptado às necessidades de uma sociedade menos complexa. Para evitar o enganoso termo "primitivo", denomino as tradições subdesenvolvidas ou degeneradas "mitologias folclóricas". O termo é adequado para os propósitos deste estudo comparativo elementar das formas universais, embora certamente não sirva a uma análise estritamente histórica.

53. George Bird Grinell, Blackfoot lodge tales, *Nova York, Charles Scribner's Sons, 1982, 1916, pp. 137-138.*

54. J. S. Polack, Manners and customs of the New Zealanders,

Londres, 1840, vol. I, p. 17. Considerar esse conto como mito cosmo gônico seria tão inútil quanto ilustrar a doutrina da Trindade com um parágrafo do conto infantil "Marienkind" [A Pequena Maria] (Grimm, n.° 3.)

55. Harva, op. cit., *p. 109, citando S. Kraseninnikov,* Opisanie Zemli Kamcatki, *São Petersburgo, 1819, vol. II, p. 101.*

56. Harva, op. cit., *citando Potanin,* op. cit., *vol. II, p. 153.*

57. P. }. Meier, Mythen und Erzãlungen der Küstenbewohner der Gazelle-Halbinsel (Neu-Pommern), *Anthropos Bibliotek, Band I, Heft 1, Monastério em Vestfália, 1909, pp. 15-16.*

58. Ibid., pp. 59-61.

59. "O universo não atua completamente como se estivesse submetido a supervisão e controle pessoais eficientes. Quando ouço alguns hinos, sermões e orações que consideram como garantido ou asseveram, numa demonstração de ingênua simplicidade, que este vasto e implacável cosmo, com todos os monstruosos acidentes que envolve, é uma for nada perfeitamente planejada e pessoalmente conduzida, lembro-me de uma hipótese mais razoável de uma tribo do leste da África. 'Eles dizem', relata um observador, 'que embora seja bom e deseje o bem para todos, Deus infelizmente conta com um irmão semidotado que sempre interfere naquilo que ele faz.' Isso certamente traz alguma semelhança com os fatos. O irmão semidotado de Deus pode explicar algumas das maléficas e insanas tragédias que a idéia de um indivíduo onipotente, dotado de uma bondade ilimitada com relação a todas as almas, com toda certeza não explica." (Harry Emerson Fosdick, As I see religion, *Nova York, Harper and Brothers, editor, 1932, pp. 53-54.) 60. Harva,* op. cit., *pp. 114-115. Citando W. Radloff,* Proben der Volksliteratur der türkischen Stamme Süd-Siberiens, *São Petersburgo, 1866-70, vol. I, p. 285. Liberto das associações cosmogônicas, o aspecto negativo, de palhaço-demônio, da força demiúrgica tornou-se uma das personagens favoritas dos contos narrados para fins de diversão. Um exemplo vivido disso ê o coiote das planícies americanas. Reynard, a Raposa, é a encarnação européia dessa figura.*

Capítulo II – A virgem mãe

1. Mãe-Universo

O espírito gerador do mundo do pai torna-se o múltiplo da experiência terrena por intermédio de um meio transportador — a mãe do mundo. Trata-se de uma personificação do elemento primai mencionado no segundo versículo do Gênesis, onde lemos que "o Espírito de Deus se movia sobre *a face das águas".* No mito hindu, trata-se da figura feminina por meio da qual o Eu gerou todas as criaturas. Entendida de modo mais abstrato, a mãe do universo é a estrutura que fixa os limites do mundo: "espaço, tempo e causalidade" — a casca do ovo cósmico. De maneira ainda mais abstrata, é o atrativo que levou o Absoluto Autogerado ao ato da criação.

Nas mitologias que enfatizam o aspecto maternal, e não o paternal, do criador, essa mulher original ocupa o centro do palco do mundo, no princípio, desempenhando os papéis atribuídos em outros lugares ao homem. E é virgem, pois seu cônjuge é o Desconhecido Invisível.

Uma estranha representação dessa figura se encontra na mitologia finlandesa. No Runo I da *Kalevala*[1], conta-se a forma pela qual a filha virgem do ar desceu das mansões celestes para o mar primevo, em cujas águas eternas flutuou durante séculos.

"E, em fúria, uma tormenta se eleva, Vinda do leste, magnífica tempestade, O mar, espumando sem controle, Suas ondas atingindo altura crescente.

Foi a virgem levada pela tormenta, As grandes ondas a donzela carregaram, Pela superfície azulada do oceano,

Na crista de vagalhões espumantes,

Até que o vento, rugindo ao seu redor,

E o mar plantassem a vida em seu ventre."[2]

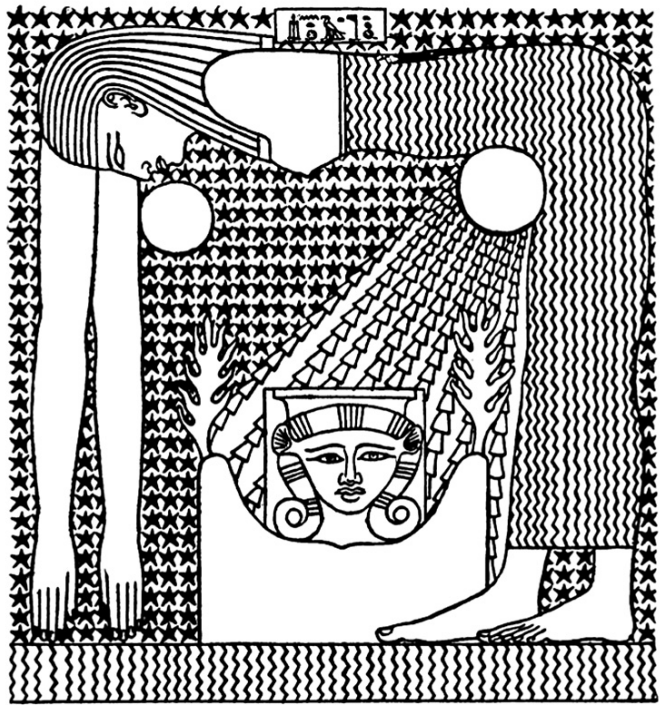


Figura 16 — Nut (o céu) cria o sol; os raios deste projetam-se sobre Hator, no horizonte (amor e vida).

Por sete séculos, a Mãe-Água flutuou com a criança no ventre sem poder dar à luz. Ela rezou a Ukko, o mais elevado deus, e este enviou uma cirzeta* para fazer um ninho em seus joelhos. Os ovos da cirzeta caíram dos joelhos e se quebraram; seus fragmentos formaram a terra, o céu, o sol, a lua e as nuvens. E a Mãe-Água, ainda flutuando, começou por sua vez o trabalho de Formadora do Mundo.

(*) *Cirzeta ou cerceia, ave palmípede menor que o pato. (N. do T.)*

"Tendo o nono ano ficado para trás, E estando o décimo verão a passar[3], Acima do mar, sua cabeça ela elevou, E sua testa também foi erguida acima da superfície, E eis que ela começou a Criação, E ela o universo ordenou, Sobre a superfície do mar aberto, Sobre as águas que a vista não alcança.

No local para onde apontavam suas mãos, Ali se formaram os salientes promontórios; No local onde seus pés repousaram, Ali se formaram as grutas dos peixes; Quando ela se moveu por baixo das águas, Ali se formaram as profundezas do oceano; Quando na direção da terra ela se voltou, Ali se estenderam as planas praias; Onde seus pés a terra alcançaram, Formaram-se recantos para a desova dos salmões; Onde sua fronte a terra tocou, levemente, Curvas baías foram formadas. E para bem longe da terra ela flutuou, E no mar aberto fez sua morada, E criou rochas no oceano,

Assim como recifes que os olhos não percebem, Onde as embarcações muitas vezes se arrebentam, E onde chega ao fim a vida dos navegadores."[4]

Mas o bebê permaneceu em seu corpo, desenvolvendo-se até alcançar uma meia-idade sentimental:

"E não nascia Váinámõinen; Não nascia o bardo imortal.

Váinámõinen, idoso e imperturbável, No ventre de sua mãe se manteve Por mais trinta longos verões, E ao longo de trinta invernos, Eternamente, nas águas plácidas, Acima dos espumantes vagalhões.

Eis que ele ponderou e refletiu Sobre sua sobrevivência Num tão obscuro local de descanso, Numa morada tão pequenina, Que não lhe era dado ver o luar,

Nem contemplar a luz do sol.

Eis que ele proferiu as palavras seguintes, Expressando dessa maneira o que lhe ia na mente:

'Ajudai-me Lua, libertai-me Sol, E dai-me um conselho, ó Ursa Maior, Pelo portal que não conheço, Pela passagem jamais utilizada, Do pequeno ninho que me acolhe, De tão exígua morada,

Para a terra conduzi o vagabundo, Para o amplo ar, conduzi-me, Para que eu possa contemplar a lua no céu E o esplendor da luz do sol; Ver as estrelas da Ursa Maior acima de mim, E as estrelas brilhantes no céu'.

Quando a lua não lhe concedeu liberdade, E o sol não o resgatou, De tristeza a existência se tornou plena, E sua vida resumiu-se a pesada carga. E assim ele abriu o portal, Com seus dedos, que somavam quatro, Rapidamente abriu a ossuda passagem, Com os dedos do pé esquerdo, Com os joelhos além da passagem.

De ponta-cabeça na água caindo, As mãos a repelir as ondas, Assim ficou o homem no oceano, E o herói sobre os vagalhões"[5].

Antes de Vãinãmõinen — herói já ao nascer — poder alcançar a praia, coube-lhe ainda a prova de um segundo útero materno, o útero do oceano cósmico elementar. Agora desprotegido, foi ele forçado a submeter-se à iniciação das forças essencialmente inumanas da natureza. No nível das águas e dos ventos, teve ele que experimentar outra vez aquilo que tão bem conhecia.

"No mar, por cinco anos viveu, Cinco anos esperou, esperou também mais um, E esperou por sete anos, por oito anos esperou, Na superfície do oceano, Até chegar a um promontório sem nome, No extremo de um país estéril, sem árvores.

Na terra seus joelhos fincou,

E nos braços se apoiou,

Levantando-se para ver os raios lunares,

Gozar da agradável luz do sol,

Ver a Ursa Maior no firmamento,

E as brilhantes estrelas por todo o céu.

Assim o velho Váinámõinen, Ele, o menestrel para sempre famoso, Nasceu da divina Criadora, De Imatar, sua mãe, nasceu."[6]

2. Matriz do destino

A deusa universal se manifesta diante dos homens sob uma multiplicidade de aspectos; pois são múltiplos os efeitos da criação, bem como complexos e mutuamente contraditórios, quando experimentados do ponto de vista do mundo criado. A mãe da vida é, ao mesmo tempo, mãe da morte; ela se mascara como a horrenda deusa da fome e da enfermidade.

A mitologia astral sumeriano-babilônica identificava os aspectos da fêmea cósmica com as fases do planeta Vênus. Como estrela matutina, era a virgem; como estrela vespertina, a meretriz; e, quando se extinguia, sob o calor do sol, era a bruxa do inferno. Onde quer que se estendesse a influência mesopotâmica, as características atribuídas à deusa eram tocadas pela luz dessa estrela flutuante.

Um mito do sudoeste da África, recolhido junto à tribo Wahungwe Makoni do sul da Rodésia, exibe os aspectos da mãe-Vênus em coordenação com os primeiros estágios do ciclo cosmogônico. Aqui, o homem original é a lua; a estrela matutina, sua primeira esposa; a estrela vespertina, a segunda. Da mesma forma como Váinámõinen emergiu do útero por seus próprios esforços, assim também esse homem-lua emerge das águas abissais. Ele e suas esposas serão os pais das criaturas da terra. A história é contada nos seguintes termos:

"Maori (Deus) fez o primeiro homem e lhe deu o nome de Mwuetsi (lua). Ele colocou esse homem no fundo de um Dsivoa (lago) e lhe deu um chifre *ngona* cheio de óleo de *ngona*[7]. Mwuetsi vivia no Dsivoa.

Mwuetsi disse a Maori: 'Quero ir para a terra'. Disse-lhe

Maori: "Você vai se arrepender'. Mwuetsi disse: 'Mesmo assim quero ir para a terra'. E Maori disse: 'Então vá para a terra'. Mwuetsi saiu do Dsivoa e foi para a terra.

A terra era fria e vazia. Não havia grama, arbustos nem árvores. Não havia animais. Mwuetsi chorou e disse a Maori: 'Como vou viver aqui?' Maori respondeu: 'Eu o avisei. Você iniciou uma jornada no fim da qual morrerá. Todavia, dar-lhe-ei um semelhante'. Maori deu a Mwuetsi uma donzela chamada Massassi, estrela matutina. Maori disse: 'Massassi será sua esposa por dois anos'. Maori deu a Massassi algo para fazer fogo.

À noite, Mwuetsi entrou numa caverna com Massassi. Massassi lhe disse: 'Ajude-me. Faremos uma fogueira. Juntaremos *chimandra* (gravetos) e você pode movimentar o *rusika* (parte móvel do acendedor)'. Massassi juntou gravetos. Mwuetsi movimentou o *rusika.* Quando a fogueira foi acesa, Mwuetsi deitou-se de um lado e Massassi do outro. O fogo ardia entre eles.

Mwuetsi pensou consigo mesmo: 'Por que Maori me deu essa donzela? Que devo fazer com essa donzela, Massassi?'

À noite, Mwuetsi pegou seu chifre *ngona.* Ele untou seu indicador com uma gota de óleo. Mwuetsi disse: *'Ndini chaambuka mhiri ne mhirir* (Vou pular a fogueira)'[8]. Mwuetsi pulou a fogueira. Mwuetsi aproximou-se da donzela, Massassi. Mwuetsi tocou o corpo de Massassi com o ungüento do seu dedo. Depois disso, voltou ao leito e dormiu.

Quando acordou, na manhã seguinte, Mwuetsi olhou para Massassi. Mwuetsi viu que o corpo de Massassi estava intumescido. Quando o dia raiou, Massassi começou a dar à luz. Massassi pariu grama. Massassi pariu arbustos. Massassi pariu árvores. Massassi não parou de parir até que a terra ficasse coberta de grama, arbustos e árvores.

As árvores cresceram. Cresceram até que as copas alcançassem o céu. Quando as copas das árvores alcançaram o céu, começou a chover.

Mwuetsi e Massassi viviam cercados de abundância. Tinham frutos e cereais. Mwuetsi construiu uma casa. Mwuetsi fez uma pá de ferro. Mwuetsi fez covas e plantou. Massassi teceu redes e apanhou peixes, Massassi trouxe madeira e água. Massassi fez comida. Assim Mwuetsi e Massassi viveram por dois anos.

Passados os dois anos, Maori disse a Mwuetsi: 'Chegou a hora'. Maori tirou Massassi da terra e a levou para o Dsivoa. Mwuetsi esbravejou. Ele esbravejou e chorou, dizendo a Maori: 'O que farei sem Massassi? Quem vai pegar água e madeira para mim? Quem vai cozinhar para mim?' Por oito longos dias Mwuetsi se lamentou.

Por oito longos dias Mwuetsi se lamentou. Então, Maori lhe disse: 'Eu avisei que você está caminhando na direção da morte. Mas vou lhe dar outra mulher. Dar-lhe-ei Morongo, a estrela vespertina. Morongo ficará com você por dois anos. Depois, virei buscá-la'. E Maori deu Morongo a Mwuetsi.

Morongo procurou Mwuetsi na cabana. À noite, Mwuetsi quis deitar-se no seu lado da fogueira. Morongo disse: 'Não se deite aí; deite-se ao meu lado'. Mwuetsi deitou-se ao lado de Morongo. Mwuetsi tomou o chifre *ngona* e pôs um pouco do ungüento no indicador. Mas Morongo lhe disse: 'Não faça isso. Eu não sou igual a Massassi. Agora unte seus quadris com o óleo. Unte meus quadris com o óleo'. Mwuetsi fez o que ela dizia. Morongo disse: 'Agora copule comigo'. Mwuetsi copulou com Morongo. Mwuetsi foi dormir.

Quase de manhã, Mwuetsi acordou. Quando olhou para Morongo, viu que seu corpo estava intumescido. Quando o dia clareou, Morongo começou a dar à luz. No primeiro dia, deu à luz galinhas, carneiros e bodes.

Na segunda noite, Mwuetsi dormiu com Morongo outra vez. Na manhã seguinte, ela pariu antílopes e gado.

Na terceira noite, Mwuetsi voltou a dormir com Morongo. Na manhã seguinte, Morongo pariu garotos e, em seguida, garotas. As crianças que nasceram de manhã estavam crescidas

ao cair a noite.

Na quarta noite, Mwuetsi queria dormir com Morongo outra vez. Mas caiu um raio, e Maori disse: 'Deixe estar. Você está caminhando rapidamente para a morte'. Mwuetsi se assustou. O raio foi-se embora. Depois da partida do raio, Morongo disse a Mwuetsi: 'Construa uma porta e use-a para fechar a entrada da cabana. Assim, Maori não poderá ver o que fazemos. E você poderá dormir comigo'. Mwuetsi fez uma porta. Com ela, fechou a entrada da cabana. E dormiu com Morongo. Mwuetsi adormeceu.

Perto do amanhecer, Mwuetsi acordou. Ele viu que o corpo de Morongo estava intumescido. Quando o dia raiou, Morongo começou a parir. Pariu leões, leopardos, cobras e escorpiões. Maori viu e disse a Mwuetsi: 'Eu lhe avisei'.

Na quinta noite, Mwuetsi desejou dormir com Morongo de novo. Mas esta lhe disse: 'Veja, suas filhas estão crescidas. Copule com elas'. Mwuetsi olhou para as filhas. Viu que eram belas e que estavam crescidas. E ele dormiu com elas. Elas geraram filhos. Os filhos que nasceram pela manhã estavam crescidos à noite. E assim Mwuetsi tornou-se o Mambo (rei) de um grande povo.

Mas Morongo dormiu com a cobra. Morongo já não deu à luz. Ela passou a viver com a cobra. Um dia Mwuetsi retornou a Morongo e quis dormir com ela. Morongo disse: 'Nada disso'. Mwuetsi disse: 'Mas eu quero'. Ele se deitou com Morongo. Sob o leito de Morongo, dormia a cobra. A cobra mordeu Mwuetsi, que adoeceu.

Depois que a cobra mordeu Mwuetsi, este adoeceu. No dia seguinte, não choveu. As plantas ficaram secas. Os rios e lagos secaram. Os filhos de Mwuetsi perguntaram: 'Que podemos fazer?' As crianças de Mwuetsi disseram: 'Consultaremos o *hakata* (dado sagrado)'. As crianças consultaram o *hakata.* Disse o *hakata:* 'Mwuetsi, o Mambo, está enfermo e definhando. Devolvam Mwuetsi ao Dsivoa'.

Assim, os filhos de Mwuetsi estrangularam Mwuetsi e o

enterraram. Eles enterraram Morongo juntamente com Mwuetsi. E escolheram outro homem para Mambo. Morongo também havia vivido dois anos na Zimbábue de Mwuetsi."[9]

Está claro que cada um dos estágios da criação representa uma época do desenvolvimento do mundo. O padrão da sucessão de evento fora previamente conhecido, quase como algo já observado; isso é indicado pela advertência do Altíssimo. Mas o Homem-Lua, o Todo-Poderoso Vivo, não terá negada a realização do seu destino. A conversa que ocorreu no fundo do lago é um diálogo entre a eternidade e o tempo, o "Colóquio do Ser Vivente": "Ser ou não ser". O desejo incontrolável termina por ser realizado: o movimento se inicia.

As esposas e filhas do Homem-Lua são as personificações e as precipítadoras do seu destino. Com a evolução de sua vontade criadora do mundo, as virtudes e características da deusa-mãe foram metamorfoseadas. Depois do nascimento a partir do útero elementar, as duas primeiras esposas eram pré-humanas, sobre-humanas. Mas conforme o giro cosmogônico seguiu seu curso e o momento em crescimento passou das formas primordiais para as formas humano-históricas, as senhoras dos nascimentos cósmicos se recolheram e o campo ficou entregue às mulheres dos homens. Dessa forma, o velho senhor demiúrgico tornou-se, no seio de sua comunidade, um anacronismo metafísico. Quando ele se cansou do meramente humano e ansiou mais uma vez pela esposa de sua abundância, o mundo adoeceu, por um momento, sob o empuxo de sua reação, mas em seguida libertou-se e se emancipou. A iniciativa passou para a comunidade de filhos. As figuras parentais, simbólicas e fortemente oníricas, voltaram ao abismo original. Apenas o homem permaneceu na terra abastecida. O ciclo se movimentou.

3. Ventre da redenção

O problema, a partir de agora, é o mundo da vida humana. Orientado pelo julgamento prático dos reis e pela instrução dos sacerdotes dos dados da divina revelação[10], o campo da consciência se contrai de maneira tal, que as grandes linhas da comédia humana se perdem em meio ao emaranhado de propósitos entrecruzados. A perspectiva do homem torna-se limitada, compreendendo apenas as superfícies que refletem luz, as superfícies tangíveis da existência. A visão do profundo é impedida. Perde-se de vista a forma significativa da agonia humana. A sociedade é levada ao erro e ao desastre. O Pequeno Ego usurpou o posto de juiz do Eu.

Trata-se, no mito, de um tema perpétuo e, nas vozes dos profetas, de um clamor familiar. As pessoas anseiam por alguma personalidade que, num mundo de corpos e almas distorcidos, represente outra vez as linhas da imagem encarnada. Estamos familiarizados com o mito pertencente à nossa própria tradição. Esse tema ocorre em toda parte, sob uma variedade de formas. Quando a figura de Herodes (o símbolo extremo do ego desgovernado e insistente) leva a humanidade ao nadir da degradação espiritual, as forças ocultas do ciclo começam a mover-se por si mesmas. Nu mu cidadezinha remota, nasce a donzela que se manterá imaculada dos erros comuns de sua geração: uma miniatura, no meio dos homens, da mulher cósmica que desposou o vento. Seu ventre, vazio como o abismo primordial, chama para si, graças à sua própria disponibilidade, o poder original que fertilizou o vazio.

"Eis que, num certo dia, enquanto Maria se encontrava perto da fonte, a fim de encher seu cântaro, o anjo do Senhor lhe apareceu, e

disse: Bendita sejas, Maria, pois em teu ventre preparaste a morada do Senhor. Contempla, a luz virá do céu e habitará em ti e, por teu intermédio, brilhará sobre todas as coisas'."

Essa mesma história é contada em toda parte; e apresenta, em seus principais contornos, tamanha uniformidade, que os primeiros missionários cristãos foram obrigados a pensar que o próprio demônio devia estar espalhando galhofas sobre seu ensinamento aonde quer que fossem. Frei Pedro Simón relata, em seu *Noticias historiales de Ias conquistas de terra firme en Ias índias Ocidentales* (Cuenca, 1627), que depois de iniciado o trabalho entre os povos de Tunja e de Sogamoso, na Colômbia, América do Sul, "o demônio que habita o local começou a ensinar doutrinas contrárias. E, entre outras coisas, buscou desacreditar o ensinamento do padre a respeito da Encarnação, declarando que o momento de sua ocorrência ainda não havia chegado, mas que, no momento oportuno, o Sol a faria ocorrer, ao tornar-se carne no ventre de uma virgem da vila de Guacheta, levando-a a conceber, graças aos raios do sol, enquanto ela se mantivesse virgem. Essas informações foram proclamadas por toda a região. E foi assim que o chefe da vila citada tinha duas filhas virgens, cada qual desejosa de que o milagre fosse realizado em si, E estas passaram a sair da residência e dos jardins do pai, todas as manhãs, nos albores da madrugada; e, subindo numa das numerosas colinas em torno da vila, na direção do local onde nasce o sol, dispunham-se de tal forma que os primeiros raios do sol pudessem incidir livremente sobre elas. Isso ocorreu por vários dias e foi garantido ao demônio, com a divina permissão (cujos julgamentos se acham além da compreensão), que as coisas se passassem conforme planejara, e de tal forma que uma das filhas foi fecundada, conforme declarou, pelo sol. Nove meses depois, eis que ela deu à luz uma grande e valiosa *hacuata,* que em sua língua é uma esmeralda. A mulher tomou desta esmeralda, envolveu-a em algodão, colocou-a junto aos seios e aí a deixou por alguns dias. Passados esses dias, a esmeralda transformou-se em criatura viva: tudo por ação do demônio. A criança recebeu o nome de Goranchacho e foi criada na casa do chefe, seu avô, até que alcançou vinte e quatro anos de idade". E ele seguiu, numa triunfante procissão, para a capital da

nação, sendo celebrado, em todas as províncias, como o "Filho do Sol".

A mitologia hindu fala da donzela Parvati, filha do rei da montanha, Himalaya, que se refugiou nas altas colinas para praticar austeridades sobremaneira severas. Um tirano-titã, conhecido por Taraka, havia usurpado o domínio do mundo e, de acordo com a profecia, apenas um filho do Altíssimo Deus Xiva poderia derrubá-lo. Xiva, todavia, era o deus padrão da ioga — distante, isolado, voltado para dentro, em atitude de meditação. Era impossível movimentá-lo a fim de levá-lo a gerar um filho.

Parvati estava determinada a modificar a situação do mundo por meio da assunção de uma atitude de meditação semelhante à de Xiva. Distante, sozinha, mergulhada na própria alma, ela também se pôs despida sob o sol abrasador, aumentando cada vez mais o calor ao fazer quatro fogueiras adicionais, uma em cada canto do mundo. O belo corpo viu-se reduzido a uma frágil estrutura óssea, e a pele tornou-se ressecada como couro e muito dura. Os cabelos perderam o brilho e se emaranharam. Os suaves olhos perderam o viço.

Um dia, um jovem Brahmin chegou ao local e perguntou por que alguém dotado de tanta beleza poderia estar se destruindo com tal tortura.

"Meu desejo", replicou ela, "é Xiva, o Objeto Mais Elevado. Xiva é um deus solitário, mergulhado em inabalável concentração. Por isso pratico essas austeridades, pois desejo tirá-lo do seu estado de equilíbrio e levá-lo a se unir a mim."

"Xiva", disse o jovem, "é um deus da destruição. Xiva é o Aniquilador do Mundo. O deleite de Xiva é meditar nos cemitérios, em meio aos restos de cadáveres; ali ele contempla a rota da morte, o que agrada ao seu coração devastador. As guirkndas de Xiva têm serpentes vivas. Xiva é, além disso, pobre, e ninguém sabe nada sobre o seu nascimento."

A virgem disse: "Ele está além da compreensão de alguém como tu. Pobre, sim, mas fonte de riqueza; terrível, sim, mas

fonte de graça; com guirkndas de serpentes ou de jóias, ele pode colocar e tirar o que bem lhe aprouver. Como poderia ter nascido, se é o criador do incriado! Xiva é o meu amor".

Ouvindo isso, o jovem deixou de lado seu disfarce — era o próprio Xiva[13].

4. Histórias folclóricas sobre as virgens-mães

O Buda desceu do céu e penetrou no ventre de sua mãe sob a forma de um elefante cor de leite. A Coatlicue asteca, "Aquela cujo Manto é de pele de Cobra", foi abordada por um deus sob a forma de uma bola de penas. Os capítulos das *Metamorfoses* de Ovídio estão repletos de ninfas perseguidas por deuses sob os mais diversos disfarces. Júpiter como touro, cisne, chuva de ouro. Toda folha acidentalmente ingerida, toda noz ou mesmo um hausto de ar pode ser suficiente para fertilizar um ventre preparado. O poder procriador está em toda parte. E, segundo o capricho ou determinação do destino, pode ser concebido tanto um herói-salvador, como um demônio destruidor do mundo — jamais podemos saber.

As imagens da virgem-mãe são abundantes nos contos populares e mitos. Basta um exemplo: um estranho conto folclórico originário de Tonga, pertencente a um pequeno ciclo de histórias narradas a respeito do "homem bonito", Sinilau. Esse conto apresenta um interesse especial, não em função de seu caráter extremamente absurdo, mas por anunciar de modo claro, sob uma forma burlesca inconsciente, cada um dos motivos principais da vida típica do herói: o nascimento a partir de uma virgem, a busca do pai, a provação, a sintonia com o pai, a assunção da paternidade e a coroação da virgem-mãe e, por fim, o triunfo celeste dos verdadeiros filhos, ao mesmo tempo em que os embusteiros são queimados vivos.

"Era uma vez um homem e sua esposa, que se encontrava grávida. Quando chegou o momento de dar à luz, ela chamou o marido, pedindo-lhe que a levantasse para que pudesse dar à

luz. Mas ela pariu um marisco, e o marido, irado, jogou-a no chão. Ela, contudo, pediu-lhe que apanhasse o marisco e o deixasse na banheira de Sinilau. Eis que Sinilau foi tomar banho e colocou uma casca de coco, com a qual se banhava, na água. O marisco se movimentou, sugou a casca de coco e engravidou.

"Um dia, a mulher, mãe do marisco, percebeu que este vinha rolando em sua direção. Ela perguntou, raivosamente, por que ele havia aparecido, mas ele lhe disse que não era hora de raiva e lhe pediu que conseguisse um lugar onde lhe fosse possível dar à luz. Foi colocada uma cortina num certo lugar e o marisco deu à luz um enorme e saudável garoto. E o marisco voltou à sua banheira, deixando o bebê aos cuidados da mulher, tendo o menino recebido o nome de Fatai-indo-por-baixo-sandália-madeira. O tempo passou e eis que o marisco voltou a engravidar e logo veio rolando para casa para dar à luz. Tudo se repetiu e, mais uma vez, o marisco pariu um saudável garoto, chamado Myrtle-gêmeo-por-acaso-no-fatai. Ele também foi deixado com a mulher e o marido para receber os cuidados necessários.

"Quando os dois garotos ficaram adultos, a mulher ouviu dizer que Sinilau ia dar uma festa e decidiu que seus dois netos estariam presentes. E ela chamou os jovens e lhes pediu que se preparassem, acrescentando que o homem a cuja festa eles iriam era seu pai. Quando eles chegaram ao local da festa, todas as pessoas dirigiram os olhos para eles. Não houve uma mulher que não tivesse mantido seu olhar fixado neles. Enquanto caminhavam, um grupo de mulheres pediu-lhes que se aproximassem, mas os dois jovens recusaram e seguiram seu caminho, até que chegaram ao local em que se bebia o *kava.* Serviram-lhes *kava.*

"Mas Sinilau, irado por eles terem perturbado a festa, ordenou que trouxessem duas tigelas. E pediu que um dos seus homens pegasse um dos garotos e o retalhasse. E a faca de bambu foi afiada para cortá-lo, mas quando sua ponta foi encostada no corpo do garoto, a faca apenas resvalou em sua pele e ele exclamou:

"'A faca é colocada e escorrega, Vocês apenas se sentam e

nos olham, Pensando se somos ou não iguais a vocês'.

"Então, Sinilau perguntou o que o garoto havia dito e foram-lhe repetidos os versos. E ele ordenou que os dois rapazes fossem trazidos à sua presença e lhes perguntou quem era o pai deles. Eles replicaram que o seu pai era ele mesmo. Depois de beijar os filhos recém-encontrados, ele lhes disse que fossem e lhe trouxessem sua mãe. E eles foram à banheira e pegaram o marisco, levando-o à avó. Esta abriu o marisco e dele saiu uma bela mulher, chamada Hina-em-casa-no-rio.

"E eles se puseram a caminho, retornando à casa de Sinilau. Cada um dos jovens vestia uma esteira franjada do tipo conhecido como *taufohua;* mas sua mãe vestia uma das esteiras bem acabadas chamadas *tuoua.* Os dois filhos iam à frente, seguidos por Hina. Quando chegaram à presença de Sinilau, encontraram-no sentado com as esposas. Os jovens se sentaram nas pernas de Sinilau e Hina, ao seu lado. E Sinilau pediu aos de seu povo que preparassem um fogareiro e o aquecessem bem; e eles pegaram suas esposas, bem como os filhos destas, os mataram e comeram; mas Sinilau casou-se com Hina-em-casa-no-rio."[14]

— Parte II.

Notas ao Capítulo II

1. Em sua atual forma, o Kalevala *("A Terra de Heróis") é uma obra de Elias Lónnrot (1802-1884), um médico rural e estudioso de filologia finlandesa. Tendo reunido um considerável corpo de poesia folclórica em torno dos heróis legendários, Váinãmôinen, Ilmarinen, Lemmin- kainen e Kullervo, ele organizou as histórias numa seqüência lógica e lhes uniformizou os versos (1835, 1849). A obra alcança cerca de vinte e três mil versos.*

Uma tradução alemã do Kalevala *de Lónnrot chegou ao conhecimento de Henry Wadsworth Longfellow, que compôs, a partir dela, o plano da obra da* Song of Hiawatha, *escolhendo aí mesmo o metro seguido. A versão aqui apresentada foi retirada da tradução de W. F. Kirby, Everyman's Library, números 259-260.*

2. I, 127-136.

3. Isto é, no décimo verão depois da quebra dos ovos da cirzeta.

4. I, 263-280.

5. I, 287-328.

6. I, 329-344.

7. Esse chifre, bem como o óleo, desempenham um papel conspícuo nos relatos de cunho folclórico do sul da Rodésia. O chifre ngona *é um instrumento de produção de prodígios, dotado do poder de criar fogo e luz, e impregnar os vivos e ressuscitar os mortos.*

8. Essa frase é repetida muitas vezes, num tom melodramático e cerimonioso. [N. dos T.J

9. Leo Frobenius e Douglas C. Fox, African Gênesis, *Nova York, 1937, pp. 215-220. Compare-se com a gravura XVIII.*

Zimbábue significa, aproximadamente, "a corte real". As enormes

ruínas pré-históricas perto de Fort Victoriá são chamadas "a Grande Zimbábue"; outras ruínas de pedra, disseminadas pelo sul da Rodésia, são chamadas "Pequena Zimbábue". [Nota de Frobenius e Fox.]

10. O hakata *dos filhos de Mwuetsi,* supra, *p. 306.*

11. Evangelho do Pseudo-Mateus, capítulo ix.

12. Kingsborough, op. cit., *vol. VIII, pp. 263-264.*

13. Kalidasa, Kumarasambhavam *("O nascimento do Deus da Guerra, Kumara"). Há uma tradução inglesa de R. Griffith, 2." edição, Londres, Trübner and Company, 1897.*

14. E. E. V. Collocot, Tales and poems of Tonga, Bernice P. Bishop Museu Bulletin, *n.° 46, Honolulu, 1928, pp. 32-33*

Capítulo III – Transformações do herói

1. O herói primordial e o herói humano

Passamos, até o momento, por dois estágios: em primeiro lugar, passamos das emanações imediatas do Criador Incriado para as personagens, fluidas e não obstante intem-porais, da idade mitológica; em segundo, passamos desses Criadores Criados para a esfera da história humana. As emanações se condensaram; o campo da consciência sofreu uma constrição. Onde antes eram visíveis corpos causais, ora entram em foco, na pequena pupila teimosa do olho humano, seus efeitos secundários. O ciclo cosmogônico deve prosseguir agora, por conseguinte, não pela ação dos deuses, que se tornaram visíveis, mas pela dos heróis, de caráter mais ou menos humano, por meio dos quais é cumprido o destino do mundo. Chegamos ao ponto no qual os mitos da criação passam a ceder lugar à lenda — tal como no Livro do Gênesis, depois da expulsão do Paraíso. A metafísica é substituída pela pré-história, que é vaga e indistinta a princípio, mas aos poucos exibe precisão de detalhes. Os heróis tornam-se cada vez menos fabulosos, até que, nos estágios finais das várias tradições locais, a lenda se abre à luz comum cotidiana no tempo registrado.

Mwuetsi, o Homem-Lua, viu-se apartado, tal como uma âncora perdida; a comunidade dos seus filhos libertou-se e penetrou no mundo cotidiano da consciência desperta. Mas somos informados de que existiam entre eles filhos diretos do pai ora submarino, os quais, tal como as crianças da sua primeira união, haviam percorrido o tempo que separa a infância da idade adulta num único dia. Esses portadores especiais da força cósmica constituíam uma aristocracia espiritual e social. Preenchidos por uma dupla carga de energia criativa, eles mesmos se configuravam como fontes de revelação. Essas figuras surgem no estágio inicial de todo

passado legendário. São os heróis culturais, fundadores da cidade.

As crônicas chinesas registram que, quando a terra se solidificou e as pessoas se instalaram nas terras ribeirinhas, Fu Hsi, o Imperador Celeste (2933-2838 a.C), governava entre elas. Ele ensinou às suas tribos a pesca com rede, a caça e a criação de animais domésticos, dividiu as pessoas em clãs e instituiu o matrimônio. A partir de uma placa sobrenatural que lhe fora confiada por um monstro em forma de cavalo, cheio de escamas, que habitava as águas do rio Meng, ele deduziu os Oito Diagramas, que permanecem, até os nossos dias, como símbolos fundamentais do pensamento chinês tradicional. Ele nascera de uma concepção miraculosa, depois de uma gestação de doze anos; seu corpo tinha a forma de serpente, braços humanos e cabeça de boi[1].

Shen Nung, seu sucessor, o Imperador Terrestre (2838-2698 a.C), tinha dois metros e sessenta de altura, corpo humano e cabeça de touro. Ele fora concebido miraculosa-mente graças à influência de um dragão. A embaraçada mãe havia exposto sua criança no sopé de uma montanha, mas as bestas selvagens a protegeram e nutriram, e a mãe, ao saber disso, a levou para casa. Shen Nung descobriu, num único dia, setenta plantas venenosas e seus respectivos antídotos: por meio de uma cobertura de vidro, colocada na parte exterior do estômago, ele pôde observar a digestão de todas as ervas. A partir disso, compôs uma farmacopéia que é usada ainda hoje. Ele inventou o arado e um sistema de troca de bens; é adorado pelos camponeses da China como o "príncipe dos cereais". Com a idade de cento e sessenta e oito anos, juntou-se aos imortais[2].

Esses reis serpentes e minotauros falam de um tempo passado no qual o imperador era portador de um poder especial, criador e sustentador do mundo, que é muito maior que o poder presente na psique humana normal. Naquela época foi realizado o pesado trabalho de titãs, o amplo estabelecimento das bases de nossa civilização humana. Mas, com o progresso do ciclo, veio um período no qual o trabalho a ser feito já não era proto-humano ou sobre-humano; tratava-se de um trabalho que cabia especificamente ao homem —

controle das paixões, exploração das artes, elaboração das instituições econômicas e culturais do Estado. Nesse ponto, não se requer a encarnação de Touros-Lua, nem a Sabedoria da Serpente dos Oito Diagramas do Destino. O que se faz necessário, nesse momento, é um espírito humano perfeito, alerta a todas as necessidades e esperanças do coração. Nesse sentido, o ciclo cosmogônico produz um imperador com forma humana, que servirá, por todas as gerações vindouras, como modelo do rei-homem.

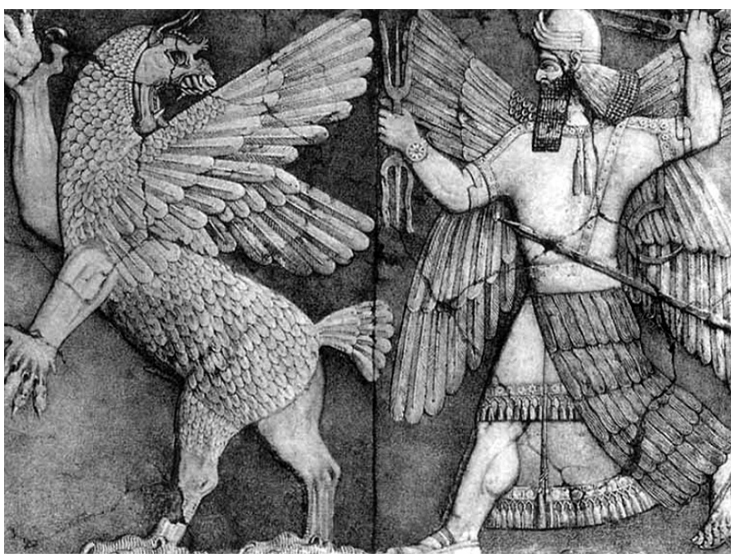
Huang-Ti, o Imperador Amarelo (2697-2597 a.C), foi o terceiro dos Três Augustos. Sua mãe, concubina do príncipe da província de Chao-tien, o concebeu depois de ter contemplado, certa noite, uma tremeluzente luz dourada que se achava em torno da constelação da Ursa Maior. A criança falou aos setenta dias de vida e, aos onze anos, sucedeu o rei. Seu dom distintivo era o poder de sonhar: dormindo, era capaz de visitar as mais remotas regiões, e privar com imortais do reino sobrenatural. Pouco depois de sua elevação ao trono, Huang-Ti entrou num estado onírico no qual ficou por três meses, tempo no decorrer do qual aprendeu a controlar o coração. Depois de um segundo sonho de duração comparável, voltou dotado do poder de ensinar às pessoas. Ele as instruiu a controlarem as forças da natureza em seu próprio coração.

Esse homem prodigioso governou a China por cem anos e, durante o seu reinado, as pessoas gozaram de uma verdadeira idade do ouro. Ele reuniu seis grandes ministros em torno de si, com a ajuda dos quais compôs um calendário, criou os cálculos matemáticos e ensinou a feitura de utensílios de madeira, cerâmica e metal, a construção de barcos e carruagens, o uso do dinheiro e a construção de instrumentos musicais de bambu. Ele designou locais públicos para o culto a Deus. Instituiu as obrigações e leis da propriedade privada. A rainha descobriu a arte de tecer a seda. Ele plantou cem variedades de grãos, vegetais e árvores; favoreceu o desenvolvimento de aves, quadrúpedes, répteis e insetos; ensinou o uso da água, do fogo, da madeira e da terra; e fez um quadro dos movimentos das marés. Antes de sua morte, ao cento e onze anos, a fênix e o unicórnio apareceram nos jardins do império, para comprovar a

perfeição do seu reino[3].

2. A infância do herói humano

O primeiro herói da cultura, de corpo de cobra e cabeça de touro, trouxe consigo, ao nascer, o poder criativo espontâneo do mundo natural. Eis o significado de sua forma. O herói humano, por outro lado, deve "descer" para restabelecer a conexão com o infra-humano. Aí reside, como vimos, o sentido da aventura do herói.



Gravura XXI — O monstro Caos e o deus-sol (Assíria)

Gravura XXII — O jovem deus do trigo (Honduras)

Mas aqueles que fazem as lendas raramente se contentam em considerar os grandes heróis do mundo como meros seres

humanos que romperam os horizontes que limitavam seus semelhantes, e retornaram com bênçãos que homens com igual fé e coragem poderiam ter encontrado. Pelo contrário, sempre houve uma tendência no sentido de dotar o herói de poderes extraordinários desde o momento em que nasceu ou mesmo desde o momento em que foi concebido. Toda a vida do herói é apresentada como uma grandiosa sucessão de prodígios, da qual a grande aventura central é o ponto culminante.

Isso está de acordo com a concepção segundo a qual a condição de herói é algo a que se está predestinado, e não algo simplesmente alcançado, envolvendo o problema concernente à relação entre biografia e caráter. Jesus, por exemplo, pode ser considerado um homem que, pela prática de austeridades e da meditação, alcançou a sabedoria; ou, por outro lado, podemos acreditar que um deus desceu, e atribuiu a si mesmo a representação de uma carreira humana. A primeira forma de vê-lo poderia levar alguém a imitar literalmente o Mestre, com o fito de alcançar, da mesma maneira como ele alcançou, a experiência transcendente redentora. Mas a segunda afirma que o herói é antes um símbolo destinado à contemplação do que um exemplo a ser literalmente seguido. O ser divino configura-se como revelação do Eu onipotente, que habita em todos nós. Assim sendo, a contemplação da vida deve ser empreendida como uma meditação a respeito do nosso próprio caráter divino, e não como um prelúdio à imitação precisa; a lição não é "Faça isso e seja bom", mas "Conheça isso e seja Deus"[4].

Na Parte I, "A aventura do herói", consideramos a façanha redentora a partir do primeiro ponto de vista, que pode ser considerado o ponto de vista psicológico. Agora, devemos descrevê-la a partir do segundo, no qual essa aventura transforma-se em símbolo do mesmo mistério metafísico cuja redescoberta e revelação constituíram a própria façanha do herói. Neste capítulo, portanto, consideraremos, em primeiro lugar, a infância miraculosa, por meio da qual é demonstrado o fato de uma manifestação especial do princípio divino imanente ter-se tornado carne no mundo e, em seguida, em sucessão, os vários papéis por meio dos quais o herói pode representar, em sua vida, o trabalho de realização do destino. Esses papéis

variam em termos de magnitude, de acordo com as necessidades da época.

Expressa nos termos já apresentados, a primeira tarefa do herói consiste em passar pela experiência consciente dos estágios antecedentes do ciclo cosmogônico, em percorrer, retroativamente, as épocas de emanação. Sua segunda tarefa é, então, retornar do abismo para o plano da vida contemporânea, para servir na qualidade de transformador humano dotado de potenciais demiúrgicos. Huang-Ti possuía o poder de sonhar: essa era sua rota de descida e retorno. Vainámõi-nen, graças ao segundo nascimento ou nascimento na água, foi lançado outra vez numa experiência do elementar. No conto tonga da esposa-marisco, a retirada começou com o nascimento da mãe; os irmãos heróis surgem de um ventre infra-humano.

As façanhas do herói, na segunda parte do seu ciclo pessoal, serão proporcionais à profundidade que alcançou na primeira. Os filhos do marisco vieram do nível animal; sua beleza física era superlativa. Vainámõinen renasceu das águas e ventos elementares; seu dom consistia em incitar ou subjugar, com canções de bardo, os elementos da natureza e do corpo humano. Huang-Ti habitou no reino do espírito; ele ensinou a harmonia do coração. O Buda conseguiu ultrapassar até mesmo a zona dos deuses criativos e voltou do vazio; ele anunciou a salvação [dos seres] do giro cosmogônico.

Se as façanhas de uma figura histórica real proclamam-no herói, os construtores de sua lenda inventarão para ela aventuras apropriadas nas profundezas. Estas serão apresentadas como jornadas a reinos miraculosos e deverão ser interpretadas como símbolos, de um lado, de descidas no mar de escuridão da psique e, de outro, de domínios ou aspectos do destino do homem que se tornaram manifestos na vida dessas figuras.

O rei Sargão de Acad (c. 2550 a.C.) nasceu de uma mulher de classe inferior. Seu pai era desconhecido. Colocado à deriva numa cesta de junco nas águas do Eufrates, foi encontrado por Akki, o agricultor, a quem passou a servir de jardineiro, depois de crescido. A deusa Istar favoreceu o jovem. E assim ele

terminou por tornar-se rei e imperador, obtendo a reputação de deus vivo.

Chandragupta (século IV a.C), fundador da dinastia hindu Maurya, foi abandonado num pote de barro na entrada de um estábulo. Um pastor o descobriu e resolveu criá-lo. Certo dia, divertindo-se com seus companheiros com um jogo de Sua Majestade o Rei na Cadeira do Julgamento, o pequeno Chandragupta ordenou que o pior dos ofensores tivesse as mãos e pés cortados; então, a uma palavra sua, os membros amputados imediatamente retornaram ao lugar. Um príncipe que passava, vendo o miraculoso jogo, comprou a criança por mil *harshapanas* e em casa descobriu, observando indícios físicos, que ele era um Maurya.

O papa Gregório, o Grande (540P-604 d.C), foi gerado por gêmeos nobres que, por instigação do demônio, cometeram incesto. Sua mãe penitente pô-lo no mar, num pequeno esquife. Ele foi encontrado e criado por pescadores e, aos seis anos, foi enviado a um mosteiro para receber educação eclesiástica. Mas ele desejava seguir a vida de guerreiro. Tendo tomado um barco, foi levado miraculosamente ao país de seus pais, onde obteve a mão da rainha — que descobriu ser sua mãe. Após a descoberta desse segundo incesto, Gregório permaneceu em penitência durante dezessete anos, preso por correntes a uma rocha em pleno oceano. As chaves das cadeias foram atiradas nas águas. Contudo, foram descobertas, passado esse período, na barriga de um peixe, evento que foi encarado como sinal da Providência: o penitente foi conduzido a Roma, e, no momento adequado, escolhido papa[5].

Carlos Magno (742-814) foi perseguido, quando criança, pelos irmãos mais velhos, tendo de fugir para a Espanha sarracena. Ali, sob o nome de Mainet, prestou notáveis serviços ao rei. Converteu a filha do rei à fé cristã e combinou com ela, secretamente, que se casariam. Tendo realizado outras façanhas, o jovem real retornou à França, onde derrubou seus antigos perseguidores e assumiu, em triunfo, o trono. Reinou por cem anos, cercado por um círculo de doze pares. Segundo contam todos os relatos, sua barba e seus cabelos eram muito longos e brancos[6]. Um dia, sentado sob a árvore do julgamento,

fez justiça a uma serpente, e o réptil, para mostrar-lhe sua gratidão, pôs-lhe um encanto que o levou a se envolver num caso amoroso com uma mulher que já havia morrido. Esse amuleto caiu num poço em Aix, razão por que Aix tornou-se a residência favorita do imperador. Depois de travar longas guerras contra os sarracenos, saxões, eslavos e escandinavos, o imperador intemporal morreu; mas ele apenas dorme, pronto a levantar-se quando seu país dele necessita. No final da Idade Média, levantou-se uma vez do reino dos mortos para participar de uma cruzada[7].

Cada uma dessas biografias exibe o tema, racionalizado sob várias formas, do exílio na infância e do retorno. Trata-se de uma característica proeminente de toda lenda, conto folclórico e mito. Normalmente, é feito um esforço para dar-lhe alguma aparência de plausibilidade física. Todavia, quando o herói em questão é um grande patriarca, mago, profeta ou encarnação, permite-se o desenvolvimento de prodígios além de todos os limites.

A popular lenda hebraica do nascimento do patriarca Abraão oferece o exemplo de um exílio infantil francamente sobrenatural. O advento do seu nascimento foi lido por Nimrod nas estrelas, "pois esse ímpio rei era um habilidoso astrólogo e a ele se manifestou que um homem nasceria em sua época, levantar-se-ia contra ele e demonstraria, de maneira triunfal, a inverdade de sua religião. Tomado de pavor pelo destino que as estrelas tinham previsto, ele convocou seus príncipes e governantes e lhes pediu que o aconselhassem a esse respeito. Eles responderam, dizendo: 'Nosso conselho unânime é que deveis construir uma grande casa, colocar um guarda em sua entrada e anunciar, em todo o reino, que todas as mulheres grávidas deverão ir para essa casa, junto com suas parteiras, devendo ficar ali com as mulheres até o parto. Quando se completarem os dias de uma mulher dar à luz e a criança nascer, a parreira deverá matá-la, caso seja um garoto. Mas se a criança for uma garota, ela deverá ficar viva, e a mãe receberá presentes e custosas vestes, e um arauto deverá proclamar: "Eis o que merece a mulher que gerar uma filha!"'.

"O rei gostou do conselho e fez proclamar em todo o reino

uma convocação de todos os arquitetos, que deveriam construir para ele uma grande casa, com sessenta varas de altura e oito de largura. Construída a casa, o rei fez uma segunda proclamação, convocando todas as mulheres grávidas a se dirigirem ao local, onde deveriam ficar até o parto. Foram indicados servidores para conduzir as mulheres para a casa e foram colocados guardas, em seu interior e ao redor dela, com ordens de evitar que as mulheres escapassem. Além disso, o rei enviou parteiras para a casa, com ordens de matar os filhos homens no seio das mães. Mas, caso uma mulher desse à luz uma garota, que lhe dessem bisso [linho], seda e vestes bordadas, e a levassem para fora da casa de detenção, em meio a grandes homenagens. Assim, foram assassinadas não menos de setenta mil crianças. Então os anjos foram à presença de Deus e disseram: 'Não observais o que ele faz, o pecador e blasfemo, Nimrod, filho de Canaã, que assassina tantos bebês inocentes que nenhum mal fizeram?' Deus respondeu, dizendo: 'Benditos anjos, sei e vejo, pois não estou sonolento nem durmo. Contemplo e conheço as coisas secretas e as coisas reveladas e testemunhareis o que farei a esse pecador e blasfemo, pois eis que voltarei Minha mão contra ele para castigá-lo'.

"Mais ou menos nessa época, Terah desposou a mãe de Abraão, e esta ficou grávida... Quando seu tempo se aproximou, ela deixou a cidade, tomada pelo terror, e dirigiu-se ao deserto, caminhando à beira de um vale, até chegar a uma gruta. Ela penetrou nesse refúgio e, no dia seguinte, foi tomada pelas dores do parto e deu à luz um garoto. Toda a gruta foi preenchida pela luz que emanava do semblante do menino, semelhante ao esplendoroso brilho do sol, e a mãe se rejubilou de forma inexcedível. O bebê que dela nascera era nosso pai Abraão.

"Sua mãe se lamentou, dizendo ao filho: 'Ai de mim, que te dei à luz na época em que Nimrod é rei. Por tua causa, setenta mil garotos foram mortos, e estou muito temerosa por ti, com medo de que ele venha a saber de tua existência e te assassine. É melhor que pereças aqui nesta gruta antes que meus olhos te contemplem morto no meu seio'. Ela tomou da veste que envergava e com ela envolveu o garoto. E o abandonou na

gruta, dizendo: 'O Senhor esteja contigo, e não te falte nem abandone'.

"E assim Abraão foi abandonado na gruta, sem ama, e começou a chorar. Deus enviou Gabriel para lhe dar leite, e o anjo fez jorrar o líquido do dedo mínimo da mão direita da criança, e esta o sugou até completar dez anos de idade. E ela levantou-se e caminhou no interior da gruta; deixando-a, caminhou pela margem do vale. Quando o sol caiu e as estrelas surgiram, o menino disse: 'Eis os deuses!' Mas veio a alvorada e as estrelas já não eram visíveis, e ele disse: 'Não lhes prestarei tributo, pois não são os deuses'. E *o sol* se levantou e ele disse: 'Esse é meu deus, a ele louvarei'. Mas o sol se pôs e ele disse: 'Ele não é um deus'. Contemplando a lua, disse ser ela seu deus, a quem ele prestaria divinas homenagens. Mas a lua foi obscurecida e ele exclamou: 'Ela também não é deus! Há Alguém que os põe a todos em movimento'."[8]

Os pés-negros de Montana falam de um jovem matador de monstros, Kut-o-yis, que foi descoberto por seus pais de criação quando o velho casal colocou um pouco de sangue de búfalo para ferver numa gamela. "Imediatamente, veio da gamela o ruído de choro de criança, como se estivesse sendo ferida, queimada ou escaldada. O casal olhou para o recipiente e viu nele um garotinho, que logo retiraram da água. Ficaram muito surpresos... Eis que, no quarto dia, a criança falou, dizendo: 'Prendam-me sucessivamente a essas estacas de tenda e, quando eu tiver sido preso à última delas e tiver desfeito o laço, terei ficado adulto'. A velha mulher fez o que ele pedia e, a cada vez que o amarrava a uma estaca, podia vê-lo crescer, e quando eles o prenderam à última estaca, ele se tornou homem."[9]

Os contos folclóricos costumam apoiar ou suplantar esse tema do exílio com o tema do desprezado ou deficiente: o filho ou filha mais novos discriminados, o(a) órfão(ã), o enteado, o patinho feio ou a criança de grau inferior.

Uma jovem Pueblo, que auxiliava a mãe a amassar argila para fazer objetos de cerâmica, sentiu, ao pisar a argila, um salpico de lama em sua perna, mas não lhe deu atenção. "Dias depois, a garota sentiu que algo se movia em seu ventre, mas de

forma alguma pensou que iria ter um bebê. Ela nada disse à mãe. Mas a coisa foi crescendo cada vez mais. Certa manhã, a garota ficou muito doente. À tarde, deu à luz. E sua mãe descobriu (pela primeira vez) que sua filha ia ter um bebê. A mãe ficou irritadíssima com isso; mas, depois de vê-lo, notou que este não era como um bebê, mas algo arredondado, com duas coisas que se projetavam para fora — era um pequeno jarro. 'Onde você conseguiu isso?', disse a mãe. A garota apenas chorava. Nessa hora, seu pai chegou. 'Não se incomode, fico muito feliz por ela ter tido um bebê', disse ele. 'Mas não é um bebê', disse-lhe a mãe. E o pai foi olhar e viu que era um pequeno jarro de água. Ele gostou muito do pequeno jarro. 'Ele se move', disse ele. E o jarro crescia rapidamente. Vinte dias depois, estava bem grande. Ele ficava na companhia das crianças e falava. 'Avô, leve-me para fora, para que eu possa ver o mundo', dizia ele. Assim, toda manhã o avô o levava para fora, e ele olhava as crianças, que gostaram muito dele e descobriram que ele era um garoto, o garoto Jarro de Água. Elas o descobriram pelo que ele dizia."[10]

Em suma: a criança do destino tem de enfrentar um longo período de obscuridade. Trata-se de uma época de perigo, de impedimento ou desgraça extremos. Ela é jogada para dentro, em suas próprias profundezas, ou para fora, no desconhecido; de ambas as formas, ela toca as trevas inexploradas. E essa é uma zona de presenças insuspeitadas, benignas e malignas: aparecem um anjo, um animal solícito, um pescador, um caçador, uma anciã ou um camponês. Criado na escola animal ou, como Siegfried, debaixo da terra, entre os gnomos que nutrem as raízes da árvore da vida, bem com sozinho em algum pequeno cômodo (essa história já foi contada de mil formas), o jovem aprendiz do mundo aprende a lição das forças-semente, que residem precisamente além da esfera do mensurável e do nomeado.

Os mitos concordam com o fato de ser necessária uma capacidade extraordinária para enfrentar e sobreviver a essa experiência. São abundantes as anedotas sobre infâncias marcadas pela força, pela inteligência e pela sabedoria precoces. Héracles estrangulou uma serpente que fora enviada

ao seu berço pela deusa Hera. Maui da Polinésia laçou e retardou o sol — para dar à sua mãe o tempo necessário ao cozimento dos alimentos. Abraão, como vimos, alcançou o conhecimento do Único Deus. Jesus confundiu os sábios. O bebê Buda havia sido deixado, certo dia, sob a sombra de uma árvore; suas amas perceberam que a sombra não se moveu por toda a tarde e que a criança sentava-se de modo fixo, num transe iogue.

As façanhas do amado salvador hindu, Krishna, realizadas no decorrer do seu exílio entre os criadores de Gokula e Brindaban, constituem um vivido ciclo. Um certo gnomo, chamado Putana, surgiu, sob a forma de uma bela mulher, mas trazendo veneno nos seios. Ela penetrou na casa de Yasoda, mãe de criação do bebê, e se fez amiga deste, tomando-o no colo para fazê-lo mamar. Mas Krishna sugou com tal energia, que lhe tirou a vida; a mulher caiu morta, reassumindo sua espantosa e horrenda forma. Quando o cadáver do infame foi cremado, contudo, exalou uma doce fragrância, pois o divino infante havia concedido a salvação à demoníaca criatura ao beber-lhe o leite.

Krishna foi um garotinho travesso. Ele gostava de fazer sumir os potes de leite coalhado, quando as moças que cuidavam do leite adormeciam. Sempre procurava alcançar as coisas que estavam fora do alcance, nas prateleiras mais altas, pra comê-las ou derramá-las. As garotas o chamavam Ladrão de Manteiga e se queixavam a Yasoda; mas ele sempre conseguia inventar alguma história. Uma tarde, quando brincava no quintal, sua mãe de criação foi informada de que ele estava comendo argila. Ela chegou lá num átimo, mas ele havia lavado os lábios e negou que soubesse alguma coisa a esse respeito. Ela lhe abriu a boca para olhar, mas quando o fez contemplou todo o universo, os Três Mundos. Ela pensou: "Como sou tola por imaginar que o meu filho pode ser o Senhor dos Três Mundos". Então, tudo lhe foi ocultado outra vez e ela esqueceu imediatamente esse momento. Ela acariciou o menino e o levou para casa.

Os criadores de animais costumavam cultuar o deus Indra, a contraparte hindu de Zeus, rei do céu e senhor da chuva. Um

dia, depois que eles tinham feito suas oferendas, Krishna, já rapaz, disse: "Indra não é divindade suprema, embora seja rei do céu; ele teme os titãs. Além disso, a chuva e a prosperidade que pedis dependem do sol, que drena as águas e as deixa cair outra vez. Que pode Indra fazer? Tudo o que acontece é determinado pelas leis da natureza e do espírito". E ele chamou a atenção das pessoas para as florestas, cursos de água e colinas próximos, especialmente para o monte Govardhan, dizendo que eles mereciam mais sua adoração que o remoto mestre do ar. E elas ofereceram flores, frutos e guloseimas à montanha.

O próprio Krishna assumiu uma segunda forma: tomou a forma de um deus da montanha e recebeu as oferendas das pessoas, ao mesmo tempo em que mantinha entre elas sua forma original, cultuando o deus da montanha. O deus recebeu as oferendas e as comeu.

Indra se enfureceu e ordenou ao rei das nuvens que fizesse chover sobre as pessoas até que tudo ficasse arrasado. Um grupo de nuvens tempestuosas caiu sobre o local e começou a provocar um dilúvio; parecia que o fim do mundo tinha chegado. Mas Krishna encheu o monte Govardhan com sua energia inexaurível, elevou-o com o dedo mínimo e disse às pessoas que se refugiassem sob ele. A chuva chocou-se com a montanha, foi aquecida e evaporou. A torrente caiu por sete dias, mas nem uma gota tocou a comunidade de vaqueiros.

Então o deus percebeu que o seu oponente devia ser uma encarnação do Ser Primai. Quando Krishna, no dia seguinte, saiu para pastorear as vacas, extraindo música de sua flauta, o Rei do Céu desceu, com o seu grande elefante branco, Airavata, inclinou-se diante dos pés do sorridente rapaz e demonstrou-lhe sua submissão[12].

A conclusão do ciclo da infância é o retorno ou reconhecimento do herói; é o momento em que este, depois do longo período de obscuridade, tem revelado seu verdadeiro caráter. Esse evento pode precipitar uma considerável crise, pois equivale à emergência de forças até então excluídas da vida humana. Os padrões anteriores tornam-se fragmentos ou se dissolvem; o desastre se nos apresenta aos olhos. Não obstante,

passado um momento de aparente massacre, o valor criativo do novo fator se manifesta e ó mundo entra em forma outra vez, numa insuspeitada glória. Esse tema da crucificação-ressurreição pode ser ilustrado quer pelo corpo do próprio herói ou pelos seus efeitos sobre seu mundo. A primeira alternativa é a que encontramos na história do jarro de água dos Pueblos.

"Os homens iam caçar coelhos e o garoto Jarro de Água queria acompanhá-los. 'Avô, você me poderia colocar no sopé do planalto escarpado? Quero caçar coelhos.' 'Pobre neto, você não pode caçar coelhos; você não tem pernas nem braços.' 'Leve-me assim mesmo. És muito velho e nada podes fazer.' Sua mãe chorava porque o filho não tinha pernas, braços ou olhos. Mas eles costumavam alimentá-lo, pondo-lhe alimentos na boca do jarro. Assim, na manhã seguinte, o avô o levou à parte sul da planície, e ele rolou por ali, ao avistar rapidamente uma trilha de coelhos, que seguiu. Logo o coelho saiu da toca e ele passou a persegui-lo. Justamente no local em que começou a caçada, havia uma pedra, na qual ele se bateu e quebrou, dele saindo um garoto. Estava muito contente por ter a pele partida e por saber que era uma garoto, um garotão. Usava colares de contas em torno do pescoço e brincos de turquesa, assim como um manto de dança, mocassins e uma blusa de pele." Tendo caçado vários coelhos, ele retornou e os presenteou ao avô, que o levou triunfalmente para casa[I3].

As energias cósmicas que ardem no interior do enérgico guerreiro irlandês Cuchulainn — principal herói do Ciclo de Ulster medieval, o chamado "Ciclo dos Cavaleiros do Ramo Vermelho"[14] — explodiam subitamente, como uma erupção, que tanto o assoberbava como esmagava tudo ao seu redor. Quando tinha quatro anos — diz a história — ele resolveu testar o "batalhão de garotos" de seu tio, o rei Conchobar, nos próprios esportes que praticavam. Levando seu bastão de arremesso, ele seguiu para a corte, na cidade de Emania, e, sem obter permissão, juntou-se aos garotos — "três vezes cinqüenta em número, que praticavam arremessos no campo verde e faziam exercícios marciais, tendo o filho de Conchobar, Follamain, na chefia". Todos os presentes ao campo se lançaram sobre ele, que usou os punhos, os antebraços, as palmas das mãos e o pequeno

escudo e aparou todos os bastões, bolas e lanças que lhe foram lançados, simultaneamente, de todas as direções. Então, pela primeira vez em sua vida, ele foi tomado pelo frenesi da batalha (uma bizarra transformação característica que mais tarde seria conhecida como seu "paroxismo" ou "distorção") e, antes que alguém tivesse a mais remota idéia do que se seguiria, ele tinha derrubado cinqüenta dos melhores. Cinco outros membros do batalhão foram correndo falar com o rei, que estava jogando xadrez com Fergus, o Eloqüente. Conchobar levantou-se e interferiu na confusão. Mas Cuchulainn não baixou a mão até que todos os jovens tivessem sido colocados sob a proteção e garantia do rei[15].

O primeiro dia após o recebimento das armas foi a ocasião em que Cuchulainn manifestou-se totalmente. Em seu desempenho não havia o sereno controle nem aquela ironia galhofeira das façanhas do Krishna hindu. Em vez disso, a abundância do poder de Cuchulainn mostrava-se a ele mesmo, assim como a todos, pela primeira vez. Ela irrompeu das profundezas do seu ser e era preciso lidar com ela, pronta e rapidamente.

O evento ocorreu outra vez na corte do rei Conchobar, no dia em que Cathbad, o Druida, declarou em profecia que qualquer aspirante que recebesse armas e armadura naquele dia "veria seu nome transcender o de todos os jovens da Irlanda: sua vida, contudo, seria bastante curta". Cuchulainn logo pediu equipamentos de luta. Dezessete conjuntos de armas que lhe foram dadas ele destruiu com sua força, até que Conchobar lhe deu seus próprios apetrechos. Em seguida, ele reduziu as carruagens a fragmentos. Apenas a carruagem do rei era forte o bastante para suportar seu teste.

Cuchulainn ordenou ao condutor da carruagem do rei que o levasse para além do "Vau de Vigia"; quando chegaram a uma fortaleza remota, o Baluarte dos Filhos de Nechtan, ele degolou seus defensores. Colocou as cabeças nas partes laterais da carruagem. Na estrada por onde voltou, ele pulou no solo e "pela infatigável corrida e graças à velocidade" capturou dois veados do maior tamanho. Com duas pedras, derrubou em pleno vôo duas dúzias de cisnes. E, com correias e outros

materiais, amarrou tudo, as bestas e os pássaros, à carruagem.

Levarchan, a Profetisa, contemplou alarmada o cortejo, quando este se aproximava da cidade e do castelo de Emania. "A carruagem está decorada com as cabeças sangrentas dos seus inimigos", declarou ela, "belos pássaros brancos traz ele na carruagem como companhia e veados selvagens inteiros, inermes e atados à carruagem." "Conheço esse lutador da carruagem", disse o rei, "é o pequeno garoto, filho de minha irmã, que neste dia começou suas marchas. Ele certamente manchou a mão de sangue; se sua fúria não for aplacada de imediato, todos os jovens de Emania perecerão em suas mãos." Com bastante rapidez, era preciso conceber uma forma de fazer arrefecer o seu ânimo, o que se conseguiu. Cento e cinqüenta mulheres do castelo, tendo à frente Scandlach, sua líder, "despiram-se completamente e, sem qualquer subterfúgio, marcharam ao seu encontro". O jovem guerreiro, talvez embaraçado ou estupefato diante de toda aquela exibição de feminilidade, desviou os olhos, momento em que foi dominado pelos homens e atirado num barril de água fria. As tábuas e arcos do barril se partiram. Um segundo barril ferveu. O terceiro apenas ficou bem quente. E assim Cuchulainn foi subjugado, e a cidade, salva[16].

"Tratava-se igualmente de um belo rapaz: Cuchulainn tinha sete dedos em cada pé; e, em cada mão, o mesmo número de dedos; seus olhos eram brilhantes, com sete pupilas cada um, que resplandeciam como sete pedras preciosas. Em cada face, tinha quatro verrugas: uma azul, uma carmesim, uma verde e uma amarela. Entre as orelhas tinha cinqüenta longos cachos trançados, de cor amarelo-clara, semelhantes à cera amarela das abelhas, ou como uma pepita de ouro amarelo, brilhando sob o sol forte. Trazia em seu peito uma manta verde, com fivelas de prata, assim como uma malha de fios de ouro."[17] Mas quando foi tirado do seu paroxismo ou distorção, "tornou-se um ser feio, disforme, fora do comum e até então desconhecido". Em todo o seu corpo, do topo da cabeça à sola dos pés, sua carne e todos os membros, juntas, extremidades e articulações passaram a tremer. Os pés, pernas e joelhos se viraram e ficaram às suas costas. Os tendões da testa passaram para a parte posterior do

pescoço, onde formaram calombos maiores que a cabeça de um garotinho de um mês de idade. "Um dos olhos penetrou-lhe tão profundamente na cabeça que é de duvidar que uma garça selvagem o tivesse alcançado, no occipício para onde foi, de forma a trazê-lo de volta à superfície do rosto; o outro olho sofreu o contrário, tornando-se subitamente protuberante, e se manteve, por si mesmo, no rosto. Sua boca ficou horrorosamente retorcida, alcançando as orelhas... faíscas flamejantes eram expelidas dela. As altas batidas do coração que dentro dele pulsava eram como o uivo do mastim cumprindo sua função ou de um leão prestes a atacar ursos. Entre as etéreas nuvens que se formaram sobre sua cabeça, eram visíveis os virulentos jatos e faíscas de rubro fogo que o aplacar de sua ira incontrolável havia criado em torno dele. Seus cabelos tornaram-se emaranhados sobre sua cabeça... como se uma macieira em plena floração tivesse sido sacudida, mas suas maçãs, em lugar de caírem, ficassem presas, uma em cada fio, aos cabelos eriçados de quem sacudiu a macieira, tomado de raiva. Seu "paroxismo de herói" projetou-se para fora da testa e mostrou-se mais longo, assim como mais afiado que a pedra de amolar de um excelente homem de armas. [E, por fim:] mais alto, mais afiado, mais rígido e longo que o mastro do grande navio era o jato perpendicular de sangue pardo que, a partir do ponto central de sua cabeça, jorrou para fora e se espalhou pelos quatro pontos cardeais; com isso, formou-se uma escura névoa mágica semelhante à cortina cor de fumaça que protege os aposentos reais quando um rei, ao cair de uma noite de inverno, dela se aproxima."[15]

3. O herói como guerreiro

O local de nascimento do herói, ou a terra remota de exílio de onde ele retorna para realizar suas tarefas de adulto entre os homens, é o ponto central ou centro do mundo. Da mesma forma como vêm ondulações de uma fonte subterrânea, assim também as formas do universo se expandem em círculos a partir dessa fonte.

"Acima das amplas e imóveis profundezas, abaixo das nove esferas e dos sete níveis do céu, no ponto central, o Centro do Mundo, o lugar mais calmo da terra, onde a luz não míngua e o sol não se põe, onde reina o eterno verão e o galo canta sem parar, ali o Jovem Branco alcançou a consciência." Assim começa um mito heróico dos Yakuti da Sibéria. O Jovem Branco pusera-se a caminho para descobrir onde estava e qual o aspecto do local onde vivia. A leste do lugar onde ele se encontrava, estendia-se um amplo e deserto campo, no meio do qual se elevava uma impressionante colina, havendo, no cume da colina, uma árvore gigantesca. A resina dessa árvore era transparente e de doce odor, sua casca jamais secava ou se quebrava, a seiva era reluzente como prata, as exuberantes folhas jamais perdiam o viço, e os amentos se assemelhavam a um aglomerado de xícaras invertidas. A copa dessa árvore se elevava até os sete pisos do céu e servia de posto de parada ao Deus Altíssimo, Yryn-ai-tojon, enquanto suas raízes alcançavam os abismos subterrâneos, onde formavam os pilares das moradas das criaturas míticas, pertencentes àquela zona. A árvore, por intermédio de sua folhagem, mantinha conversações com os seres celestes.

Quando o Jovem Branco voltou a face para o sul, percebeu,

em meio à verde planície gramada, o calmo Lago de Leite que nenhum vento jamais encrespa; e, em torno das margens do lago, pântanos de coalhada. Ao norte, havia uma sombria floresta com árvores que farfalhavam dia e noite; ali se movia todo tipo de animal. Altas montanhas se elevavam além dela e pareciam estar envergando bonés de pele de coelho branco; elas se apoiavam no céu, protegendo esse local intermediário do vento norte. Uma moita de arbustos estendia-se para o oeste, havendo além dela uma floresta de altos abetos; por trás da floresta, surgiam alguns escarpados picos solitários.

Essa era, portanto, a aparência do mundo em que o Jovem Branco contemplava a luz do dia. Todavia, cansado de ficar sozinho, ele dirigiu palavras à gigantesca árvore da vida. "Honorável e Excelsa Senhora, Mãe da minha Árvore e da minha Morada", orou ele; "tudo o que existe forma pares e propaga descendentes, mas eu sou só. Eis que desejo viajar e buscar uma esposa da minha própria espécie, desejo medir forças com minha própria espécie, quero conhecer homens — viver de acordo com os modos dos homens. Não me negueis essa graça, imploro humildemente. Curvo a cabeça e dobro os joelhos."

As folhas da árvore puseram-se a murmurar e uma fina chuva, branca como o leite, caiu delas sobre o Jovem Branco. Podia-se sentir uma quente rajada de vento. A árvore começou a suspirar e de suas raízes emergiu uma figura feminina até a cintura: uma mulher de meia-idade, de olhar severo, cabelos ao vento e torso desnudo. A deusa ofereceu seu leite ao jovem, que sugou num abundante seio e sentiu, tendo tomado do leite, que sua força se havia centuplicado. Ao mesmo tempo, a deusa lhe prometeu toda a felicidade do mundo e o abençoou de maneira tal que a água, o fogo, o ferro ou qualquer outra coisa jamais lhe provocassem dano[19].

Do ponto umbilical, o herói parte para realizar seu destino. Suas façanhas adultas fazem jorrar força criativa sobre o mundo.

"Cantou o idoso Váinámõinen;

Os lagos se encresparam, a terra estremeceu,

Tremeram as montanhas de cobre,

As poderosas rochas ressoaram.

E as montanhas racharam;

No cais, as pedras foram abaladas."[20]

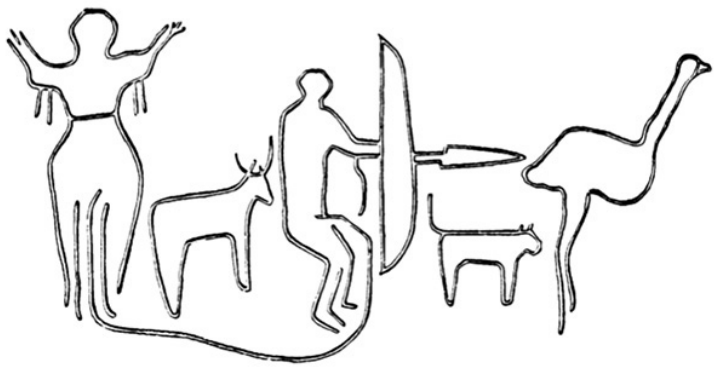


Figura 17 — Petroglifo paleolítico (Argélia)

A estrofe do herói-bardo ressoa com a mágica da palavra poderosa; da mesma maneira, a lâmina da navalha do herói-guerreiro brilha intensamente com a energia da Fonte criadora: diante dela, caem as fundações do Obsoleto.

Pois o herói mitológico não é patrono das coisas que se tornaram, mas das coisas em processo de tornar-se; o dragão a ser morto por ele é precisamente o monstro da situação vigente: Gancho, aquele que mantém o passado. Da obscuridade, emerge o herói, mas o inimigo é poderoso e conspícuo na sede do poder; é inimigo, dragão, tirano, porque faz reverter em seu próprio benefício a autoridade que sua posição lhe confere. Ele não é Gancho por conservar *o passado,* mas por *conservar.*

O tirano *é* soberbo, e ai reside seu triste fado. Ele é soberbo porque pensa ser sua a força de que dispõe; assim sendo, exerce

o papel de palhaço, daquele que confunde sombra e substância; seu destino consiste em ser enganado. O herói mitológico, ressurgindo das trevas que constituem a fonte das formas visíveis, traz o conhecimento do segredo do triste destino do tirano. Com um gesto, simples como pressionar um botão, ele aniquila essa impressionante configuração. A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento. O ciclo se desenvolve: a mitologia enfoca o ponto de aumento. A transformação e a fluidez, e não o poder teimoso, caracterizam o Deus vivo. A grande figura do momento existe, tão-somente, para ser derrubada, cortada em pedaços e espalhada pelos quatro cantos do mundo. Em suma, o ogro-tirano é o patrono do fato prodigioso; o herói patrocina a vida criativa.

O período em que o herói, numa forma *humana,* habita o mundo só se inicia depois que as vilas e cidades se expandem pela terra. Muitos monstros, remanescentes das épocas primevas, ainda habitam as regiões que estão além e, por meio da malícia ou do desespero, lançam-se contra a comunidade humana. Cumpre tirá-los do caminho. Ademais, os tiranos da espécie humana, que usurpam para si mesmos os bens dos seus vizinhos, começam a surgir, provocando a miséria disseminada. É preciso suprimi-los. As façanhas elementares do herói consistem em limpar o terreno[21].

Kut-o-yis, ou "Garoto Coágulo Sangüíneo", tendo sido retirado do vaso e alcançado a idade adulta num único dia, matou o sanguinolento genro dos seus pais de criação e lançou-se contra os ogros do campo. Ele exterminou uma tribo de ursos cruéis, poupando apenas uma fêmea que estava para tornar-se mãe. "Ela implorou tão encarecidamente pela sua vida, que ele a poupou. Se ele não o tivesse feito, não haveria ursos no mundo." Em seguida, acabou com uma tribo de cobras, mas poupou outra vez uma delas, "que estava para tornar-se mãe". Depois disso, passou deliberada-mente por uma trilha que lhe disseram ser perigosa. "Enquanto caminhava, um grande vendaval o atingiu, terminando por levá-lo para a boca de um grande peixe. Tratava-se de um peixe sugador, e a ventania era sua ação de sugar. Quando chegou ao estômago do peixe, viu muitas pessoas. Grande parte delas estava morta, mas outras

ainda viviam. Ele disse às pessoas: 'Bem, deve haver um coração em algum lugar daqui. Teremos uma dança'. E ele pintou sua face de branco, traçando círculos negros em torno dos olhos e da boca, prendendo uma grande faca de pedra à cabeça, de modo que a sua ponta se projetasse para cima. Foram trazidos também alguns chocalhos feitos de patas. E as pessoas começaram a dançar. Por algum tempo, Coágulo Sangüíneo se manteve sentado, fazendo movimentos semelhantes ao bater de asas com as mãos e cantando canções. Depois, levantou-se e dançou, pulando para cima e para baixo, até que a faca que havia em sua cabeça atingisse o coração. E ele retirou o coração. Depois, fez um corte entre as costelas do peixe e libertou as pessoas.

"Coágulo Sangüíneo disse que devia partir mais uma vez. Antes de ele sair, as pessoas o alertaram, dizendo que, pouco depois de partir, veria uma mulher que sempre desafiava as pessoas para combater, mas que não deveria lhe dirigir a palavra. Ele não se incomodou com o que as pessoas disseram e, depois de caminhar um pouco, viu uma mulher que lhe pediu para aproximar-se. 'Não', disse Coágulo Sangüíneo, 'estou com pressa.' Todavia, da quarta vez que a mulher o convidou, ele disse: 'Está bem, mas você deve esperar um pouco, pois estou fatigado. Desejo repousar. Depois de repousar, me aproximarei e lutaremos'. Ora, enquanto repousava, ele viu várias facas imensas que se projetavam para fora da terra quase oculta por palha. E ele compreendeu que a mulher matava as pessoas com quem lutava ao atirá-las sobre as facas. Depois de repousar, ele foi ao seu encontro. A mulher lhe disse que ficasse no local onde ele havia visto as facas; mas ele disse: 'Não, ainda não estou pronto. Vamos brincar um pouco antes de começar'. E ele começou a brincar com a mulher, mas logo a dominou e a atirou sobre as facas, cortando-a em dois.

"Coágulo Sangüíneo seguiu viagem e, pouco depois, chegou a um acampamento no qual havia algumas mulheres idosas. Estas lhe disseram que pouco adiante ele encontraria uma mulher que tinha um balanço, mas que nenhuma forma deveria se balançar com ela. Pouco depois, ele chegou a um lugar em que havia um balanço junto à margem de um veloz curso de

água. Uma mulher se balançava nele. Ele a observou por um momento e percebeu que ela matava as pessoas ao jogá-las com o balanço para cima, deixando-as cair no curso de água. Tendo descoberto isso, ele se aproximou da mulher. 'Você tem um balanço aqui; deixe-me vê-la se balançando', disse ele. 'Não', disse a mulher, 'quero ver você se balançando.' 'Está bem', disse Coágulo Sangüíneo, 'mas você se balança primeiro.' 'Está certo', disse a mulher, 'vou me balançar. Observe-me. Então eu o verei a balançar-se.' E a mulher balançou sobre o curso de água. Quando ela o fez, ele percebeu como tudo se passava. E disse para a mulher: 'Vá se balançando outra vez enquanto me preparo'; mas quando a mulher se balançou, ele cortou a corda e a fez cair na água. Isso aconteceu em Cut Bank Creek [Riacho do Banco Cortado]."[22]

Estamos familiarizados com essas façanhas graças a Jack, o Matador de Gigantes, aos contos infantis e aos relatos clássicos dos trabalhos de heróis como Héracles e Teseu. Elas também são abundantes nas lendas dos santos cristãos, tal como no encantador conto francês de Santa Marta:

"Naquela época, havia, nos bancos do Ródano, numa floresta situada entre Avignon e Arles, um dragão, meio animal, meio peixe, maior que um touro, mais comprido que um cavalo, dotado de dentes afiados como chifres, e com grandes asas dos lados do corpo; e esse monstro matava todos os viajantes e afundava todas as embarcações. Ele havia chegado ao local, pelo mar, vindo da Galácia. Seus pais eram o Leviatã — monstro em forma de serpente que morava no mar — e o Onagro — terrível besta da Galácia, que queima com fogo tudo o que toca.

Eis que Santa Marta, atendendo aos desesperados apelos das pessoas, colocou-se contra o dragão. Tendo-o encontrado na floresta, quando devorava um homem, ela espargiu água benta sobre ele e lhe mostrou um crucifixo. O monstro, vencido de imediato, aproximou-se como um cordeiro, da santa, que passou seu cinto em torno do pescoço da besta e o conduziu para o lugarejo próximo. Ali, a população o matou com pedras e paus.

E como o dragão tinha sido conhecido pelas pessoas sob o nome de Tarasque, a cidadezinha tomou o nome de Tarascon, como recordação. Até então, seu nome era Nerluc, que significa Lago Negro, por causa das sombrias florestas que bordejavam o lago"[23].

Figura 18 — O rei Ten (Egito, primeira dinastia, c. 3200 a.C.) esmaga a cabeça de um prisioneiro de guerra.

Os reis-guerreiros da Antigüidade encaravam seu trabalho à feição de matadores de monstros. Na realidade, essa fórmula do herói brilhante que se lança contra o dragão foi o grande pretexto para a autojustificação de todas as cruzadas. Numerosas inscrições memoriais foram compostas com a complacência grandiosa presente à seguinte narrativa, registrada em caracteres cuneiformes, relativa a Sargão de Acad, destruidor das antigas cidades dos sumérios, dos quais seu próprio povo havia derivado sua civilização:

"Sargão, rei de Acad, vice-regente da deusa Istar, rei de Kish, *pashishu*[24] do deus Anu, Rei da Terra, grande *ishakku*[25] do

deus Enlil: à cidade de Uruk esmagou e aos seus muros destruiu. Com o povo de Uruk lutou e o venceu e em cadeias o conduziu pelos portões de Enlil. Sargão, rei de Acad, lutou com o homem de Ur e o venceu; à sua cidade ele esmagou e aos seus muros destruiu. A E-Ninmar ele esmagou e aos seus muros destruiu, e a todo o seu território, de Lagash ao mar, ele esmagou. Suas armas lavou no mar..."

4. O herói como amante

A hegemonia tirada ao inimigo, a liberdade ganha da malícia do monstro, a energia vital liberta das garras do tirano Gancho são simbolizadas como uma mulher. Ela é a donzela presente às inúmeras mortes de dragões, a noiva raptada do pai ciumento, a virgem resgatada do amante não-sagrado. É a "outra metade" do próprio herói — pois "cada um é os dois": se a estatura do herói for de monarca do mundo, ela é o mundo; se ele é um guerreiro, ela é a fama. Ela é a imagem do seu destino, que ele deve libertar da prisão das circunstâncias restritivas. Mas quando ele ignora o seu destino, ou se deixa iludir por falsas considerações, não há esforço de sua parte capaz de superar os obstáculos[26].

O jovem magnífico Cuchulainn provocou, na corte do seu tio, o rei Conchobar, a ansiedade dos barões, temerosos pela virtude de suas respectivas esposas. Eles sugeriram que lhe conseguissem uma esposa. Mensageiros do rei dirigiram-se a todas as províncias da Irlanda, mas não encontraram ninguém que lhe agradasse. E o próprio Cuchulainn procurou uma donzela sua conhecida em Luglochta Loga, "os Jardins de Lugh". E ele a encontrou no quintal, com suas irmãs de criação ao seu redor, ensinando-lhes costura e delicados bordados. Emer elevou sua adorável face e reconheceu Cuchu-lainn, a quem disse: "Que estejas a salvo de todos os perigos!"

Quando o pai da garota, Forgall, o Astuto, foi informado de que o casal se havia encontrado, instou Cuchulainn a aprender habilidades de batalha com Donall, o Aguerrido, em Alba, supondo que ele jamais retornaria. E Donall lhe deu uma outra tarefa, a saber, fazer uma jornada impossível ao encontro de

uma certa guerreira, Scathach, a fim de compeli-la a dar-lhe instrução em suas artes de valor sobrenatural. A jornada heróica de Cuchulainn exibe, com uma simplicidade e uma clareza extraordinárias, todos os elementos da realização clássica da missão impossível.

O caminho incluía uma planície maldita: na metade mais distante dela, os pés dos homens se prendiam; na outra metade, a grama se elevava e os atingia com as pontas de suas lâminas. Mas apareceu a Cuchulainn um jovem bondoso, que lhe deu uma roda e uma maçã. Para passar pela primeira parte da planície, a roda iria rolando à sua frente; na segunda parte, a maçã o precederia. Cuchulainn deveria, tão-somente, seguir-lhes a tênue linha-guia, sem pisar em nenhum dos seus lados, e assim chegaria ao estreito e perigoso vale que havia além da planície.

Scathach havia instalado sua residência numa ilha, à qual só se chegava por uma perigosa ponte: suas extremidades eram baixas e sua parte intermediária, alta; e sempre que alguém pisava numa das extremidades, a outra se elevava e o derrubava. Cuchulainn foi derrubado três vezes. E eis que ocorreu sua distorção e ele, juntando suas forças, pulou na cabeça da ponte e deu o pulo do salmão, de modo a cair no meio da ponte; e a outra cabeça da ponte ainda não se havia levantado completamente quando ele a alcançou e saltou para longe dela, chegando ao solo da ilha.

A guerreira, Scathach, tinha uma filha — como o monstro não raro tem — e essa garotinha jamais havia contemplado algo que se aproximasse da beleza do jovem que caiu do ar na fortaleza de sua mãe. Quando ela ouviu dele qual o projeto que o movia, disse-lhe qual a melhor forma de abordagem para persuadir sua mãe a ensinar-lhe os segredos de valor sobrenatural. Ele deveria ir, utilizando seu pulo do salmão, ao grande teixo onde Scathach instruía seus filhos, colocar-lhe a espada entre os seios e fazer o pedido.

Cuchulainn, seguindo essas instruções, conseguiu da guerreira-feiticeira o conhecimento de seus artifícios, o consentimento para casar com a filha dela sem pagar dote, o

conhecimento do seu próprio futuro e o intercurso sexual com a própria guerreira. Ele ali permaneceu durante um ano, no decorrer do qual enfrentou, num acirrado combate, Aife, a Amazona, em quem gerou um filho. Por fim, tendo matado uma bruxa que disputara com ele a passagem por uma estreita trilha num penhasco, ele se pôs a caminho para retornar à Irlanda.

Depois de mais uma aventura de luta e amor, Cuchulainn retornou, mas ainda encontrou Forgall, o Astuto, contra si. Desta feita, ele simplesmente levou a filha, e com ela se casou na corte do rei. A própria aventura lhe dera a capacidade de vencer toda oposição. O único aborrecimento foi o fato de o tio Conchobar, o rei, ter exercido sobre a noiva, antes de ela passar oficialmente para o noivo[27], sua prerrogativa real.

O motivo da tarefa difícil como requisito para o leito nupcial tem estado presente nas façanhas do herói em todas as épocas e em todas as partes do mundo. Nas histórias que seguem esse padrão, o pai (ou mãe) desempenha o papel de Gancho; a solução artificiosa da tarefa por parte do herói equivale à morte do dragão. Os testes propostos apresentam uma dificuldade desmesurada. Eles parecem representar uma recusa absoluta, por parte do pai (mãe) ogro, no sentido de deixar que a vida siga seu caminho; não obstante, quando aparece um candidato adequado, não há tarefa desse mundo que esteja além de sua capacidade. Auxiliares imprevisíveis e milagres de tempo e de espaço contribuem para o seu projeto; o próprio destino (a donzela) dá uma mão e revela um ponto fraco no sistema parental. As barreiras, grilhões, encantos e empecilhos de todos os tipos se dissolvem diante da presença de autoridade do herói. O olho do vencedor predestinado percebe de imediato a fenda de todas as fortalezas das circunstâncias e seu golpe pode torná-la ampla.

A mais eloqüente característica dessa colorida aventura de Cuchulainn, característica esta que mais conduz ao profundo, é a da trilha peculiar e invisível que se abriu ao herói graças à roda e à maçã rolantes. Devemos entendê-la como símbolo do milagre do destino, assim como uma instrução sobre ele. Diante de um homem que não se deixa desviar por sentimentos provocados pelas superfícies daquilo que vê, mas responde

corajosamente à dinâmica de sua própria natureza — um homem que, como o descreve Nietzsche, *é* "uma roda que gira por si mesma" —, as dificuldades se dissolvem e a estrada imprevisível vai sendo formada à medida que ele caminha.

5. O herói como imperador e tirano

O herói de ação é o agente do ciclo; ele dá continuidade, no momento vivo, ao impulso que primeiro colocou o mundo em movimento. Como nossos olhos se acham fechados ao paradoxo do duplo foco, consideramos a façanha como tendo sido realizada em meio ao perigo e à dor lancinante, ao passo que, da outra perspectiva, ela é — tal como ocorre na morte arquetípica do dragão, em que Marduque matou Tiamat —, tão-somente, um esforço de realização do inevitável.

O herói supremo, todavia, não é aquele que apenas dá continuidade à dinâmica do giro cosmogônico, mas aquele que abre os olhos outra vez — de maneira que, ao longo de todas as idas e vindas, delícias e agonias do panorama mundial, a Presença seja vista novamente. Isso requer uma sabedoria mais profunda que no outro caso e resulta, não num padrão de ação, mas num padrão de representação significativa. O símbolo do primeiro é a espada; o do segundo, o cetro do domínio ou o livro da lei. A aventura característica do herói de ação é a obtenção da noiva — sendo a noiva identificada com a vida. A do herói supremo é a ida ao encontro do pai — sendo o pai identificado com o desconhecido invisível.

As aventuras do segundo tipo se enquadram diretamente nos padrões da iconografia religiosa. Mesmo num simples conto folclórico, há uma súbita ressonância de profundidade no dia em que o filho da virgem pergunta à mãe: "Quem é meu pai?" A questão remete ao problema do homem e do invisível. A isso se seguem, inevitavelmente, os motivos míticos familiares da sintonia com o pai.

O herói Pueblo, o garoto Jarro de Água, fez essa pergunta à

mãe: "'Quem é meu pai?', disse ele. 'Não sei', disse ela. Ele repetiu: 'Quem é meu pai?', mas ela apenas se pôs a chorar, sem responder. 'Onde é a casa de meu pai?', ele perguntou. Ela não sabia. 'Amanhã vou procurar meu pai.'

'Você não pode encontrar seu pai', disse ela. 'Eu nunca tive relações com ninguém e por isso não há lugar onde você possa procurar seu pai.' Mas ele replicou: 'Tenho um pai; sei onde ele vive e vou vê-lo'. A mãe não queria que ele fosse, mas ele o desejava. Assim, na manhã seguinte, bem cedo, ela lhe preparou um almoço, e ele se dirigiu para o sudeste, onde a fonte era chamada Waiyu Powidi, Ponta Cavalo da Planície. Ele estava próximo dessa fonte e viu alguém caminhando perto dela. Acercou-se da pessoa. Era um homem. Este perguntou ao garoto: 'Para onde você vai?' 'Vou ver meu pai', respondeu ele. 'Quem é seu pai?', disse o homem. 'Bem, meu pai vive nesta fonte.' 'Você jamais vai encontrar seu pai.' 'Bem, eu quero entrar na fonte, ele vive dentro dela.' 'Quem é o seu pai?', repetiu o homem. 'Bem, acho que você é meu pai', disse o garoto. 'Como você sabe que sou seu pai?', disse o homem. 'Ora, eu sei que você é meu pai!' E o homem apenas olhou para ele, pretendendo assustá-lo. O garoto continuou a dizer: 'Você é meu pai'. Pouco depois, o homem disse: 'Está certo, sou seu pai. Saí da fonte para encontrá-lo'; e pôs o braço nos ombros do garoto. O pai estava feliz porque seu garoto havia ido encontrá-lo e o levou para dentro da fonte."[28]

Quando o alvo do herói é a descoberta do pai desconhecido, o simbolismo básico permanece sendo o dos testes e do caminho auto-revelador. No exemplo acima, o teste se reduz às perguntas persistentes e ao olhar assustador. No conto anterior da esposa-marisco, os filhos foram testados com a faca de bambu. Vimos, em nossa revisão da aventura do herói, que graus a severidade do pai pode atingir. Para a congregação de Jonathan Edwards, ele se transformou num verdadeiro ogro.

O herói abençoado pelo pai retorna para representá-lo entre os homens. Como mestre (Moisés) ou como imperador (Huang-Ti), sua palavra é lei. Como se acha agora concentrado na fonte, ele torna visíveis o repouso e a harmonia do ponto central. Ele é um reflexo do Eixo do Mundo, do qual se espalham os círculos

concêntricos — a Montanha do Mundo, a Árvore do Mundo —, é o perfeito reflexo microscópico do macrocosmo. De sua presença emanam bênçãos; sua palavra é o sopro da vida.

Mas pode haver uma deterioração do caráter do representante do pai. Uma crise desse tipo é descrita na lenda persa zoroastriana do Imperador da Idade de Ouro, Jemshid:

"Todos os olhares se voltaram para o trono, e não se ouvia nem se via a Ninguém senão Jemshid; ele e só ele era o Rei, E absorvia todos os pensamentos; e no culto E na adoração desse homem mortal, todos Esqueceram a adoração ao grande Criador. E, com soberba, ele aos seus nobres falou, Intoxicado pelo ruidoso aplauso que recebia: 'Não tenho igual, a mim deve a terra Toda a sua ciência; jamais existiu Um soberano como eu: beneficente E glorioso, eu expulso da populosa terra Doenças e necessidades. A alegria e o repouso do lar Procedem de mim; tudo o que é bom e grandioso Espera meu comando; a voz universal Declara o esplendor do meu governo; Além de tudo o que o coração humano concebeu, Sou o único monarca deste mundo'.

— Tão logo lhe saíram tais palavras dos lábios,

Ímpias palavras, insultos ao elevado céu,

Eis que sua grandeza terrena se acabou — e todas as línguas Formaram um clamoroso e forte coro. A época de Jemshid Tornou-se sombra, todo o seu esplendor virou trevas. Que disse o Moralista? 'Quando fostes rei, Teus servos vos obedeciam; mas aquele que, Tomado de soberba, desdenha do culto ao seu Deus, Traz desolação à sua casa e aos seus.'

— E quando viu a insolência do seu povo,

Ele viu que a ira dos céus havia sido provocada, E o terror tomou conta do seu ser"[29].

Ao desvincular as bênçãos com que seu reino foi contemplado de sua fonte transcendente, o imperador destrói a visão estereotipada que lhe cabe suster. Ele deixa de ser o mediador entre dois mundos. A perspectiva do homem se estreita, incluindo apenas o termo humano da equação, e a

experiência da força sublime fracassa de imediato. A idéia mantenedora da comunidade se perde. A força é tudo o que a mantém. O imperador torna-se o ogro tirano (Herodes-Nimrod), o usurpador de quem o mundo ora é salvo.

6. O herói como redentor do mundo

Devem-se distinguir dois graus de iniciação na mansão do pai. Do primeiro, o filho retorna como emissário; do segundo, contudo, retorna com o conhecimento de que "o pai e eu somos um". Os heróis dessa segunda iluminação, de natureza mais elevada, são os redentores do mundo, as chamadas encarnações, no sentido mais elevado do termo. Seus respectivos mundos alcançam proporções cósmicas. Suas palavras trazem consigo uma autoridade que ultrapassa tudo o que foi pronunciado pelos heróis do cetro e do livro.

"Todos vocês, olhem para mim. Não olhem para outro lugar", disse o herói dos Apaches Jicarilla, Matador-de-Inimigos. "Ouçam o que digo. O mundo é tão amplo quanto meu corpo. O mundo é tão amplo quanto minha palavra. E o mundo é tão amplo quanto minhas orações. O céu tem a mesma amplitude das minhas palavras e orações. As estações têm a mesma amplitude do meu corpo, das minhas palavras e da minha oração. O mesmo ocorre com a? águas; meu corpo, minhas palavras, minha oração são maiores que as águas.

"Quem acredita em mim, quem ouve o que digo, terá longa vida. Quem não ouve, quem pensa de forma maligna, terá vida curta.

"Não pensem que estou no leste, no sul, no oeste ou no norte. A terra é meu corpo. Estou lá. Estou em toda parte. Não pensem que fico apenas sob a terra ou acima do céu, ou apenas nas estações ou do outro lado das águas. Tudo isso é meu corpo. É verdade: o mundo inferior, o céu, as estações e as águas são o meu corpo. Estou em toda parte.

"Já dei a vocês aquilo que me será oferecido. Vocês têm dois tipos de cachimbo e o tabaco da montanha."[30]

O trabalho da encarnação consiste em refutar, pela sua presença, as pretensões do tirano-ogro. Este último encobriu a fonte da graça com a sombra de sua personalidade limitada; a encarnação, profundamente livre desse tipo de consciência do ego, é uma manifestação direta da lei. Numa escala grandiosa, ela representa a vida do herói — realiza as tarefas do herói, mata o monstro —, mas fá-lo apenas com a liberdade de um trabalho cuja realização destina-se, tão-somente, a tornar evidente aos olhos aquilo que teria sido realizado igualmente bem com um mero pensamento.

Kans, o cruel tio de Krishna, usurpador do trono do próprio pai na cidade de Matura, um dia ouviu uma voz que lhe dizia: "Nasceu teu inimigo; tua morte é certa". Krishna e seu irmão mais velho, Balarama, haviam sido retirados, pelos criadores, do ventre de sua mãe, a fim de serem protegidos dessa contraparte indiana de Nimrod. E ele enviou demônios em seu encalço — Putana, o demônio do leite envenenado, foi o primeiro —, mas nada disso adiantou. Quando seus recursos falharam, Kans dedicou-se a atrair os jovens para a cidade. Foi enviado um mensageiro aos criadores para convidá-los a tomar parte num sacrifício e num grande torneio. O convite foi aceito. Com os irmãos em seu meio, os criadores foram e acamparam fora dos muros da cidade.

Krishna e Balarama, seu irmão, foram ver os prodígios da cidade. Havia amplos jardins, palácios e recantos. Eles encontraram um mascate e lhe pediram algumas roupas bonitas; quando este sorriu e se recusou a atender-lhes o desejo, eles tomaram as roupas à força e se enfeitaram. Eis que uma corcunda pediu a Krishna que lhe deixasse passar pasta de sândalo em seu corpo. Ele foi até ela, colocou os pés nos dela e, com dois dedos postos sob o seu queixo, levantou-a e a fez ficar ereta e bem. E ele disse: "Quando eu tiver matado Kans, voltarei e ficarei com vocês".

Os irmãos se dirigiram ao estádio vazio. Ali havia sido colocado o arco do deus Xiva, com o corte de três coqueiros,

grande e pesado. Krishna foi até o arco e o empurrou; o arco se quebrou fazendo um enorme barulho. Kans ouviu o som em seu palácio e ficou estupefato.

O tirano enviou tropas para matar os irmãos na cidade. Mas os rapazes mataram os soldados e retornaram ao acampamento. Disseram aos criadores que haviam feito um interessante passeio, jantaram e foram dormir.

Naquela noite, Kans teve sonhos ruins. Quando despertou, ordenou que se preparasse o estádio para o torneio e que se fizessem soar as trombetas para convocar as pessoas. Krishna e Balarama chegaram, disfarçados de mágicos, seguidos dos criadores, seus amigos. Quando passaram pelo portão, apareceu um furioso elefante pronto para esmagá-los, com a força de dez mil elefantes comuns. O condutor o dirigiu diretamente para cima de Krishna. Balarama deu-lhe um tal golpe com o punho, que o elefante parou e voltou. O condutor o dirigiu outra vez contra os irmãos, mas estes o derrubaram, matando-o.

Os jovens foram até o campo. Todos viram o que sua própria natureza lhes havia revelado: os lutadores pensaram que Krishna fosse lutador; as mulheres o consideraram um tesouro de beleza; os deuses o reconheceram como seu senhor e Kans pensou que ele era Mar a, a própria Morte. Depois de derribar todos os lutadores que haviam sido enviados contra ele, terminando pelo mais forte, ele pulou para o trono real, pegou o tirano pelos cabelos e o matou. Os homens, os deuses e os santos se deliciaram, mas as esposas do rei surgiram para pranteá-lo. Krishna, vendo-lhes o sofrimento, confortou-as com sua sabedoria primai: "Mãe", disse ele, "não vos lamenteis. A ninguém é dado viver e não morrer. Imaginar que possuímos alguma coisa é incorrer em erro; ninguém é pai, mãe ou filho. Há apenas o movimento contínuo do nascimento e da morte"[31].

As lendas do redentor descrevem o período de desolação como produto de uma falha moral por parte do homem (Adão no Paraíso, Jemshid no trono). Não obstante, do ponto de vista do ciclo cosmogônico, uma alternância regular entre a conduta reta e a conduta errônea é característica do espetáculo do tempo. Tal como na história do universo, assim também na

história das nações: a emanação leva à dissolução, a juventude à velhice, o nascimento à morte, a vitalidade criadora da forma ao peso morto da inércia. A vida se manifesta precipitando formas, e depois fenece, deixando refugos atrás de si. A idade de ouro, reino do imperador humano, se alterna no pulsar de cada momento da vida, com a terra arrasada, reino do tirano. O deus criador torna-se, no final, destruidor.

Desse ponto de vista, o tirano-ogro não é menos representante do pai do que o precedente imperador do mundo, cuja posição ele usurpou, ou do que o herói brilhante (o filho) que vai suplantá-lo. Ele representa a estabilidade, da mesma maneira que o herói é o portador da mudança. E como todo momento do tempo quebra os grilhões do momento precedente, assim é que esse dragão, Gancho, é caracterizado como representante da geração imediatamente anterior à do salvador do mundo.

Expresso de forma direta: o trabalho do herói consiste em matar o aspecto obstinado do pai (dragão, criador de testes, rei-ogro) e libertar, do banimento promovido por esse aspecto, as energias vitais que alimentarão o universo. "Isso pode ser feito, tão-somente, de acordo ou contra a vontade do Pai; ele [o Pai] pode 'preferir a morte em benefício dos seus filhos', assim como é possível que os Deuses lhe imponham a paixão, tornando-o sua vítima sacrificai. Não se trata de doutrinas contraditórias, mas de formas diversas de contar uma só e mesma história; na realidade, Matador e Dragão, sacrificador e vítima, formam uma só mente nos bastidores, onde não há polaridade de contrários, mas são inimigos mortais no palco, onde é exibida a guerra sempiterna entre Deuses e Titãs. De qualquer maneira, o Dragão-Pai permanece como Pleroma [plenitude], não mais diminuído pelo que expira do que aumentado pelo que recupera. Ele é Morte, do qual depende a nossa vida; e a pergunta 'Morte é um ou muitos?', recebe como resposta: 'É um porque está lá, mas muitos porque está aqui, em cada um dos seus filhos'."[32]

O herói de ontem torna-se o tirano de amanhã, a não ser que *se* crucifique *a si mesmo* hoje.

Do ponto de vista do presente, há uma tal implacabilidade nesse anúncio do futuro, que este parece niilista. As palavras que Krishna, o salvador do mundo, dirigiu às viúvas de Kans têm um sobre tom ameaçador; é precisamente o que está presente às palavras de Jesus: "Eu não vim para trazer a paz, mas a espada. Pois eis que vim para colocar o homem contra o pai, a filha contra a mãe e a nora contra a sogra. E o inimigo do homem será um do seu meio. Aquele que amar mais o pai ou a mãe do que a mim não é digno de mim: e aquele que amar mais o filho ou a filha do que a mim não é digno de mim"[33]. Para proteger quem não se acha preparado, a mitologia oculta essas revelações definitivas sob disfarces semi-obscurecedores, ao mesmo tempo em que insiste na forma de instrução gradual. A figura do salvador que elimina o pai tirano e assume ele mesmo o trono está (tal como Édipo) pisando no túmulo do pai. Para suavizar o cruel patricídio, a lenda representa o pai como algum tio cruel ou Nimrod usurpador. Não obstante, o fato semi-oculto permanece. Uma vez que o vislumbremos, todo o espetáculo se desenrola diante dos nossos olhos: o filho mata o pai, mas filho e pai são um só. As figuras enigmáticas dissolvem-se outra vez no caos primordial. Eis a sabedoria que reside no final (e no recomeço) do mundo.

7. O herói como santo

Antes de passarmos ao último episódio da vida, resta ainda um tipo de herói a ser mencionado: o santo ou asceta, aquele que renuncia ao mundo.

"Com a mente plena de pura compreensão, sendo perseverante no domínio do eu, tendo abandonado toda aliança com o som e com todos os objetos; e estando livre do amor e do ódio; habitando um local solitário, seguindo uma dieta frugal, tendo controlado a fala, o corpo e a mente, sempre engajado na meditação e na concentração e cultivando a liberdade com relação às paixões; banindo de si mesmo o egoísmo e a resistência, o orgulho e o desejo, o rancor e o sentimento de posse, de coração tranqüilo e livre do ego — ele se torna digno de tornar-se um só com o imperecível."[34]

O padrão é semelhante ao da ida ao pai, mas desta vez o filho se dirige ao aspecto imanifesto, não ao manifesto: ele dá o passo a que o Bodisatva renunciou, o passo do qual não há retorno. O alvo, aqui, não é o paradoxo da perspectiva dual, mas a exigência última do não-visto. O ego é destruído. Tal como uma folha morta na brisa, o corpo continua a se movimentar sobre a terra, mas a alma já se dissolveu no oceano da bem-aventurança.

Tomás de Aquino, como resultado da experiência mística por que passou quando celebrava a missa em Nápoles, depôs a pena e a tinta na estante e deixou os últimos capítulos de sua *Summa theologica* para serem terminados por outras mãos. "Meus dias de escrever", disse ele, "se acabaram; pois me foram reveladas coisas que me mostraram ser tudo aquilo que escrevi e ensinei pouco importante para mim, razão porque espero em

Deus que, assim como meus escritos chegaram ao fim, possa chegar dentro em breve o fim da minha vida." Pouco depois disso, aos quarenta e nove anos, ele faleceu.

Estando além da vida, esses heróis também se acham além do mito. Eles já não tratam do mito, da mesma forma que o mito não pode tratar deles de modo adequado. Suas lendas são reapresentadas, mas os piedosos sentimentos e lições das biografias são necessariamente impróprios, pouco melhores que banalizações. Eles ultrapassaram o reino das formas, no qual desce a encarnação e no qual permanece o Bodisativa, o reino do perfil *manifesto* da Grande Face. Uma vez descoberto o perfil *oculto,* o mito é a penúltima, e o silêncio a última, palavra. O momento do espírito passa para o oculto e resta apenas o silêncio.

O rei Édipo veio a saber que a mulher a quem havia desposado era sua mãe e que o homem a quem havia assassinado era seu pai; ele tirou os próprios olhos das órbitas e vagou em penitência pela terra. Os freudianos declaram que cada um de nós mata o pai e desposa a mãe todo o tempo — mas de forma inconsciente: as formas simbólicas indiretas de fazê-lo, assim como as racionalizações da conseqüente atitude compulsiva, constituem nossa vida individual e nossa civilização comum. Se os sentimentos tivessem a oportunidade de se tornar conscientes da real importância das ações e pensamentos do mundo, conheceríamos o que Édipo conheceu: a carne se nos afiguraria, de súbito, um oceano de autoviolação. Eis o sentido da lenda do papa Gregório, o Grande, que nasceu do incesto e viveu em incesto. Horrorizado, ele foi para um rochedo em pleno mar e ali viveu por quase toda a vida.

Eis que a árvore se tornou cruz: o Jovem Branco, que suga leite, tornou-se o Crucificado que ingere bílis. A corrupção fervilha onde antes havia o florescer da primavera. No entanto, além desse limiar da cruz — pois a cruz não é um ponto de chegada, mas um caminho (a porta do sol) — está a bem-aventurança em Deus.

"Eis que ele me pôs a sua marca, e não há amor que eu possa preferir ao Dele.

"O inverno passou; a pomba canta; as vinhas explodem em floração.

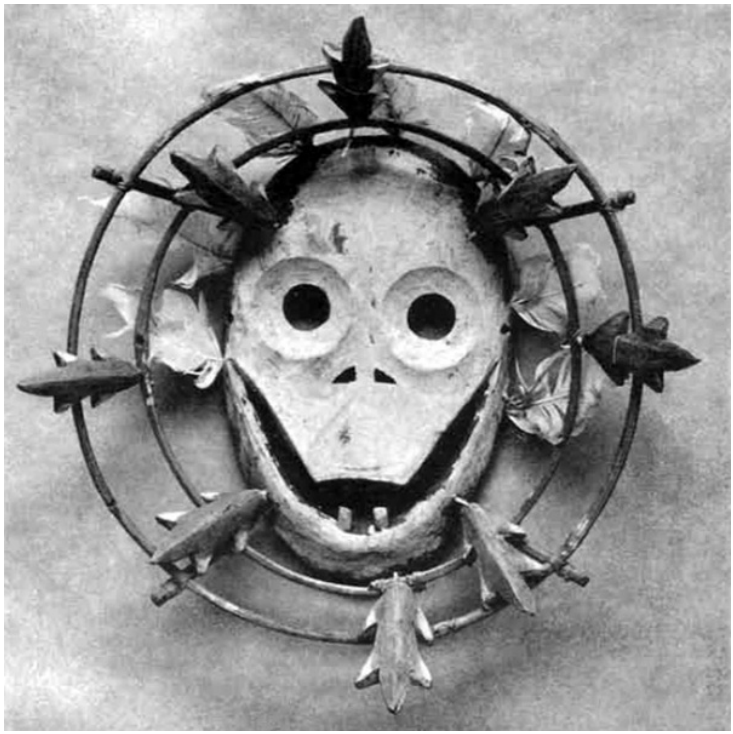
"Com Seu próprio anel, meu Senhor Jesus Cristo me desposou e me coroou com a coroa de Sua noiva.

"O traje com o qual o Senhor me vestiu é um traje de esplendor, entrelaçado de ouro, e o colar com o qual ele me adornou não tem preço."[35]

8. A partida do herói

O último ato da biografia do herói é a morte ou partida. Aqui é resumido todo o sentido da vida. Desnecessário dizer, o herói não seria herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a reconciliação com o túmulo.

Gravura XXIII — A carruagem da lua (Camboja)



Gravura XXIV — Outono (Alasca)

"Enquanto descansava sob um carvalho de Mamre, Abraão percebeu um clarão e um suave odor e, olhando em torno de si, viu que a Morte para ele se dirigia, com grande glória e Beleza. E a Morte disse a Abraão: 'Não penseis, ó Abraão, que essa beleza seja minha, nem que assim me apresento a todos os homens. Não. Mas quando alguém tem uma conduta reta como vós, eis que tomo de uma coroa e vou a ele; mas se ele for um pecador, apresento-me sob um aspecto sobremaneira corrompido, trazendo na cabeça uma coroa feita pelos pecados que cometeu e o faço tremer, tomado de grande terror, o que o faz desfalecer'. E Abraão lhe disse: 'E sois vós, na verdade, aquele a quem chamam Morte?' E ele respondeu, dizendo: 'Sou o amargo nome'. Mas Abraão lhe disse: 'Não vou convosco'. E Abraão disse à Morte: 'Mostrai-me vossa corrupção'. E a Morte revelou sua corrupção, mostrando duas cabeças, uma com rosto de serpente e outra sob a forma de espada. Todos os servos de

Abraão, contemplando a implacável carranca da Morte, morreram, mas Abraão orou ao Senhor e o Senhor os ressuscitou. Como as aparências da Morte não eram capazes de provocar a partida da alma de Abraão, Deus removeu a alma a Abraão como em um sonho e o arcanjo Miguel a conduziu ao céu. Após grandes louvores e glórias ao Senhor por parte dos anjos que conduziram a alma de Abraão, e depois de Abraão inclinar-se em reverência, a voz de Deus se elevou e disse: 'Levai Meu amigo Abraão ao Paraíso, onde se encontram os tabernáculos dos justos e a morada dos Meus santos Isaac e Jacó em seu âmago, onde não há problemas, nem tristeza, nem pranto, mas paz e júbilo e vida sem fim'."[36]

Compare-se essa passagem com o seguinte sonho: "Eu estava numa ponte, onde encontrei um violinista cego. Todos atiravam moedas em seu chapéu. Aproximei-me e percebi que o músico não era cego. Ele tinha estrabismo e me olhava, com um olhar tortuoso, de soslaio. De repente, havia uma pequena senhora idosa sentada à beira de uma estrada. Estava escuro e eu tinha medo. 'Para onde vai esta estrada?', pensei comigo mesmo. Um jovem camponês apareceu e me tomou pela mão. 'Você quer ir para casa?', disse ele, 'e tomar café?' 'Largue-me! Você está me segurando com muita força!', exclamei, e despertei"[37].

O herói, que em vida representava a perspectiva dual, ainda é, depois de sua morte, uma imagem-síntese: tal como Carlos Magno, ele apenas dorme e se levantará na hora que o destino o determinar, ou está entre nós sob outra forma.

Os astecas falam da serpente de plumas, Quetzalcoatl, monarca da antiga cidade de Tollan na idade de ouro de sua prosperidade. Ela ensinou as artes, criou o calendário e doou o milho. Ela e seu povo foram vencidos, no final de sua época, pela magia mais poderosa de uma raça invasora, os astecas. Tezcatlipoca, o herói-guerreiro do povo mais jovem e de sua época, invadiu a cidade de Tollan; e a serpente de plumas, rei da idade de ouro, queimou seus aposentos atrás de si, destruiu seus tesouros nas montanhas, transformou seus cacaueiros em arbustos, ordenou que os pássaros multicoloridos, seus servidores, voassem à sua frente e partiu, tomado de grande

pesar. E chegou a uma cidade chamada Quauhtitlán, onde havia uma árvore, muito alta e frondosa; e ele se acercou dessa árvore, sentando-se à sua sombra, e olhou num espelho que lhe fora levado. "Estou velho", disse ele; e o local passou a chamar-se "a Velha Quauhtilán". Descansando outra vez ao longo do caminho, e olhando para trás, na direção de Tollan, ele chorou, e suas lágrimas penetraram numa rocha. Ele deixou no local a marca de sua passagem e a impressão da palma da mão. Mais adiante, encontrou um grupo de necromantes, que o desafiou, proibindo-o de seguir enquanto ele não revelasse o segredo do trabalho com a prata, a madeira e as penas, bem como a arte da pintura. Quando ele cruzou as montanhas, todos os seus auxiliares, anões e corcundas, morreram de frio. Noutro lugar, ele encontrou seu antagonista, Tezcatlipoca, que o derrotou num jogo de bola. Em outro lugar ainda, ele apontou sua flecha para uma grande árvore *póchotl;* sua flecha também era uma árvore *póchotl;* assim, quando a flecha atravessou a outra árvore, formou com ela uma cruz. E ele seguiu adiante, deixando muitas marcas e nomes de locais atrás de si, até alcançar o mar, de onde partiu, numa balsa formada por serpentes. Não se sabe como ele chegou ao seu destino, Trapállan, seu lar original[38].

Ou, de acordo com outra tradição, ao chegar à beira do mar, ele se imolou numa pira funerária, e pássaros multicoloridos elevaram-se das cinzas do seu corpo. Sua alma tornou-se a Estrela da Manhã[39].

O herói ávido por vida pode resistir à morte, e adiar seu destino por um certo período de tempo. Afirma-se que Cuchulainn, adormecido, ouviu um grito "tão terrível e pavoroso, que caiu da cama, indo de encontro ao solo, como um saco, na ala leste da casa". Ele saiu às pressas, desarmado, seguido por Emer, sua esposa, que levava suas armas e vestes. E ele encontrou uma carruagem conduzida por um cavalo alazão que só tinha uma perna, com a lança que cruzava seu corpo e projetava-se na altura da testa. Dentro da carruagem havia uma mulher, de sobrancelhas vermelhas, envolvida numa mantilha carmesim. Um homem enorme caminhava ao lado, também com um capote carmesim, trazendo um bastão de aveleira em

forma de forquilha e conduzindo uma vaca.

Cuchulainn disse que a vaca era sua, a mulher o contestou e ele perguntou por que ela, e não o homenzarrão, falava. Ela lhe disse que o homem era Uar-gaeth-sceo Lua-chair-sceo. "Com efeito", disse Cuchulainn, "a extensão do teu nome é impressionante!" "A mulher a quem falas", disse o homenzarrão, "chama-se Faebor beg-beoil cuimdiuir folt sceub-gairit eceo uath." "Vocês estão me fazendo de bobo", disse Cuchulainn; ele pulou na carruagem, pôs os dois pés nos ombros da mulher e aproximou sua lança da risca dos seus cabelos. "Não uses tuas afiadas armas em mim!", disse ela. "Dize-me seu verdadeiro nome", disse-lhe Cuchulainn. "Então afasta-te de mim", disse ela. "Sou uma satirista e trago essa vaca como recompensa por um poema."

"Então ouçamos teu poema", disse Cuchulainn. "Afasta-te apenas um pouco mais", disse a mulher; "ficar agitando minha cabeça não vai me influenciar."

Cuchulainn afastou-se, ficando entre as duas rodas da carruagem. A mulher cantou para ele uma canção de desafio e insulto. Ele se preparou para saltar outra vez, mas, num átimo, cavalo, mulher, carruagem, homem e vaca desapareceram e, no ramo de uma árvore, surgiu um pássaro preto.

"És uma perigosa mulher encantadora!", disse Cuchulainn ao pássaro preto; pois eis que ele havia percebido que se tratava da deusa da batalha, Badb ou Morrigan. "Se eu tivesse sabido que eras tu, não nos teríamos separado dessa maneira." "O que fizeste", replicou o pássaro, "trar-te-á má sorte." "Não me podes ferir", disse Cuchulainn. "Certamente posso", disse a mulher. "Estou guardando teu leito de morte e assim estarei doravante."

E a feiticeira lhe disse que estava levando a vaca da colina encantada de Cruachan para ser coberta pelo touro do homenzarrão, que era Cuailgne; e que, quando o bezerro tivesse um ano, Cuchulainn morreria. Ela mesma se lançaria contra ele quando estivesse envolvido num certo vau, em disputa com um homem "tão forte, vitorioso, destro, terrível, incansável, nobre, bravo e grande" quanto ele mesmo. "Tornar-me-ei uma enguia',

disse ela, "e lançar-te-ei os pés no vau." Cuchulainn trocou ameaças com ela, que desapareceu na terra. Mas, no ano seguinte, quando da incursão prevista no vau, ele a derrotou e terminou por morrer noutro dia.[40]

Um curioso, e talvez galhofeiro, eco do simbolismo da salvação num mundo além soa fracamente na passagem final do conto folclórico *pueblo* do garoto Jarro de Água. "Muitas pessoas, mulheres e garotas, viviam no interior da fonte. Todas elas correram em sua direção e o abraçaram, pois estavam felizes porque sua criança chegara à sua casa. Assim o garoto encontrou o pai e as tias. Bem, o garoto passou ali uma noite e no dia seguinte voltou para casa e disse à mãe que havia encontrado o pai. E sua mãe adoeceu e morreu. E o garoto pensou: 'Não tem sentido em viver com estas pessoas'. E ele as deixou e foi para a fonte. E ali estava sua mãe. Essa foi a forma pela qual ele e a mãe foram viver com o pai. Seu pai era Avaiyo'pi'i (cobra-d'água vermelha). Ele disse que não podia viver com eles em Sikyat'ki. Eis a razão pela qual ele fizera a mãe do garoto adoecer, para que ela morresse e 'viesse viver comigo aqui', disse seu pai. Essa foi a forma pela qual o garoto e a mãe foram viver na fonte."[41]

Esta história, tal como a da esposa-marisco, repete, ponto por ponto, a narrativa mítica. As duas histórias são encantadoras em sua aparente inocência com relação ao poder de que são investidas. No extremo oposto está situado o relato da morte do Buda: bem-humorado, como todos os grandes mitos, mas consciente até o último grau.

"O Abençoado, acompanhado por uma grande congregação de sacerdotes, aproximou-se do banco mais distante do rio Hirannavati, da cidade de Kusinara e de um bosque de tamargueiras indianas, Upavattana dos Mallas; e tendo-se aproximado, dirigiu-se ao venerável Ananda:

"'Ananda, tende a bondade de estender um leito, com a cabeceira voltada para o norte, entre duas tamargueiras. Estou aflito, Ananda, e desejo deitar-me.'

"'Sim, reverendo senhor', disse o venerável Ananda ao

Abençoado, assentindo, e estendeu o leito com a cabeceira para o norte, entre duas tamargueiras. E o Abençoado deitou-se sobre o lado direito, à feição de um leão e, colocando um pé sobre o outro, manteve-se pensativo e consciente.

"Eis que as duas tamargueiras ficaram plenas de flores, embora não fosse a estação das flores; e as flores se distribuíram sobre o corpo do Tathagata, e se espalharam e choveram em louvor a ele[42]. Da mesma forma, eis que caiu pó de sândalo do céu, e esse pó se distribuiu pelo corpo do Tathagata e se espalhou e choveu em seu louvor. E soou música em louvor ao Tathagata e se ouviram coros celestes, cantando em louvor a ele."

Durante as conversas que então ocorreram, enquanto o Tathagata jazia de lado como um leão, um grande sacerdote, o venerável Upavana, ficou à sua frente, abanando-o. O Abençoado logo lhe disse para afastar-se; nesse momento, o auxiliar do Abençoado, Ananda, reclamou ao Abençoado: "Reverendo Senhor", disse ele, "dizei-me, rogo-vos, por que o Abençoado foi severo com o venerável Upavana, dizendo: 'Afasta-te, ó sacerdote; não fiques à minha frente'?"

O Abençoado respondeu: "Ananda, quase todas as divindades de dez mundos reuniram-se para contemplar o Tathagata. Numa extensão de doze léguas em torno da cidade de Kusinara e no bosque de tamargueiras Upavattana dos Mallas, não há um só ponto de solo, grande o suficiente para se estender a ponta de um fio de cabelo, que não esteja ocupado por poderosas divindades. E essas divindades, Ananda, estão iradas, dizendo: 'Viemos de longe para contemplar o Tathagata, pois poucas vezes, e em raras ocasiões, um Tathagata, um santo e Buda Supremo, surge no mundo; e agora, esta noite, na última vigília, o Tathagata entrará no Nirvana; mas esse enorme sacerdote colocou-se diante do Abençoado, ocultando-o, e não podemos ver o Tathagata, embora se aproximem seus últimos momentos'. Assim é, Ananda, que estas divindades estão iradas".

"Que fazem, Reverendo Senhor, as divindades que o Abençoado percebe?"

"Algumas das divindades, Ananda, estão no ar, com a mente plena de coisas terrenas, e deixam os cabelos se eriçarem e choram alto, e estendem os braços e choram alto, e caem de cabeça no solo e rolam para aqui e para ali, dizendo: 'Logo, logo entrará o Abençoado no Nirvana; logo, logo, a Luz do Mundo sairá das vistas de todos!' Algumas delas, Ananda, estão na terra, com a mente plena de coisas terrenas, e deixam os cabelos se eriçarem e choram alto, e estendem os braços e choram alto, e caem de cabeça no solo e rolam para aqui e para ali, dizendo: 'Logo, logo, o Abençoado entrará no Nirvana; logo, logo, o Feliz entrará no Nirvana; logo, logo, a Luz do Mundo sairá das vistas de todos. Mas as divindades que se acham livres das paixões, pensativas e conscientes, suportam tudo de modo evidente, dizendo: 'Transitórias são todas as coisas. Como é possível que tudo o que nasceu, tudo o que veio a ser e é organizado e perecível, não deva perecer? Essa condição não é possível'."

As últimas conversas prosseguiram por mais algum tempo e, no decorrer delas, o Abençoado consolou seus sacerdotes. Depois, dirigiu-se a eles:

"E agora, ó sacerdotes, eu vos deixo; todos os constituintes do ser são transitórios; trabalhai vossa salvação com diligência."

E foram essas as últimas palavras do Tathagata.

"Em seguida, entrou o Abençoado no primeiro transe; e, saindo do primeiro transe, entrou no segundo; e, saindo do segundo transe, entrou no terceiro; saindo do terceiro transe, entrou no quarto; e, elevando-se do quarto transe, penetrou no reino da infinidade do espaço; elevando-se do reino da infinidade do espaço, entrou no reino da infinidade de consciência e, saindo do reino da infinidade de consciência, entrou no reino do nada; e, saindo do reino do nada, penetrou no reino onde não há percepção nem não-percepção; saindo do reino onde não há percepção nem não-percepção, alcançou a suspensão da percepção e da sensação.

"Em seguida, o venerável Ananda dirigiu ao venerável Anuruddha as seguintes palavras:

'"Reverendo Anuruddha, o Abençoado entrou no Nirvana'.

'"Não, irmão Ananda, o Abençoado ainda não entrou no Nirvana; ele chegou à suspensão da percepção e da sensação.'

"E o Abençoado, elevando-se da suspensão de sua percepção e sensação, penetrou no reino em que não há percepção nem não-percepção; e, elevando-se do reino em que não há percepção nem não-percepção, entrou no reino do nada; elevando-se do reino do nada, alcançou o reino da infinidade de consciência; e, saindo do reino da infinidade de consciência, penetrou no reino da infinidade de espaço; saindo do reino da infinidade de espaço, entrou no quarto transe; saindo do quarto transe, subiu ao terceiro; e, elevando-se do terceiro transe, chegou ao segundo; e, elevando-se do segundo transe , alcançou o primeiro; elevando-se do primeiro transe, entrou no segundo; elevando-se do segundo transe, alcançou o terceiro; elevando-se do terceiro, alcançou o quarto transe e, elevando-se do quarto transe, o Abençoado entrou imediatamente no Nirvana."[43]

— Parte II.

Notas ao Capítulo III

1. Giles, op. cit., *pp. 233-234; Rev. j. MacGowan,* The imperial history of China, *Xangai, 1906, pp. 4-5; Friedricb Hirth,* The ancient history of China, *Columbia University Press, 1908, pp. 8-9.*

2. Giles, op. cit., *p. 656; MacGowan,* op. cit., *pp. 5-6; Hirth,* op. cit., *pp. 10-12.*

3. Giles, op. cit., *p. 338; MacGowan,* op. cit., *pp. 6-8; Édouard Chavannes,* Les mémoires historiques de Se-ma Ts'ien, *Paris, 1895-1905, vol. I., pp. 25-36. Veja-se também John C. Ferguson,* Chinese mithology, *The Mithology of Ali Races, vol. VIII, Boston, 1928, pp. 27-28 29-31.*

4. Esta fórmula, com efeito, não é precisamente a do ensinamento cristão comum, no qual, embora seja relatado que Jesus declarou que "o reino de Deus está dentro de vós", as igrejas asseveram que, como o homem é criado apenas "à imagem" de Deus, a distinção entre a alma e seu criador ê absoluta — o que mantém, como ponto último de sua sabedoria, a distinção dualista entre a "alma eterna" do homem e a divindade. A transcendência deste par de opostos não ê encorajada (de fato, é rejeitada como "panteísmo" e por vezes foi recompensada com o poste); não obstante, as orações e diários dos místicos cristãos estão repletos de descrições extáticas da experiência unificadora, que abala a alma (viz. supra, *pp. 42-43), enquanto a visão de Dante, na conclusão da* Divina comédia (supra, *p. 178), certamente ultrapassa o dogma ortodoxo, dualista e concretista do caráter final das pessoas da Trindade. Quando esse dogma não ê transcendido, o mito da Ida ao Pai é tomado literalmente, como uma descrição do alvo último do homem. (Veja-se* supra, *p. 286, nota 5.)*

No tocante ao problema da imitação de Jesus como modelo humano, ou da meditação voltada para Ele, tomado como deus, a

história da atitude cristã pode ser resumida, em linhas gerais, da seguinte forma: 1) período de seguimento literal do mestre, Jesus, mediante a renúncia ao mundo, tal como ele fez (cristianismo primitivo); 2) período de meditação sobre o Cristo Crucificado como divindade presente no íntimo, ao mesmo tempo em que a vida na terra era dedicada ao serviço desse deus (cristianismo primordial e medieval); 3) uma rejeição da maioria dos instrumentos de apoio à meditação, ao mesmo tempo, contudo, em que a vida na terra continuava a ser dedicada ao serviço, ou o vivente encarado como veículo, desse deus que já não era visualizado (cristianismo protestante); 4) tentativa de interpretação de Jesus como modelo de ser humano, mas sem aceitação de seu asce-tismo (cristianismo liberal). Compare-se supra, *p. 186, nota 83.*

5. Essas três lendas constam do excelente estudo psicológico do dr. Otto Rank, The myth of the birth of the hero *(Nervous and Mental Disease Monograph), Nova York, 1910. Uma variante da terceira história está contida na* Gesta romanorum, *conto LXXXI.*

6. Na verdade, Carlos Magno não tinha barba e era careca.

7. Os ciclos de Carlos Magno são exaustivamente discutidos por Joseph Bédier em Les legendes épiques, *3." ed., Paris, 1926.*

9. Louis Ginszberg, The legends of the Jews, *Filadélfia, The Jewish Publication Society of America, 1911, vol. III, pp. 90-94.George Bird Grinnel,* Blackfoot lodge tales, *Nova York, Charles Scribner's Sons, 1916, pp. 31-32.*

10. Elsie Clews Parsons, Tewa tales, *Memórias da Sociedade Americana de folclore, XIX, 1926, p. 193.*

11. O sentido desse conselho, que pode parecer estranho ao leitor ocidental, afirma que o Caminho da Devoção (bhakti mãrga) *deve começar pelas coisas conhecidas e amadas pelo devoto, e não por concepções remotas e inimagináveis. Como a Divindade é imanente a todas as coisas, Ela se fará conhecida através de qualquer objeto profundamente respeitado. Ademais, a Divindade que se acha no íntimo do devoto é precisamente a condição da possibilidade de o devoto descobrir a Divindade no mundo exterior. Esse mistério é ilustrado pela dupla presença de Krishna durante a adoração.*

12. Adaptado de irmã Nivedita e Ananda K. Coomaraswamy, Myths of the hindus and buddhists, *Nova York, Henry Holt and Company, 1914, pp. 221-232.*

13. Parsons, op. cit., *p. 193.*

14. Os ciclos legendários da Irlanda medieval incluem: 1) O Ciclo Mitológico, que descreve as migrações de povos pré-históricos para a ilha, suas batalhas e, em especial, as façanhas da raça de deuses conhecida como Tuatha De Danaan, "Crianças da Grande Mãe, Dana"; 2) Os Anais dos Milesianos, ou crônicas semi-históricas da última raça a chegar, os filhos de Milésius, fundadores das dinastias celtas que sobreviveram até a chegada dos anglo-normandos, sob o reinado de Henrique II, no século XII; 3) O Ciclo de Ulster dos Cavalheiros do Ramo Vermelho, que trata primariamente das façanhas de Cuchulainn na corte do seu tio Conchobar: esse ciclo influenciou amplamente o desenvolvimento da tradição arturiana no País de Gales, na Bretanha e na Inglaterra — a corte de Conchobar servindo de modelo à do rei Artur e as façanhas de Cuchulainn às do sobrinho do rei Artur, Sir Gawain (Gawain foi herói original de muitas aventuras mais tarde atribuídas a Lancelot, Percival e Galahad); 4) O Ciclo dos Fenianos (Fianna): os Fenianos foram um grupo de guerreiros heróicos comandados por Finn MacCool (cf. nota 21, p. 239 supra); *o mais importante conto desse ciclo é o do triângulo amoroso formado por Finn, sua noiva Grianni e seu sobrinho Diarmaid, de que nos chegaram muitos episódios no celebrado conto de Tristão e Isolda; 5) Lendas dos Santos Irlandeses.*

O "povo pequeno" da tradição popular de contos de fadas da Irlanda cristã é uma redução das primeiras divindades pagas, as Tuatha de Danaan.

15. "Taín bó Cuailigne" (a partir da versão do Book of Leinster, *62 a-b, editado por Wh. Stokes e E. Windisch,* Irische texte, *Extramand zu Serie I bis, Leipzig, 1905, pp. 106-117; tradução inglesa em Eleanor Hull,* The Cuchullin saga in Irish literature, *Londres, 1898, pp. 135-136.*

16. Book of Leinster, 64B-67B, Stokes e Windisch, op. cit., *pp. 130-169; Hull,* op. cit., *pp. 142-154.*

17. Extraído de Eleanor Hull, op. cit., *p. 154; traduzido do* Book of Leinster, *68A, Stokes e Windisch,* op. cit., *pp. 168-171.*

18. Hull, op. cit., *pp. 174-176; do* Book of Leinster, *77, Stokes e Windisch,* op. cit., *pp. 368-377. Compare-se a transfiguração de Krishna,* supra, *pp. 226-229 e gravura IV; ver também gravuras II e XII.*

19. Uno Holmberg (Uno Harva), Der Baum des Lebens, *Annales Academiae Scientiarum Fennicae, ser. B., tomo XVI, n." 3, Helsinque, 1923, pp. 57-59; extraído de N. Gorochov, "Yryn Uolan"* (Tzvestia Vostocno-Siberskago Otdela I. Russkago Geograficeskago Obscestva, *XV), pp. 43 ss.*

20. Kalevala, III, 295-300.

21. Mantenho aqui a distinção entre o herói-titã semi-animal primevo (fundador da cidade, doador da cultura) e o tipo posterior, plenamente humano. (Veja-se pp. 306-311, supra.) *As façanhas deste último costumam incluir a morte do primeiro, os Pitões e Minotauros que concederam dádivas no passado. (Um deus crescido demais torna-se imediatamente um demônio destruidor da vida. A forma precisa ser combatida e as energias, liberadas.) Não raro, as façanhas pertencentes aos estágios anteriores do ciclo são atribuídas ao herói humano, assim como um dos heróis anteriores pode ser humanizado e transferido para uma época posterior; mas essas contaminações e variações não alteram a fórmula geral.*

22. Clark Wissler e D. C. Duvall, Mithology of the blackfeet indians, *Anthropological Papers do Museu Americano de História Natural,*
vol. II, parte I; Nova York, 1909, pp. 55-57. Citado por Thompson, op. cit., *pp. 111-113.*

23. Jacobus de Voragine, op. cit., civ, *"Santa Marta, Virgem".*

24. Uma das classes de sacerdotes encarregados da preparação e aplicação de ungüentos sagrados.

25. Sumo sacerdote, que governa como vice-regente do deus.

26. Um divertido e instrutivo exemplo do fracasso abjeto de um

grande herói encontra-se no Kalevala, *Runos IV-VIII, onde Vàinãmóinem fracassa em sua corte, primeiramente de Aino e, mais tarde, da "jovem de Pohjola". A história ê por demais longa para este contexto.*

27. The wooing of Emer, resumido da tradução de Kuno Meyer, in *E Hull,* op. cit., *pp. 57-84.*

28. Parsons, op. cit., *p. 194.*

29. Firdausi, Shah Nameh, *tradução de James Atkinson, Londres e Nova York, 1886, p. 7.*

A mitologia persa tem suas raízes num sistema indo-europeu comum que foi levado das estepes do Arai e do Cáspio para a Índia e o Irã, assim como para a Europa. As principais divindades dos primeiros escritos sagradas (Avesta) dos persas correspondem de forma bastante estreita às dos primeiros textos indianos (Vedas; ver nota 32, p. 182, supra). *Mas os dois ramos viram-se submetidos, em seus respectivos países, a diferentes influências, submetendo-se a tradição védica, pouco a pouco, às influências dravídicas indianas e a persa, às influências sumeriano-babilônicas.*

Já no primeiro milênio antes de Cristo, a crença persa foi reorganizada pelo profeta Zaratustra (Zoroastro), nos termos de um dualismo estrito dos princípios do bem e do mal, da luz e das trevas, dos anjos e dos demônios. Essa crise afetou profundamente, não só as crenças persas, como também as crenças hebraicas dominadas e, portanto (séculos mais tarde), o cristianismo. Ela representa um radical afastamento da interpretação mitológica mais comum do bem e do mal como efeitos provenientes de uma única fonte do ser, que concilia e transcende toda polaridade.

A Pérsia foi invadida pelos seguidores de Maomé, em 642 d.C. Os não conversos foram passados ao fio da espada. Um pequeno grupo remanescente buscou refúgio na índia, onde sobrevivem até os nossos dias como os parses ("persas") de Bombaim. Passado um período de quase três séculos, contudo, ocorreu uma "restauração" literária persa-maometana. Os grandes nomes são: Firdausi (940-1020?), Ornar Khayyam (P-1123?), Nizami (1140-1203), Jalal ad-Din Rumi (1207-1273), Saadi (1184?-1291), Hafiz

(P-1389?) e Jami (1414-1492). O Shah Nameh *("Épico de Reis") de Firdausi é uma recontagem, em versos simples e declaradamente narrativos, da história da Pérsia antiga, remontando à conquista maometana.*

30. Opler, op. cit., *pp. 133-134.*

31. Adaptado de Niverdita e Coomaraswamy, op. cit,, *pp. 236-237.*

32. Coomaraswamy, Hinduism and buddhism, *pp. 6-7.*

33. Mateus, 10:34-37.

34. Bhagavad-gita, 18:51-53.

35. Antífonas das freiras, proferidas quando de sua consagração como Noivas de Cristo; retirado de Roman pontificai. *Reproduzido em* The soul afire, *pp. 289-292.*

36. Ginzberg, op. cit., *vol. I, pp. 305-306. Reproduzido com a permissão da Jewish Publication Society of America.*

37. Wilhelm Stekel, Die Sprache des Traumes, *sonho n.° 421. A morte aparece aqui, como observa o dr. Stekel, em quatro símbolos: o Velho Violinista, o Estrábico, a Mulher Idosa e o Jovem Camponês (o cam ponês é o semeador e ceifador).*

38. Bernardino de Sahagún, Historia general de Ias cosas de Nueva Espafia, *México, 1829, liv. III, cap. xii-xiv (condensados). A obra foi reeditada por Pedro Robredo, México, 1938, vol. I, pp. 278-282.*

39. Thomas A. Joyce, Mexican archaelogy, *Londres, 1914, p. 46.*

40. "Taín bó Regama", editado por Stokes e Windisch, Irische texte, *zweite Seria, Heft. 2, Leipzig, 1887, pp. 241-254. A passagem foi condensada a partir de Hull,* op. cit., *pp. 103-107.*

41. Parsons, op. cit., *pp. 194-195.*

42. Tathãgata: "aquele que chegou ou se encontra (gata) *num tal estado ou condição* (tatha); *isto é, um Iluminado, um Buda.*

43. Reproduzido com a permissão dos editores de Henry Clarke Warren, Buddhism in translations, *Harvard Oriental Series, 3, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1896, pp. 95-110. Comparem-se os estágios da emanação cósmica,* supra, *p. 264.*

Capítulo IV – Dissoluções

1. Fim do microcosmo

O poderoso herói, dotado de poderes extraordinários — capaz de levantar o monte Govardham com um dedo e de preencher-se a si mesmo com a terrível glória do universo —, é cada um de nós: não o eu físico, que podemos ver no espelho, mas o rei que se encontra em nosso íntimo. Krishna declara: "Sou o Eu, que reside no coração de todas as criaturas. Sou o princípio, o meio e o fim de todos os seres"[1]. Eis precisamente o sentido das orações pelos mortos, no momento da dissolução pessoal: que o indivíduo agora retorne ao seu prístino conhecimento da divindade criadora de vida que, durante a sua vida, esteve refletida no âmago do seu coração.

"Quando enfraquece — quer enfraqueça em função da velhice ou da enfermidade —, a pessoa se liberta desses liames tal como uma manga, um figo ou uma baga se liberta do ramo que a retém; e ela se apressa, conforme seu ingresso e local de origem, para voltar à vida. Assim como nobres, policiais, condutores de carruagens e dirigentes de cidades esperam com comida, bebida e aposentos por um rei que chega, exclamando: 'Ele chegou! Ele chegou!', assim também o esperam todas as coisas que têm esse conhecimento, exclamando: 'Aqui está o Imperecível! Aqui está o imperecível!'"[2]

Essa idéia ressoa já nos Textos das Tumbas do antigo Egito, onde o morto canta a si mesmo como alguém que formou uma unidade com Deus:

"Sou Áton, eu que estava sozinho; Sou Ré em sua primeira manifestação. Sou o Grande Deus, autogerador,

Que deu forma aos seus nomes, senhor dos deuses,

De quem nenhum dentre os deuses chega perto.

Fui o ontem, conheço o amanhã.

O campo de batalha dos deuses surgiu quando falei.

Sei o nome desse Grande Deus que aí está.

'Louvor a Ré' é o meu nome.

Sou a grande Fênix que está em Heliópolis"[3].

Mas, tal como ocorreu na morte do Buda, o poder de fazer o percurso regressivo por inteiro, ao longo das épocas de emanação, depende do caráter do homem quando vivo. O mito fala de uma perigosa jornada da alma, com obstáculos a serem transpostos. Os esquimós da Groenlândia enumeram um caldeirão fervente, um osso pélvico, uma grande lâmpada abrasadora, guardiães-monstros e duas rochas que se chocam uma contra a outra e voltam a separar-se[4]. Esses elementos são características-padrão no folclore e na lenda heróica de todo o mundo. Discutimo-los acima, nos capítulos dedicados à "Aventura do herói". Essas características receberam seu desenvolvimento mais elaborado e significativo na mitologia da última jornada da alma.

Uma oração asteca a ser proferida no leito de morte adverte aquele que partiu dos perigos que encontrará no caminho de volta para o pai esqueleto dos mortos, Tzonté-moc, "Aquele que Tem os Cabelos Caídos": "Cara criança! Passaste e sobreviveste aos labores desta vida. Ora, houve por bem nosso Senhor levar-te daqui. Pois não gozamos deste mundo para sempre, mas apenas por um breve período; nossa vida equivale ao ato de nos aquecermos ao sol. E o Senhor nos concedeu a graça de nos conhecermos mutuamente e de conversarmos uns com os outros nesta existência; mas agora, nesse momento, o deus chamado Mictlantecutli, ou Aculna-huácatl, ou ainda Tzontémoc, e a deusa conhecida por Micte-cacíhuatl te transportaram para longe. Foste levado à frente do Seu trono; pois todos devemos ir a ele: esse lugar se destina a todos nós e é vasto.

"Não devemos ter de ti qualquer lembrança. Habitarás no

local mais escuro, onde não há luz nem janela. Não re-tornarás, nem partirás daí; da mesma forma, não pensarás na questão do retorno, nem com ela te preocuparás. Estarás apartado de nós para sempre. Pobres e órfãos deixaste teus filhos e netos; não deves saber como eles terminarão seus dias, [nem] a forma como passarão pelos labores da vida. Quanto a nós, breve iremos ter contigo, aí onde deves estar."

Os anciãos e encarregados astecas preparavam o corpo para o funeral e, depois de envolvê-lo da maneira apropriada, tomavam de um pouco de água e a despejavam sobre sua cabeça, dizendo ao falecido: "Eis o que aproveitaste quando vivias no mundo". E tomavam de um pequeno cântaro de água e lhe faziam presente, dizendo: "Eis algo para a jornada"; eles punham o cântaro nas dobras de sua mortalha. Envolviam o falecido em seus cobertores, prendendo-o fortemente, e colocavam diante dele, um de cada vez, certos papéis que haviam sido preparados: "Veja, com isto poderás passar pelas montanhas que esmagam". "Com isto pássaras pela estrada onde a serpente espreita." "Isto satisfará o pequeno lagarto verde, Xochitónal." "E observa, com isto percorreras os oito desertos de frio enregelante." "Eis o meio pelo qual cruzarás as oito pequenas colinas." "Eis o recurso por meio do qual sobreviverás ao vento das facas obsidianas."

O falecido deveria levar um pequeno cão consigo, de pêlos avermelhados e brilhantes. Em torno de seu pescoço, era colocado um suave colar de algodão; eles o matavam e cremavam juntamente com o cadáver. O falecido usaria esse pequeno animal para nadar quando passasse pelo rio do mundo inferior. E, quatro anos depois da passagem, chegaria com ele diante do deus, a quem presentearia com seus papéis e donativos. Feito isso, seria admitido, junto com seu fiel companheiro, ao "Nono Abismo"[5].

Os chineses falam da passagem por uma Ponte Encantada sob a orientação da Moça de Jade e do Jovem de Ouro. Os hindus descrevem um altíssimo firmamento de céus e um mundo inferior cheio de níveis de inferno. A alma, após a morte, gravita para o nível apropriado à sua densidade relativa, para digerir e assimilar todo o sentido de sua vida pregressa.

Aprendida a lição, ela retorna ao mundo, a fim de preparar-se para o próximo grau de experiência. Dessa maneira, percorre gradualmente todos os níveis de valor vital até ultrapassar os limites do ovo cósmico. A; *Divina comédia,* de Dante, é uma exaustiva revisão desses estágios: o "Inferno" representa a condição miserável do espírito aprisionado aos orgulhos e ações da carne; o "Purgatório", o processo de transmutação da experiência carnal em experiência espiritual; e o "Paraíso", os graus de realização espiritual.

Uma profunda e pavorosa visão da jornada está presente em O *livro egípcio dos mortos.* O homem ou a mulher mortos são identificados com Osíris e, com efeito, chamados de Osíris. Os textos se iniciam com o louvor a Ré e a Osíris, passando em seguida para os mistérios do afrouxamento das ataduras do espírito no mundo inferior. No capítulo "De como dar uma boca a Osíris N."[6], encontramos a seguinte frase: "Levanto-me para fora do ovo na terra escondida". Trata-se do anúncio da idéia de morte como renascimento. Então, no capítulo "De como abrir a boca de Osíris N.", o espírito que desperta ora: "Possa o deus Ptá abrir minha boca, e o deus da minha cidade afrouxar as ataduras, as ataduras que estão sobre minha boca". Nos capítulos "De como fazer um homem possuir memória no mundo inferior" e "De como dar um coração ao falecido no mundo inferior", o processo de renascimento avança dois estágios. Começam em seguida os capítulos relativos aos perigos que o viajante solitário deve enfrentar e vencer em sua jornada para o trono do terrível juiz.

O livro egípcio dos mortos era queimado juntamente com a múmia, para servir de guia aos perigos do difícil caminho, e eram recitados capítulos na época do funeral. Num certo estágio da preparação da múmia, o coração do falecido era aberto e nele era colocado um escarabeu de basalto, encravado num engaste de ouro, simbolizando o sol, enquanto se recitava a oração: "Meu coração, minha mãe; meu coração, minha mãe; meu coração de transformações". Trata-se de uma prescrição contida no capítulo "De como não deixar que o coração de um homem lhe seja arrebatado no mundo inferior". Em seguida, lemos, no capítulo "De como fazer retroceder o crocodilo que

vem buscar as palavras mágicas": "Retrocede, Crocodilo que assistes no oeste... Retrocede, Crocodilo que assistes no sul... Retrocede, Crocodilo que assistes no norte... As coisas criadas estão no oco da minha mão, e as que ainda não nasceram, no meu corpo. Estou vestido e totalmente provido das tuas palavras mágicas, ó Ré, as quais se encontram no céu acima de mim e na terra debaixo de mim..." O capítulo "De como rechaçar serpentes" é o seguinte, vindo, depois, o capítulo "De como afastar Apshait". A alma exclama, diante deste último demônio: "Estranha-te de mim, ó tu cujos lábios corroem". No capítulo "De como fazer recuar as duas deusas Merti", a alma declara seu propósito e se protege a si mesma ao afirmar ser filha do pai: " ... Brilho a partir do barco *Sectet;* sou Horo, filho de Osíris, e vim ver meu pai Osíris".

Figura 19 — Osíris, juiz dos mortos

Os capítulos "De como viver de ar no mundo inferior" e "De como fazer recuar a serpente Rerec no mundo inferior" levam o herói a avançar ainda mais em seu caminho, até que chega a grande proclamação do capítulo "De como acabar as matanças levadas a cabo em Suten-Henen"; "Meu cabelo é o cabelo de Nu. Meu rosto *é* o rosto do Disco. Meus olhos são os olhos de Hátor. Meus ouvidos são os ouvidos de Apuat. Meu nariz é o nariz de Quenti-cas. Meus lábios são os lábios de Anpu. Meus dentes são os dentes de Serquet. Meu pescoço é o pescoço da divina deusa Isis. Minhas mãos são as mãos de Ba-neb-Tatu. Meus antebraços são os ante-braços de Neit, Senhora de Sais. Minha espinha dorsal é a espinha dorsal de Suti. Meu falo é o falo de Osíris. Meus rins são os rins de Quer-aha. Meu peito é o peito do Poderoso no Terror... Não há membro do meu corpo que não seja membro de algum Deus. O deus Tot protege-me o corpo de todo em todo, e sou Ré todos os dias. Não serei arrastado para trás pelos braços e ninguém segurará com violência minhas mãos..."

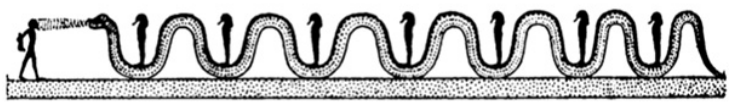


Figura 20 — A serpente Kéti no mundo inferior, consumindo com fogo um inimigo de Osíris.

Tal como ocorre na imagem budista bastante posterior do Bodisatva, em cuja auréola há cinco centenas de Budas transformados, cada um deles assistido por cinco centenas de Bodisatvas, que são servidos, por sua vez, por um número indefinível de deuses, aqui a alma alcança a plenitude de sua estatura e do seu poder mediante a assimilação das divindades previamente consideradas distintas dela e externas a ela. Essas divindades são projeções do seu próprio ser; e a alma, quando retorna à sua real condição, as reassume.

No capítulo "De como respirar o ar e ter domínio sobre a água do mundo inferior", a alma proclama-se a si mesma guardiã do ovo cósmico: "Salve, ó sicômoro da deusa Nut! Dá-me um pouco da água e do ar que moram em ti. Abraço o trono que está em Hermópolis e velo e guardo o ovo do Grande Palrador. Ele cresce, eu cresço; ele vive, eu vivo; ele aspira o ar, eu aspiro o ar, eu o Osíris N., em triunfo".

Seguem-se os capítulos "De como não deixar a alma de um homem ser-lhe arrebatada no mundo inferior" e "De como beber água e não ser queimado no mundo inferior", chegando-se por fim ao grande ponto culminante — o capítulo "De como sair à luz no mundo inferior", no qual a alma e o ser universal revelam-se um só: "Sou ontem, hoje e amanhã e tenho o poder de nascer pela segunda vez; sou a divina Alma oculta que criou os deuses e dá repastos celestiais aos cidadãos do Mundo Inferior de Amentet e do Céu. Sou o leme do leste, possuidor de dois rostos divinos em que se vêem os seus raios. Sou o Senhor dos mundos levantados; o Senhor que sai da escuridão e cujas formas de existência são da casa em cujo interior se acham os mortos. Salve, ó dois falcões que estais empoleirados em vossos sítios de descanso, que ouvis as coisas ditas por ele, que guiais o esquife para o local escondido, que dirigis ao lado de Ré, e que o seguis ao local mais elevado do santuário nas alturas celestiais! Salve, Senhor do Santuário que se encontra no meio da terra. Ele é eu, e eu sou ele, Ptá cobriu de cristal o seu céu..."

Figura 21 — Os duplos de Ani e de sua esposa tomando água no outro mundo

Daí por diante, a alma pode perambular pelo universo como lhe aprouver, como o demonstram os capítulos "De como erguer os pés e sair sobre a terra", "De como viajar para Heliópolis e ali receber um trono", "Do homem que se transforma no que lhe apraz", "De como entrar na Casa Grande" e "De como entrar à presença dos Divinos Príncipes Soberanos de Osíris'. Os capítulos da chamada Confissão Negativa declaram a pureza moral do homem que foi redimido: "Não cometi iniqüidade... não roubei com violência... não pratiquei violência contra homem algum ... não roubei... não matei homem nem mulher..." O livro termina com orações de louvor aos deuses, havendo ainda capítulos do tipo "De como ter existência perto de Ré", "De como fazer um homem voltar para ver a sua casa na terra", "De com tornar perfeita a alma imortal" e "De como entrar no barco de Ré"[7].

2. Fim do macrocosmo

Da mesma forma como o indivíduo deve dissolver-se, assim também deve acontecer ao universo:

"Quando se percebe que passado um lapso de cem mil anos, cumpre renovar o ciclo, os deuses chamados *Loka byuhas,* habitantes de um céu de prazer sensual, perambulam pelo mundo, com os cabelos caídos e voando ao vento, chorando e enxugando as lágrimas que vertem com as próprias mãos e com as roupas rubras e em grande desordem. E eles então anunciam:

"'Senhores, passado o lapso de cem mil anos, eis que o ciclo deve ser renovado; este mundo será destruído; da mesma maneira, o poderoso oceano secará; e essa ampla terra e Sumeru, o monarca das montanhas, serão queimados e destruídos — até o mundo de Brahma se estenderá a destruição do mundo. Por conseguinte, senhores, cultivai a amizade; cultivai a compaixão, o júbilo e a indiferença; cuidai de vossas mães; cuidai de vossos pais; e honrai vossos anciãos entre vosso povo'.

"Dá-se a isso o nome de Distúrbio Cíclico."[8]

A versão maia do fim do mundo é representada por uma ilustração que recobre a última página do Códex Dres-den[9]. Esse antigo manuscrito registra os ciclos dos planetas e daí derivam cálculos a respeito de vastos ciclos cósmicos. Os números-serpentes (assim chamados graças ao aparecimento de um símbolo de serpente junto a si), que aparecem perto do final do texto, representam períodos mundiais de aproximadamente trinta e quatro mil anos — doze milhões e meio de dias —, que são registrados repetidas vezes. "Nesses períodos quase

inconcebíveis, todas as unidades menores podem ser consideradas como alcançando um termo mais ou menos exato. Que importam uns poucos anos que se desviem para aqui ou para ali nessa virtual eternidade? Por fim, na última página do manuscrito, é descrita a Destruição do Mundo, para a qual os números mais elevados prepararam o caminho. Aqui vemos a serpente da chuva, estendendo-se pelo céu, produzindo torrentes de água. Grandes correntes de água saem do Sol e da Lua. A velha deusa, de presas de tigre e aspecto medonho, a patronesse malévola das inundações e dos aguaceiros, entorna a tigela das águas celestiais. Os ossos cruzados, terrível símbolo da morte, lhe adornam as vestes e uma serpente coleante coroa-lhe a cabeça. Abaixo, com uma lança apontada para baixo, símbolo da destruição universal, o deus negro espreita, com um mocho praguejando em sua pavorosa cabeça. Na realidade, aqui se acha retratado, de forma vivida, o cataclismo final que engolfa tudo."[10]

Uma das mais fortes representações se encontra no *Poefic Edda* dos antigos *vikings.* Odin (Wotan), o chefe dos deuses, quis saber qual o destino que ele e seu panteão teriam, e a "Mulher Sábia", personificação da própria Mãe do Mundo, o Destino articulado, fá-lo ouvir[11]:

"Irmãos combaterão entre si e se matarão, E os filhos de irmãs macularão o parentesco; Difícil será a vida na terra, tomada por forte corrupção; Tempo do machado, tempo da espada, de escudos

partidos, Tempo do vento, tempo do lobo, antes de o mundo

desabar; E os homens não mais se pouparão uns aos outros".

Na terra dos gigantes, Jotunheim, um belo galo vermelho, cantará; em Valhalla, o galo Pente de Ouro; no Inferno, um pássaro cor de ferrugem. O cão Garm, na caverna da encosta, entrada no mundo dos mortos, abrirá suas imensas presas e rosnará. A terra tremerá. Os penhascos e árvores virão abaixo, o mar tomará conta da terra. Os grilhões de todos os monstros aprisionados no início serão partidos: Fenris-Lobo se libertará e avançará, com a presa inferior, contra a terra e, com a superior, contra o céu ("ele mais alcançaria se mais espaço houvesse"); o

fogo sairá dos seus olhos e narinas. A serpente que envolve o mundo, do oceano cósmico, se levantará, com gigantesca fúria, e avançará, juntamente com o lobo, contra a terra, soprando veneno, contaminando todo o ar e toda a água. Naglfar (o navio feito com unhas de homens mortos) terá suas amarras soltas e transportará todos os gigantes. Outro navio navegará com os habitantes do inferno. E o povo do fogo avançará a partir do sul.

Quando o vigia dos deuses tocar seu agudo chifre, os filhos guerreiros de Odin serão chamados para a batalha final. De todos os cantos do mundo, os deuses, gigantes, demônios, anões e elfos se dirigirão ao campo de batalha. O Freixo do Mundo, Yggdrasil, tremerá e nada ficará livre do temor, no céu ou na terra.

Odin se lançará contra o lobo, Tor contra a serpente. Tir contra o cão — o pior monstro — e Freyr contra Surt, o homem da chama. Tor matará a serpente, afastar-se-á dez passos do ponto em que o fizer e, por causa do veneno soprado, cairá morto na terra. Odin será engolido pelo lobo; depois disso, Vidarr, apoiando um dos pés sobre a mandíbula inferior do lobo, lhe arrancará a superior e lhe destruirá a garganta. Loki matará Heimdallr e será morto por ele. Surt colocará fogo na terra e queimará todo o mundo.

"O sol fica negro, a terra afunda no mar,

As quentes estrelas são atiradas céu abaixo;

Fortes se tornam o vapor e a chama que nutre a vida,

Até que o fogo se eleve ao próprio céu.

Eis que Garm uiva diante de Gnipahellir,

Os grilhões se quebram e o lobo se liberta;

Muito sei eu e mais posso ver.

Do destino dos deuses, os poderosos na luta."

"E estando Jesus assentado no monte das Oliveiras,

aproximaram-se dele seus discípulos, perguntando-lhe: Dize-nos, quando sucederão essas coisas? E que sinal haverá de tua vinda, e da consumação do mundo?

"E, respondendo, disse-lhes Jesus: Vede, não vos engane alguém. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou Cristo, e a muitos enganarão. Haveis pois de ouvir sobre guerras e rumores de guerra: olhai, não vos turbeis: pois importa que assim aconteça, mas ainda não é o fim. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilência, fomes e terremotos em diversos lugares. E todas essas coisas são princípios de dores. Então vos entregarão à tribulação, e vos matarão: e sereis aborrecidos por todas as gentes por causa do meu nome. E muitos então serão escandalizados, e se entregarão de parte a parte. E levantar-se-ão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E porquanto multiplicar-se-á a iniqüidade, a caridade de muitos se resfriará. Mas o que perseverar até o fim, esse será salvo. E será pregado esse Evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a todas as gentes; e então chegará o fim.

"Quando vós pois virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, mantende-vos no lugar santo (o que lê entenda:) Então os que se acham na Judéia fujam para os montes: e o que se acha no telhado não desça levando coisa alguma de sua casa: e o que se acha no campo não volte a tomar sua túnica. Mas ai das que estiverem pejadas e das que criarem naqueles dias! Rogai pois que não seja a vossa fuga no inverno, ou em dia de sábado: Porque será então a aflição tão grande que, desde que há mundo até agora, não houve nem haverá outra semelhante. E se não se abreviassem aqueles dias, não se salvaria pessoa alguma: porém abreviar-se-ão aqueles dias, em atenção aos escolhidos.

"Então, se alguém vos disser: Olhai, aqui está o Cristo, ou ei-lo acolá!, não lhes deis crédito. Porque se levantarão muitos falsos cristos e falsos profetas: que farão grandes prodígios e maravilhas tais, que, se fora possível, até os escolhidos se enganariam. Vede que eu vo-lo adverti antes. Se pois vos disserem: Ei-lo lá, está no deserto, não saiais. Ei-lo cá mais retirado da casa, não lhes deis crédito. Porque do modo que um

relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente: assim há de ser também a vinda do Filho do homem. Em qualquer lugar que estiver o corpo, aí se hão de juntar também as águias. E logo depois da aflição daqueles dias, escurecer-se-á o sol, e a lua não dará a sua claridade, e as estrelas cairão do céu e as virtudes dos céus se comoverão: e então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu: e então todos os povos da terra chorarão, e verão ao Filho do homem, que virá sobre as nuvens do céu com grande poder, e majestade. E enviará os seus anjos com trombetas, e ajuntarão os escolhidos a partir dos quatro ventos, do mais remontado do céu até as extremidades dele... Mas daquele dia, nem daquela hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, senão só o Pai."[12]

— Parte II.

Notas ao Capítulo IV

1. Bhagavad-gita, 10:20.

2. Brihadaranyaka Upanishad, *43.36-37.*

3. James Henry Breasted, Development of religion and thought in Egypt, *Nova York, Charles Scribner's Sons, 1912, p. 275. Reproduzido com permissão dos editores.*

Compare-se o poema de Taliesin, pp. 234-235, supra.

4. Franz Boas, Race, language, and culture, *Nova York, 1940, p. 514. Veja-se* supra, *pp. 102-104.*

5. Sahagún, op. cit., *liv. 1, Apêndice, capítulo i; editado por Robredo, vol. I, pp. 284-286.*

Cães brancos e pretos não podem nadar no rio, pois o cão branco diria: "Eu me lavei!" e o preto diria: "Eu me sujei!" Apenas os cães de um vermelho brilhante podem passar pelo cais dos mortos.

6. N = o nome do falecido. Por exemplo: Ostris Ani, Osíris Aufankh.

7. Baseado na tradução de E. A. W. Budge: The Book of the Dead, the papyrus of Ani, scribe and treasurer of the temples of Egypt, about B.C. 1450, *Nova York, 1913.*

8. Reproduzido com permissão da Harvard University Press, de Henry Clarke Warren, Buddhism in translations, *pp. 38-39.*

9. Sylvanus G. Morley, An introduction to the study of the Maya hieroglyphics *(Boletim 57 do Bureau of American Ethnology), Washington, 1915, estampa 3 (diante da página 32).*

10. Ibid., p. 32.

11. O relato apresentado a seguir tem como base o Poetic Edda, *"Voluspa", 42 ss. (os versos são citados da tradução de Bellows,* op. cit., *pp. 19-20, 24) e o* Prose Edda, *"Gylfaginning", LI (tradução de Brodeur,* op. cit., *pp. 77-81). Com a permissão da Fundação Americano- Escandinava, editores.*

12. Mateus, 24:3-36.

Epílogo

Mito e Sociedade

1. As mil formas

Não há um sistema definitivo de interpretação dos mitos e jamais haverá algo parecido com isso. A mitologia é semelhante ao deus Proteu, "o ancião do mar, de palavra infalível". O deus "tentará escapar, assumindo todas as formas, as dos seres que rastejam no solo, as dos seres da água e do fogo de implacável chama"[1].

O viajante da vida que desejar receber o ensinamento de Proteu deve "segurá-lo firmemente e apertá-lo mais e mais" e, com o tempo, ele aparecerá em sua forma própria. Mas esse determinado deus jamais revela, mesmo ao mais habilidoso formulador de perguntas, todo o conteúdo de sua sabedoria. Ele replicará, tão-somente, à pergunta que lhe for feita e aquilo que ele vier a revelar será grandioso ou trivial, a depender da pergunta feita. "Quando o sol alcança o meio do firmamento, nesse instante sai das ondas o ancião do mar, de palavra infalível, à frente do sopro do Zéfiro vem ele, coberto pela escura madria do mar. E quando sai, vai ele deitar-se para dormir na concavidade das cavernas. E ao seu redor dormem as focas, filhas da bela deusa marinha, saídas das cinzentas águas do mar; e acre é o odor que exalam, vindo dos abismos profundos do salgado mar.'" O rei-guerreiro grego Menelau, que foi guiado por uma solícita filha desse velho pai-mar sobre a localização do covil selvagem e instruído por ela a respeito do procedimento capaz de obter a resposta do deus, só desejava perguntar o segredo de suas próprias dificuldades e o paradeiro dos seus amigos. E o deus não se fez de rogado.

A mitologia tem sido interpretada pelo intelecto moderno como um primitivo e desastrado esforço para explicar o mundo

da natureza (Frazer); como um produto da fantasia poética das épocas pré-históricas, mal compreendido pelas sucessivas gerações (Müller); como um repositório de instruções alegóricas, destinadas a adaptar o indivíduo ao seu grupo (Durkheim); como sonho grupai, sintomático dos impulsos arquetípicos existentes no interior das camadas profundas da psique humana (Jung); como veículo tradicional das mais profundas percepções metafísicas do homem (Coomaraswamy); e como a Revelação de Deus aos Seus filhos (a Igreja). A mitologia é tudo isso. Os vários julgamentos são determinados pelo ponto de vista dos juízes. Pois, a mitologia, quando submetida a um escrutínio que considere não o que é, mas o modo como funciona, o modo pelo qual serviu à humanidade no passado e pode servir hoje, revela-se tão sensível quanto a própria vida às obsessões e exigências do indivíduo, da raça e da época.

2. A função do mito, do culto e da meditação

Em sua forma-vida, o indivíduo é necessariamente mera fração e distorção da imagem total do homem. Ele é limitado, quer como homem ou como mulher; a cada período de sua vida, ele é outra vez limitado na condição de criança, jovem, adulto maduro ou ancião; ademais, no papel que desempenha na vida, é necessariamente especializado como artesão, comerciante, servo ou ladrão, sacerdote, líder, esposa, freira ou prostituta; ele não pode ser tudo. Por conseguinte, a totalidade — a plenitude do homem — não se acha no membro separado, mas no corpo da sociedade como um todo; o indivíduo pode ser, tão-somente, um órgão. Do seu grupo ele derivou suas técnicas de vida, a língua por meio da qual pensa, as idéias por meio das quais prospera; do passado da sociedade procedem os genes que lhe formam o corpo. Se se atrever a apartar-se, por meio de ações ou em termos de pensamento e sentimento, ele apenas romperá o vínculo com as fontes de sua existência.

As cerimônias tribais de nascimento, iniciação, casamento, funeral, instalação, etc., servem para traduzir as crises e ações da vida do indivíduo em formas clássicas e impessoais. Elas mostram o indivíduo a si mesmo, não como essa ou aquela personalidade, mas como o guerreiro, a noiva, a viúva, o sacerdote, o chefe; ao mesmo tempo, reapresentam, diante dos demais membros da comunidade, a velha lição dos estágios arquetípicos. Todos participam do cerimonial de acordo com sua posição e função. A sociedade inteira se torna visível a si mesma como unidade viva imperecível. As gerações de indivíduos passam, como células anônimas num corpo vivo; mas a forma mantenedora e intemporal permanece. Por um

alargamento da visão, destinado a fazê-la abarcar esse superindivíduo, cada pessoa se descobre aperfeiçoada, enriquecida, apoiada e magnificada. Seu papel, embora inexpressivo, é visto como algo intrínseco à bela imagem-festival do homem — a imagem potencial e, no entanto, necessariamente inibida, que se encontra dentro de cada pessoa.

Às obrigações sociais dão continuidade à lição da existência-festival no plano da existência cotidiana normal, e o indivíduo ainda é validado. Inversamente, a indiferença, a revolta — ou o exílio — quebram os conectores vitalizantes. Do ponto de vista da unidade social, o indivíduo que se apartou é um mero nada, um refugo, ao passo que o homem ou a mulher que possa dizer honestamente que desempenhou o papel — de sacerdote, prostituta, rainha ou escravo — *é* alguma coisa, no pleno sentido do verbo *ser*.

Os ritos de iniciação e instalação, portanto, ensinam a lição da unicidade essencial entre indivíduo e grupo; os festivais sazonais abrem um horizonte de mais amplo alcance. Como o indivíduo é um órgão da sociedade, assim também a tribo ou cidade — da mesma maneira que toda a humanidade — é apenas uma fase do poderoso organismo do cosmo.

Costuma-se descrever os festivais sazonais dos chamados povos nativos como esforços de controle da natureza. Trata-se de uma representação errônea. Há muito de desejo de controlar em cada uma das ações do homem, particularmente nas cerimônias mágicas às quais é atribuído o poder de provocar chuva, curar doenças ou conter a inundação; não obstante, o motivo dominante em todas as cerimônias de real sentido religioso (em oposição às da magia negra) é o da submissão aos aspectos inevitáveis do destino — e, nos festivais sazonais, esse motivo é particularmente manifesto.

Ainda não foram feitos registros de nenhum rito tribal que tente evitar a chegada do inverno; pelo contrário, todos os ritos preparam a comunidade para suportar, juntamente com o resto da natureza, a estação de terrível frio. E, quando chega a primavera, os ritos não têm como alvo compelir a natureza a produzir de imediato milho, feijão e abóboras para a

comunidade improdutiva; nada disso: os ritos incitam todo o povo ao trabalho da estação da natureza. O prodigioso ciclo do ano, com suas inclemências e períodos de gozo, é celebrado e delineado, bem como representado, como algo que prossegue no giro da vida do grupo humano.

Muitas outras simbolizações dessa continuidade povoam o mundo da comunidade instruída por meio da mitologia. Por exemplo, os clãs das tribos caçadoras americanas com freqüência se consideravam a si mesmos como descendentes de ancestrais meio animais, meio humanos. Esses ancestrais foram pais, não só dos membros humanos do clã, como também das espécies animais que dão nome ao clã; desse modo, os membros humanos do clã do castor eram primos sangüíneos do castor, protetores da espécie e protegidos pela sabedoria animal do povo da floresta. Para dar outro exemplo: a *hogan,* ou cabana de barro dos Navajos do Novo México e do Arizona, é construída nos termos do plano da imagem navajo do cosmo. A entrada está voltada para o leste. Os oito lados representam as quatro direções e os pontos intermediários. Cada travessa e cada yiga correspondem a um elemento da grande *hogan* da terra e do céu todo-abarcadores. E como a alma do próprio homem é considerada como idêntica em forma ao universo, a cabana de barro é uma representação da harmonia básica entre o homem e o mundo, assim como uma forma de lembrar do caminho-vida oculto da perfeição.

Mas há outro caminho — diametralmente oposto ao das obrigações sociais e do culto popular. Do ponto de vista do caminho das obrigações, todos os que se encontram exilados da comunidade são um zero à esquerda. Do outro ponto de vista, todavia, esse exílio é o primeiro passo da busca. Cada pessoa traz dentro de si mesma o todo; por conseguinte, é possível procurá-lo e descobri-lo no próprio íntimo. As diferenciações em termos de sexo, idade e ocupação não são essenciais ao nosso caráter; não passam de trajes que utilizamos por algum tempo no palco do mundo. A imagem do homem que se acha no interior não deve ser confundida com as vestes que o envolvem. Pensamos em nós mesmos como americanos, filhos do século XX, ocidentais, cristãos civilizados. Somos virtuosos

ou pecadores. No entanto, essas designações não nos dizem o que é ser um homem; servem tão-somente para denotar os acidentes da geografia, da data de nascimento e da renda. Qual é o nosso núcleo? Qual o caráter básico do nosso ser?

O ascetismo dos santos medievais e dos iogues da índia, as iniciações nos mistérios helenísticos, as antigas filosofias do Oriente e do Ocidente são técnicas para levar a consciência individual a retirar a ênfase das vestes. As meditações preliminares do aspirante afastam-lhe a mente e os sentimentos dos acidentes da vida, levando-o ao ponto essencial. "Não sou isto, nem aquilo", ele medita, "não sou minha mãe, nem meu filho que acabou de morrer; nem meu corpo, que está enfermo ou velho; nem meu braço, meus olhos, minha cabeça; nem a soma de todas essas coisas. Não sou meu sentimento, nem minha mente, nem meu poder de intuição." Por meio dessas meditações, ele é levado às suas próprias camadas profundas e termina por alcançar imperscrutáveis percepções. Não há quem possa retornar desses exercícios e levar a sério o fato de ser o sr. Fulano de Tal, de tal cidade, Estados Unidos. — A sociedade e as obrigações ficam de lado. O sr. Fulano de Tal, tendo descoberto seu próprio potencial, volta-se para dentro de si e se distancia.

Esse é o estágio de Narciso contemplando a fonte e do Buda sentado em contemplação sob a árvore, mas não é o alvo último; trata-se de um passo necessário, mas não do fim. O alvo não consiste em *ver,* mas em realizar aquilo que se *é,* a essência; e assim ficamos livres para vagar, como essa essência, pelo mundo. Além disso, o mundo também é feito dessa essência. A essência de cada um de nós e do mundo é a mesma. Assim sendo, a separação, o afastamento já não são necessários. Aonde quer que vá e o que quer que possa fazer, o herói sempre se acha na presença de sua própria essência — pois ele tem o olho aprimorado para ver. Não há separação. Portanto, assim como o caminho da participação social pode levar, no final, a uma percepção do Todo no indivíduo, assim também o exílio leva o herói a encontrar o Eu em tudo.

Voltada para esse ponto nodal, a questão do egoísmo ou do altruísmo desaparece. O indivíduo se perdeu na lei e renasceu

na identidade com todo o sentido do universo. Para Ele, por Ele, o mundo foi feito. "Ó Maomé", disse Deus, "se não existisses, eu não teria criado o céu."

3. O herói hoje

Tudo isso ainda se encontra, na realidade, longe da concepção contemporânea; pois o ideal democrático do indivíduo autodeterminado, a invenção da máquina movida por um motor e o desenvolvimento do método científico de pesquisa transformaram a tal ponto a vida humana, que o universo intemporal de símbolos, há muito herdado, entrou em colapso. Nas fatídicas palavras de Zaratustra, de Nietzsche, que foram o arauto de uma época, "mortos estão todos os deuses"[3]. Conhecemos o conto; ele foi contado de mil maneiras. Trata-se do ciclo do herói da época moderna, a prodigiosa história da chegada da humanidade à idade adulta. O fascínio do passado, o cativeiro da tradição foram abalados com firmes e certeiros golpes. A teia onírica do mito ruiu; a mente se abriu à plena consciência desperta; e o homem moderno emergiu da ignorância antiga, tal como uma borboleta do seu casulo, ou tal como o sol, de madrugada, do útero da mãe noite.

Não se trata apenas da inexistência de locais nos quais os deuses possam se ocultar do telescópio e do microscópio perscrutantes; já não há sociedades do tipo a que os deuses um dia serviram de suporte. A unidade social não é um portador de conteúdo religioso, mas uma organização econômico-política. Seus ideais não são os da pantomima hierática — que torna visíveis, na terra, as formas do céu —, mas sim os ideais do Estado secular, numa dura e incansável competição por supremacia material e por recursos. Já não existem, exceto em áreas ainda não exploradas, sociedades isoladas, limitadas em termos oníricos no âmbito de um horizonte mitologicamente carregado. E, no interior das próprias sociedades progressistas, todos os últimos vestígios da antiga herança humana do ritual,

da moralidade e da arte se encontram em pleno declínio.

O problema da humanidade hoje, portanto, é precisamente o oposto daquele que tiveram os homens dos períodos comparativamente estáveis das grandes mitologias coordenantes, hoje conhecidas como inverdades. Naqueles períodos, todo o sentido residia no grupo, nas grandes formas anônimas, e não havia nenhum sentido no indivíduo com a capacidade de se expressar; hoje não há nenhum sentido no grupo — nenhum sentido no mundo: tudo está no indivíduo. Mas, hoje, o sentido é totalmente inconsciente. Não se sabe o alvo para o qual se caminha. Não se sabe o que move as pessoas. Todas as linhas de comunicação entre as zonas consciente e inconsciente da psique humana foram cortadas e fomos divididos em dois.

A tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu. Onde então havia trevas, hoje há luz; mas *é* igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada.

Evidentemente, esse trabalho não pode ser realizado negando-se ou descartando-se aquilo que tem sido alcançado pela revolução moderna; pois o problema não é senão o de tornar o mundo moderno espiritualmente significativo — ou (enunciando esse mesmo princípio de forma inversa) o de possibilitar que homens e mulheres alcancem a plena maturidade humana por intermédio das condições da vida contemporânea. Na verdade, essas condições são, elas mesmas, aquilo que tornou as antigas fórmulas ineficazes, ilusórias e mesmo perniciosas. Nos nossos dias, a comunidade é o planeta e não a nação com seus limites; eis por que os padrões da agressão projetada, que antes serviam para coordenar o grupo voltado para si mesmo, hoje podem apenas dividi-lo em facções. A idéia de nação, com a bandeira servindo de totem, serve hoje de elemento engrandecedor do ego infantil, e não de elemento aniquilador da situação infantil. Seus rituais-paródias do campo de exercícios prestam-se aos fins de Gancho, o tirano-dragão, e não ao Deus no qual o auto-interesse é aniquilado. E os

numerosos santos desse anticulto — a saber, os patriotas cujas fotografias ubíquas, drapeadas de estandartes, servem de ícones oficiais — são precisamente os guardiães do limiar local (nosso demônio Cabelo Pegajoso), que se configura como o primeiro problema que o herói deve superar.

Da mesma maneira, não podem as grandes religiões do mundo, tal como são entendidas em nossos dias, atender a essa exigência. Pois estas tornaram-se associadas com as causas das facções, como instrumentos de propaganda e de autocongratulação. (Mesmo o budismo ultimamente sofreu essa degradação, como reação às lições do Ocidente.) O triunfo universal do Estado secular lançou todas as organizações religiosas numa posição tão claramente secundária e, em última análise, tão ineficaz que, nos dias de hoje, pantomima religiosa dificilmente é mais do que um exercício santarrão para as manhãs de domingo, enquanto a ética dos negócios e o patriotismo regem os demais dias da semana. O mundo que funciona não requer essa santidade de fancaria; pelo contrário, faz-se necessária uma transmutação de toda a ordem social, de maneira que, por meio de todo ato e detalhe da vida secular, a imagem vitalizante do deus-homem universal — aquele que, em verdade, é imanente e eficaz em cada um de nós — possa ser trazida, de alguma forma, ao conhecimento da consciência.

E não estamos diante de um trabalho que a consciência possa realizar por si mesma. A consciência tem tanta condição para inventar, ou mesmo predizer, um símbolo efetivo, quanto tem para prever ou controlar o sonho desta noite. Todo o trabalho vem sendo feito em outro nível, passando pelo que está fadado a ser um processo longo e bastante assustador, não apenas nas camadas profundas de cada psique viva no mundo moderno, mas também nos titânicos campos de batalha nos quais se converteu, ultimamente, todo o planeta. Estamos assistindo à terrível colisão das Simplégades, pelas quais a alma deve passar — sem se identificar com nenhum dos lados.

Mas há algo que podemos saber: à medida que vão se tornando visíveis, os novos símbolos não serão idênticos nas várias partes do globo; as circunstâncias da vida local, da raça e da tradição devem ser, todas elas, compostas de maneira

efetiva. Por conseguinte, é necessário que os homens entendam — e sejam capazes de ver — que, por meio dos vários símbolos, é revelada a mesma redenção. "A verdade é uma só", dizem os Vedas, "mas sábios falam dela sob muitos nomes." Uma única canção é entoada por todas as diversas vozes do coral humano. Assim sendo, é supérflua a propaganda geral em favor de uma ou outra solução local — ou, mais provavelmente, uma ameaça. O caminho para nos tornarmos humanos consiste em aprender a reconhecer os contornos de Deus das prodigiosas modulações da face do homem.

Com esse reconhecimento, chegamos ao indício final a respeito de qual deve ser a orientação específica da moderna tarefa do herói e descobrimos a real causa da desintegração de todas as nossas fórmulas religiosas herdadas. O centro de gravidade, isto é, o centro do reino do mistério e do perigo, sofreu um deslocamento definitivo. Para os povos primitivos, caçadores dos mais remotos milênios da história humana, em que o tigre de dentes de sabre, o mamute e as presenças menos importantes do reino animal constituíam as manifestações primárias do diferente — a fonte do perigo e, ao mesmo tempo, do sustento —, o grande problema humano consistia em tornar-se psicologicamente vinculado à tarefa de compartilhar as selvas com esses animais. Ocorreu uma identificação inconsciente, que terminou por assumir forma consciente nas figuras, meio humanas e meio animais, dos ancestrais-totens mitológicos. Os animais tornaram-se tutores da humanidade. Por meio de atos de imitação literal — tais como os que hoje ocorrem no parque infantil (ou no hospício) —, foi realizada uma aniquilação efetiva do ego humano e a sociedade alcançou uma organização coesa. Da mesma forma, as tribos que tinham como base de sustento os alimentos vegetais, tornaram-se vinculadas à planta; os rituais vitais do plantio e da colheita foram identificados como os da procriação, do nascimento e do progresso em direção à maturidade dos seres humanos. Todavia, tanto o mundo vegetal como o mundo animal terminaram por ver-se submetidos ao controle da sociedade. A partir disso, o grande campo dos prodígios instrutivos se deslocou — para os céus — e a humanidade representou a grande pantomima do sagrado rei-lua, do sagrado rei-sol, do

Estado hierático e planetário e dos festivais simbólicos das esferas de regulagem do mundo.

Em nossos dias, esses mistérios perderam sua força; seus símbolos já não interessam à nossa psique. A noção de uma lei cósmica, a que toda a existência serve e à qual o próprio homem deve curvar-se, passou desde então pelos estágios místicos preliminares representados na antiga astrologia, e hoje é simplesmente aceita, em termos mecânicos, como fato consumado. A descida das ciências ocidentais do céu para a terra (da astronomia do século XVII à biologia do XIX), bem como sua concentração, nos dias de hoje, por fim, no homem (na antropologia e na psicologia do século XX), marcam o caminho de uma prodigiosa transferência do ponto focai do milagre humano. Não o mundo animal, o mundo vegetal, nem o milagre das esferas; o mistério crucial é, em nossos dias, o próprio homem. O homem configura-se como aquela presença estranha com a qual devem as forças do egoísmo chegar a um acordo, presença por meio da qual o ego deve ser crucificado e ressuscitado e à cuja imagem a sociedade deve ser reformada. O homem entendido, entretanto, não como "Eu", mas sim como "Tu": pois nenhum dos ideais e instituições temporais de qualquer tribo, raça, continente, classe social ou século, sejam quais forem, pode configurar-se como a medida da maravilhosa existência divina, inexaurível e multifária, que constitui, em todos nós, a vida.

O herói moderno, o indivíduo moderno que tem a coragem de atender ao chamado e empreender a busca da morada dessa presença, com a qual todo o nosso destino deve ser sintonizado, não pode — e, na verdade, não deve — esperar que sua comunidade rejeite a degradação gerada pelo orgulho, pelo medo, pela avareza racionalizada e pela incompreensão santificada. "Vive", diz Nietzsche, "como se o dia tivesse chegado." Não é a sociedade que deve orientar e salvar o herói criativo; deve ocorrer precisamente o contrário. Dessa maneira, todos compartilhamos da suprema provação — todos carregamos a cruz do redentor —, não nos momentos brilhantes das grandes vitórias da tribo, mas nos silêncios do nosso próprio desespero.

Notas ao Epílogo

1. Odisséia, IV, 417-418, tradução de S. H. Butcher e Andrew Lang,
Londres, 1879.

2. Ibid., *IV, 400-406.*

3. Nietzsche, Thus spake Zarathustra, *1.22.3.*

Ilustrações contidas no texto

1. *Silenos e Mênades.* Retirada de uma ânfora com desenhos em negro, c. 450-500 a.C, descoberta num túmulo de Gela, Sicília. *(Monumenti antichi,* publicados pela Reale Accademia dei Lincei, vol. XVII, 1907, estampa XXXVII.)

2. *Minotauromaquia.* De um vaso grego antigo, de boca larga, com desenhos em vermelho, século V a.C. Na ilustração, Teseu mata o Minotauro com uma espada curta; trata-se da versão comum em pinturas de vaso. Nos relatos escritos, o herói usa apenas as mãos. *(Collection des vases grecs de M. le Comte de Latnberg,* organizada e publicada por Alexandre de Ia Borde, Paris, 1813, estampa XXX.)

3. *O siris, sob a forma de um touro, transporta seu adorador para o mundo inferior.* De um mausoléu egípcio guardado no Museu Britânico. (E. A. Wallis Budge, *Osiris and the Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner; Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. I, p. 13.)

4. *Ulisses e as Sereias.* De um recipiente grego, para perfume, com desenhos policromados, século V a.C, atualmente no Museu Central de Atenas, Grécia. (Eugénie Sellers, "Three Attic Lekythoi from Eretria"; *Journal of Hellenic Studies,* vol. XIII, 1892, estampa I.)

5. *A jornada no mar da escuridão: José no poço; Cristo no túmulo;*

Jonas e a baleia. Página retirada da *Biblia pauperum,* do século XV, edição alemã, 1471. Mostra prefigurações, contidas no Antigo Testamento, da história de Jesus. Compare com as figuras 8 e 11. (Edição da Weimar Gesellschaft der Bibliophilen, 1906.)

6. *ísis, sob a forma de falcão, une-se a Osíris no mundo inferior.* Trata-se do momento da concepção de Horo, que desempenharia um papel sobremaneira importante na ressurreição de seu pai. (Compare com a figura 10.) Retirado de uma série de baixos-relevos, gravados nas paredes do templo de Osíris, em Dendera, que ilustram os mistérios realizados anualmente naquela cidade em louvor ao deus. (E. A. Wallis Budge, *O siris and the Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner; Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. II, p. 28.)

7. *Ísis dá pão e água à alma.* (E. A. Wallis Budge, *Osiris and the Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner; Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. II, p. 134.)

8. *A conquista do monstro: Davi e Golias; As aflições do inferno; Sansão e o leão.* (Mesma fonte da figura 5.)

9A. *Górgona perseguindo Perseu, que foge com a cabeça de Medusa.* Perseu, armado com uma cimitarra que lhe foi dada por Hermes, aproximou-se das três Górgonas, enquanto estas dormiam, cortou a cabeça de Medusa, guardou-a na bolsa e fugiu nas asas de suas sandálias mágicas. Nas versões literárias, o herói parte sem ser percebido, graças a um gorro que lhe dava invisibilidade; vemo-lo, aqui, contudo, perseguido por uma das Górgonas sobreviventes. De uma ânfora com desenhos em vermelho, século V a.C, da coleção do Antiquário de Munique. (Adolf Furtwángler, Friedrich Hauser e Karl Reichhold, *Griechische Vasenmalerei,* Munique, F. Bruckmann, 1904-1932, estampa 134.)

9B. *Perseu fugindo com a cabeça de Medusa na bolsa.* Esta figura e a precedente aparecem em lados opostos da mesma ânfora. O efeito do arranjo é curioso e vivido. (Veja-se Furtwángler, Hauser e Reichhold, *op. cit.,* série III, texto, p. 77, fig. 39.)

10. *A ressurreição de Osíris.* O deus sai do ovo; Ísis (o falcão da figura 6) o protege com as asas. Horo (o filho concebido no Casamento Sagrado da figura 6) segura o Anc, ou amuleto da vida, diante da face do pai. De um baixo-relevo de File. (E. A. Wallis Budge, *Osiris and the Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner; Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. II, p. 58.)

11. *O ressurgimento do herói: Sansão com as portas do templo; Cristo ressuscitado; Jonas.* (Mesma fonte da figura 5.)

12. *O retorno de Jasão.* Trata-se de uma concepção da aventura de Jasão não representada na tradição literária. "O pintor do vaso parece ter-se lembrado, de alguma forma estranha e fantasmagórica, de que o matador do dragão é descendente do próprio dragão. Ele renasce das mandíbulas deste." (Jane Harrison, *Themis, a study of the social origins of Greek religion,* Cambridge University Press, 2.ª ed., 1927, p. 435). O Velocino de Ouro pende da árvore. Atena, padroeira dos heróis, aguarda com sua coruja. Observe-se a Górgona em sua Égide (compare com a gravura XXII). De um vaso da Coleção Etrusca do Vaticano. Ilustração reproduzida a partir de uma foto de D. Anderson, Roma.

13. *Quadro da criação taumotuana.* Abaixo: O *ovo cósmico.* Acima: *O povo aparece e dá forma ao universo.* (Kenneth P. Emory, "The Taumotuan creation charts by Paiore", *Journal of the Polynesian Society,* vol. 48, n.° 1, p. 3.)

14. *A separação entre o céu e a terra.* Uma figura comum nas tumbas e papiros egípcios. O deus Shu-Heka separa Nut (o céu) de Seb (a terra). Trata-se do momento da criação do mundo. (W. Max Müller, *Egyptian mythology,* The mythology of ali races, vol. XII, Boston, Marshall Jones Company, 1918, p. 44.)

15. *Cnum modela o filho do faraó na argila, enquanto Tot determina seu tempo de vida.* De um papiro do período ptolomaico. (E. A. Wallis Budge, *The gods of the Egyptians,* Londres, Methuen and Co., 1904, vol. II, p. 101.)

16. *Nut (o céu) cria o sol; Os raios deste projetam-se sobre Hator*

no horizonte (amor e vida). A esfera que se encontra na boca da deusa representa o sol de madrugada, prestes a ser tragado e a nascer de novo. (E. A. Wallis Budge, *Tbe gods of tbe Egyptians,* Londres, Methuen and Co., 1904, vol. I, p. 101.)

17. *Petroglifo paleolítico (Argélia).* De um sítio pré-histórico nas proximidades de Tiout. O animal com forma de gato, que se encontra entre o caçador e a avestruz, talvez seja alguma variedade de pantera de caça treinada; a besta com chifres, que o caçador deixa com a sua mãe, é um animal domesticado, pastando. (Leo Frobenius e Hugo Obermaier, *Hádschra Máktuba,* Munique, K. Wollff, 1925, vol. II, estampa 78.)

18. *O rei Ten (Egito, primeira dinastia, c. 3200 a.C.) esma ga a cabeça de um prisioneiro de guerra.* De uma placa de marfim encontrada em Abido. "Imediatamente atrás do cativo, há um símbolo encimado pela figura de um chacal, que representa um deus, Anúbis ou Apuat, o que deixa claro tratar-se de um sacrifício a um deus, feito pelo rei." (E. A. Wallis Budge, *Osiris and tbe Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner; Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. I, p. 197; trecho: p. 207.)

19. *Osíris, juiz dos mortos.* Atrás do deus estão as deusas Ísis e Néftis. Diante dele há uma flor de lótus ou lírio, sustentando seus netos, os quatro filhos de Horo. Abaixo (ou ao lado) dele, há um lago de águas sagradas, a fonte divina do Nilo na terra (cuja origem última está no céu). O deus segura, na mão esquerda, o mangual ou látego; na direita, traz o cajado. A cornija acima está ornamentada por uma fileira de oito *uraei* [serpentes divinas] sagradas, cada uma das quais sustenta um disco. Extraído do Papiro de Hunefer. (E. A. Wallis Budge, *Osiris and tbe Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner, Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. I, p. 20.)

20. *A serpente Kéti no mundo inferior, consumindo com fogo um inimigo de Osíris.* Os braços da vítima são presos às costas. Sete deuses presidem o evento. Detalhe de uma cena que representa uma área do mundo inferior atravessada pelo Barco Solar na oitava hora da noite. Do chamado "Livro dos Portões do Templo". (E. A. Wallis Budge, *Tbe gods of the Egyptians,* Londres, Methuen and Co., 1904, vol. I, p. 193.)

21. *Os duplos de Ani e de sua esposa tomando água no outro mundo.* Extraído do Papiro de Ani. (E. A. Wallis Budge, *Osiris and the Egyptian resurrection,* Londres, Philip Lee Warner; Nova York, G. P. Putnam's Sons, 1911, vol. II, p. 130.

Relação de gravuras

I. *O domador de monstros (Suméria).* Mosaico gravado em concha (talvez seja o ornamento de uma harpa), retirado de um túmulo real de Ur, c. 3200 a.C. A figura central é, provavelmente, Gilgamés (Cortesia do Museu Universitário, Filadélfia.)

II. *O unicórnio cativo (França).* Detalhe da tapeçaria *A caça ao unicórnio,* tecida, provavelmente, para Francisco I da França, c. 1514 d.C. (Cortesia do Museu Metropolitano de Arte, Nova York.)

III. *A mãe dos deuses (Nigéria).* Odudua, com o infante Ogum, deus da guerra e do fogo, nos joelhos. O cão é consagrado a Ogum. Um observador, de estatura humana, toca o tambor. Pintura em madeira. Lagos, Nigéria. Tribo Egba-Ioruba. (Museu Horniman, Londres, foto de Michael E. Sadler, *Arts of West África,* Instituto Internacional de Língua e Cultura Africanas, Oxford Press, Humphrey Milford, 1935.)

IV. *A divindade em traje de guerra (Bali).* O Senhor Krishna em sua manifestação terrificante. (Compare *infra,* pp. 231-234.) Estátua em madeira policromada. (Foto de C. M. Pleyte, *Indonesian art,* Haia Martinus Nijhoff, 1901.)

V. *Secmet, a deusa (Egito).* Estátua em diorito. Período imperial. Karnak. (Cortesia do Museu Metropolitano de Arte, Nova York.)

VI. *Medusa (Roma antiga).* Mármore, alto-relevo; do Palácio Rondanini, de Roma. Data incerta. (Coleção da Gliptoteca de Munique. Foto de H. Brunn e F. Bruckmann, *Denkmãler griechischer und rómischer Sculptur,* Verlagsanstalt für Kunst und Wissenchaft, Munique, 1888-1932.)

VII. O *feiticeiro (pintura de caverna do Paleolitico. Pi-reneus franceses)*. O mais remoto desenho conhecido de um curandeiro, c. 10000 a.C. Entalhe em pedra, com revestimento em tinta preta, com 74,93 centímetros de altura, que domina uma série de várias centenas de entalhes murais de animais; na caverna Aurinaciano-Madaleniana conhecida como Trois Frères, Ariège, França. (Reproduzido a partir de uma foto de seu descobridor, conde Bégouen.)

VIII. O *pai universal, Viracocha, chorando (Argentina)*. Placa encontrada em Andalgalá, Catamarca, noroeste da Argentina, identificada provisoriamente como a divindade pré-incaica Viracocha. A cabeça é encimada pelo disco solar provido de raios; as mãos seguram relâmpagos e trovões; dos olhos caem lágrimas. As criaturas postadas nos ombros talvez sejam Imaymana e Tacapu, seus dois filhos e mensageiros, sob forma animal. (Foto de *Proceedings of the International Congress of Americanists,* vol. **XII,** Paris, 1902.)

IX. *Xiva, senhor da dança cósmica (sul da Índia)*. Veja a discussão, *infra,* p. 183, nota 46. Bronze. Séculos X-XII d.C. (Museu de Madras. Foto de Auguste Rodin, Ananda Coomaraswamy, E. B. Havell e Vic-**tor** Goloubeu, *Sculptures Çivdites de Vinde,* **Ars** Asiática III, Bruxelas e Paris, G. van Oest et Cie., 1921.)

X. *Ancestral andrógino (Sudão)*. Escultura em madeira da região de Bandiagara, Sudão francês. (Coleção de Laura Harden, Nova York. Foto de Walker Evans, cortesia do Museu de Arte Moderna, Nova York.)

XI. *Bodisatva (China)*. Kwan Yin. Madeira pintada. Final da dinastia Sung (960-1279 d.C). (Cortesia do Museu Metropolitano de Arte, Nova York.)

XII. *Bodisatva (Tibete)*. O Bodisatva conhecido como Ushnlshasitãtapatra, cercado por Budas e Bodisat-vas, com cento e dezessete cabeças, que simbolizam sua influência sobre as várias esferas da existência. A mão esquerda segura a Cobertura do Mundo *(axis mundi);* a direita, a Roda da Lei. Abaixo dos numerosos pés abençoados do Bodisatva,

encontram-se as pessoas do mundo que fizeram orações para obter a Iluminação; já abaixo dos pés dos três poderes "furiosos", na parte inferior do quadro, jazem as pessoas ainda torturadas pela luxúria, pelo ressentimento e pela ilusão. O sol e a lua, nos cantos superiores, simbolizam o milagre do casamento, ou identidade, entre a eternidade e o tempo, entre o Nirvana e o mundo (veja-se p. 154 e ss.) Os lamas, na parte central superior, representam a linha ortodoxa dos mestres tibetanos da doutrina simbolizada nesse estandarte religioso. (Cortesia do Museu Americano de História Natural, Nova York.)

XIII. O *ramo da vida imortal (Assíria).* Ser alado oferecendo um ramo de romãs. Painel de parede em ala-bastro do palácio de Assurbanípal II (885-860 a.C), rei da Assíria, em Cala (a moderna Nínive). (Cortesia do Museu Metropolitano de Arte, Nova York.)

XIV. *Bodisatva (Camboja).* Fragmento das ruínas de Anguecor. Século XII d.C. A figura de Buda que coroa a cabeça do Bodisava é um dos símbolos característicos deste (comparar gravuras XI e XII; nesta última, a figura do Buda encontra-se acima da pirâmide de cabeças). (Museu Guimet, Paris. Foto de *Angkor,* ed. Tel, Paris, 1935.)

XV. *O retorno (Roma antiga).* Relevo em mármore encontrado em 1877 num fragmento de terreno que pertencia à Villa Ludovisi. Talvez seja produto do artesanato grego primitivo. (Museu delle Terme, Roma. Foto de *Antike Denkmàler,* editado pelo Kaiserlich Deutschen Archeologischen Institut, Berlim, Georg Reimer, vol. II, 1908.)

XVI. *A deusa-leoa cósmica, segurando o sol (norte da índia).* De um manuscrito de página única, do século XVII ou XVIII, encontrado em Nova Deli. (Cortesia da The Pierpoint Morgan Library, Nova York.)

XVII. *A fonte da vida (Flandres).* Painel central de um

tríptico de Jean Bellegambe (de Douai), c. 1520. A figura feminina da direita, com o pequeno galeão na cabeça, é a Esperança; a figura correspondente, à esquerda, o Amor.

(Cortesia do Palais des Beaux-Arts, Lille.)

XVIII. *O rei Lua e seu povo (sul da Rodésia)*. Pintura em rocha pré-histórica, na Diana Vow Farm, distrito de Rusapi, sul da Rodésia, talvez associada à lenda de Mwuetsi, o Homem-Lua *(infra,* pp. 295-298). A mão direita levantada da grande figura reclinada segura um chifre. Datado provisoriamente pelo descobridor, Leo Frobenius, de c. 1500 a.C. (Cortesia do Frobenius-Institut, Frankfurt sobre o Meno.)

XIX. *A mãe dos deuses (México)*. Ixciuna, dando à luz uma divindade. Estatueta de pedra semipreciosa (es-capolita, 19,05 centímetros de altura). (Foto de Hamy, cortesia do Museu Americano de História Natural, Nova York.)

XX. *Tangaroa, produzindo deuses e homens (ilha Ru-rutu)*. Entalhe polinésio em pedra do Grupo Tubuai (Austral) de ilhas do sul do Pacífico. (Cortesia do Museu Britânico.)

XXI. *O monstro Caos e o deus-sol (Assíria)*. Painel de parede em alabastro do palácio de Assurbanípal II (885-860 a.C), rei da Assíria, em Cala (a moderna Nínive). O deus talvez seja a divindade nacional, Assur, no papel que antes cabia a Marduque, da Babilônia (veja-se pp. 278-280) e, numa época mais remota, a Enlil [Senhor Vento], deus sumeriano da tempestade. (Foto de um entalhe, em Austen Henry Layard, *Monuments of Nineveh, second series,* Londres, J. Murray, 1853. O fragmento original, atualmente no Museu Britânico, está de tal maneira danificado que é muito difícil distinguir-lhe as formas numa fotografia. O estilo é o mesmo da gravura XIII.)

XXII. *O jovem deus do trigo (Honduras)*. Fragmento em pedra calcária, da antiga cidade maia de Copan. (Cortesia do Museu Americano de História Natural, Nova York.)

XXIII. *A carruagem da lua (Camboja)*. Relevo de Anguecor Vat. Século XII d.C. (Foto de *Angkor,* ed. Tel, Paris, 1935.)

XXIV. *Outono (Alasca)*. Máscara esquimó de dança. Ma deira pintada. Do distrito de Kuskokwin River, su doeste do Alasca. (Cortesia de The American Indian Heye Foundation, Nova York.)